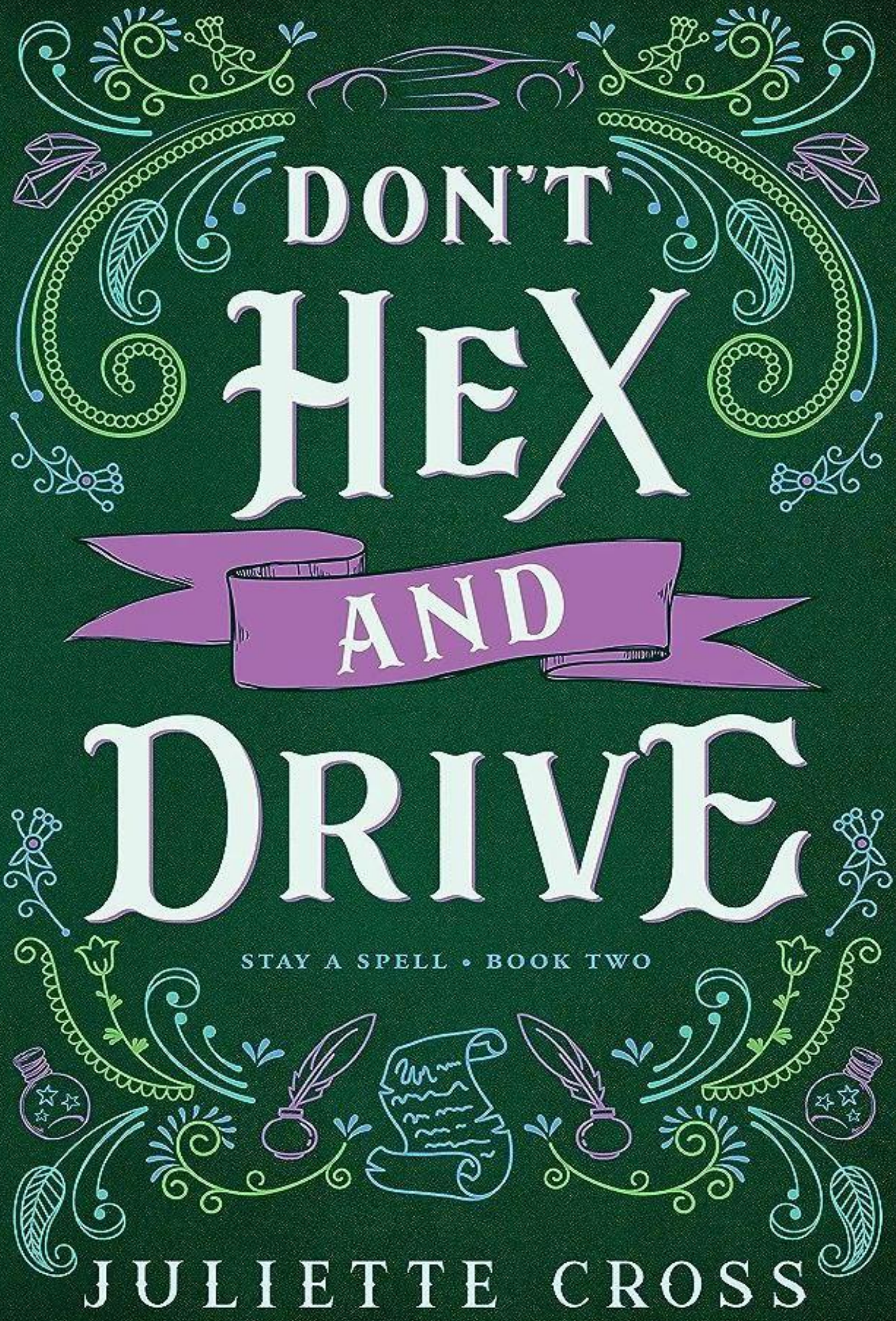




DON'T HEX

AND

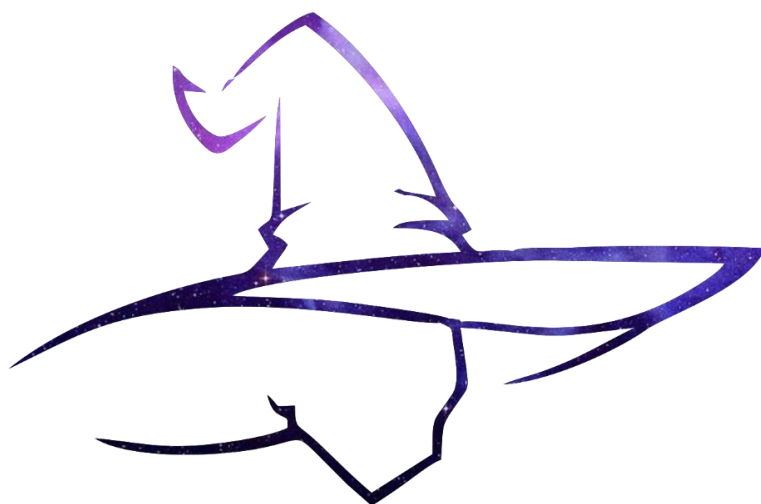
DRIVE

STAY A SPELL • BOOK TWO

JULIETTE CROSS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Stay a Spell



Wolf Gone Wild (#1)



Don't Hex and Drive (#2)



Witches Get Stitches (#3)



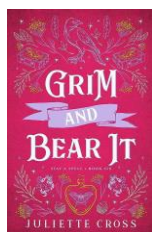
Walking in a Witchy Wonderland (#3.5)



Always Practice Safe Hex (#4)



Resting Witch Face (#5)



Grim and Bear It (#6)

Sinopse

Notoriamente ruim na socialização, Isadora Savoie passa a maior parte de seu tempo na estufa ou no abrigo de animais local, usando seus poderes de crescimento e cura de Condutora. Contente em permanecer na sombra das irmãs Savoie, ela está relutantemente enredada no mistério das garotas desaparecidas do bairro.

Agora, ela se associou a um vampiro chamativo e charmoso para encontrá-las antes que seja tarde demais. Devraj Kumar já viu e fez tudo. Trezentos anos vagando pela terra como um Stygorn – um lendário guerreiro vampiro que opera nas sombras – tem suas vantagens. Mas um confronto se instalou. Ou seja, até que ele tenha um encontro com uma bruxa intrigante enquanto estiver em uma nova missão em Nova Orleans.

Fascinado por sua resistência aos encantos dele, Devraj não pode deixar de apertar alguns botões para conhecer a bruxa tímida. Felizmente para ele, ela foi recrutada pelo Senhor dos Vampiros para ajudar Devraj no caso. Entre uma maratona de Bollywood, um aplicativo de namoro sobrenatural, um pacote secreto e uma instrução sexy de como dirigir, Isadora encontra-se em sua cabeça. E Devraj? Depois de apenas um gostinho, ele está brincando com o para sempre.

PARA MINHA SANIDADE—

Por ficar comigo enquanto eu escrevia, revisava, editava e revisava novamente este livro durante a quarentena do COVID. Eu aprecio você aguentando firme, apesar de um milhão de vezes que você quase me deixou balançando naquele penhasco proverbial.

Toca aqui e beba mais vinho

Tabela de Conteúdos

Stay a Spell

Sinopse

Tabela de Conteúdos

Aviso – bwc & sw

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Epílogo

Aviso — bwc & sw

Essa presente tradução é de autoria dos grupos de tradução salem witches e bookworm's cafe. Nossos grupos não possuem fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de possibilitar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

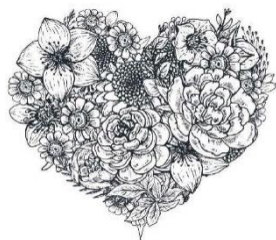
Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido dos grupos.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Capítulo 1



isadora

Eu estava pensando em amores-perfeitos roxos quando aconteceu.

Apenas passeando por aí em minha bicicleta, descendo a rua estreita e paralela a Magazine, enquanto sonhava acordada com esta florzinha em particular. Foi logo após o pôr do sol, que era minha hora favorita do dia para refletir sobre as coisas. Eu era uma profunda ponderadora. Não uma profunda pensadora, veja bem, porque isso implicaria que eu refletisse sobre coisas profundas e que abalam a terra. Não. Era principalmente sobre plantas e flores. E cachorros. Às vezes, gatos. Ou uma maneira mais eficiente de organizar nosso estoque no Misteriosa Maybelle. Mas realmente, principalmente flores.

Você sabia que amores-perfeitos, especialmente quando infundidos com meu dom especial de magia, podem ser colocados em chás para curar erupções cutâneas, reduzir febres e até mesmo ajudar com pressão alta? Amores-perfeitos! Chocante, certo?

Tia gostava de me provocar – e com isso, quero dizer irritar – lembrando que também é altamente eficaz em poções do amor. Os gregos antigos usavam amores-perfeitos para poções do amor, dando-lhe o apelido de *facilidade do coração*.

— Talvez você possa preparar um lote e encontrar o homem certo — ela disse com um sorriso atrevido esta tarde em sua casa.

Para isso, eu revirei os olhos e acenei em adeus, carregando meu precioso pacote como um bebê recém-nascido direto porta afora. Este lote em particular de amores-perfeitos foi colhido na região de Meteora, na Grécia, onde cresceram selvagens e intocados por séculos. Todas as bruxas sabiam, especialmente as Conductoras como eu e Tia, que as plantas mais poderosas eram cultivadas pela mãe terra, não por mãos humanas.

— Quase em casa, meu doce anjo — sussurrei para a cesta presa ao meu guidão.

Sim, eu conversava com as minhas plantas. A pesquisa provou que elas respondem bem à conversa e à música humana. Você pode pesquisar isso no Google.

Certo, tudo bem. Eu simplesmente *gostava* de conversar com elas. Plantas e animais nunca te julgaram. Não por como você parecia, o que vestia ou não vestia, o que dizia ou não, o que acreditava ou não, ou mesmo que preferia andar de bicicleta ao invés de carro.

Então era nisso que eu estava pensando quando meu mundo virou de cabeça para baixo. Literalmente.

Eu nem o ouvi até que fosse tarde demais. O súbito guincho dos pneus e as luzes dos faróis me atingiram uma fração de segundo antes do carro. A colisão contra o meu pneu traseiro foi forte o suficiente para me fazer voar, minha bolsa favorita e meu doce vaso de amores-perfeitos. Fiquei tão chocada que nem mesmo amorteci minha queda com telecinese porque, infelizmente, precisava de um pequeno aviso e preparação antes de usar esse tipo de magia. Quão rápido esse idiota estava dirigindo, afinal?

Aterrissando em uma confusão de membros, meu tornozelo sendo torcido dolorosamente na queda.

— Ai!

O estalo simultâneo da cerâmica torceu meu coração e doeu ainda mais. Os faróis do carro do idiota brilharam na visão devastadora dos meus amores-perfeitos caídos de lado. O vaso de terracota foi quebrado, o solo derramado, suas raízes expostas como uma terrível vítima de assassinato.

— Nããão.

Uma rajada de vento, então:

— *Ei bhagwan*¹! Você está machucada?

Não se passaram mais de três segundos desde que o carro dele bateu na minha bicicleta antes que a mão grande do

¹ É uma palavra sânscrita que aponta para o cosmos, o Absoluto.

homem agarrasse a curva do meu ombro. Não, não é um homem. Não um humano de qualquer forma. Apenas um sobrenatural poderia se mover tão rápido. E carregava esse tipo de assinatura potente. Isso me atingiu quase com tanta força quanto o carro dele, tirando o ar dos meus pulmões.

Antes que eu pudesse dar uma boa olhada nele, ele estava pairando sobre meus pés, onde meu joelho estava dobrado e eu segurava meu tornozelo. Ele levantou meu pé machucado gentilmente e saiu do meu plano. Seu longo cabelo preto caía em ondas sobre sua camisa branca de botão, bem abaixo de seus ombros. Tentei, mas não consegui ver seu rosto escondido por aquela cascata de cabelo. Então me distraí com suas mãos profundamente bronzeadas. Dedos longos roçaram levemente meu tornozelo.

— Você é um médico? — Eu estremeci, puxando meu pé. Um, porque doeu. E dois, porque eu não gostava que estranhos me tocassem. Por falar nisso, eu era bastante protetora com meu espaço pessoal, mesmo com amigos. — Você ao menos sabe o que está fazendo?

Ele ignorou minhas perguntas, mantendo-se firme.

— Tente apontar os dedos dos pés.

Irritada, eu os apontei de qualquer maneira antes de morder meu lábio em um gemido.

— Não está quebrado então. — Ele deslizou meu sapato de volta, seus dedos deslizando sobre o ferimento antes de me dar um leve aperto.

Puxando meu pé de suas mãos, acusei o mais calmamente possível:

— Você não é médico.

Quando ele finalmente olhou para mim, não fiquei surpresa com sua beleza marcante. Tão típico. Seus cílios pesados emolduravam olhos castanhos quentes como uísque. Sua mandíbula perfeitamente quadrada e maçãs do rosto bem definidas eram todas ridiculamente simétricas. O que eu esperava de um vampiro? Um antigo, diga-se de passagem. Sua magia zumbia no ar, tingida com poder, controle e a característica que eu mais odiava em sua espécie. Sedução. Todos a usavam como um casaco, desfilando como pavões orgulhosos. Tão irritante. Mas este? Selava sua aura de magia como uma segunda pele. Como se não fosse um traço secundário, mas um direito natural.

Espere. Não é perfeito, na verdade. Sua sobrancelha esquerda era dividida por uma fina cicatriz branca que desaparecia na linha do cabelo. A princípio, foi difícil ver na penumbra. Então ele não usava glamour para mascarar suas falhas? Interessante.

Sua expressão preocupada mudou, sua boca curvando-se com um daqueles sorrisos maliciosos que os caras arrogantes exibiam quando pensavam que poderiam usar seu charme para sair de uma situação. *Ah, não. Eu acho que não.*

— Os vampiros não deveriam ter uma visão sobre-humana? Digamos, para *evitar* bater em um viajante inocente na estrada?

Suas narinas dilataram quando ele inalou uma respiração profunda. O reconhecimento brilhou em seus olhos. Seu sorriso encantador desapareceu, sua expressão mudando para... interesse divertido?

— As bruxas não deveriam ter poderes telecinéticos? Digo, para evitar ser atropelada por carros?

Por um momento, fiquei completamente distraída com o timbre suave e profundo de sua voz e seu sotaque sutil. Indiano, definitivamente, mas algo mais. O cuidado lento e intencional de cada palavra me lembrou de um professor russo que tive na faculdade. Seu sotaque era forte e suave ao mesmo tempo. Este vampiro era semelhante, líquido e cadenciado com uma corrente de controle firme. Domínio casual. Se houvesse tal coisa.

Seu olhar viajou pelo meu corpo, pegando minha saia boho verde-floresta e top azul marinho.

— E por que você está andando de bicicleta à noite vestindo cores tão escuras, senhorita Bruxa?

Inacreditável! Ele estava *me* culpando por bater em *mim* com seu carro idiota? A razão pela qual eu não estava usando roupas de cores vivas, algo que eu fazia se pedalava à noite, era porque eu não tinha planejado ficar na casa de Tia depois do nosso almoço. Mas o almoço se transformou em chá da tarde, então começamos uma discussão acalorada sobre plantas medicinais noturnas e saí tarde demais. Mas esse *vampiro* idiota não merecia uma explicação.

— Aqui, deixe-me ajudar. — Ele se inclinou para a frente e me agarrou pelo antebraço, que eu rapidamente arranquei dele.

— Não, obrigada. Estou bem.

Ele se apoiou nos calcanhares e ergueu as palmas das mãos em um gesto como se dissesse não se mexa, seus olhos escuros brilhando prateados por um segundo. Vampiros malucos e nervosos. Dirigindo como morcegos saídos do inferno. Achando que eram donos do mundo.

Ignorando-o, peguei a alça da minha bolsa de lona e a enrolei na cabeça para cruzar o peito. Eu espalhei minhas palmas no concreto e empurrei para cima, sibilando em uma respiração. Eu tinha arranhado as palmas das mãos na queda.

— Deixe...

— Não — eu rebati, evitando seu olhar quando ele fez um ruído frustrado em sua garganta.

Conseguindo ficar de pé sozinha, sem graça, mas ainda sozinha, dei um passo em direção à frente do carro e choraminguei com a dor aguda. Minha perna dobrou, mas antes que eu caísse na calçada — de *novo* — o vampiro estendeu a mão para me firmar com um braço em volta da minha cintura.

— Você se importa? — Eu me contorci e bati em sua mão para tirá-lo.

Ele me soltou.

— Olha — disse ele, parecendo se esforçar para manter a calma —, só estou tentando ajudar.

— Onde está meu telefone? — Eu murmurei, vasculhando minha bolsa enquanto apoiava todo o meu peso na minha perna ilesa. Eu poderia chamar Jules para vir me buscar. — Droga, onde está?

O vampiro se afastou, inclinou-se para a calçada e voltou com a palma da mão estendida para mim. Ele estava segurando meu telefone, a tela totalmente quebrada e o display congelado no aplicativo de previsão do tempo por algum motivo estranho.

— Simplesmente ótimo! — Peguei dele e toquei na tela, sabendo que não conseguiria nada.

— Sinto muito por isso. Por que você não me deixa levá-la para casa pelo menos? Vou consertar sua bicicleta. Vou substituir o seu telefone. Eu prometo.

Eu o olhei como se ele tivesse perdido a cabeça.

— Eu não vou entrar no carro com você. Você é louco? E, sim, você vai pagar pela minha bicicleta. — Enfiei o celular inútil na minha bolsa. — Mas eu tenho seguro de telefone.

Ele apoiou as duas mãos nos quadris e olhou para a rua, sua camisa branca engomada brilhando sob a luz da rua, estendendo-se sobre seu peito largo.

— Você não deve morar longe. Deixe-me dar uma carona para casa.

— Depois de testemunhar suas excelentes habilidades de direção? Não, obrigada. E eu não te conheço. Já ouviu falar sobre o perigo de conversar com estranhos?

Além disso, havia toda a questão daquelas universitárias desaparecidas. Eu não era uma idiota. Na verdade, eu nunca o tinha visto por este bairro antes e de repente o olhei com suspeita renovada.

— De qualquer forma, quem é você?

Sua atenção se voltou para mim, e então ele franziu a testa para o chão aos meus pés enquanto eu cambaleava.

— Meu nome é Devraj Kumar.

— Nunca te vi por aqui.

— Acabei de chegar na cidade. Sou amigo de Ruben Dubois. Certamente, você o conhece se for uma bruxa local.

Ruben Dubois? O senhor dos vampiros em Nova Orleans? Sim, eu o conhecia.

— Você conhece o Ruben?

Ele tirou o celular do bolso de trás e discou um número, segurando o telefone junto ao ouvido. Em três segundos, ele disse:

— Sim, tive um incidente. — Seus olhos escuros fixos em mim. — Um acidente, na verdade. Minha culpa. Eu bati em uma bruxa em sua bicicleta. — Ele se afastou para que eu não pudesse ver seu rosto. — Cale a boca, cara. Não, ela está bem. Bem, exceto pelo tornozelo. Você pode dizer a ela que não vou sequestrar ou matá-la para que eu possa levá-la para casa?

Ele se virou e me passou o telefone com um olhar seriamente descontente. Eu acho que Ruben o esfolou vivo. Bom. Um pouco presunçosa, peguei o telefone.

— Ei, Ruben. É a Isadora.

— Isadora — repetiu o rei vampiro em sua voz sempre firme e calma. Mas então ele soltou um pequeno suspiro. — Você está bem?

— Tudo bem. Só meu tornozelo.

— Estou feliz que você foi cautelosa e não entrou no carro com ele. — Ruben não tinha ideia de quão ruim era minha fobia de carros. De jeito nenhum eu entraria *em um carro* com alguém. — Mas ouça, Devraj é um dos meus melhores e mais antigos amigos. Você pode confiar nele para lhe dar uma carona para casa. Tenho certeza de que Jules já está preocupada, já que é tarde.

Verdade. Ela estaria. Ou minhas irmãs, quem quer que esteja em casa agora. Olhei para o vampiro parado na minha frente, parecendo um tanto inocente e arrependido, com as mãos nos bolsos.

Ruben conhecia bem nossa família, pois ele e Jules trabalharam juntos como líderes no mundo sobrenatural. Ele era um bom amigo para nós, então se ele disse que Devraj era confiável, então ele era.

— Se você está dizendo, Ruben.

— Eu estou afirmando. Deixe-o ajudá-la. Posso garantir que ele já está se afogando em culpa. Deixe que ele leve você para casa em segurança.

— Ok. Eu vou.

— Posso falar com ele novamente por um minuto?

— Claro.

Eu devolvi o telefone. Devraj pegou e ouviu tudo o que Ruben estava dizendo, seu olhar aguçado em mim enquanto exalava o suspiro mais pesado que eu já ouvi.

— Eu vou — disse ele a Ruben antes de encerrar a ligação e colocá-lo no bolso de trás. — Tudo pronto para ir, então?

Eu balancei a cabeça, olhando para seu carro de aparência intimidadora. Um daqueles super rápidos e chiques que me fizeram estremecer.

— Tudo bem. — Então ele me pegou em seus braços, um braço sob meus joelhos, o outro embalando minhas costas.

— Espere! O que você está fazendo? Ponha-me no chão!

— Vou colocá-la no carro sem que você se machuque ainda mais.

— Eu não gosto disso — eu resmunguei, pressionando minhas mãos arranhadas em sua camisa branca, então puxei-as para trás, percebendo que provavelmente iria manchá-la. O que quer que ele estivesse vestindo, era caro. — *Por favor*, coloque-me no chão.

— Eu vou. Dentro do carro, Isadora. A propósito, Isadora o quê?

— Savoie — murmurei, cerrando os dentes, meus nervos fraturados em vários níveis.

— Seu tornozelo está machucado e você não pode andar. Você certamente não pode andar de bicicleta. — Ele olhou para onde havia caído, a roda traseira torta, os aros saindo. Seu olhar

se voltou para o meu enquanto avançava, parecendo um pouco mais arrependido. — Eu voltarei para pegar sua bicicleta. — Ele andou a passos largos em torno de seu carro lustroso, o motor ainda ronronando como se nunca o tivesse desligado. — Imagino que você não more longe.

Sua voz retumbou contra o meu lado. Eu enrolei minhas mãos contra meu peito, tentando evitar qualquer contato. A vibração de seu timbre profundo contra minha caixa torácica me lembrou o quão perto estávamos. Assim como o cheiro dele. Algum tipo de colônia chique. Cheirava caro e me deixava desconfortável. Eu estava pronta para me livrar desse vampiro com seu carro chique, roupas e colônia.

— Não é muito longe — resmunguei antes de acrescentar enfaticamente: — Não vou embora sem meus amores-perfeitos.

Ele me colocou no chão gentilmente ao lado da porta do passageiro e a abriu, me ignorando. Antes que pudesse me forçar a entrar, eu a fechei, quase arrancando seus dedos. O brilho de prata naqueles olhos escuros me disse que eu tinha feito o meu ponto.

Encostei-me na porta fechada do carro.

— *Não*. Não sem meus amores-perfeitos.

Ele apoiou as mãos nos quadris, chamando minha atenção para o tamanho dele. A maioria dos vampiros era magro e esbelto. Ele se encaixava nesse molde. Só que era mais alto. Mais musculoso. E seu corpo parecia construído para o atletismo,

enquanto a maioria dos vampiros foram construídos para o lazer indolente. Parecia que ele escalava arranha-céus e nadava em lagos para se divertir. Quem sabe o que os vampiros podem fazer? Eles pareciam ser os mais exagerados dos sobrenaturais. Chamativo, arrogante. Exceto Ruben, na verdade. Ele era legal. Mas o resto deles, eu não tinha utilidade.

Ele examinou meu vaso quebrado na rua em frente ao carro.

— E como, exatamente, devo transportá-los?

Encostada no lado do passageiro, vasculhei minha bolsa, mexendo em meu desinfetante para as mãos, minha barra de granola, a fita adesiva e meu kit de primeiros socorros, que precisaria em um segundo. Ah! Lá no fundo, tirei uma das minhas sacolas reutilizáveis e as entreguei.

— Por favor, coloque-a na bolsa *com muito* cuidado. Se as raízes se separarem, elas podem murchar e morrer, mesmo que eu as coloque de volta em um novo vaso. Amores-perfeitos são extremamente delicados. Eu ficaria arrasada — eu cuspo em uma respiração.

Ele piscou para mim, as sobrancelhas levantadas. Talvez eu tenha soado um pouco dramática, mas todo esse incidente bizarro me deixou, bem, perturbada. Meu tornozelo ficaria bom assim que me acalmasse o suficiente para curá-lo sozinha, mas meus preciosos amores-perfeitos importados da Grécia poderiam morrer por causa do imprudente motorista vampiro.

Olhando para onde estava minha planta, empurrei a porta e dei um passo manco em direção à frente do carro.

— Deixa para lá. Eu preciso fazer isso sozinha.

— Espere, espere, espere. — Ele me parou com um aperto firme, mas gentil, em volta do meu pulso, então arrancou a sacola de compras da minha mão. — Eu vou fazer isso. Você fica aqui.

Nenhum sinal de aborrecimento em sua voz. Este vampiro não era facilmente abalado, eu daria esse crédito a ele. Mesmo com a minha atitude nada cortês, ele me tratou gentilmente o suficiente. Certamente, ele faria o mesmo pelos meus amores-perfeitos.

Mordendo o lábio, observei-o remover cuidadosamente os pedaços de cerâmica quebrada e jogá-los na lata de lixo de alguém no meio-fio. Então enfiou suas grandes mãos sob o solo e as raízes, a planta inteira cabendo perfeitamente em suas palmas, e colocou-a no fundo da sacola.

— Não levante por... — Eu parei no meio da frase já que ele não tinha puxado para cima como um saco de batatas como eu pensei que faria. Em vez disso, ergueu por baixo com as duas mãos e caminhou em direção à bolsa. Ele sustentou meu olhar, arqueando uma sobrancelha escura enquanto passava por mim.

Está bem, então. Limpando a garganta, abri a porta e pulei para dentro, me prendendo e olhando para o console semelhante a uma nave espacial com leituras de medidores mais sofisticadas e coisas computadorizadas do que eu já tinha visto em um carro. Claro, este era um carro muito caro em comparação com o Jeep Cherokee e o sedã Honda dirigido por

Jules ou Evie, as duas em quem eu mais confiava para me carregar pela cidade se eu precisasse de algo além do bairro.

Inspirando e expirando profundamente, lembrei a mim mesma que estávamos a apenas alguns quarteirões da casa. Certamente, ele não iria naufragar novamente naquele curto espaço de tempo.

Afastando esse medo, vasculhei minha bolsa e tirei meu kit de primeiros socorros quando ele se acomodou no banco do motorista. Ele moveu minha bicicleta com segurança para a calçada antes de entrar.

— Para onde? — ele perguntou, seu olhar fixo em meu colo, onde eu havia colocado meu tubo de antisséptico caseiro, lenços antibacterianos e Band-Aids.

— Fim deste quarteirão e vire na primeira à direita. Na verdade, eu estava quase em casa quando você decidiu me atropelar com seu carro.

Limpei os arranhões nas palmas das mãos, limpando a pequena quantidade de sangue e removendo qualquer sujeira.

— Acredite ou não, eu não planejava atropelar uma bruxa com meu carro hoje. — Ele engatou a primeira marcha e acelerou pela rua. — Estava na agenda para amanhã.

Fazendo uma pausa, olhei para ele, seu olhar fixo à frente, mas sua boca se abriu com um sorriso perverso.

— Bem. — Dobrei os lenços usados e coloquei em um saquinho ziploc que tinha na bolsa para jogar fora depois. —

Estou muito feliz por ter conseguido isso. Nada melhor do que riscar sua lista de tarefas com antecedência.

— Hmmm. Infelizmente, eu tinha uma bruxa morena na minha lista, não uma loira. — Seu olhar vagou do topo da minha cabeça para baixo ao redor dos meus ombros antes de voltar sua atenção para a estrada.

— Você tem algo contra loiras?

Preparei-me para uma piada idiota de loira ou algo igualmente ofensivo. O que eu não estava preparada era para sua resposta sensual.

— De jeito nenhum, querida. Eu sou um amante de todas as mulheres. — Seu olhar acariciou meu rosto, brilhando com prata no interior escuro de seu carro. — Eu não discrimino.

Querida? Amante? O que ele estava falando? *Espere*. Ele estava *flertando* comigo? Que coragem!

— Deixe ver se entendi. — Uma risada chocada subiu pela minha garganta. — Você acelera em uma estrada desconhecida, bate em alguém com seu Porsche, a atira pelos ares, machuca o tornozelo dela, quebra sua planta cara e importada e então decide *flertar* com ela?

Ele murmurou uma maldição em outro idioma, mas quando falou, ele era todo sensual como antes.

— Primeiro de tudo, amor. Isto não é um Porsche. Este é um Diablo GT Lamborghini, um dos melhores carros italianos que o dinheiro pode comprar. — Seu sorriso torto poderia muito bem ter acrescentado um *garotinha boba*. — Em segundo lugar,

por que você tem tanta certeza de que esta é uma estrada desconhecida para mim? Eu poderia morar bem na esquina.

Ele poderia desligar aquele feitiço de fala mansa imediatamente porque não estava funcionando em mim.

— Vire à direita.

Ele reduziu a marcha e diminuiu a velocidade na curva.

— Você mesmo disse que acabou de chegar na cidade — eu respondi de volta acusadoramente. — E quem mora neste bairro sabe que não deve dirigir seu Lamborghini do Diabo por esta estrada como um morcego saindo do inferno.

— É Diabo.

— Diabo. Diabo. Tudo a mesma coisa. — Fechei meu kit de primeiros socorros e o enfiei na bolsa, sorrindo docemente para ele. — Combina com você, eu diria. — Então aponte. — Pare aqui. Esta é a minha casa.

Ele manobrou para o meio-fio, olhando para nossa casa de dois andares em estilo bangalô, seu olhar vagando para a entrada da garagem com grande interesse. Tipo de interesse assustador, na verdade.

— Algo errado? — Eu perguntei enquanto abria a porta do passageiro.

Ele saiu de qualquer torpor em que estava.

— De jeito nenhum. — Ele me deu um sorriso brilhante, então traçou em velocidade de vampiro ao redor do carro antes mesmo que eu estivesse totalmente de pé.

— Eu faço isso — protestei, tentando mancar.

Ele me pegou de volta em seus braços, me ignorando novamente. Eu teria contestado, mas, para ser honesta, meu tornozelo já estava inchado com o dobro do tamanho e teria doído demais tentar fazer isso sozinha. Posso ser teimosa, mas não sou idiota. Ainda assim, estava me irritando infinitamente ter que depender do cara que causou minha lesão em primeiro lugar.

Com um impulso completo de magia, a familiar sensação de formigamento disparando em minhas veias, abri o portão de ferro forjado na frente. Ele olhou para mim, todo simpático e sorridente, como se batesse em mulheres com seu carro e as carregasse por diversão todos os dias de sua vida. Tentei ignorar como ele me manobrava em seus braços fortes como se eu não pesasse nada, sua força poderosa em plena exibição. Mas claro, todos os vampiros eram excepcionalmente fortes. Não há necessidade de refletir sobre a dele.

Embora eu não tivesse as curvas mais cheias como minhas irmãs, eu era a mais alta. Eu amava minha altura. Eu a possuía, saboreando o fato de poder olhar a maioria dos homens olho no olho. Ou até mesmo para baixo para eles. Mas não esse. Seu físico poderoso e força fácil me fizeram sentir estranhamente vulnerável. Não era um sentimento que eu estava acostumada, e eu não gostei.

Antes de darmos os passos para a varanda da frente, a pesada porta da frente se abriu.

— Bem, isso é interessante — disse minha irmã Violet, um Twizzler vermelho pendurado na boca, uma mão na porta. — O que você fez?

— O que você quer dizer com o que eu fiz?

— Lamento dizer — o vampiro interrompeu suavemente enquanto me carregava para dentro de casa —, que atropelei sua irmã na bicicleta dela.

Violet soltou um suspiro.

— Eu sabia que isso acabaria acontecendo.

— Obrigada por sua simpatia, Violet.

Ela deu de ombros, caminhando à nossa frente em direção à sala de estar.

— Você parece bem.

Levantando minha perna com meu tornozelo inchado, agora cerca de três vezes seu tamanho normal, respondi:

— Sim, estou simplesmente ótima. — Então algo me ocorreu. Voltei minha atenção para o vampiro. — Como você sabe que ela é minha irmã? — Eu perguntei, minha atenção agora voltada para a parte inferior de seu queixo, onde sua barba curta era cortada rente e aparada, definindo o ângulo quadrado de sua mandíbula.

Um olhar fugaz daqueles olhos cor de mogno.

— Forma semelhante dos olhos. — Ele me acompanhou até o sofá e me colocou no chão, seu olhar fixo mais intensamente no meu. — Mas a tonalidade é totalmente diferente.

Para quebrar a armadilha desconfortável de seu olhar, limpei minha garganta e tentei alcançar a almofada para colocar sob meu pé. Mas ele estava lá fazendo isso antes que eu pudesse pedir.

— O que aconteceu? — Livvy estava no arco aberto que levava à cozinha. Seu longo cabelo preto preso em um coque bagunçado, ela usava uma roupa típica de Livvy; meia-calça vermelha e laranja com um top preto justo nos ombros e cinto largo de couro vermelho. Ela segurava uma tigela contra a barriga e uma espátula manchada de chocolate.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Violet se intrometeu, parando acima de mim na cabeceira do sofá.

— Isadora finalmente foi atropelada por um carro enquanto estava naquela bicicleta.

— Violet. *Vá embora*. — Eu não estava com disposição para a atitude dela, especialmente com meu agressor parado aos meus pés, ouvindo.

Livvy inclinou a cabeça, seus lábios carnudos e vermelhos se alisando em uma linha simpática.

— Você precisa aprender a dirigir, Izzy. Você teve muitas chamadas por pouco, e agora isso. — Ela entrou na sala, seu olhar patinando no meu tornozelo.

— Eu não preciso de uma palestra.

Livvy era a próxima irmã mais velha acima de mim. E embora raramente jogasse o cartão da irmã mais velha, ela

tendia a se tornar maternal ao apontar essa minha falha em particular. Ou fobia, como você quiser chamar.

— Você precisa superar essa coisa de dirigir. — Ela suspirou, de pé ao meu lado agora. Ela deu um aperto no meu ombro. — O quanto você se feriu?

A raiva rolou em minha barriga, aumentando minha adrenalina. Eu não queria ter essa conversa pela centésima vez, e certamente não queria ter isso na frente do idiota que me atropelou com o carro.

— Estou bem. E por que você está cozinhando? O que há de errado? — Livvy costumava cozinhar, especialmente com chocolate, quando algo a incomodava.

Ela largou a espátula na tigela e moveu-a para o quadril para que pudesse traçar seus dedos levemente sobre meu tornozelo inchado.

— Não é tão ruim. — Ela ignorou minha tentativa de desviar a atenção para ela. Mas parecia que *ignorar Isadora* era o tema da noite. — Você pode consertar isso bem rápido.

O vampiro, ainda quieto, fez um movimento brusco, com as sobancelhas levantadas.

— Você é uma Condutora?

Eu balancei a cabeça, os lábios apertados. Porque eu sabia o que estava por vir antes que ele dissesse.

— Então por que não cuidou disso na rua? — Sua expressão não era acusatória, mas confusa.

Eu era conhecida por curar várias pessoas enquanto elas se contorciam e gritavam de dor. Isso nunca me perturbou ou me impediu de usar minha magia de cura antes. Eventos traumáticos não me tiraram do centro. Mas algo sobre esta noite inteira me abalou profundamente. Eu sabia que não poderia convocar minha magia até que este vampiro saísse da minha presença. Eu tinha certeza de que tudo se devia ao fato de ter sido atropelada em minha bicicleta quando sempre dizia como era seguro.

A abertura e o bater da porta dos fundos que dava para a cozinha ecoaram alguns segundos antes de nossa irmã Clara entrar.

— Ah, não! O que aconteceu?

Obrigada, Clara, por me salvar de responder ao vampiro.

Clara era a mais doce das minhas irmãs. Ela também era a mais nova, tendo chegado três minutos depois de Violet.

— Esse cara atropelou a Isadora com o carro — disse Violet, indiferente, equilibrando a bunda no encosto do sofá.

— Isadora, coitada. — Clara ajoelhou-se ao meu lado e apertou minha mão. — Você está muito ferida?

Sua expressão preocupada se concentrou no meu pé. Mesmo sem saber, aposto que ela empurrou ondas de tranquilidade para dentro de mim com sua magia empática. Ela não pôde evitar. As auras precisavam espalhar alegria e paz, assim como os Condutores precisam ajudar e curar.

— Estou bem, Clara. — Apertei a mão dela, feliz por pelo menos uma irmã estar do meu lado. — Obrigada.

— Te conheço de algum lugar. — Era Livvy, olhando para o vampiro ainda de pé na minha sala de estar, com as mãos nos bolsos de suas calças elegantes.

Por alguma razão, na luz da nossa sala de estar, a força de sua magia parecia ter se amplificado. Ou talvez fosse apenas porque eu não estava tão focada no acidente agora que estava segura em minha casa.

Ele cheirava a poder. Sua postura desarmante e sorriso encantador não fizeram nada para contradizer isso. Minha magia de Condutora podia detectar fontes potentes de energia melhor do que qualquer sobrenatural, e esse cara estava bombeando em ondas. De repente, eu o queria fora de nossa casa.

— Oh, meu Deus — disse Clara, olhos azuis arregalados olhando para ele. — Sua aura é...

Sua cabeça se inclinou, sua expressão suavizando para uma de humildade. Até parece.

— Eu ouvi de outras Auras inteligentes que é um caleidoscópio. Estou certo?

Ela assentiu ansiosamente.

— Um arco-íris tão bonito.

Seu sorriso se iluminou ainda mais. *Meu Deus, Clara! Não o encoraje.*

— Mas eu o conheço — continuou Livvy, ficando mais perto dele, estudando seu rosto. — Eu vi você.

Ele ofereceu-lhe a mão.

— Eu sou Devraj...

— Puta merda! — Livvy ofegou, agarrando a mão dele na dela. — Você é *Devraj Kumar*.

Com um sorriso modesto, ele acenou com a cabeça uma vez e apertou a mão dela.

— Eu sou.

— Quem? — Eu perguntei. Quero dizer, ele me disse seu nome, mas por que Livvy o conheceria?

Ela soltou uma risada que soou um pouco fangirl demais para mim. Livvy nunca ficava emocionada ou dava uma de fangirl.

— Isadora. Você foi atingida *pelo* Devraj Kumar. Famosa estrela de cinema de Bollywood.

— Ah, uma estrela de cinema. Bem, acho que está tudo certo então.

— E você é um vampiro — acrescentou Violet com alegria perversa. — Legal para caralho.

Livvy soltou a mão dele e segurou a tigela com as duas mãos novamente.

— Você trabalha para o Ruben?

Ela estava agitando os cílios? O que estava acontecendo aqui?

Ele fez uma pausa, o sorriso encantador ainda no lugar.

— De vez em quando. E estou na cidade para visitá-lo e ajudá-lo em um caso. Se eu puder.

Seu olhar deslizou para mim no sofá, onde eu tinha certeza de que meu olhar de extrema irritação – ou melhor, ódio fervilhante – era mais do que aparente. Eu não me importo se ele ganhou o posto de Homem Mais Sexy do Ano, dois Oscars, um Globo de Ouro e o Idiota Mais Legal em um Prêmio Lamborghini. O fato de que ele tinha minhas irmãs todas desmaiadas e histéricas me deu vontade de vomitar.

— Falando nisso... — Ele olhou para trás em direção ao corredor que levava à porta da frente. — Eu deveria estar indo. — Ele contornou o sofá e se inclinou, pegando minha mão na dele. — Foi um prazer esbarrar em você.

— Sério? — Eu rebati, um pouco de veneno demais em minha voz.

Ele abafou uma risada. Apenas um pouco.

— Sério. — Ele apertou minha mão com as duas, tirou um cartão do bolso e me entregou. — Vou entregar sua bicicleta para você o mais rápido possível. E substituir o seu telefone.

— Eu tenho seguro de telefone — eu disse novamente, olhando para o cartão branco com apenas seu nome em negrito e seu número de telefone.

— Então me mande a conta da franquia. Eu assumo total responsabilidade por este acidente.

Mesmo que tenha falado comigo quando aconteceu pela primeira vez, eu estava quase apaziguada quando ele caminhou para o corredor.

— Espere! Meus amores-perfeitos.

Ele virou.

— Como eu poderia esquecer? Uma de suas irmãs poderia...?

“Eu vou” e “deixe-me ajudar” e “eu pego” saíram da boca de minhas irmãs ao mesmo tempo.

Seu sorriso encantador se iluminou, e eu queria dar um soco em seu rosto. Seu olhar sensual varreu de volta para mim.

Suspirando, eu disse:

— Clara, você vai.

Ele inclinou a cabeça em uma leve reverência como um senhor aristocrático do século 18, então me deu um último olhar ardente antes de sair. O que me fez pensar novamente quantos anos ele tinha.

Os vampiros podem viver bem perto de mil anos. Eles tinham a vida útil mais longa dos sobrenaturais. Isso nós sabíamos, de qualquer maneira. Os lobisomens podem viver até meio milênio ou por aí. A maioria das bruxas vivia bem em seus trezentos anos. Às vezes um pouco mais. O único que ainda não tínhamos certeza eram os ceifadores. Mas isso porque não sabíamos quase nada sobre eles. E eles gostavam de manter assim.

Assim que a porta da frente abriu e fechou, Violet abanou o rosto com a mão.

— Puta merda, aquele vampiro é gostoso.

— Você acha que todo mundo é gostoso — eu retruquei.

Violet riu, mas Livvy balançou a cabeça, provando a massa de chocolate de sua espátula antes de me prender com seu olhar estreito.

— Isadora. Você não pode fingir que ele não é. Mesmo você, com sua atitude de nenhum-homem-é-digno, não pode fingir que ele não é um derretedor de calcinhas.

Eu funguei e me endireitei no sofá.

— Se ele é ou não, não significa nada. Ele é um idiota arrogante que me atropelou com seu carro. — Puxei para baixo a manta de chinchila falsa que estava jogada na parte de trás do sofá e a arrastei sobre minhas pernas. — Além disso, um homem com esse tipo de personalidade vaidosa e dirigindo um carro desses deve estar sofrendo da síndrome do homem de pau pequeno.

A risada gutural de Violet explodiu forte e alta.

— Você está brincando comigo? — Ela caminhou até Livvy e tentou mergulhar o dedo na tigela. Livvy deu um tapa em sua mão. — Se alguém está flutuando em torno da energia de um pauzudo como um maldito profissional, é aquele vampiro, Devraj Kumar.

Livvy sorriu, seus lábios vermelhos se abrindo enquanto ela se virava para Violet.

— Até o nome dele é sexy.

— Não é?

Traidoras.

Tive vontade de gritar de alegria quando Clara entrou correndo, carregando a sacola de compras com os amores-perfeitos dentro. Ela colocou a sacola na mesinha de centro e se ajoelhou ao meu lado, os olhos brilhando de excitação.

— Ele disse que carregou você para dentro?

Dei de ombros.

— E daí? Eu não conseguia andar.

— Oh, meu Deus, Isadora! — Ela juntou as mãos no peito, um brilho sonhador em seus olhos azul-celeste. — É como Willoughby e Marianne em *Razão e Sensibilidade* quando ele a resgatou com o tornozelo torcido no chão.

— Willoughby não atropelou Marianne com seu carro — protestei.

Violet entrou na conversa.

— Willoughby também era um babaca que trocou Marianne por uma tiazona rica.

Clara franziu a testa.

— Oh, certo. — Então sua expressão se iluminou novamente. — Então ele é como o coronel Brandon quando *resgatou* Marianne da chuva.

— Esta Marianne era um pouco desajeitada — acrescentou Livvy antes de desaparecer na cozinha. — Os filmes dos anos 80 são melhores, Clara — respondeu ela.

Exalando um suspiro rosnado, eu disse com os dentes cerrados:

— Eu *não sou* Marianne. E aquele, aquele homem...

— Vampiro, se vamos ser técnicas. — Violet levantou meu pé e colocou outro travesseiro embaixo.

— Tanto faz. — Eu bufei, soprando uma mecha de cabelo do meu rosto. — Eu não preciso de resgate.

— Diz a Condutora que não usou sua magia para se curar no local do acidente.

— *Violet* — Clara repreendeu sua irmã gêmea —, não faça Isadora se sentir mal quando ela estiver ferida. — Elas eram opostos polares em quase todos os sentidos. Ambas tinham cabelo loiro platinado, mas Violet tingia o dela constantemente. Agora estava em um turquesa vibrante.

— Não me sinto mal — assegurei a Clara. E os comentários sarcásticos de Violet nunca me incomodaram. Não muito, de qualquer forma. — Só quero descansar um pouco aqui no sofá enquanto curo meu tornozelo. Só preciso de um pouco de silêncio.

Ela assentiu.

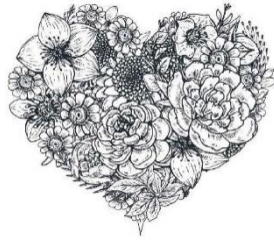
— Vou pegar um chá quente para você. Isso vai fazer você se sentir melhor.

Eu sorri quando as duas foram para a cozinha, me deixando sozinha. Soltei um suspiro de alívio. Eu não ia admitir para ninguém que os comentários de Violet me incomodaram muito mais do que deveriam. Aquele vampiro tinha me

perturbado o suficiente para ignorar minha magia. Os homens não me tiravam do sério. Honestamente, eles mal eram registrados em qualquer tipo de barômetro meu. Seja por necessidades, desejos ou apenas um semi-interesse. Eu não desgostava dos homens. Eu simplesmente não precisava deles. Eu poderia lidar com *todas* as minhas necessidades sozinha. É por isso que Devraj Kumar não deveria ter me irritado. Mas ele tinha.

Sem problemas. Pelo menos agora ele se foi para sempre.

Capítulo 2



devraj

Eu estava na minha nova lavanderia, segurando a camisa branca na mão, olhando para ela como se fosse uma bomba. Ou uma cobra venenosa. Ou crack. Honestamente, poderia muito bem ter sido os três em um.

— Não faça isso — murmurei para mim mesmo.

O simples fato de eu estar aqui tendo essa conversa com minha camisa era um sinal de que algo estava terrivelmente errado. Atropelar a bruxa em sua bicicleta não apenas virou meu mundo em seu eixo. Ele abriu um buraco do tamanho de uma cidade.

Por quê?

Porque Devraj Kumar nunca perdeu o controle. Nunca sucumbiu à tentação. Inferno, eu nunca senti tentação. Como um Stygorn, um guerreiro vampiro de elite, eu treinei por décadas para abater todas as fraquezas básicas. Eu aperfeiçoei minhas habilidades especiais para uma precisão afiada para que o cheiro de sangue ou o cheiro de uma mulher não me enviasse

para uma espiral descendente que culminou em sonhos molhados de proporções orgásticas. Mas o cheiro dela tinha.

— Só uma vez.

Então eu a lavaria.

Eu tirei a camisa no momento em que entrei em minha nova casa duas noites atrás, logo após o acidente. Estranhamente, a necessidade imperiosa – não, o desejo desesperado – de inalar o cheiro dela das pequenas manchas de sangue na minha camisa não começou até o dia seguinte. Ontem.

Preenchi o dia desfazendo as malas. Uma sensação familiar que experimentei depois de fazer isso dezenas e dezenas de vezes ao longo dos anos se instalou com um baque oco no meu estômago. E, no entanto, não seria o último. A natureza do meu trabalho me manteve mudando de país para país, de continente para continente. Onde quer que o trabalho exigisse minhas habilidades e atenção. Então aqui estava eu mais uma vez, parando na cidade natal de Ruben, me perguntando se algum dia preencheria aquele desejo de ter uma casa própria. Um lugar para cavar minhas raízes profundamente.

Minha Lamborghini estava na oficina, a bicicleta dela estava sendo consertada e Ruben disse que deixaria eu me instalar antes de nos encontrarmos. Então, o que eu passei o dia fazendo? Entre desfazer as malas, eu espreitei a lavanderia como um assassino em série enlouquecido. Devo ter passado por ela uma centena de vezes, tentando evitar a tentação do meu cesto de roupa suja.

— Foda-se.

Finalmente, *finalmente*, levantei a parte manchada até o nariz e respirei fundo.

Totalmente. *Divino*.

Abortar. Má decisão. Absolutamente má decisão.

Joguei-a imediatamente para a lavagem, coloquei duas cápsulas de detergente, coloquei três xícaras de amaciante de roupas e bati a tampa, ajustando-a para serviço pesado/ciclo quente. Se houvesse um cheiro dela naquela camisa, eu teria que queimá-la.

A campainha tocou.

Eu pulei como se alguém tivesse me pego em um crime.

Merda!

Passando as duas mãos no meu cabelo, eu ri de mim mesmo. Talvez eu tenha passado muitos meses fora da rede na Romênia, explorando meus instintos vampíricos naturais. Deve ter sido isso. Eu tinha ido fundo demais, morando nas montanhas dos Cárpatos, deixando o lado bestial vagar livre por muito tempo. Eu precisava de tempo para rastrear um vampiro indescritível que se tornou desonesto para o senhor do Coven Bucareste. E, no entanto, o tempo que passei na selva parecia tocar em meu lado não civilizado.

Inclinei minha cabeça e estalei meu pescoço. Hora de voltar à realidade e se concentrar no novo trabalho em mãos. O assobio da água enchendo a máquina de lavar me trouxe de volta à razão.

Ouvi a porta da frente abrir e fechar.

— Dev? — A voz e o cheiro de Ruben chegaram até mim.

Afastando o que diabos tinha acabado de acontecer, passei pela cozinha e fui para a sala de estar, onde ele estava olhando para a minha pintura de *Crann Bethadh* pendurada sobre a lareira. Encomendei a Árvore da Vida Celta de um velho irlandês na ilha de Inishmore cerca de sessenta anos atrás. Ele fazia sua própria tinta, misturando trinta tons diferentes de verde, e salpicado de folha de ouro no marrom para o tronco.

Essa pintura, juntamente com alguns outros tesouros, como meu vaso grego, minha tapeçaria de parede islandesa e minha estátua de Shiva em mármore branco, sempre mexeu comigo. Quando recebi a ligação de Ruben, precisando de um favor, deixei a Romênia imediatamente e depois limpei meu apartamento em Paris para me mudar para cá.

Parecia que uma visita a um velho amigo por algumas semanas era exatamente o que eu precisava antes de passar para o próximo trabalho. Havia outros senhores vampiros procurando por Stygorn para contratar nos Estados Unidos. Nesse ínterim, Ruben e eu poderíamos conversar, ele poderia me mostrar sua cidade e eu poderia ajudar com seu caso atual. Além do mais, minha inquietação por algo além disso, algo mais, estava me pressionando mais do que o normal nesses dias. Havia uma coceira que eu não conseguia coçar.

— Bom ver você, Dev — disse ele com um sorriso.

Eu o encontrei na frente da pintura, apertei sua mão e o puxei para um forte abraço e um tapinha nas costas.

— E você meu amigo.

— Como foi a Romênia? — ele perguntou, voltando-se para estudar minha arte com foco intenso.

Ruben Dubois era um dos meus amigos mais antigos e um dos poucos da minha espécie em quem eu realmente confiava. Deslizei minha cabeça em seu terno de três peças em azul meia-noite, completo com abotoaduras e colete personalizado.

Ruben e seus coletes excêntricos. Este era o mesmo azul do terno com fios prateados em um padrão geométrico aparentemente aleatório. Mas eu conhecia o Ruben. Nada era aleatório com ele. Ah. Era o design sutil da tripla hélice do DNA. Não dupla como os humanos. O código de DNA de um vampiro exigia uma terceira fita.

— Romênia? — Suspirei. — Pacífico, se você pode acreditar nisso. Depois que peguei um vampiro rebelde para o Coven de Bucareste. E peguei o livro para você, quero dizer.

Ruben me pediu para encontrar uma bruxa e adquirir um livro raro no território pesado dos lobisomens nas montanhas dos Cárpatos. Depois de conseguir o livro, fiquei em uma cabana por várias semanas, achando a solidão reconfortante, mas também solitária. Ele tinha torcido um desejo agri-doce em meu peito, embora eu ainda não tivesse certeza do que era esse desejo. Um desejo fora de alcance.

— Obrigado por fazer esse trabalho tão de última hora — disse ele.

— Sem problemas. Fiquei feliz em ajudar.

Ele se virou para a sala de estar, me dando um sorriso brilhante antes de inspecionar a estrutura.

— O lugar parece ótimo, embora você não precise se desenraizar para vir aqui.

A mobília foi entregue ontem e coube perfeitamente na minha nova casa. Eu provavelmente não precisava alugar uma casa tão grande, mas sua singularidade e charme me atraíram.

— Eu queria — disse antes de admitir suavemente —, eu precisava da mudança.

Minha vida em Paris era cheia de festas chiques, vida noturna agitada e mulheres bonitas. Embora eu tivesse parado de filmar os filmes de Bollywood há alguns anos, ainda me divertia com o público de celebridades, aventurando-me com frequência em Mônaco, Berlim, Mykonos e na Costa Amalfitana. Gostei da alta de endorfina que a vida agitada proporcionou. Isso me impediu de pensar muito, de analisar o que estava faltando.

Permanência. Um lugar que eu poderia chamar de lar. Apesar de ter passado centenas de anos desde que minha mãe — minha única família — morreu, eu consegui preencher minha vida com prazer e entretenimento. Viagens e festas, clubes e conquistas. E embora aquela vida tivesse perdido seu brilho

anos atrás, eu estava seguindo os movimentos, sabendo que faltava preencher aquela necessidade mais profunda e íntima.

— Ah? Isso parece sério — ele disse com um sorriso, embora houvesse uma pitada pensativa entre sua testa.

— Talvez. — Eu ri, notando o tom de amargura nele.

— Diga-me. — Ruben era o tipo de amigo em quem eu confiava profundamente, não importa quanto tempo tenha passado entre nossos reencontros. Éramos irmãos de um tipo diferente.

Limpando a garganta, enfiei as duas mãos nos bolsos e encarei o *Crann Bethadh*, lembrando-me das árvores antigas nas florestas dos Cárpatos.

— Depois de conseguir o que você precisava na Romênia, continuei nas montanhas. — Fazendo uma pausa, tentei encontrar as palavras certas para expressar o que vivi ali. — Estava tão, tão quieto lá. Fazia tanto tempo que eu não desacelerava. Isso me atingiu com força.

— De que maneira? — Ele perguntou suavemente. — Como você se sentiu?

— Muito sereno. E muito triste — confessei ao encará-lo. Não fiquei surpreso ao encontrar compreensão ali. Embora Ruben não fosse tão velho quanto eu, ele tinha idade suficiente para sentir o vazio profundo que veio com a idade. E a falta do que precisávamos para preencher aquele terno vazio.

A Romênia foi a primeira vez que fiquei sozinho por um longo período de tempo. No meu dia a dia, eu estava cercado

de pessoas. Mas mesmo em meio a uma multidão de amigos, a dolorosa solidão me encontrou. Sempre. Na Romênia, o sentimento foi amplificado, gritando em meu sangue como um vírus febril.

— De qualquer forma — acrescentei levemente —, era hora de uma mudança. Já tive outros vampiros supremos nos Estados Unidos procurando trabalho antes. Parecia que agora era um bom momento. Talvez veja em que tipo de problema posso me meter deste lado do lago.

Ele me apertou no ombro com um sorriso.

— Estou feliz por estares aqui. Mesmo que acerte uma das minhas amigas com seu precioso carro esportivo italiano.

— Ai. — Eu pressionei a mão no meu peito.

Embora eu fosse exigente quanto à marca e ao modelo dos meus carros, não era apegado a nenhum deles. Vendi meu Maserati Alfieri em Paris, comprei o Lamborghini de um vendedor em Boston e o dirigi até aqui. Eu estava, literalmente, a três quarteirões do meu destino final depois de duas semanas de preparação, malas e viagens quando encontrei Isadora.

Droga. Me senti mal por atropelar ela, não importa o que ela parecia pensar. Ela não havia quebrado nada, mas o incidente me abalou do mesmo jeito. Era um tipo de erro que nunca cometi. Eu encontraria uma maneira de me desculpar adequadamente em breve. Por enquanto, eu tinha uma lembrança menor para entregar às irmãs Savoie, o que planejava fazer assim que Ruben fosse embora.

Felizmente, ele disse que elas eram do tipo que perdoa. Isso foi bom de ouvir desde que Jules Savoie, um nome que eu ouvi mais do que algumas vezes nos últimos dez anos, era a Executora dos sobrenaturais de Nova Orleans. Ela manteve todos na linha. Seus poderes como Sifão, uma bruxa capaz de sugar a magia de qualquer criatura sobrenatural em um piscar de olhos, garantiam isso.

Ruben mordeu o lábio em uma pequena risada, seu olhar deslizando por cima do meu ombro em direção às janelas voltadas para o oeste por alguns segundos.

— Vamos. Vamos tomar um drinque e vou lhe contar brevemente o que sei sobre este caso. — Ele olhou para o relógio, um TAG Heuer prateado. — Tenho um jantar na parte alta da cidade, mas queria falar com você.

Ele me seguiu até a cozinha.

— Eu teria ido a Lanterna Verde ontem — gritei por cima do ombro —, mas tive que esperar a entrega dos móveis e acertar tudo.

Puxando uma garrafa de Maker's Mark do armário, peguei dois copos de uísque

— Você ainda gosta de tudo em ordem e em seu lugar. — Ruben sentou-se no banquinho e tamborilou com os dedos na bancada de granito, olhando ao redor da cozinha.

Enchi os dois copos com gelo, servi uma bebida para cada um de nós até a borda e depois deslizei a dele pelo granito.

— É a única maneira de manter o caos sob controle.

— Como você diz. — Ele ergueu o copo. — Bem-vindo a Nova Orleans.

Brindamos e bebemos um grande gole de uísque.

— Embora eu queira experimentar os prazeres da cidade — eu disse, girando o líquido âmbar sobre o gelo —, por que você não me dá um breve resumo de onde você chegou?

— Muito bem. — Ele esvaziou o resto de sua bebida em mais dois goles, em seguida, a colocou na mesa. Isso em si era bastante revelador. Ruben não era um grande bebedor. Mas este caso o deixou nervoso. — Não me preocupei em lhe contar porque sabia que você estava no meio da mudança, mas outra garota desapareceu no último sábado.

Depois de colocar minha bebida na mesa, cruzei os braços e me recostei no balcão em frente a ele.

— Isso é, o que, quatro garotas no total? Em quatro semanas?

— Exato. — Seus olhos azul-safira escureceram com a cor de seu terno, um brilho prateado cobrindo-os. — Ainda não há corpos. Todas são bastante jovens. — Ele apertou a mandíbula. — Universitárias. E tiradas dos bares da vizinhança.

Espalhei a palma da mão na bancada e comecei a bater com o dedo indicador, a larga faixa de prata do meu anel tilintando contra o granito.

— A idade delas pode ser apenas um subproduto. Nosso predador pode se sentir mais confortável caçando no bar local,

tarde da noite, onde a presa mais fácil está na faixa etária de vinte e poucos anos.

— Verdade — admitiu Ruben. — E suas mentes são mais maleáveis nessa idade. Facilmente persuadidas até mesmo para um jovem vampiro.

— Como você tem certeza que é um vampiro? Pode ser um lobisomem salafrário.

Sua testa franziu em uma carranca.

— Tenho um cara que diz ter provas de que é um dos nossos.

— Que tipo de prova?

Ele riu levemente.

— Ele não quis me contar.

— Este é um de seus homens, e ele se recusou a dizer a você?

Achei difícil de acreditar. Ruben era um líder frio e calculista, mas implacável quando precisava ser. Não seria sensato esconder informações dele.

— Não exatamente um dos meus homens. — Ele rolou a base do copo na borda, o gelo tilintando no copo. — Ele está na minha folha de pagamento, mas ele é um ceifador.

— Ah. Entendo.

Ceifadores eram notoriamente reservados. Tudo para eles era necessário saber, incluindo as coisas mais triviais, como tomar café puro ou com creme. No entanto, eles próprios eram fontes de conhecimento.

— Então, quando ele entregará essa informação? —
Perguntei, de repente, curioso sobre o que esse ceifador tinha como prova.

— Em algum momento desta semana. Gostaria que você estivesse lá, se não se importar.

— O que você precisar.

— Que tal jantar esta noite? — A tensão ao redor de sua boca suavizou. — Então podemos conversar adequadamente. Não vejo meu amigo mais antigo há mais de três anos. Você esteve ocupado.

Dei de ombros.

— Sempre algum idiota para colocar em seu lugar. Levar à justiça.

— Eles parecem nunca acabar, não é?

— Nunca.

Ele olhou para trás em direção ao meu fogão.

— Você está assando agora? Essa é nova.

Pegando o copo dele e o meu, lavei os dois na pia.

— Não assando exatamente. Não se assa penda.

— Uma receita de casa, imagino?

Casa. Varanasi, na Índia, não era minha casa há mais de duzentos anos. Para ser sincero, nenhum lugar era. Mas Ruben estava certo. Costumava cozinhar pratos que me lembravam os temperos e aromas de onde nasci pela primeira vez. E onde eu renasci como um vampiro. Cardamomo, noz-moscada e açafrão ainda perfumavam a cozinha, embora duas horas antes

eu tivesse feito as bolas de farinha, leite condensado e açúcar e as coberto com castanha de caju e pistache moído.

— Sim. — Sequei minhas mãos em um pano de prato e me recostei na pia. — Achei que minhas novas vizinhas poderiam gostar de um presente de boas-vindas.

— Não é tradição os atuais moradores receberem o novo vizinho com algum tipo de presente assado? Não o contrário?

Cruzando os braços, olhei pela janela que dava para a lateral da casa Savoie ao lado. Dali, eu tinha uma boa visão da casinha sobre a garagem, a entrada de automóveis e a varanda do segundo andar com grade de ferro forjado.

— Achei melhor adoçar o acordo depois do meu incidente com a Isadora. Principalmente agora que somos vizinhos.

Ruben se aproximou da janela, enfiando as mãos nos bolsos.

— Tenho certeza que ela está bem. Isadora é uma poderosa Condutora.

— Não é com o tornozelo dela que estou preocupado. — Juntei-me a ele na janela, avistando uma pequena estrutura semelhante a um galpão cercada por cercas de arame. — Isso é um galinheiro?

Seu sorriso se alargou.

— Sem galinhas. Apenas um galo muito dominante chamado Fred.

— Huh. — Não sabia o que dizer sobre isso. Havia também o telhado e as paredes de vidro opaco de uma estufa escondida

no canto de trás da casinha. Aposto minha pintura original de Pollock que sabia quem passava a maior parte do tempo lá.

— Com o que você está preocupado? — Ruben perguntou.

Soltando um suspiro, me afastei da janela e entrei na sala de estar.

— Receio tê-la ofendido, embora não tenha certeza de como. — Levantei meus braços em exasperação. Sentando-me no sofá de camurça escura, acrescentei: — Quero dizer, eu pedi desculpas. Mas ela parecia ainda mais furiosa quando a deixei aninhada em segurança no sofá.

A risada gutural de Ruben chamou minha atenção. Ele não ria tanto quanto deveria.

— Não acredito que o famoso Devraj Kumar não conseguiu conquistar uma mulher com seus ilustres encantos.

Isso me fez franzir a testa. Não porque eu precisasse conquistar qualquer mulher por qualquer motivo, mas porque, bem, suponho que estava acostumado com as mulheres sendo mais receptivas a mim. Correndo o risco de parecer vaidoso, nunca tive que me esforçar muito para encantar as mulheres.

— Olhe para você. — Ele balançou a cabeça, parado na frente da mesa de centro no meu tapete persa vermelho e dourado. — Todo ansioso e carrancudo por causa de uma bruxa que não gosta de você.

Eu não pude conter a gargalhada que saiu do meu peito.

— Você realmente vai ficar aí e dizer isso? — Eu arqueei uma sobancelha superior para ele. Sim, superior. E ele sabia muito bem porquê. — Para mim?

Seu sorriso caiu, sua mandíbula se apertou, então ele desviou o olhar, sua expressão repentinamente feroz deslizando das janelas para minha estátua de Shiva de um metro em seu suporte de laca preta no canto.

— Ruben? — Eu o persuadi suavemente.

Ele me ignorou, seus olhos em transe, certamente perseguindo alguma memória que não deveria.

— *Ruben*? Você está falando sério?

Enrijecendo os ombros, ele voltou seu ardente olhar azul para mim, sem dizer uma palavra. Ele não precisava. A dor estava lá, crua e brilhante demais.

— Ainda? — Eu perguntei baixinho.

Ele me segurou por mais três segundos antes de verificar o relógio novamente.

— É melhor eu ir. — Ele marchou para a porta, seus sapatos batendo no chão de madeira. — Jantar às oito? Encontre-me na Lanterna Verde.

— Eu estarei lá — respondi calmamente, sabendo que ele podia me ouvir bem o suficiente no saguão.

A batida firme da porta me disse que ele não queria falar sobre seus velhos fantasmas que ainda o assombravam. Arrependimentos que aparentemente cortavam

profundamente e ainda sangravam. Profusamente. Soltei um suspiro e me afastei do sofá.

Ah, Ruben.

Quando ele aprenderia que não podia continuar fugindo?

Puxei o filme plástico da gaveta ao lado do fogão e cobri meu prato de penda.

Posso não ser capaz de ajudá-lo com seu problema com a bruxa, mas pelo menos posso fazer uma amiga. Não. Eu nem queria isso. Só queria que ela esquecesse o passado. Certamente, minhas habilidades na cozinha a conquistariam.

Havia outras habilidades que eu poderia me empenhar.

Não! Não. Nem remotamente irei nessa direção.

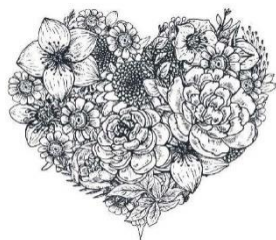
Nunca é seguro morar ao lado de suas amantes. Se elas se apegassem demais, isso causaria todos os tipos de problemas. Embora o pensamento tenha passado pela minha cabeça... digamos, logo de manhã depois de um sonho erótico estrelado por uma bruxa de cabelos dourados com olhos verdes provocadores. Mas não. Essa foi uma ideia terrível. Terrível. Não era?

Soltando um suspiro, balancei a cabeça para mim mesmo, pronto para tirar aquela mulher da minha mente.

Apenas faça as pazes e siga em frente, Devraj.

Pegando o prato, me dirigi para a porta. Entregue a penda, sorria, peça desculpas e vá embora. Isso é tudo que eu precisava fazer, e tudo ficaria bem.

Capítulo 3



isadora

Depois de pendurar o último feixe de lavanda na viga acima, limpei o excesso de pólen das mãos e contei.

— Sete lavandas. Quatorze camomilas. E sete hissopos.

Isso deve bastar para este mês. Eu tive que dobrar meus pacotes normais de camomila, que foi usado para proteção. Clara disse que não poderia mantê-los em estoque na loja desde que as jovens começaram a desaparecer algumas semanas atrás. Meus pacotes com infusão de magia certamente poderiam evitar um ataque mágico ou psíquico na casa de alguém, mas não faria nada para proteger as meninas de serem sequestradas na rua.

Ainda assim, se isso lhes dava paz de espírito, encorajei-as a usar a camomila. Também as encorajei a comprar um bom cão de guarda e ficar em casa à noite, atrás de portas trancadas.

Fiz uma careta. Isso me lembrou da bronca que Jules me deu quando ela chegou em casa duas noites atrás. Vou confessar que realmente não estava pensando quando voltei para casa de

bicicleta tão tarde. Todos sabiam que as mulheres estavam desaparecendo de boates ou bares. Não era exatamente seguro sair tão tarde sozinha. Eu não estava equipada com o tipo de magia defensiva que minhas irmãs tinham. Minha capacidade de telecinesia era insignificante, tornando-me a mais vulnerável de minhas irmãs quando se tratava de ameaças físicas.

— Vampiros são oportunistas — ela disse, sendo mais do que uma pequena indireta.

Eu sabia que aquele julgamento precipitado vinha de seu relacionamento tenso não tão secreto com um certo vampiro supremo. Houve história entre Jules e Ruben. Uma história que nenhuma de suas irmãs conhecia. Não toda a história de qualquer maneira. E foi um tema de discussão que *nunca* esteve na mesa. Então eu sabia que o comentário dela sobre vampiros era mais sobre Ruben e menos sobre Devraj.

Ainda assim, todo o incidente da bicicleta me deixou ansiosa. Clara me disse para descansar e ela cuidaria da Misteriosa Maybelle e lidaria com qualquer entrega de estoque ou problemas por conta própria. Quando ela me disse que já estávamos sem camomila, eu me ocupei alegremente na estufa o dia todo. Era exatamente o que eu precisava para relaxar.

Agora que meu tornozelo estava totalmente curado, contornei a mesa de trabalho de madeira repleta de pedaços de corda e barbante para ver o outro paciente. Meus amores-perfeitos roxos.

— Agora, olhe para você. Vocês serão as garotas mais bonitas do quintal.

Com um sorriso brilhante, levantei o vaso em que os havia colocado, deixando-os absorver o solo rico em nutrientes antes de transplantá-los para o canteiro no pátio. Eu tinha em mente o lugar perfeito perto da bancada de leitura de Clara, onde obteria um ótimo equilíbrio de luz e sombra.

Levando comigo uma espátula, carreguei os amores-perfeitos para o pátio. Ajoelhada em minhas calças verde-oliva largas, comecei a trabalhar, grata por o sol estar brilhando, aquecendo meus ombros nus. Depois de transferir os amores-perfeitos para sua nova casa, derramei o excesso de terra do vaso ao redor e bati tudo. De pé, limpei minhas mãos sujas na bainha da minha regata, soltando um suspiro satisfeito com o quão perfeitos os amores-perfeitos pareciam. Clara também os amaria ali mesmo.

De repente, a gargalhada de Evie ecoou dentro da casa.

Fui para a porta traseira da cozinha. Desde que Livvy e eu voltamos de uma visita a nossos pais na Suíça antes do Natal, Evie estava mais do que preocupada com seu novo namorado. Um lobisomem! Eu pensei que ela tinha enlouquecido enquanto estávamos fora, mas então conheci Mateo e entendi totalmente. Ele era, honestamente, o cara mais legal. Não era uma péssima visão também. E ele adorava minha irmã, então sim, eu gostava dele.

Abrindo a porta da cozinha, o estrondo de uma voz profunda e masculina chamou minha atenção. Sim. Mateo deve ter vindo com Evie. Isso não era novidade. Eles estavam colados um no outro na maioria das vezes.

— Então o que você disse a ela? — perguntou Evie.

Mas a voz que respondeu não era de Mateo.

— Eu disse: “madame, não me importo se você já foi amante de Vlad, o Empalador, ou do rei Henrique VIII. Você ainda vai colocar suas roupas de volta e vir comigo para o interrogatório.”

— Uau. — Livvy soltou uma gargalhada, sua risada rouca ecoando na cozinha. — Eu não posso acreditar nisso. Então, o que ela fez?

Contornei o arco que levava à sala de estar para ver exatamente o que eu sabia que veria. Aquele maldito vampiro, de quem eu estava feliz por me livrar depois daquele pesadelo duas noites atrás, estava aconchegado em nosso sofá, seus braços bem abertos nas costas do sofá, vestido com uma camiseta preta casual e jeans. Ambos provavelmente custam algumas centenas de dólares cada.

Qualquer um que dirigisse carros de luxo exorbitantes como ele, gastava demais em tudo. Eu conhecia o tipo. Até mesmo camisetas lisas estúpidas que você pode comprar na Target por \$12. Sim, talvez eu tenha pesquisado quanto custava um Lamborghini Diablo. Confie em mim. Você não quer saber. É pecaminosamente caro. Você tem alguma ideia de quantos cães

e gatos sem-teto eu poderia ajudar com o custo do carro idiota dele?

Livvy se sentou na ponta da poltrona e Evie se sentou à sua direita, sorrindo para ele com muita alegria. Meu bom humor de dez segundos atrás evaporou como uma lufada de fumaça.

Sua boca se inclinou em um ângulo arrogante quando seu olhar deslizou para mim em pé na porta.

— Ela fez exatamente o que eu disse. Eu nem precisei usar glamour.

Engoli em seco e limpei minhas mãos sujas na batinha da minha regata novamente, irritada por ele estar de volta. Por que ele estava de volta? E *por que* minhas irmãs foram tão facilmente enganadas por seu suposto carisma?

— Isadora! — Evie pulou do sofá e me encontrou no meio do caminho, envolvendo-me em um abraço oscilante. — Sinto como se não te visse há uma semana.

— Isso é porque você não viu. — Eu a apertei de volta. — Você tem estado ocupada.

Ela se afastou rindo.

— Talvez — ela admitiu, um rubor subindo pelo pescoço. Ela usava uma camiseta verde com Baby Yoda comendo um sapo. A legenda dizia: *Alimente-me e diga que sou bonito*. Eu tinha quase certeza de que Mateo fazia as duas coisas regularmente.

— Onde está o seu homem? — Eu perguntei, ignorando completamente aquele que estava no sofá atrás dela. Meu pulso

estava acelerado por algum motivo estúpido. Eu não entendi porque ele estava de volta.

— Ele tinha uma encomenda para entregar, e eu tenho um turno no Caldeirão esta noite. — Ela olhou para o relógio antigo contra a parede. — Ah, droga. Preciso me apressar. — Ela me deu um beijo na bochecha e correu em direção à escada no corredor. — Prazer em conhecê-lo, Devraj! Venha ao Caldeirão quando tiver uma chance.

— Obrigado, Evie. Eu vou.

Livvy estava com um prato com alguma coisa na mão. Biscoitos?

— Olha o que Devraj trouxe para nós, Isadora. — Então ela se virou para ele. — Desculpe-me. Como eles são chamados mesmo?

— Penda. Também pode ser chamado de peda. É um doce à base de leite. Espero que vocês gostem.

— Eles são deliciosos — disse Livvy. — Você realmente não precisava.

Seus olhos escuros voltaram para mim. Me perfurando.

— Na verdade, eu achei que sim.

Livvy carregou o prato para mim. Eram discos macios perfeitamente formados, como biscoitos grossos, polvilhados de forma decorativa com nozes, o cheiro de noz-moscada me deu água na boca. Eu adorava qualquer coisa feita com noz-moscada ou canela. De repente, me perguntei se ele de alguma forma descobriu meu amor secreto pela especiaria.

— Ele mesmo os fez. — Livvy ergueu as sobrancelhas negras, apunhalando-me com seus olhos cor de safira, como se pudesse me incitar a ser gentil com seu olhar de adaga. — Não foi legal da parte dele, Isadora?

Olhei para o ofensivo prato de doces. E sim, eram ofensivos. Por qual motivo ele estava cozinhando coisas para nós? Ele parecia estar se esforçando um pouco demais, não estava? Um simples pedido de *desculpas* seria suficiente. Ou talvez devolver minha bicicleta? Eu sabia que ele tinha demorado para consertá-la por conta própria.

— Você está aqui para entregar minha bicicleta? — Perguntei confusa enquanto permanecia meio na porta da cozinha.

— Ainda não — disse ele com um pouco de pesar, dando um passo mais perto. — Eu só queria trazer uma pequena oferta de paz.

Minha garganta estava seca como sempre ficava quando eu tinha que lidar com estranhos. Quero dizer, sim, eu o conheci e disse a ele o que pensava. Eu estava chateada na outra noite. Mas nós lidamos com isso. Agora ele estava de volta ao meu espaço pessoal, esse estranho, e isso me irritava.

— Realmente não havia necessidade de você vir do seu hotel até aqui. Eu gostaria que você não tivesse se incomodado. — E eu quis dizer isso cem por cento. Talvez noventa e nove.

— Oh, essa é a melhor parte — disse Livvy, levantando a ponta do filme plástico. Noz-moscada e algum outro tempero

doce flutuaram até meu nariz. — Devraj está alugando a casa ao lado.

Eu tinha certeza absoluta de que meu estômago caiu direto no chão. Na verdade, olhei para baixo para ter certeza de que meus órgãos ainda estavam contidos dentro do meu corpo.

— O que você disse? — Sussurrei.

— Dev é nosso novo vizinho. Não é ótimo?

Ela sorriu para mim como Cruella Deville. Eu tinha certeza que ela estava prestes a jogar a cabeça para trás e rir loucamente. Livvy e Violet eram iguais. Mal encarnado. E não havia nada que amassem mais do que torturar suas irmãs. Livvy sabia que esse cara me irritava muito, e ela estava esfregando alegremente esse novo desastre de proporções gigantescas.

E quando ela começou a chamá-lo de Dev?

— Aqui, experimente um — disse ela, empurrando o prato para mim. — São deliciosos.

Ignorando o prato, estreitei meu olhar em seu rosto perverso.

— Eu não estou com fome.

Eeeeeee, foi quando meu estômago decidiu roncar. Foi uma resposta completamente biológica. Eu estava na estufa desde o café da manhã. Não tinha nada a ver com as deliciosas guloseimas absolutamente incríveis logo abaixo do meu nariz.

— Seu estômago diz o contrário — disse o vampiro estúpido, parando muito mais perto.

Eu me afastei. Então franzi a testa.

— Não se aproxime de mim.

— Eu não estava...

— Preciso terminar de plantar — eu disse como uma desculpa mixuruca para dar o fora dali.

Girando em meus pés descalços, saí novamente, sentindo-me satisfeita quando a porta da cozinha se fechou atrás de mim. Eu não ia nem admitir para mim mesma — ainda — que definitivamente comeria a penda. Quando ele estivesse longe há muito tempo. Olhei para a casa ao lado, onde ele devia estar morando agora.

Estava vazia há algum tempo desde que nosso vizinho mais velho, o Sr. Harvey, se mudou para a Flórida. Ele deixou a casa nas mãos de sua filha que estava tendo problemas para encontrar os locatários certos. Ela era muito exigente, querendo apenas profissionais responsáveis com renda fixa. Por isso, fiquei extremamente grata. Este bairro atraía famílias tranquilas e pessoas barulhentas. Eu não queria uma pessoa desagradável e barulhenta morando ao lado, perturbando minha paz. Mas eu certamente não queria aquele vampiro em particular morando lá também. Não importa o quão responsável e quieto ele fosse. Ugh.

Me ajoelhei e soquei a terra em volta dos meus amores-perfeitos, depois estendi a mão por trás dela e arranquei uma pequena erva daninha.

— Vejo que sobreviveram.

Eu me assustei novamente, minha mão voando para o meu peito.

— Desculpe — ele se desculpou rapidamente. — Eu não queria te assustar.

Os vampiros eram conhecidos por se moverem tão rápido e silenciosamente que pareciam surgir do nada. Devraj aparentemente dominou essa habilidade, e era tão irritante. Ele se sentou no banco de leitura acolchoado de Clara, inclinándose para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos, juntando as mãos casualmente entre eles. Seu cabelo estava preso em um coque masculino hoje, revelando seu rosto mais claramente. Sua barba cortada rente destacava os ângulos de lâmina de sua mandíbula e a curva suave de sua boca.

— Fico feliz em ver que seus amores-perfeitos estão bem.

Eu estava ciente de que minha boca estava aberta, mas depois do choque de vê-lo ali, eu fiquei completamente confusa com sua presença. Por quê? Por que ele estava sentado lá e por que estava falando comigo? Eu não tinha ideia do que dizer a ele.

Lembro-me de assistir *Orgulho e Preconceito* com Clara, onde Matthew Macfadyen interpretou o estóico, dolorosamente tímido e socialmente desajeitado Sr. Darcy. Sim, o Sr. Darcy realmente era todas essas coisas além de ser um pouco arrogante no começo. Mas por trás de tudo isso, ele também era amoroso e leal ao enésimo grau. Nós simplesmente não conseguíamos ver isso por trás de todas as suas vibrações de

“fique longe, camponesa”. Houve uma cena em que o Sr. Darcy disse a Lizzy: “não tenho o talento de conversar facilmente com pessoas que nunca conheci antes”.

Era eu. Eu era o Sr. Darcy. Introvertido, tímido e nervoso em grandes multidões e com estranhos. Exceto que a diferença entre mim e o Sr. Darcy era que eu não desejava crescer fora do meu pequeno círculo social. Contento com todos deste lado da minha zona de conforto, eu definitivamente não tinha interesse em expandi-la para incluir este vampiro.

— Você obviamente tem um dom com flores — disse ele suavemente, o olhar quente varrendo meu rosto, meus ombros e minhas mãos.

Eu pisquei pesadamente mais uma vez, então voltei para o meu tapinha desnecessário no solo.

Limpando a garganta, murmurei:

— Obrigada.

Agora, por favor, saia.

— Não por isso.

Permaneci em silêncio, embora o tom divertido em sua voz irritasse. Então ele também ficou em silêncio. Mas ele não estava indo embora! Como se gostasse de ficar sentado no banco e me ver plantar flores. O que ele queria?

Livvy deixou bem claro que esse cara era superfamoso e *seu* círculo social incluía dezenas e dezenas de celebridades e modelos de moda europeus e todas as pessoas ricas e bonitas nas partes chiques do mundo que eu nunca tinha estado ou desejei

ir. Livvy me mostrou seu Instagram, que incluía fotos dele navegando com uma bela e sorridente comitiva perto de Mônaco. Uma era de uma linda mulher de cabelos negros atrás dele em uma cadeira, o sol se pondo atrás deles, brilhando como uma auréola para destacar sua perfeição. Ela parecia ser uma de suas colegas de filme de Bollywood. Ambos brilhando.

E agora ele estava sentado aqui no meu pátio comigo enquanto eu cuidava do jardim, muito longe de Mônaco, e eu não conseguia entender o que ele queria. Eu o esperei por pelo menos mais cinco minutos completos, arrancando as ervas daninhas e batendo no solo. Anteriormente, eu olhei para cima duas vezes para pegá-lo sorrindo serenamente e apenas me observando. Silenciosamente. Calmamente. Enquanto eu gritava por dentro, meus nervos fraquejavam quanto mais ele ficava sentado ali.

O que diabos ele estava fazendo aqui?!

Eu não aguentava mais. Mantive meus olhos no solo e perguntei:

— Existe uma razão para você estar aqui?

— Pensei que estivesse bastante claro — ele respondeu neutro. — Eu trouxe para você e suas irmãs um presente de boa vizinhança.

— Não aqui na minha casa, mas aqui no meu jardim. — Sentei-me e coloquei a espátula no meu colo, apertando o cabo e forçando meu rosto educado a permanecer no lugar enquanto eu olhava para ele. — Você precisa de algo?

À luz do sol, seus olhos brilhavam mais âmbar do que o tom mais escuro de marrom que pareciam na outra noite. O sol da tarde incidiu sobre sua expressão intensa, destacando as maçãs do rosto e a barba que ele aparentemente fez como um louco para ser tão perfeito.

Aqueles olhos percorreram meu rosto, o pequeno vinco beliscando sua testa me dizendo que ele estava me adivinhando. Ou tentando. Não havia absolutamente nada para adivinhar. Eu era um livro aberto. Eu estava apenas irritada. Nenhum segredo aí.

— Eu preciso de algo — ele finalmente respondeu, o sol brilhando em algo prateado em sua boca.

— O que é?

Meu olhar estava focado apenas em sua boca agora, percebendo com uma onda de calor que sua língua era perfurada.

— Seu perdão.

Pisquei. Isso definitivamente não era o que eu esperava. Minha mente estava uma confusão nebulosa de seu pedido de desculpas e a descoberta erótica de seu piercing na língua.

Sua boca carnuda se inclinou para um lado, aparentemente rindo de mim de novo.

— Percebi que na verdade não me desculpei na outra noite.

Segurando o cabo da minha espátula para não me mexer, fiquei surpresa com sua sinceridade. Ele parecia todo arrogante, superior e mandão em minhas breves ocasiões com ele. Mas se

pensou que eu facilitaria as coisas para ele porque ele finalmente decidiu cultivar algumas maneiras, ele era mais idiota do que eu pensava.

— Não — eu concordei. — Você não pediu.

Ele sorriu mais largo.

— Você poderia, por favor, aceitar minhas desculpas?

— Pelo o quê exatamente? — Inclinei a cabeça como se não tivesse ideia do que poderia ser. Meu coração batia rápido demais, deixando minha voz trêmula. Mas eu ouvi tanto nos últimos dias de minhas irmãs sobre mim e minha bicicleta, então eu realmente queria ouvir esse pedido de desculpas ao máximo.

Ele apertou as mãos com mais força, olhando para elas antes de me espetar com uma expressão intensa marcada pela compaixão.

— Por atropelar você com meu carro. Você estava certa. — Sua voz caiu suave e profunda, uma combinação que eu particularmente não gostei vindo dele. — Foi totalmente minha culpa. Eu estava dirigindo muitas horas sem descanso, o que não é desculpa, mas devo ter perdido a concentração na estrada. Então, peço desculpas por causar-lhe qualquer dano ou angústia.

Hum. Bem, esse foi um pedido de desculpas muito bom, eu tinha que admitir.

Satisfeita, limpei a mão direita na calça já suja e a estendi para ele.

— Desculpas aceitas.

Sem hesitar, ele estendeu a mão e envolveu minha mão com a sua. Balancei uma vez, em seguida, puxei minha mão de volta, não gostando do fato de que até mesmo seu aperto de mão era intenso. Como se a potência da magia que enchia seu corpo não pudesse deixar de alcançar e atingir qualquer um que estivesse a uma distância de toque. Sua aura era ainda insistente.

O cacarejar suave de Fred, o galo de Violet, chamou minha atenção enquanto vagava atrás e ao meu redor, fingindo que não havia nos notado. Como se eu não soubesse exatamente o que ele queria. Eu lhe digo: um galo arrogante era pior do que um gato com atitudes arrogantes. Ele circulou de volta à minha direita, postando com a cabeça balançando. Ele usava uma gravata com listras de arco-íris... essa era nova. Soltando um pequeno suspiro, decidi acabar com sua miséria.

— Venha cá, Fred.

Ele deu um cacarejar profundo, olhando para Devraj, como se não tivesse procurado minha atenção o tempo todo. Ou talvez ele estivesse protegendo sua galinha, também conhecida como eu, do perigoso vampiro. Que fofinho.

Esfreguei a ponta do dedo ao longo das penas de seu peito. Ele não gostava de ser tocado na cabeça. Minha magia respondeu tão rápido quanto respirar, fluindo como um rio do meu peito, descendo pelo meu braço e saindo pela ponta do meu dedo. A sensação sem esforço de pura magia derramando da energia no ar ao meu redor, enviando uma gota para o galo,

levou cinco segundos. Fred se afastou, agitando suas penas com o *zing* da magia bombeando através dele.

Foi quando percebi que tinha acabado de usar minha magia na frente do meu novo vizinho/ex-atropelador irritante. Não que me importasse que ele assistisse, mas era algo que eu tendia a fazer em particular ou apenas com a família e amigos. Mas o olhar de choque e admiração em seu rosto valeu a pena.

— Você acabou de...? — Ele fez uma pausa e apontou para Fred voltando para o galinheiro nos fundos. — Você acabou de usar magia para prolongar a vida de um galo?

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, recusando-me a revirar os olhos novamente, então me levantei. Ele esteve ao meu lado. Ele não entenderia. Aquele galo possuía um pedaço do coração frio e sarcástico de Violet. Assim como o Gato Zumbi tinha o de Evie. Então, sim, usei minha magia para estender suas vidas. Não torná-los imortais nem nada, porque isso era impossível, mas estender o que eu pudesse e faria até que estivessem prontos para partir.

Ignorando sua pergunta, eu dei a ele o primeiro sorriso desde nosso breve conhecimento.

— Desculpas aceitas. E agora nosso negócio chegou ao fim. Duvido que tenhamos algum motivo para nos vermos, então lhe desejo felicidades.

E eu honestamente desejava. Mesmo bastardos arrogantes como ele precisavam de bons desejos de vez em quando.

— Eu ainda tenho que devolver sua bicicleta. — Seu olhar perspicaz e inquietante varreu meu rosto.

— Não é um problema. Basta colocá-la na garagem.

Não há necessidade de interação de qualquer tipo.

— Tenho certeza de que nos veremos pela vizinhança.

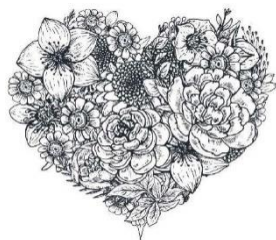
— Não é provável. — Balancei-me nos calcanhares, esperando que ele pedisse licença e fosse embora. Eu não ia ser tão rude e expulsá-lo. Mas eu estava de olho na estufa e pensando em fugir para o meu esconderijo se ele demorasse muito mais.

Ele avançou daquele jeito de vampiro dele, aproximando-se furtivamente sem ser visto fazendo isso. Ele puxou uma mecha do meu cabelo que estava pendurada no meu braço, então soltou com a mesma rapidez. Eu fiz uma careta e dei um passo para trás, definitivamente pronta para fugir para minha estufa.

Mas então ele estava se virando, murmurando baixinho:

— Veremos.

Capítulo 4



isadora

Fiquei parada com os olhos sonolentos na pia da cozinha, sentindo-me indisposta. Durante toda a semana, fui atormentada pela presença de nosso novo vizinho. Em primeiro lugar, ele tocou sua música *muito* alto. A contragosto, admiti – apenas para mim mesma – que a animada música hindí era bastante agradável de ouvir enquanto trabalhava na estufa.

Mas então ele teve que praticar ioga sem camisa todos os dias! Exceto sexta-feira. Não o vi de relance através da cerca na sexta-feira, a caminho de regar os amores-perfeitos. Em vez de ioga, ele decidiu lavar o carro na garagem. Só percebi quando estava arrancando ervas daninhas ao redor do portão da frente. Realmente não havia muitas ervas daninhas desde que as arranquei há alguns dias, mas conter elas é tão importante! Meu súbito interesse em nosso jardim da frente não tinha *nada* a ver com a visão desobstruída de um certo vampiro curvado sobre seu capô, suas pernas musculosas flexionadas naqueles shorts, sua camiseta molhada grudada no peito.

Não é surpresa que ele tenha atraído alguns admiradores. Achei que as garotas sentadas na varanda tomando chá gelado do outro lado da rua iam se afogar em sua própria poça de baba. Era triste que elas não tinham ideia de quão arrogante ele realmente é.

Esfreguei minha testa em frustração.

— Jules, você viu um pacote para mim? — Eu resmunguei.

Peguei um iogurte de morango na geladeira e abri minha caixa de granola.

— Desculpe. Não. — Jules estava sentada à mesa da sala de jantar, com o café em uma das mãos, os olhos no tablet enquanto lia as notícias. Seu ritual matinal.

Servi um copo de suco de laranja e fiz uma careta quando fechei a porta da geladeira. Minha lista de lembretes amigáveis estava meio escondida por outras porcarias. Na verdade, era uma lista de tarefas para manter todos organizados durante o mês, mas sempre achei que uma lista de lembretes amigáveis parecia mais positiva. Movi os dois papéis bloqueando minha planilha. Um cupom de pizza para o restaurante favorito de Violet. E alguns panfletos para uma leitura de poesia no Boho Lounge. Com certeza é da Clara. Eu me perguntei quando ela teria coragem de ler o seu próprio trabalho.

Depois de colocar três colheres de granola em uma tigela, espiei pela janela da cozinha o quintal de nosso vizinho. Eu não pude evitar.

Quinta-feira de manhã, eu o peguei em uma pose de ioga sedutora, sem camisa, descalço e com um par de calças largas de treino. Eu congelei completamente no caminho para minha estufa. Havia apenas um portão de ferro forjado e uma fileira de arbustos de azaleias bloqueando minha visão, então era difícil *não* olhar. Eu estava observando o fio de suor escorrer pela reentrância de sua espinha quando senti seu olhar em mim. Um vislumbre fugaz de seu sorriso curvo me fez sair correndo e me esconder em minha estufa até escurecer. Tentei não admitir para mim mesma, mas ele realmente era um homem bonito. E quem não gostaria de dar uma olhada naquele corpo todas as manhãs? Mais do que estimulante do que cafeína, na verdade.

Não encontrando sinal dele no quintal, combinei meu iogurte com a granola e peguei meu suco de laranja para me juntar a Jules à mesa.

O pensamento daquele vampiro seminu, suado e flexível infelizmente me fez pensar novamente onde estava meu pacote. Eu verifiquei meu número de rastreamento que alegou que foi entregue. Não pode ter sido Evie quem atendeu, já que ela dormiu na casa de Mateo novamente na noite passada. Eu precisava verificar com as outras. Talvez tenha sido entregue na casa de Maybelle. Isso acontecia ocasionalmente, já que nosso carteiro nos conhecia e deixava tantas entregas na loja.

A carranca de Jules, mais pronunciada do que o normal, me disse que ela estava lendo más notícias. O que há de novo, certo?

— Então... o que está acontecendo no mundo hoje?

Jules e eu éramos sempre as primeiras. Eu gostava de nossos bate-papos matinais juntas, mesmo que tendessem a se concentrar na insanidade acontecendo fora de nossa bolha silenciosa na Magazine Street. Ela lia as notícias enquanto eu rabiscava minhas listas que de alguma forma me mantinham centrada.

— Mais detalhes sobre a última garota que desapareceu. Você sabia que ela foi vista pela última vez no Prova de Barril?

Tomando um gole de suco de laranja, balancei a cabeça.

— Não, eu não sabia. — Rabisquei uma nova lista em meu bloco Steno distraidamente. Este, em particular, foi inspirado por um vizinho que adora yoga.

Mas o comentário de Jules me fez pensar naquelas garotas novamente. O Prova de Barril ficava a apenas alguns quarteirões de nossa casa.

— Duas garotas foram levadas desse bar. Outras duas também foram levadas, de pubs no Garden District.

Esta foi a primeira vez que me lembro de seres sobrenaturais atacando humanos em um crime tão terrível. Embora eu não quisesse perguntar porque tinha medo da resposta, também não queria ser ignorante.

— Eles já encontraram algum corpo?

Até agora, não tínhamos certeza do que estava acontecendo com as mulheres sequestradas. Quero dizer, poderíamos imaginar o pior, mas nenhuma de nós havia falado sobre isso sem nenhuma evidência para continuar. Ainda não.

Ela balançou a cabeça, os olhos no artigo.

— Não.

— O que Ruben disse?

Ela tocou na tela para fechar o artigo e ergueu o café, seu olhar girando para fora da janela da cozinha. Sua postura endureceu e sua boca franziu enquanto ela considerava ou ignorava minha pergunta. Eu não tinha certeza de qual.

— Jules? — Perguntei.

Virando-se para mim, ela segurou sua caneca com as duas mãos. Círculos estavam borrados sob seus olhos azul-acinzentados, seu foco nítido e duro. Sem maquiagem, o que era tão típico para ela quanto para mim, seu cabelo escuro em um corte curto emoldurava um rosto pálido. Enquanto eu passava boa parte do tempo fora e no jardim, ela passava a maior parte do tempo dentro de casa, no Caldeirão. Sua falta de sol e a óbvia falta de sono lhe davam uma fragilidade que eu não gostava de vê-la usar.

— Ruben e seus homens têm certeza de que é um vampiro, mas isso é tudo o que eles conseguiram — ela finalmente disse.

— Ele trouxe um especialista para ajudar. Um Stygorn.

— Sério? — Isso foi interessante. Eu rabisquei no meu bloco novamente. — Eu nunca conheci um antes.

— Sim, você conheceu. — Suas sobrancelhas se ergueram em acusação. Ela parecia tanto com nossa mãe naquele momento que quase ri. Até que percebi a quem ela se referia. O que tirou o sorriso do meu rosto.

Olhei para fora da parede de janelas que dava para o lado da casa do nosso vizinho, minha boca aberta em estado de choque. Larguei a colher em minha tigela, o metal tilintando contra o vidro.

— *Aquele* homem vaidoso e materialista é um Stygorn?

Jules franziu a testa, obviamente não concordando com meu flagrante assassinato de caráter.

— Daqueles com quem falei, ele é um dos melhores. Sua reputação é estelar no campo. Ele nunca falhou em encontrar sua presa.

Pegando minha colher, dei uma mordida, mastigando minha granola com raiva.

— Você o investigou? — Perguntei com a boca cheia antes de balançar a cabeça para mim mesma. — Claro que investigou. O que eu estava pensando?

Jules era extremamente eficiente e competente como Executora dos sobrenaturais em nosso distrito. Não que minhas outras irmãs não fossem boas no que faziam, mas Jules levou seu trabalho a outro nível. Já que os Executores tinham um poder maior do que os vampiros, ela estava encarregada de manter todos nós na linha aqui em Nova Orleans. E ela levava seu trabalho muito a sério.

— Então você confia em Ruben para liderar a investigação?

— Por que eu não deveria?

Ela não fez a pergunta, mas a firmeza de sua voz era um pouco forçada demais, medida demais. Eu não ia responder a

ela com a verdade, porque isso abriria outra conversa que eu sabia que ela ainda não estava pronta para ter. Talvez nunca.

Uma imagem fugaz do último Natal surgiu na minha cabeça. Jules perdeu a cabeça com a gemada especial de JJ na festa de aniversário de nossas irmãs, com a cabeça meio enfiada no banheiro enquanto eu segurava um pano fresco e um enxaguatório bucal à mão.

Suas palavras raivosas arrastadas ecoaram no vaso sanitário.

— Será que ele acha que eu sou uma idiota? — Quando perguntei de quem ela estava falando e enxuguei o rosto com o pano, ela murmurou: — Você sabe quem. Todo mundo sabe.

Quando a coloquei na cama, ela rolou e olhou para mim, os olhos tempestuosos vidrados de emoção.

— Mas isso não importa, Isadora. — Ela me deu um triste, triste sorriso. Um que perfurou meu coração. — Não mais.

Quando peguei o telefone dela no chão do banheiro, não pude deixar de notar para quem ela estava mandando mensagens na festa antes de beber demais daquela gemada com Bourbon. Eu também não pude deixar de ver aquele vislumbre de mensagens de texto trocadas entre eles antes de desligar o telefone e colocá-lo em sua mesinha de cabeceira.

Depois de terminar minha última colherada de iogurte e granola, levei minha tigela para a pia sem responder. Não há necessidade de desenterrar aquela noite. Ela fingiria que nunca aconteceu. Ou talvez estivesse tão bêbada que não conseguia se

lembrar do que havia dito. De qualquer forma, é melhor deixar para lá.

Lavei minha tigela e colher, em seguida, coloquei-os na máquina de lavar louça.

— Apenas pensei que você poderia assumir a liderança, já que este é um problema maior do que o normal. Quer dizer, podemos estar falando de mulheres assassinadas, Jules.

Ela caminhou até a cafeteira e serviu-se de outra xícara.

— Possivelmente. Mas Ruben está me mantendo atualizada sobre o progresso e está vigilante. Ele tem mais acesso ao mundo dos vampiros, é claro, então faz sentido para ele continuar. Além disso, foi ele quem contratou os serviços de um Stygorn.

— Certo — eu concordei, terminando meu suco de laranja e colocando meu copo no lava-louças. — Você já conheceu esse Stygorn antes?

— Devraj Kumar?

— Sim. — Eu limpei minha garganta. Estendi a mão para a mesa e arranquei a lista do meu bloco Steno, com a intenção de jogá-la fora. — Ele.

Seu nome provocou uma sensação frenética e vibrante em meu estômago. Eu senti que ele era poderoso, mas não suspeitei que fosse um dos Stygorn. Um vampiro nascido de um dos antigos cujo nível de intuição, dom de glamour, força e velocidade era incomparável com qualquer outro sobrenatural. O único com mais poder que o Stygorn era uma bruxa Sifão como Jules. Exceto que o nível de poder do Stygorn também

deu a eles a habilidade de fugir e/ou prejudicar os Sifões furtivamente. Felizmente, a maioria assumiu seu dom de magia avançada com responsabilidade. Pertencer à Guilda Stygorn era uma classe própria de elite, e eles se mantinham na linha.

Ela recostou-se contra a bancada, uma mão apoiada no bloco de açougueiro.

— Não, não pessoalmente. Ruben o mencionara de vez em quando. Eles se conhecem há algum tempo, ao que parece. E foi Devraj quem adquiriu o livro de que precisávamos para ajudar Mateo.

Eu fiz uma careta, lembrando de Evie recontando toda a história quando Livvy e eu chegamos em casa. Como um vampiro teve que viajar para as montanhas dos Cárpatos, cheio de bandos de lobisomens perigosos, a fim de obter este livro raro de uma bruxa que vivia lá. Por alguma razão, a ideia de Devraj – roupas e cabelos perfeitos, carro de luxo caro, arrogância e charme ridículos – não se encaixava na minha visão de um Stygorn letal de elite.

— Bem, tenho certeza que Ruben tem tudo sob controle.
— Peguei minha bolsa grande no balcão, enfiei minha caneta e bloco dentro, bem como aquela lista, em seguida, enrolei a alça grossa em meu peito, verificando novamente se havia embalado as guloseimas. Embalei.

Desejei-lhe um bom dia, então caminhei pelo pátio e saí por um portão traseiro que levava aos fundos de nossa loja, Misteriosa Maybelle. Demos ao lugar o nome de nossa avó, que

sugeriu que comprássemos o lugar vazio ao lado do Caldeirão e abrissemos nossa própria loja. Clara cuidava da Maybelle, mas eu cuidava do estoque e da contabilidade. Livvy cuidou do marketing e das promoções da loja e do bar. Violet e Evie eram garçonetes no Caldeirão enquanto Jules era a chef.

Quando destranquei e abri a porta dos fundos, ouvi a música do musical *Chicago* e o inegável acompanhamento desafinado da voz de Clara cantando “All That Jazz”.

Ela estava empilhando nosso mais novo carregamento de cartas de tarô na exibição central quadrada. Mas ela não estava apenas empilhando. Ela estava dançando e balançando a bunda ao som da animada música dos anos 20 e cantando a plenos pulmões enquanto fazia isso. Mesmo que não pudesse cantar nem para salvar sua vida, ela era a coisa mais fofa que já vi.

Quando ela contornou a vitrine central e me viu parada ali, ela gritou e jogou um baralho de cartas para o alto. Com um salto rápido em direção a ela, eu a peguei no ar.

Ela riu e baixou o volume do telefone.

— Você me assustou.

— Desculpe. Diga, chegou um pacote para mim?

Ela olhou para as duas caixas perto da vitrine.

— Não. Já passei por tudo o que temos.

Eu precisava enviar um e-mail ao fornecedor e ver o que estava acontecendo.

— Voltarei logo para trabalhar nos livros — eu disse enquanto me dirigia para a entrada da frente.

Caminhei pela rua sob os toldos das lojas, apenas os cafés e padarias abrem tão cedo. Optei por uma saia mais curta e esvoaçante que batia logo acima do meu joelho e uma camiseta branca solta com minhas sandálias gladiadoras de amarrar. O sol estava apenas espreitando entre os prédios, mas prometia ser quente. Ainda era maio, mas a temperatura já estava baixando de 26° ao meio-dia. Esta manhã, era maravilhosa.

Contornei alguns cafés ao longo da calçada e puxei um elástico do meu pulso, prendendo meu cabelo em um coque bagunçado. Não pude evitar o sorriso estampado em meu rosto, pensando em ver Archie, enquanto me aproximava da Livros Raros e Cervejaria do Ruben. Talvez seja por isso que não prestei atenção ao homem que se aproximava de um carro estacionado em frente à livraria.

— Isadora.

Meu olhar estalou. Dei um pequeno aceno e tentei sair com passos largos sem parar para conversar.

— Espere aí.

Sem sorte. Ele se moveu diretamente no meu caminho, me forçando a parar.

Inalando profundamente, endireitei minha postura.

— Bom dia, Devraj. — Brinquei com um fio solto na bainha da minha saia, deixando meu olhar deslizar em todos os lugares, menos em seu rosto. Limpando a garganta, perguntei: — Posso ajudá-lo com algo?

Ele usava seu longo cabelo preto preso em seu próprio coque bagunçado – assim como ele fazia quando esticava seu corpo em contorções desumanas em seu quintal – mas não fazia nada para fazê-lo parecer casual. Isso provavelmente porque sua camisa cinza azulada tinha um brilho sedoso, e mesmo enrolá-la nos antebraços não diminuía seu estilo. Suas calças pretas elegantes e sapatos brilhantes completavam a personalidade bonita que eu esperava dele.

Ele sorriu, com dentes e tudo, embora ainda não mostrasse nenhum canino, felizmente. Isso seria desanimador para dizer o mínimo. Nenhuma mulher respeitável queria chegar muito perto de um vampiro faminto. Eu ouvi que a escravidão de ser um hospedeiro de sangue era completamente inebriante, mas ser pego em tal estado com um vampiro *não* era sábio. Eles eram criaturas predadoras, não importava o quão bonita fosse a fachada. Além disso, eu não gostava de perder o controle de minhas faculdades mentais. Ou de perder qualquer coisa.

— Eu só queria te desejar um bom dia — ele disse sinceramente. O que foi um pouco irritante por algum motivo.

Ele não precisava me parar na rua. Nós não éramos amigos. Um “dia” passageiro com um aceno educado teria bastado.

Eu dei a ele um aceno profundo, rangendo os dentes.

— Para você também. — Comecei a contorná-lo, mas ele se moveu novamente para me bloquear.

Irritada, eu finalmente olhei para cima e sustentei seu olhar, me perguntando por que ele estava brincando comigo. A

intensidade de seus olhos cor de uísque brilhavam. Arqueei uma sobrancelha para ele, me perguntando por que estava me mantendo como refém.

Ele pareceu sair de seu torpor, limpando a garganta.

— Sua bicicleta deve ser entregue em sua casa esta tarde.

Cruzando minhas mãos na minha frente, abaixei meu queixo, olhando para a ponta da minha sandália, um pouco arranhada e gasta.

— Obrigada. Parece bom. — Eu me movi para contorná-lo, mas ele se mexeu para me impedir de sair. Novamente!

— Espere. — Ele soltou um suspiro pesado, uma carranca vincando sua testa. — Eu sinto que deveria pagar um jantar ou algo assim. — Ele sacudiu a mão, aparentemente frustrado com as palavras que saíam de sua boca. — Para compensar todo o incidente.

— Isso não é necessário.

— Sinto que estou em dívida com você.

— Mas você realmente não está — eu explico com um aceno de cabeça. A ideia de passar uma refeição inteira sozinha com ele disparou meu pulso como um foguete.

— Almoço?

— Não, obrigada. Estou ocupada.

— Todos os dias esta semana?

— Sim.

— Você nunca almoça?

— Eu almoço — injetei com um toque de aborrecimento.
— Mas prefiro pegar algo do Caldeirão. É rápido e fácil.

— Ah. — Ele mordeu o lábio inferior, atraindo meus olhos para o movimento e o sorriso que segurou. — Entendo.

— O que? — Perguntei, me questionando por que me sentia tão desorientada e confusa na presença deste vampiro.

— Você simplesmente não quer almoçar comigo.

Bingo. Mas eu nunca diria isso a ele.

Eu balancei minha cabeça vigorosamente, lambendo meus lábios nervosamente.

— Não é isso. Quero dizer, estou ocupada. Você está ocupado. Tenho certeza de que um Stygorn como você tem muito trabalho a fazer.

Seu sorriso se alargou.

— Você tem perguntado sobre mim?

— Minha irmã Jules me contou porque você estava aqui.

— É isso que te deixa tão nervosa perto de mim?

— Olha, eu tenho que ir. — Manobra evasiva. Olhei por cima do ombro dele, pronta para seguir meu caminho.

— É minha carreira de ator que te incomoda?

Não que eu tivesse visto seus filmes, mas a ideia de ele ser uma celebridade realmente me fez estremecer. Ter sua vida sob um microscópio onde todos te observavam e queriam algo de você. O pensamento de ficar com alguém onde todos os olhos poderiam estar em nós também me fez querer correr e me esconder.

Apertei meus olhos fechados, desejando que meu batimento cardíaco diminuísse.

— Sim, isso me incomoda — respondi o mais educadamente possível. — Mas, mesmo assim, não faria diferença. A resposta ainda é não.

Ele soltou uma gargalhada, seus olhos brilhando com o calor subindo no ar da manhã. Ele me deu outro daqueles sorrisos encantadores. Embora pudessem derreter outras garotas em poças de gosma, isso não me afetou. Muito.

Então ele ordenou: “almoce comigo”.

Eu senti. Um empurrão de magia, pulsando ao longo da minha pele e quebrando contra a minha barreira interna. O chiado arrepiou os pelos dos meus braços, mas não teve o efeito que ele esperava.

Minha boca se abriu, e eu balancei minha cabeça em uma zombaria.

— Boa tentativa, mas glamour não funciona comigo.

Nunca funcionou. Apenas vampiros muito poderosos poderiam usar seu glamour para tentar influenciar outros sobrenaturais. Mas nunca funcionou comigo.

Sua expressão suavizou com diversão, ao invés de aborrecimento.

Enfiei a mão dentro da minha bolsa e tirei minha garrafa de água, algumas das minhas notas soltas grudadas nas laterais porque a condensação se formou no plástico devido ao calor. Eu deveria ter usado um koozie para mantê-la fria para a

caminhada. De repente, eu precisava de uma bebida para acalmar meu temperamento crescente com esse idiota me segurando.

Empurrei minhas anotações de volta para dentro, então destampeei minha garrafa de água, tomando um gole. Ele observou, seu olhar caindo para a calçada antes de se aproximar, de volta ao meu espaço. Eu levantei a alça da minha bolsa em uma posição melhor no meu ombro.

— Honestamente, estou um pouco desapontada por você tentar me atrair com glamour — eu admiti com uma respiração ofegante, observando uma mulher passar com seu Labradoodle Dourado levando-a. Tão fofo! Eu estava pronta para encerrar essa conversa e seguir meu caminho, mas não pude deixar de perguntar: — Isso não está abaixo de sua estatura como celebridade e vampiro de elite?

Sua boca se abriu de surpresa, mas o riso ainda brilhava em seus olhos.

— Eu estava tentando atraí-la para almoçar, não para meu covil escuro por motivos nefastos.

— É o que você diz — murmurei antes de correr rapidamente ao redor dele, minha saia balançando. — Tenha um bom dia, Sr. Kumar.

Andando mais rápido, não pude deixar de sentir seus olhos perfurando minhas costas. Então acelerei o passo, ansioso para chegar a Anjos de Pata.

Quero dizer, qual era o problema dele? Se realmente quisesse compensar por ter me atropelado com o carro, poderia me comprar um pouco de terra nova para vasos, talvez alguns vasos novos. Mas, para ser honesta, desde que ele consertasse minha bicicleta, estaríamos totalmente quites. Ele poderia simplesmente deixar pra lá. Fingir que nunca aconteceu e que poderíamos seguir em frente com nossas vidas separadas. Ênfase em separado.

Abri a porta de vidro do Anjos de Pata e desci o corredor, acenando ao passar pela janela da recepção.

— Ei, Trudy. Sou eu.

— Bom dia, Isadora. Eles ficarão felizes em vê-la.

Corri rapidamente pelo portão quando Trudie me deixou entrar. O som suave de passos e ganidos de boas-vindas me saudaram.

— Ei, pessoal — eu disse docemente.

Uma dúzia de rabos abanando sibilavam e balançavam dentro dos canis. Comecei pelo final, abrindo minha bolsa de lona e tirando as guloseimas. Depois de me agachar, deslizei minha mão entre as barras do primeiro canil, onde uma nova mistura de labrador amarelo me encarou. A etiqueta manuscrita em sua porta dizia *Frannie*.

— Aqui está, mocinha — eu arrulhei. Seu rabo abanou quando ela alcançou timidamente a palma da minha mão aberta. Enquanto ela lambia a guloseima, eu empurrei um pulso de magia nela. A energia aqueceu uma trilha pelo meu

braço e formigou ao longo das pontas dos meus dedos. Ela saltou para trás, chocada com o *zap*, então suas orelhas se animaram, seu rabo abanando com mais força.

— Boa menina.

Eu sorri e segui em frente, certificando-me de dar duas guloseimas a Oscar, porque ele era obviamente mais velho do que a maioria aqui, com pelos cinzas em volta do focinho de terrier. Quase ninguém adotava um cachorro mais velho. Se eu pudesse dar a eles um pouco mais de vida, um pequeno impulso para ajudá-los com qualquer doença que pudessem ter, continuaria voltando na esperança de que todos encontrassem bons lares.

Desejei tantas vezes que os Anjos de Pata tivessem uma rede maior ou algo assim para encontrar casas para esses caras. Eles cuidavam bem deles, deixando-os no quintal nos fundos diariamente. Mas eles precisavam de amor e carinho, não apenas comida e guloseimas. Meu coração ansiava por fazer mais, mas além de adotar todos eles, eu não sabia o que mais poderia fazer.

Finalmente, cheguei à última gaiola onde meu homenzinho favorito estava sentado esperando com seus olhos doces olhando para mim.

— Olá, Archie. Você está com saudades de mim?

Ele abanou o rabo curto com mais força. Ele estava tão desalinhado e esfarrapado mesmo depois que Trudie lhe deu banho. Ele era apenas um daqueles vira-latas que eram tão feios

que se tornavam fofos. Pensei em trazê-lo para casa centenas de vezes, mas não conseguia imaginá-lo se dando bem com Gato Zumbi e Fred. Z era tão velho que mal conseguia escapar de uma boa bicada de Fred quando o maldito galo estava em um de seus temperamentos territoriais e teimosos.

Archie foi pego e levado para Anjos de Pata como um vadio “indo atrás” dos gatos de uma senhora em Camp Street. Eu não poderia pedir a Evie para desistir de seu amado Z ou trazer outro animal de estimação que pudesse machucá-lo.

— Como você está, meu homenzinho?

Segurei minha palma entre as barras. Ele lambeu a guloseima, então continuou lambendo minha palma, quase como se estivesse absorvendo a magia que derramei nele.

— Você gosta disso?

Ele soltou um latido de choramingo e girou em um círculo, sua pequena dança para me fazer dar mais a ele. Ele piscou docemente sob o tufo de cabelo que cobria seus olhos.

— Ok — eu disse com uma risada. — Você não precisa me convencer.

Peguei outra guloseima e dei para ele.

— Se ao menos os homens fossem tão fáceis de entender quanto você, Archie. — Cocei sua cabeça ruiva desalinhada. — Mas eles não são. É tão irritante.

Ele latiu, pulando para colocar as patas na gaiola. Eu o cocei embaixo do queixo.

— Eu concordo com você. Por que se preocupar com os homens?

Ele inclinou a cabeça para a direita, uma orelha caída para cima e a outra para baixo.

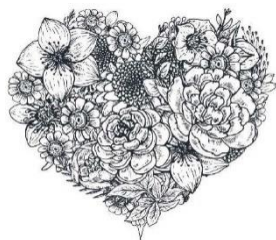
— Se eu pudesse encontrar um homem tão fofo quanto você, então eu seria a garota mais feliz do mundo.

Ele latiu novamente e girou em outro círculo. Eu ri, alcançando minha bolsa para encontrar mais uma guloseima.

Infelizmente, os homens não eram tão fáceis de ler ou tão fáceis de agradar quanto Archie. E por que eu estava pensando em homens de qualquer maneira? Decidi que estava perfeitamente feliz sem eles. Nada que pudessem fazer por mim eu mesma não poderia fazer.

Isso me lembrou que eu precisava encontrar meu pacote.

Capítulo 5



devraj

Levanto meu pé e pego o pedaço de papel que Isadora havia deixado cair de sua bolsa. Não era cavalheiresco semi-roubar uma anotação que não era minha? Sim. Mas vislumbrei meu nome em um rabisco feminino que, de repente, anulava todas as regras de um cavalheiro.

Assim que li o que estava no papel, soltei um suspiro incrédulo, enfiei-o no bolso e entrei na livraria vazia. Passei por estantes vintage até a área do lounge com móveis macios em azul, prata e preto. Mesas de madeira escura com abajures Tiffany e velas longas davam um ambiente sofisticado, mas aconchegante, que combinava com o estilo de Ruben.

O próprio homem estava sentado no braço do sofá de veludo azul no canto mais distante, vestido impecavelmente com uma xícara de café fumegante ao lado dele enquanto rolava pelo telefone.

— Bom dia. Seu ceifador ainda não chegou?

— Ainda não. — Ele passou o polegar pela tela e colocou-o de lado, exibindo um sorriso tenso. — Você parece estar de bom humor hoje. Se importa em compartilhar?

— Nem um pouco. — Sentei-me no sofá de veludo e estiquei um braço nas costas, cruzando o tornozelo sobre o joelho e acenei para o telefone dele. — Algo está acontecendo?

— Na verdade não — ele resmungou, mexendo em uma abotoadura. — Eu pensei que Jules gostaria de ser incluída nesta reunião, já que ela é a Executora de Nova Orleans. Mas ela tem trabalho.

— Você pode simplesmente repassar para ela — eu ofereci com naturalidade. — Por que está tão nervoso sobre isso?

Ele me lançou um olhar gelado, mas não havia calor verdadeiro nele. Eu não poderia deixar passar a oportunidade de provocá-lo sobre seu tumultuado relacionamento com Jules. Isso é o que os amigos fazem.

— De qualquer forma — ele limpou a garganta. — Você quer um pouco de café ou chá? Barbara está de volta ao escritório e pode pegar algo para você.

— Estou bem.

A porta da livraria abriu e fechou.

— Lá está ele.

Preparei-me para o empurrão sombrio de sua magia, levantando minha guarda. Vampiros velhos podiam neutralizar os efeitos da magia sombria com a sua própria.

Ceifadores não eram bruxas, embora alguns os chamassem de feiticeiros, mas sua magia era semelhante a Auras como a irmã de Isadora, Clara. Mas enquanto as Auras injetavam apenas emoções positivas nos outros, os ceifadores faziam o oposto. Nem sempre eram emoções negativas, exatamente, mas as mais sombrias. Primitivos impulsos carnaais que viviam em todos. Ceifadores poderiam trazer essas emoções à tona e coagir uma pessoa a agir de acordo com elas.

O misterioso ceifador de Ruben entrou, carregando uma bolsa carteira preta. Seu jeans parecia ter cem anos. Provavelmente tinha. Ele usava uma camiseta preta de manga curta do Nirvana com o rosto sorridente do homem morto, revelando uma manga cheia de tatuagens em um braço e meio no outro, as mãos também tatuadas. Havia até uma tatuagem não identificável saindo de baixo da gola de sua camiseta, como pontas envolvendo um lado de sua garganta.

Sua pele pálida e cabelos e olhos pretos como carvão o davam um ar de outro mundo, mesmo sem sua magia sombria me empurrando e puxando. A intrusão de sua magia forçou uma imagem em minha mente. Um lampejo de cabelo loiro, coxas finas, a bainha de sua saia. Essa saia subindo mais.

Porra. Eu perfurei uma parede de magia espessa como uma fortaleza para bloqueá-la. Eu com certeza não precisava dos poderes desse cara me guiando pela via carnal de uma Isadora nua. Já tive problemas suficientes para resistir a esses pensamentos sem a influência dele.

Ele acenou com a cabeça para Ruben enquanto se sentava ao meu lado, instantaneamente colocando sua bolsa no chão para pegar um laptop.

Eu ofereci minha mão para apertar.

— Devraj Kumar.

Ele apertou minha mão educadamente com um movimento de seus olhos negros, então abriu seu laptop sem dizer uma palavra. O laptop não tinha marca. Provavelmente uma criação de sua autoria. Ceifadores eram conhecidos por serem tecnológicos, já que os computadores eram as melhores ferramentas para encontrar e armazenar informações.

— Sem nome? — Eu perguntei, sabendo muito bem que ele não daria para mim.

Ele olhou para mim de soslaio enquanto inicializava o laptop.

— Veremos. — ele respondeu enigmaticamente, sua voz rouca e profunda.

Ruben riu.

Ele estava gostando disso. Como um Stygorn, eu tinha acesso a dados extensos e nunca tive que suar para obter as informações mais secretas de que precisava por qualquer motivo. E aqui estava esse punk sombrio recusando-se a me dar um nome. Eu balancei minha cabeça em uma risada.

Assim que sua tela foi aberta com uma lista de arquivos de vídeo rotulados com datas, ele virou a tela para nós, mas falou com Ruben.

— Você me perguntou como eu sabia que os sequestradores eram vampiros.

— Sequestradores no plural? — Eu perguntei.

— Definitivamente — disse ele com certa confiança. — Meu primo desenvolveu um software que rastreia vampiros.

Ruben se inclinou para frente, carrancudo.

— Diga isso de novo.

Seu bom humor havia desaparecido ao pensar em vampiros sendo rastreados. Minha irritação também aumentou.

O ceifador não foi afetado nem um pouco pelo olhar mortal de Ruben.

— Apenas escute — ele ordenou.

E eu realmente quis dizer ordenou. Eu queria rir da coragem desse cara. Mas Ruben deve ter confiar nele porque relaxou, entrelaçando os dedos no colo.

O ceifador deu um tapinha na tela de seu laptop no arquivo chamado *Demo362*.

— Veja isto. É a vigilância que rastreia as assinaturas de calor.

Uma visão aérea infravermelha de uma rua mostrou as assinaturas de calor de pessoas andando, algumas entrando e saindo de edifícios.

— O que é isto? — Eu perguntei.

— Esta é uma demonstração que meu primo executou no ano passado, quando estava desenvolvendo o software. Esta é a Bourbon Street em uma noite de sábado. Como vê, algumas dessas assinaturas estão ficando mais quentes do que outras. —

Ele apontou para alguns que tinham contornos mais vermelho-alaranjados do que outros. — Aqueles são vampiros. Possivelmente bruxas. E esse cara, você pode dizer que ele é um lobisomem. — Ele apontou para uma pessoa andando por uma rua lateral, sua assinatura profundamente vermelha. — Mas dê uma olhada neste grupo aqui.

Ele apontou para um grupo de cinco pessoas em um beco perto de Bourbon, andando por meio quarteirão antes que as assinaturas ficassem borradas, brilhando em amarelo enquanto desapareciam da tela. A tela diminuiu, revelando mais da cidade escura e do grupo que havia sumido. Eles percorreram seis quarteirões e pararam na Magazine Street antes de voltarem a andar.

— Droga — sussurrou Ruben. — Quero comprar este software.

O ceifador sorriu, um brilho diabólico em seus olhos.

— Não tenho certeza se meu primo tem planos de vendê-lo ainda.

— Então por que criá-lo? — Eu perguntei.

Ele tocou para minimizar o vídeo.

— Temos nossos próprios motivos para rastrear. — Ele se virou para Ruben. — Mas no caso dessas garotas desaparecidas, ele definitivamente está disposto a ajudar.

— Como ele consegue essas vistas da cidade? — Observei a tela, percebendo a ampla visão que ele tinha de Nova Orleans e dos subúrbios ao redor.

— Satélites do governo, drones — ele respondeu com indiferença.

Como se qualquer um tivesse acesso a tal coisa. Olhei para Ruben com um olhar de: quem-é-esse-cara-de-verdade? Ruben balançou a cabeça enquanto o ceifador continuava.

— Então eu conversei com meu primo. Dei a ele as datas e locais dos desaparecimentos das meninas.

— Ele os pegou? — Eu perguntei, meu pulso disparando mais rápido.

— Apenas um. — Ele lambeu os lábios, digitando no laptop. — O problema é que esse software está em desenvolvimento e tem suas limitações. Se soubermos onde vigiar, podemos rastreá-los inteiramente usando nossos próprios drones. Mas não temos câmeras em todos os lugares o tempo todo.

— Então, se eles estiverem fora do alcance, você não pode seguir? — perguntou Ruben.

— Exatamente — ele respondeu. — No entanto, nosso alcance cobre a cidade.

Inclinei-me para a frente, querendo uma visão melhor da tela do laptop.

— Posso seguir o rastro de um vampiro em qualquer lugar, desde que esteja a poucos minutos de onde ele começou.

O ceifador fez uma pausa e fez uma expressão questionadora para mim, mas foi Ruben quem respondeu:

— Ele é um Stygorn.

As sobrancelhas do ceifador se ergueram e sua boca se curvou, aparentemente impressionada.

— Legal.

Ele então clicou em um novo arquivo de vídeo rotulado com o nome de Prova de Barril e a data do último desaparecimento. Emma Thomas.

— Pedi ao meu primo para se concentrar nos bares da Magazine Street na semana passada, já que é onde as meninas desapareceram. Como os três bares para onde as garotas foram levadas ficavam a poucos quarteirões um do outro no Garden District, tive um palpite de que nossos sequestradores estavam presos em locais de caça familiares.

Uma visão ampla da cidade apareceu na tela com pontos de movimento infravermelho e, em seguida, ampliou lentamente para um edifício em particular. Algumas pessoas caminhavam casualmente no estacionamento em direção à rua.

— Essa é a entrada — ele apontou. — Apenas observe.

O carimbo de data/hora na parte inferior do vídeo mostrou que era pouco depois da meia-noite quando três figuras deixaram o prédio. No meio do estacionamento, dois deles seguiram em frente, parecendo tropeçar em direção à rua. O outro permaneceu imóvel.

— São os amigos de Emma Thomas indo para o Uber — disse ele.

Notei mais três silhuetas infravermelhas cercando aquela que ainda estava parada no estacionamento.

— Por que eles são contornados em vermelho, mas cinza por dentro? O que há com o infravermelho?

O ceifador sorriu.

— Eles estão usando glamour para se proteger. De alguma forma, isso mexe com a temperatura do corpo e cria uma imagem fantasmagórica.

— Espere. — Ruben franziu a testa para a tela. — Você está me dizendo que seu primo inventou uma maneira de pegar vampiros se escondendo com glamour?

— Ele é um cara inteligente.

— De fato — eu concordei, ainda absorto com a tela.

As duas garotas no meio-fio pararam por um minuto, entraram no Uber e desapareceram. Foi quando uma das silhuetas ocas agarrou a garota, Emma Thomas, e todos eles sumiram juntos.

— Puta merda. — Arrepios subiram em meus braços, observando o sequestro acontecer.

— Você os rastreou daqui?

— Tanto quanto pudemos — respondeu o ceifador. — Veja. Eles primeiro a levam para esta área perto do rio.

Todos nós observamos as silhuetas infravermelhas perto do rio, não muito longe da Magazine Street. Eles colocaram a garota no chão e ficaram parados, parecendo estar esperando por algo.

— Ela parece morta — disse Ruben, uma ameaça fria envolvendo suas palavras.

Olhei para sua imagem estática.

— Eles poderiam tê-la subjugado com glamour — eu o lembrei. — Ou com toxina se um deles a morder. Ou alguma outra droga humana usadas nesses casos

— Eles não a mataram — assegurou o ceifador. — Eles ficaram aqui cerca de dez minutos. Infelizmente, eu não estava assistindo ao vivo. Meu primo tinha câmeras em dezesseis clubes e bares naquela noite. No dia seguinte ao desaparecimento de Emma Thomas, revisamos a filmagem e vimos isso. Olhe aqui. Agora eles a levam embora de novo, mas perdemos o rastro deles depois que saem do Garden District.

— Maldição — murmurei, observando enquanto as silhuetas borradas de vampiros se afastando desapareciam além da tela da câmera.

— Como eu disse... — o ceifador encolheu os ombros — este é um novo software de vigilância e ainda não resolvemos os problemas. Mas, basicamente, se soubermos onde um crime será cometido, de onde a próxima garota será sequestrada, podemos rastreá-los em quase qualquer lugar. — Ele fechou o laptop e o enfiou na bolsa carteiro. — Não preciso dizer que, se alguém nos perguntar sobre esse software, negaremos sua existência.

— Então por que nos mostrar? — Eu perguntei.

Ele se levantou e pendurou a alça da bolsa carteiro no ombro, depois procurou no bolso um maço de cigarros e um isqueiro.

— Alguns vampiros estão fazendo alguma merda obscura.
— Acendeu o cigarro com um isqueiro Zippo, com uma caveira gravada com uma coroa, e enfiou-o no bolso de trás. — Se pudermos ajudar a pegar esses filhos da puta, nós o faremos. — Ele deu uma tragada no cigarro, os olhos escuros semicerrados por trás da fumaça rodopiante. Ele acenou com os dedos que seguravam o cigarro. — Avise-me quando tiver uma localização, Ruben.

Contornou os móveis a passos largos e desapareceu porta afora.

— Sujeito interessante — comentei. — E útil.

— Extremamente. — Ruben esvaziou o resto de seu café e o colocou de lado, com a testa franzida em pensamento. — Então, precisamos de uma maneira de atrair os sequestradores para um ponto. Talvez dar a eles um excelente campo de caça.

— De fato. Minha preocupação é o que estão fazendo com as meninas. É apenas para uma orgia de sangue?

Orgia de sangue não era um termo agradável, mas era o termo comum usado para um grupo de vampiros que se alimentavam de um ou mais hospedeiros humanos ao mesmo tempo.

— Se sim, então o que eles estão fazendo com as meninas depois? — A voz de Ruben tornou-se mais profunda. Essa bagunça estava acontecendo em seu território, e havia vampiros sob seu governo quebrando as leis sobrenaturais.

Era doloroso pensar no que essas jovens estavam passando. Mas eu poderia oferecer algum consolo.

— Eles ainda não encontraram nenhum corpo. Então vamos supor que não estão sendo mortas.

— Isso é tudo que podemos assumir neste momento — rosnou Ruben antes de se levantar. — O que foi?

Ele notou minha expressão pensativa.

— Você não disse que Jules tinha o poder de anular os poderes de um sobrenatural temporariamente?

— Ela tem.

Balancei a cabeça e me levantei do sofá.

— Acho que tenho uma ideia. Mas deixe-me pensar um pouco e enviar-lhe os detalhes.

— Estou aberto a todas as sugestões neste momento. Qualquer coisa para pegar esses idiotas.

— Te mando uma mensagem mais tarde. — Saí e fui para o meu carro esportivo alugado no meio-fio, meu cérebro girando com meu plano ainda em formação.

Olhei para a rua e não pude deixar de olhar na direção que Isadora tinha ido. Eu me perguntei para onde ela estava indo esta manhã. Toda animada e sorridente. Isto é, até que me viu e eu chamei seu nome.

Por que ela ficou tão ofendida com a minha presença? Eu era um cara simpático, caramba.

Havia o fato de eu ter atropelado ela com meu carro. Verdade.

Achei ela fascinante. Era porque ela parecia querer fugir da minha presença no segundo em que ficamos sozinhos? Eu não tinha certeza. Algo nela me fez querer conhecê-la melhor. Sim, eu estava acostumado com as pessoas gostando de mim. Especialmente mulheres. Mas Isadora Savoie não, com certeza.

E agora, essa maldita lista dela.

Tirei-o do bolso de trás e liguei o motor, querendo dar uma olhada na lista de prós e contras de “Devraj Egomaníaco Kumar”.

Eu não era um egomaníaco. Só porque eu era melhor em quase tudo do que uma pessoa comum ou sobrenatural não significava que eu era um egomaníaco. Bufando um suspiro, li para mim mesmo.

Prós:

- *Bom físico, mas típico da maioria dos vampiros;*
- *Um tanto atencioso... depois que ele atropela as pessoas com seu carro caro;*
- *Charmoso... mas meio exagerado (nota para o vampiro: pare de tentar tanto);*
- *Cabelo bonito.*

Eu sorri. Ela achou meu cabelo bonito? Então fiz uma careta. Essa era a única coisa que ela não tinha um adendo negativo acrescentado aos seus pseudo-elogios. Acelerei alguns quarteirões pela Magazine Street, mas parei no sinal vermelho próximo ao Misteriosa Maybelle. Reli o resto da lista então.

Contras:

- *Extremamente superior e cheio de si;*
- *Precisa ser o centro das atenções;*
- *Rico demais, roupas chiques demais; obviamente supercompensando algo;*
- *Carros ridiculamente caros e fotos de mídia social apontam para síndrome do pênis pequeno.*

Em seguida, havia um rabisco do torso de um homem e um micropênis entre as pernas. Não pude deixar de rir. A ilustração dela deve ter sido de mim sofrendo de Síndrome do Pênis Pequeno.

Virei à direita em direção à minha casa alugada e depois diminuí a velocidade ao passar pela residência Savoie, sorrindo e balançando a cabeça.

Isadora era intrigante. E engraçada, mesmo quando não pretendia ser. A visão dela esta manhã, seu rosto fresco e nu, seu andar leve e livre, suas roupas casuais, mas bonitas daquele jeito boêmio. Foi quando me dei conta do que havia nela.

Ela não usava máscaras de nenhum tipo e uma atitude sensata com orgulho. Não havia nenhum artifício para ela. Vivendo em um mundo onde todos ao meu redor dominam a arte de enganar, não pude deixar de achá-la atraente. Uma estranha criatura que eu não conhecia antes. Alguém cuja visão direta e honesta me fez querer parar e tomar nota. Olhar. E demorar.

Estacionei na garagem e olhei para a lista mais uma vez antes de enfiá-la no bolso. Essa bruxa me odiava por princípio, mas

ela definitivamente tinha muitos conceitos errados sobre mim. E o desafio que ela lançou inadvertidamente com esta maldita lista fez minha mente girar.

— Desafio aceito — sussurrei para mim mesmo antes de marchar até a calçada para encontrar uma caixa marrom perto da porta. Franzindo a testa, eu imediatamente escaneei com meus sentidos para determinar se isso era uma ameaça ou se foi deixado por uma.

Nenhum sinal de um cheiro sobrenatural na caixa. E nenhum cheiro perigoso emanava de dentro. Nenhuma energia mágica em qualquer lugar. Apenas humano.

Peguei o pacote. Estranho. Eu não pedi nada. Foi algo que os responsáveis pela mudança esqueceram e eu deixei passar?

Destranquei as portas, valsei até a cozinha e joguei minhas chaves na bancada de granito. Depois de tirar uma faca do bloco de açougueiro, cortei a fita e abri a caixa, depois tirei outra caixa menor de dentro.

E parei.

E encarei.

— O que no...?

Eu o virei para conferir a promoção do pacote que dizia: *Aperte o cinto para se divertir com o Grande John! 9 modos de vibração para proporcionar sensações amplas. À prova d'água para diversão no banho e no chuveiro. Motor silencioso para um jogo de fantasia selvagem. Orgasmos indutores de prazer explosivos garantidos.*

Rindo, eu o virei de volta para ler o nome do vibrador. Alguma senhora de sorte obviamente perderia nove modos de vibração para levá-la ao êxtase. Levantei a caixa marrom em que estava embalado e li o nome e o endereço.

Meu sorriso caiu.

Isadora Savoie.

Todo pensamento inteligente parou quando o sangue foi drenado do meu cérebro e disparou direto para o meu pau. O próprio pensamento dela esparramada de costas, com as pernas abertas enquanto usava isso em si mesma, fez meus caninos afiarem.

— Puta merda — eu murmurei.

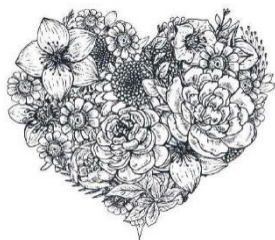
Colocando o vibrador de volta na caixa em que veio, dobrei as abas, encontrei uma fita adesiva em uma gaveta da cozinha e fechei o melhor que pude. Quando terminei, meu peito estava arfando.

Apoiado debaixo do braço, marchei até a porta para entregá-lo à varanda das Savoie. Anonimamente. Ao abrir a porta da frente, parei e olhei para a entrada da casa, imaginando o que Isadora faria se soubesse que abri acidentalmente e descobri seu novo brinquedo travesso. Então me lembrei de sua lista infernal em meu bolso. Um sorriso perverso se abriu em meu rosto.

— Você não deveria — eu disse a mim mesmo.

Mas eu já sabia que o faria. Voltei para dentro de casa, sentindo-me “extremamente superior” em relação ao meu plano enquanto carregava comigo o pacote de Isadora.

Capítulo 6



isadora

— Ah, sim — eu podia ouvir Clara dizendo com entusiasmo para um cliente na loja enquanto eu estava no armário de estoque. — Isso não apenas manterá os inimigos afastados, mas provavelmente transformará muitos deles em seus amigos. — Ela fez uma pausa. — Hum. Um em particular, eu acho.

— Por que eu iria querer que um inimigo fosse um amigo?
— perguntou a mulher, obviamente confusa.

Embora Clara sussurrasse, eu podia ouvi-la claramente.

— Porque um deles será seu próximo amante.

A mulher engasgou, então gaguejou:

— Vou pegar o cristal. E dois pacotes de chá l'amour.

— Com certeza — disse Clara alegremente. — Você não vai se arrepender.

Eu sorri enquanto olhava para minha planilha de inventário na minha prancheta. Obviamente, Clara havia aproveitado sua pequena habilidade psíquica com a cliente. Cada uma das minhas irmãs tinha poder em sua disciplina mágica específica,

mas também tinham um toque de outros dons. Como telecinesia e habilidade psíquica. Todas as minhas irmãs eram telecinéticas poderosas. Mas eu não era. Por alguma razão, eu era fraca com telecinese e mal possuía as habilidades psíquicas que a maioria das bruxas tinha. Mas eu estava orgulhosa de minha força como uma Condutora, embora às vezes me frustrasse por ser deficiente em outras áreas.

Pendurei minha prancheta com a lista de inventário atualizada no prego do lado de dentro do armário e saí.

— Até mais — disse Clara, acenando para seu cliente sorridente.

Fui até o balcão e acariciei Z, que estava enrolado no balcão do caixa em uma cesta com uma almofada rosa de bolinhas.

— Por que você comprou uma cama rosa para Z? — Como Clara era a responsável pela loja, tinha de ser ela quem a havia comprado. Mesmo que Z fosse tecnicamente de Evie, todos nós o amávamos demais.

— Não comprei. Eu fiz.

— Mas rosa? — Perguntei.

— Homens de verdade podem usar rosa — ela enfatizou, sorrindo para Z, que agora estava ronronando daquele jeito estridente dele.

Quando puxei energia da sala, a luz piscou duas vezes. Em seguida, derramei uma gota quente de magia na ponta dos dedos enquanto o coçava sob o queixo antes de gritar mais alto para Clara:

— Espero que você não tenha dito àquela senhora que o chá l'amour traria seu amor verdadeiro ou algo assim.

Clara zombou, saindo de trás da caixa registradora para endireitar a estante.

— Eu disse a ela a verdade, é claro. Que poderia atrair alguém que se sente atraído por ela para dar a iniciativa.

— Mmm. — Meu estômago roncou. — Bem, eu vou dar um pulo lá no Sam e pedir para ele fazer um almoço para nós. Quer o de sempre?

— Sim. Não se esqueça dos pickles extras, por favor.

— Nunca! — Eu gritei de volta, horrorizada.

Ela riu atrás de mim quando abri a porta da loja, o sino tilintando no alto, e então entrei no beco que separava o Maybelle do nosso bar. Caminhei até a entrada da cozinha e entrei com a chave na argola de borracha que mantinha no pulso durante o dia. Eu sempre esperava até depois da hora do almoço porque não queria ser um fardo para Sam ou Elsie, os cozinheiros de linha que preparavam nosso almoço na maioria dos dias úteis.

— Ei, Iz — disse Sam, empilhando um po'boy aberto com camarão frito crocante.

Minha boca regou imediatamente.

— Você tem tempo para fazer um pedido para mim e para Clara?

Sam olhou para mim, dando-me um sorriso malicioso.

— Eu sempre tenho tempo para você.

Eu sorri. Sam gostava de flertar, mas nunca houve nada entre ele e as irmãs Savoie. Passamos a pensar nele mais como um irmão. O mesmo com JJ, nosso garçom, que trabalha para nós há anos. Nossa família do Caldeirão era apenas isso... família.

— Vou querer um desses hoje. — Balancei a cabeça para o pedido que ele estava terminando. — Com muita rúcula, por favor.

— E mais aioli. — Ele sorriu enquanto ainda preparava o sanduíche à sua frente. — E deixe-me adivinhar. Para Clara, po'boy de ostra frita, pouca maionese, pickles extras.

— Sim. — Passei por ele, pegando uma batata frita da cesta de frituras na estação de trabalho.

— Ei! — disse Jules.

Virei-me, enfiando a batata frita na boca e fingindo que ainda não tinha sido pega.

— Estamos trabalhando aqui — ela me informou com seu tom maternal, voltando-se para a frigideira fumegante e apontando a espátula para a porta. — Espere no bar.

Jules era rígida com as regras de sua casa, e eu não a culpava. Ela comandava um navio cheio e gostava de tudo em ordem. Entendia totalmente, já que eu era da mesma maneira. Em outras palavras, éramos as maníacas por controle da família.

Quando empurrei a porta de vaivém que se abriu ao lado do bar, ouvi a conversa leve da multidão no meio da tarde e depois gargalhadas barulhentas à minha direita. Minhas irmãs Violet e Evie estavam reunidas ao lado de outra garçonete, Belinda, em

torno de uma mesa no canto. JJ não estava se importando com o bar, mas encostou-se na parede, uma toalha pendurada na parte de trás do bolso da calça jeans enquanto os quatro estavam presos ao único sentado. Devraj Kumar.

Evie soltou uma risada.

— Então vocês dois foram pegos com as calças na mão. Literalmente.

— Com as amantes do rei — acrescentou Violet, realmente parecendo chocada. O que nunca acontecia.

Um calor flamejante subiu pelo meu pescoço e encheu minhas bochechas. Cerrei os dentes e ouvi atentamente enquanto também dizia a mim mesma para cuidar da minha vida. Mas eu não podia.

Devraj recostou-se na cadeira, fazendo gestos animados com as mãos enquanto fazia um tribunal no local de negócios da família. Cruzei os braços, sentindo-me na defensiva e agitada. Havia literalmente uma centena de lugares para comer ao longo da Magazine Street. Mas ele tinha que vir aqui?

JJ se empurrou da parede, ficando de pé. Eu virei em direção à linha de janelas, ignorando-o enquanto ele os regalava com alguma história sobre como se livrar de problemas com a realeza espanhola. O tráfego de pedestres parecia leve hoje na calçada quando o índice de calor aumentou. Mais gargalhadas estridentes chamaram minha atenção de volta para o grupo no canto.

Devraj me viu no bar e congelou, sua expressão em branco, seu olhar penetrante. Lentamente, ele girou de volta para Evie, que estava sentada em uma cadeira para trás, com o queixo apoiado nas mãos nas costas da cadeira. Ele se lançou em alguma outra história, cativando-os com sua inteligência e charme.

Mas fui até a janela que dava para a rua lateral e tentei ignorar a maneira como ele me irritava. Um lindo casal caminhava e ria de braços dados, seu alegre Collie puxando a coleira. Eu sorri, pensando em Archie na Anjos de Pata.

A risada alta e contagiante de Evie chamou minha atenção. Belinda riu junto com ela.

Devraj deu de ombros, olhando em minha direção enquanto eu caminhava de volta para a porta da cozinha, esperando que Sam se apressasse.

— É o que acontece quando o Grande John se junta à festa.

Então todos eles riram, até ele antes de se concentrar em mim, o calor fervendo em seus olhos escuros, seus lábios entreabertos em um olhar tão sensual que o suor brotou em minhas costas.

Fazia um tempo desde que um homem olhou para mim assim, só isso. Eu parei de namorar alguns anos atrás, mergulhando em atividades mais felizes. Como jardinagem. Os homens simplesmente não se comparam à alegria do jacinto em flor, lamento dizer. Não na minha experiência de qualquer forma.

Devraj acrescentou naquele estrondo provocador:

— Tenho que amar o Grande John. Sempre disponível para ajudar.

A compreensão do alvorecer passou por mim como se mil adagas me acertassem de uma vez. De repente, dei um passo para trás, batendo meu quadril no bar, minha boca ficando seca como algodão.

Grande John? *Grande John. Grande John!*

Não, não, não, não, não!

Todos eles se dispersaram, mas o endemoniado apenas ficou lá sentado sorrindo para mim como o demônio que ele era. Eu não tinha ideia de que diabos era essa história, mas sabia, sem sombra de dúvida, que sua pequena história era para mim. Para me envergonhar. Mesmo que ele fosse o único que sabia que Grande John era realmente uma referência. Calor correu sob minha pele, enchendo minhas bochechas.

Não, Isadora. Você não permitirá que ele te afete.

Levantando meu queixo e fingindo ser muito mais corajosa do que era, eu limpei minha garganta e desviei em direção a ele.

— Ei, Isadora — disse Evie, seu rabo de cavalo balançando quando parou na minha frente. — Você precisa de mim para alguma coisa?

— Eu só preciso falar com... — apontei por cima do ombro — ele.

— Você acabou de perder as histórias mais engraçadas que já ouvi. — Ela riu enquanto caminhava em direção a um cliente solitário em uma das cabines ao longo da parede.

Violet também estava indo embora, mas ela se virou para Devraj.

— Você vem jantar no domingo, certo?

Violet! Eu ia esfolá-la viva, depois enterrá-la no quintal em uma cama de formigas, depois ressuscitá-la com minha magia para que eu pudesse fazer tudo de novo. *Por quê?* Por que minhas irmãs estavam me torturando?

Ele estava de pé agora.

— Nada me daria mais prazer. — Seus olhos ainda estavam em mim quando me aproximei.

— Sr. Kumar — eu disse um pouco trêmula —, posso falar com você lá fora?

— Absolutamente. — Ele baixou a cabeça em um leve aceno, seu longo cabelo deslizando para frente sobre um ombro antes de dizer formalmente: — Depois de você, Srta. Savoie.

Marchei para a saída, não confiando em minhas irmãs que gostavam de escutar. Abrindo a porta com um pouco de força demais, exalei uma respiração calmante antes de me virar para encará-lo. A diversão brilhando em seus olhos e levantando o canto de sua boca me deu vontade de socar alguma coisa. De preferência seu rosto perfeito. Ele teve sorte de eu não ser uma pessoa violenta.

Cruzei os braços, sentindo-me na defensiva e angustiada. Ele me espelhou.

— Eu acredito que você tem algo meu — afirmei, baixo e com alguma indireta.

— O que pode ser? — Toda inocência. Tudo bem, certo.

— Um certo *pacote*.

Ele ergueu a mão e alisou a barba curta do queixo entre o polegar e o indicador.

— Hum. Não tenho certeza. Descreva o que há neste pacote.

Sério? Ele ia jogar dessa forma? Inacreditável!

— Não vou *descrever* isso para você, *perverso*.

Ele riu e então sorriu abertamente.

— Você está bem ciente do que estou falando. — Olhei para trás em direção à porta do Caldeirão, com medo de que uma de minhas irmãs pudesse aparecer de repente e nos ouvir. Então sussurrei: — Grande John.

Aqueles olhos castanhos quentes se arrastaram dos meus olhos até meus lábios.

— Grande John, não é? — Mas seus pensamentos pareciam a quilômetros de distância.

— Você está com ele? — Eu exigi, limpando a respiração da minha voz.

Ele assentiu, seu pomo de Adão balançando quando ele engoliu.

— Jante comigo.

Soltei um suspiro.

— Não. Devolva meu pacote.

— Você parece meio desesperada por isso. — A maldade estava de volta em seus olhos. Dez vezes mais.

— Você não pode mantê-lo refém.

— Não posso?

Com as mãos nos quadris, argumentei:

— Eu paguei por isso. Você realmente vai roubar meu vibrador? Eu diria que você está desesperado, se for esse o caso.

Ele soltou uma gargalhada, seus dentes brancos brilhando. Ainda sem caninos. Isso foi um alívio, pelo menos.

— Por que você não compartilha uma refeição comigo? — ele perguntou, sua voz suavizando. O timbre escuro aveludado era injusto para qualquer homem possuir. Mas então, ele não era apenas um homem, agora era?

— Porque eu não quero.

— Por que não?

Exasperante! Eu não gostava de ferir os sentimentos das pessoas, mas se ele ia me pressionar, a culpa era dele.

— Se você quer saber, eu particularmente não gosto de você.

— Todo mundo gosta de mim.

— Bem, eu não.

Ele arqueou uma sobrancelha, sorrindo ainda mais.

— Você nem me conhece.

— E eu não me importo. Por que é tão importante que eu jante ou almoce ou o que quer que seja com você? É porque continuo recusando sair com você?

— Pode ser.

Foi a minha vez de inclinar a cabeça para trás e rir.

— Você é diferente.

— Foi o que me disseram.

— Eu não quero dizer isso no bom sentido.

— Mas talvez você realmente queira? — Ele se aproximou, o tamanho e a largura dele de repente preenchendo meu espaço pessoal.

— Você não pode falar doce comigo, Devraj. Eu sou imune.

— Você tem certeza?

— *Ughhhh*. Só quero meu pacote de volta. Só isso.

Ele reconheceu a óbvia frustração em minha voz e postura. Ele me mediu por mais alguns segundos antes de sua expressão provocante se transformar em sinceridade.

— Tudo bem, então. Passe lá e pegue hoje à tarde.

Eu fiz uma careta, não exatamente entusiasmada com a ideia de ir para a casa dele. Como entrar no covil do dragão.

— Ou — ele disse lentamente —, eu poderia deixá-lo mais tarde, embora eu tenha certeza que suas irmãs podem se divertir com o fato de que eu acidentalmente abri e encontrei uma grande surpresa dentro.

Chamas lamberam minhas bochechas. Minhas irmãs e eu não escondíamos coisas umas das outras. Ou, pelo menos, não

esse tipo de coisa. Eu tinha certeza que Violet e Jules estavam escondendo uma tonelada de merda do resto de nós. Mas eu não queria ser o alvo da piada para elas no próximo mês. Violet podia ser impiedosa com coisas embaraçosas como nosso vizinho vampiro recebendo meu vibrador por engano.

— Não — eu disse rapidamente. — Vou passar depois do trabalho e buscar.

— Que horas você sai?

— Vou terminar por volta das quatro horas de hoje. Clara geralmente fecha a menos que precise de mim.

— Bom. Às quatro horas. — Ele sorriu. — É um encontro.

— Devraj. — Bufeí uma risada, incapaz de reprimi-la. — Eu bater na sua porta e ficar na sua varanda não é um encontro.

Ele recuou, segurando meu olhar.

— Estou ansioso para vê-la em breve.

— Você é ridículo.

— Eu acho que você quis dizer maravilhoso.

— Oh. Tenho muitos outros nomes para você.

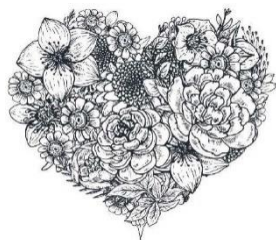
— Estou ansioso para ouvir todos eles esta tarde. — Ele piscou, exibindo seu sorriso encantador. — Quatro horas. — Então se virou e desceu a Magazine.

— O que está acontecendo aí?

Eu pulei e engasguei ao mesmo tempo. Violet segurou a porta do Caldeirão aberta, observando-me assistir Devraj ir embora. Por que eu estava olhando para ele?

— Nada — eu disse, passando por ela e fechando o bar para pegar o meu almoço e o de Clara para que eu pudesse dar o fora dali e me afastar dele o mais rápido possível.

Capítulo 7



isadora

O resto do dia se arrastou. Eu não gostava do meu novo precioso nas mãos daquele maldito vampiro. Quero dizer, eu não acho que ele estava realmente brincando com aquilo ou algo assim, mas suas tentativas de me irritar estavam funcionando. Eu não me envergonhava tão facilmente, mas lembrar de sua completa diversão às minhas custas fez minhas bochechas corarem com calor novamente.

Passei a tarde trabalhando nos livros, mas não demorou muito. Terminei com tempo de sobra. Então comecei a mexer nas folhas de pagamento, embora o dia de pagamento fosse só na segunda-feira. Depois disso, voltei ao armário de estoque e decidi que a organização precisava ser reajustada.

Quero dizer, honestamente, como podemos misturar as cartas de Tarô na mesma prateleira do Oráculo? São duas coisas totalmente diferentes. Bem, não totalmente, mas é melhor não confundi-los. E a nova remessa de geodos foi empilhada em caixas ao lado dos cristais. Se por algum motivo Livvy decidisse

preencher o espaço na prateleira na ausência de Clara, ela provavelmente jogaria qualquer coisa lá sem pensar. Não me interpretem mal. Livvy era brilhante – em marketing, promoção e qualquer coisa técnica de que precisávamos. Mas não deixe ela chegar perto dos produtos que vende tão bem.

Quando terminei, ainda eram apenas três horas. Resolvi tirar o pó das prateleiras, para desgosto de Z. Ele encontrou uma mesa para se esconder enquanto Clara se aconchegou com uma senhora idosa que precisava de um pouco de cura para a dor. Clara a levou até os pacotes de chás, aqueles que eu havia feito especificamente para aliviar dores musculares e artríticas.

Faltando cinco para as quatro, abri o armário sob o registro, preparando-me para sair de lá quando a porta da loja se abriu e entraram três jovens barulhentas.

— Ai. Meu. Deus. Poderia acreditar neste lugar? — Uma loira escultural bateu palmas ruidosamente.

— Adorável demais — disse a linda morena de top. — Como se fosse coisa de bruxas de verdade e tudo mais.

Tive um rápido flashback do ensino médio, onde grupos de amigas como esse achavam tão fácil se mover e falar livremente em situações sociais. Enquanto eu começava a suar, tentando encontrar as palavras certas para dizer. Felizmente, sempre tive minhas irmãs em quem me apoiar quando me calava.

A terceira vestindo o top frente única pegou uma bola de cristal muito cara.

— Brittany, você poderia totalmente prever o meu futuro.

— Não precisa — respondeu a loira. — Você vai transar com Jared de novo neste fim de semana — disse, levantando um geode de cristais roxos. — Aí está a sua fortuna.

— Vadia — murmurou a garota de Top Halter. — Você está apenas com ciúmes.

Elas se reuniram em torno dos cristais, pegando-os e tocando-os. Como *todos* eles.

— Talvez — disse a loira —, mas eu disse que ele era uma má ideia.

— Eu não me importo se ele é uma má ideia — respondeu sua amiga, pegando um baralho de cartas do Oráculo. — Desde que ele seja bom de cama. — Então ela derrubou vários baralhos de cartas em exibição. — Opa.

Elas se dissolveram em risos. Olhei para Clara onde ela ainda estava conversando com a mulher mais velha perto de nossa seleção de chás, então suspirei pesadamente.

Eu tinha recuado atrás do caixa quase até o pequeno corredor onde ficava meu escritório. Eu odiava lidar com clientes assim. Certo, eu não me importava muito em lidar com clientes.

Meu coração batia mais rápido enquanto me preparava para lidar com isso, o que eu *não* queria fazer. Isso só me deixou nervosa. É por isso que Clara cuidava da frente da casa.

— Com licença — eu disse, me aproximando da loira. — Posso te ajudar com alguma coisa?

Eu sabia que minha voz educada não havia aparecido e pareci um pouco agressiva. Eu era tão merda nisso. Minhas palmas estavam realmente suando.

— Está tudo bem, Isadora — disse Clara, chegando ao meu lado e colocando a mão nas minhas costas, lavando-me com uma onda de seu feitiço de alegria. Ela alimentou-me como eu alimentei a cura em Archie e os outros animais.

Encontrei seu olhar e dei minha expressão aliviada de obrigada-eu-te-amo. Ela sorriu mais largamente.

— Eu posso ajudar essas senhoritas. Além disso, acho que alguém está aqui por você. — Ela acenou com a cabeça em direção à porta da loja.

Parado do lado de dentro com as mãos nos bolsos estava Devraj, observando toda a cena. Há quanto tempo ele estava lá?

— Obrigada, Clara — eu sussurrei, então me dirigi ao caixa para tirar minha bolsa do armário abaixo.

E não, eu não perdi aquelas mulheres cobiçando Devraj, talvez até babando, enquanto eu me aproximava dele e da porta.

— Estava passando por aqui bem às quatro horas. Pensei em acompanhá-la.

— Tudo bem — eu disse, passando por ele. Estou feliz por sair de lá.

Ele me seguiu e acertou o passo ao meu lado.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Tudo bem. Por que eu não estaria?

Ele arqueou uma expressão confusa para mim.

— Você parecia um pouco nervosa lá atrás.

— Parecia?

Como explico minha ansiedade social para alguém que prosperou com fama e atenção, que divertia estranhos em bares com suas histórias malucas?

— Hmm — foi tudo o que ele respondeu.

Eu não sabia o que isso significava, e não estava prestes a derramar todas as minhas pequenas inseguranças ou peculiaridades, então permanecemos em silêncio na curta caminhada até a varanda da frente. Mas não pude deixar de sentir um calor se espalhar em meu peito com sua óbvia preocupação. Não parecia falso, parecia completamente sincero. Poderia haver mais para esse cara do que eu pensava?

— Você gostaria de entrar? — ele perguntou enquanto destrancava a porta.

Ele estava usando o sorriso sexy agora.

Perigo, Isadora. Perigo.

— Não. Estou bem. Vou esperar bem aqui.

Seu sorriso não diminuiu. Na verdade, ele se iluminou com a minha resistência. Ele apontou para o banco almofadado em sua varanda.

Então me acomodei no banco e esperei. E esperei. Muito tempo para ele simplesmente pegar um pacote e trazê-lo para mim. Bem quando eu estava prestes a me levantar e bater para descobrir o que estava demorando tanto, ele saiu segurando duas xícaras do que cheirava a chá com especiarias.

Ele me entregou uma.

— Pensei que você gostaria de um pouco de chá.

As delicadas xícaras com detalhes prateados colocadas em pires combinando pareciam muito pequenas em suas mãos de dedos longos. Percebi que ele usava um anel grosso de prata no dedo indicador de uma das mãos e uma pulseira de ouro com contas pretas no pulso oposto.

Eu estava prestes a protestar e dizê-lo que só queria pegar meu pacote e ir para casa, mas isso seria muito rude. Além disso, o chá tinha um cheiro divino. Tudo o que consegui dizer foi:

— Foi um longo dia. — Definitivamente soou como uma reclamação.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente, levantando a sobrancelha e me dando um olhar genuinamente compassivo.

— Acho que este chai pode ser tiro e queda depois de um longo dia.

Droga! Eu não poderia não gostar desse cara quando ele é gentil. E me faz chá! Na verdade, todas as minhas razões para não gostar dele em primeiro lugar pareciam desaparecer mais rapidamente quanto mais tempo eu ficava em sua companhia.

Eu era a única bebedora de chá na casa, exceto quando alguém precisava de minhas poções curativas, então tomar uma xícara que eu não fiz era uma ocasião rara.

Eu ainda estava desconfortável em sua presença. Minhas costas estavam duras de sentar tão ereta e meu pescoço estava, de repente, um pouco suado. Eu ainda não sabia por que estava

tentando passar um tempo comigo, mas ele estava sendo gentil. E eu não era uma idiota rude.

Então tentei relaxar um pouco e tomei um gole profundo do chai. Hum. Perfeitamente temperado com canela e gengibre e adoçado com mel.

— É muito bom.

Ele se sentou no lado oposto do banco, não muito perto.

— Fico feliz em ouvir você dizer isso.

De relance, eu o peguei me observando beber o chá, seu olhar fixo. Eu fiz uma careta em meu copo.

— Você não tentou me drogar nem nada, tentou?

Ele soltou uma risada.

— Não, eu nunca faria algo assim.

— Então por que você está olhando para mim?

— Se eu dissesse que é porque te acho extraordinariamente bonita, você acreditaria em mim? — Seu sorriso era provocador, mas seus olhos estavam sérios.

Eu bufei uma risada, tentando não revirar os olhos com sua conversa doce. A questão era que eu não era a mais bonita, nem a mais ousada, nem a mais glamorosa das minhas irmãs. Eu gostava dos meus olhos verdes, mas tinha cílios loiros, o que significava que, como optava por não usar maquiagem na maioria das vezes, não deslumbrava muito os homens com eles. Eu também gostava do meu corpo, embora tivesse seios menores até mesmo que os de Clara e não tivesse muitas curvas dignas de menção. Como a mais alta, eu tinha mais pernas do

que qualquer outra coisa. E isso era bom para mim. Eu tinha alguns bons ativos. E algumas falhas, alguns diriam. Mas não me importava. Eu gostava de mim. Me amava mesmo. Do jeito que eu era.

Mas *extraordinariamente bonita*?

Eu poderia me arrumar e ficar realmente bonita se quisesse, mas hoje com meu cabelo que precisava ser lavado preso em um coque apertado, minha saia amarelo-mostarda mais folgada que batia perto dos meus tornozelos e uma camisa branca lisa com decote em V que tinha bainha puída, estava longe da beleza ideal.

Tomei um gole do meu chá e estreitei os olhos nele, o que só fez seu sorriso brilhar.

— Eu acho que você quer algo de mim.

Seu sorriso se alargou.

— Talvez eu esteja dizendo a verdade *e* queira alguma coisa.

— Ele cruzou um tornozelo sobre um joelho e equilibrou o chá na dobra da perna dobrada, olhando fixamente enquanto eu tentava ler por trás daquela linha enigmática. Eu ainda estava pensando quando ele perguntou: — Então me diga, como você se tornou uma eremita?

Tossi com o gole de chai que estava engolindo e coloquei o copo no meu colo.

— Do que diabos você está falando?

— Perguntei por aí sobre a bruxa reclusa, Isadora Savoie — disse ele sem nenhuma vergonha.

— Por que você faria isso?

— Eu estava curioso.

— E o que? Alguém lhe disse que sou uma eremita?

Ele encolheu um ombro, descansando o braço mais próximo de mim ao longo da parte de trás do banco, seus dedos roçando terrivelmente perto do meu ombro.

— Alguns nem sabiam de quem eu estava falando. Eles conheciam todas as irmãs, menos você. Até eu mencionar que era você quem andava de bicicleta.

Eu acharia isso ofensivo se realmente me importasse com o que as outras pessoas pensam de mim.

Inclinando-me para encará-lo mais, eu disse claramente e talvez um pouco defensivamente:

— Eu não sou uma maldita eremita. Apenas uma introvertida.

— Existe uma diferença?

Lambi meus lábios antes de continuar. Seu olhar caiu para minha boca, o que fez meu pulso disparar mais rápido. E eu não gostei nem um pouco dessa sensação.

— Introvertidos simplesmente preferem ficar sozinhos e não serem incomodados por outros... humanos.

— Assim como os eremitas. — Ele arqueou uma sobrancelha acusadora, batendo com o dedo indicador na larga faixa de prata ao longo das costas do banco de ferro forjado.

— Olha. — Soltei um suspiro exasperado, não exatamente emocionada por ser tão franca com um estranho. Era difícil

para mim me abrir, especialmente para alguém como ele. Sr. Calças Chiques com carros chiques e uma vida chique. — Eu só tenho uma tolerância menor para as pessoas.

Sua risada repentina sacudiu algo solto dentro de mim.

— Baixa tolerância para as pessoas?

— Elas me irritam — murmurei.

— Como eu?

Apertei meus lábios com força, determinada a não responder a essa pergunta. Mas a expressão presunçosa em seu rosto a tirou de mim.

— Exatamente. — Esvaziei minha xícara. — Mesmo se você fizer um chá aceitável.

Era melhor do que aceitável, mas Devraj não precisava de muitos elogios. Seu ego já estava superdimensionado. Seu sorriso se espalhou, alegria escrita em cada linha de seu rosto e em seu olhar brilhante e escuro.

— Aceitável, hein? — Ele estendeu a mão que estava descansando na parte de trás do banco e girou, em seguida, puxou uma mecha solta de cabelo que havia caído do meu coque. — Vou ter que aumentar meu jogo de chá da próxima vez.

Sua proximidade e flerte me perturbaram. Levantei-me e alisei a mecha de cabelo que ele tocou, em seguida, estendi minha xícara e pires vazios.

— Obrigada pelo chá. Posso pegar o que vim buscar agora?

Sem hesitar, ele pegou meu copo e se dirigiu para a porta da frente. Bem, isso foi fácil. Ele equilibrou um pires em seu antebraço enquanto abria a porta, o que era impressionante para um cara tão grande.

Deve ser todo aquele ioga ajudando no equilíbrio e na flexibilidade. Minha mente vagou em um nanossegundo. Pele suada, costas largas e musculosas, abdominais firmes e flexionados, tatuagens intrincadas no peito e no ombro que eu queria observar com uma lupa.

Ele voltou com uma caixa marrom na mão. Eu bani meus pensamentos obcecados por ioga e suspirei de alívio, grata por ter acabado com essa situação semi-embaraçosa. Seu sorriso malicioso nunca vacilou enquanto ele o entregava. Tenho certeza de que ele estava tendo pensamentos desviantes sobre mim e meu Grande John ou algo assim, mas me recusei a ser atraída para outra conversa sobre meu brinquedo sexual. Mas então seu olhar se aprofundou para um de sinceridade.

— Sinto muito se te envergonhei no Caldeirão. Eu só estava brincando com você. Piada particular entre nós.

— Eu sei. Estou bem. — Mesmo assim, meu coração choramingou com seu pedido de desculpas.

A caixa obviamente foi aberta e fechada, talvez mais de uma vez? Eu ofereci minha mão para apertar a dele.

— Obrigada pelo chá.

Ele pegou minha mão, envolvendo-a quase completamente, passando o polegar pelas costas.

— Não precisa agradecer. — Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas então olhou para a caixa sem dizer mais nada.

Soltei minha mão da dele e dei um passo para trás.

— Tchau, então.

Ele se encostou na porta aberta, enfiando as duas mãos nos bolsos. Olhei por cima do ombro para pegá-lo com aquele sorriso secreto enquanto me observava ir embora.

Esquisito. Eu tinha certeza que ele teria algumas palavras de despedida espertinhas para mim. Mas ele não fez nada além de olhar minha caixa. Ao passar pela porta da frente, olhei para o pacote em minha mão, depois subi as escadas para o meu quarto e fechei a porta. Algo estava me incomodando. Ele fez algo com meu novo vibrador? Ele não faria.

Abrindo facilmente a caixa, tirei Grande John ainda perfeitamente lacrado em sua embalagem original, mas então meu olho captou algo no fundo da caixa. Um filme em DVD?

Cobrindo o DVD havia um post-it com rabiscos masculinos escritos em uma caligrafia mais do que bonita: *Caso você precise de ajuda para acompanhar seu novo brinquedo. – Atenciosamente, Devraj*

Eu li o título, *Dilwala Deewana*. E quem estrelou este sensual filme de Bollywood? Sim. Você adivinhou.

— *Sério?*

Devraj olhava para fora da capa, sua camisa de linho branca completamente desabotoada para revelar seu peito esculpido e abdômen esculpido. Uma linda mulher com cabelos pretos e

sedosos na altura da cintura ajoelhava-se aos seus pés, olhando-o com adoração com uma mão pressionada contra a pele nua de seu abdômen perfeitamente definido.

Aquele homem!

— Como se eu precisasse da ajuda *dele*. Por favor.

Como se eu tivesse assistido ao filme dele para ficar com calor e incomodada. A arrogância! Eu bati o DVD em cima da minha cômoda e encarei seu sorriso ofensivamente sensual, expressão perversa e belo peito, o amante a seus pés olhando-o com fome.

Eu comecei a sair do quarto, mas então voltei para a minha cômoda, peguei o DVD e joguei na minha cesta de lixo.

— É aí que você pertence — murmurei para minha lata de lixo.

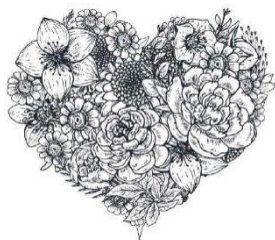
E foi isso que esse homem fez comigo. Transformou-me em uma idiota murmuradora com agressividade reprimida e, possivelmente, excitação sexual reprimida, e me sentindo muito mais agitada do que o normal. E tudo bem, admito, um pouco excitada e incomodada, caramba!

O simples fato de jogar o filme dele no lixo me deixou satisfeita e esse sentimento de me sentir um tanto superior não era necessariamente um bom sinal. Ele não deveria ter nenhum efeito sobre mim.

Eu dei a ele muito controle sobre meu próprio humor. Então marchei para a estufa para me centrar. Isso é o que eu precisava. E talvez uma visita a Tia ajudasse. Ela sempre

conseguia me colocar de castigo quando o mundo me irritava até a morte. Sim. Tia poderia me ajudar a aliviar qualquer ansiedade ou estresse. Mesmo que esse estressor assumisse a forma de um vampiro irritantemente bonito e em forma de ioga.

Capítulo 8



devraj

— Você quer que eu anule um Stygorn? — perguntou Jules, sem se preocupar em esconder seu olhar de choque.

— Temporariamente — esclareceu Ruben enquanto estávamos na parte de trás da cozinha do Caldeirão com sua chef. — Você já fez isso antes.

Ela estreitou o olhar para Ruben.

— Por quê?

Olhei ao redor da cozinha, certificando-me de que o subchef e os cozinheiros estavam muito longe para ouvir. Eles estavam ocupados gritando ordens, e música pop tocava em algum lugar, dando-nos bastante privacidade.

— Duas das quatro garotas que desapareceram foram vistas pela última vez no Prova de Barril. Os sobrenaturais da vizinhança não me conhecem, então se você anular meus poderes, eu posso passar por humano.

— E vigiar o Prova de Barril — acrescentou Ruben.

— Esta noite? — ela perguntou.

— Quanto mais cedo melhor — eu disse a ela.

Jules olhou para mim. Ela era uma mulher pequena e curvilínea. Seu cabelo escuro estava cortado em um corte curto, emoldurando seu rosto em forma de coração. Suas feições eram delicadas, não ameaçadoras. Exceto por seus penetrantes olhos cinza-azul. Não se engane, eu conhecia o poder de um Executor. Se ela quisesse, poderia fazer mais do que anular meus poderes. Ela poderia drenar minha magia e depois me colar na parede com seus poderes telecinéticos. Não que eu achasse que ela tivesse alguma intenção de fazer isso. Mas isso me fez pensar quando a natureza colocou um poder tão grande em um pacote pequeno e aparentemente delicado.

Finalmente, ela piscou fortemente, aparentemente chegando a alguma conclusão.

— Venha comigo.

Eu a segui pela porta de serviço até um pátio nos fundos, Ruben atrás de nós. Assim que a porta foi fechada, ela estendeu a mão e agarrou meus pulsos, com as mãos frias.

— Seis horas devem bastar? — ela perguntou.

Meus músculos se contraíram, meus nervos já rejeitando o que eu estava prestes a fazer.

— Vamos fazer quatro. Não quero ficar sem meus poderes por tanto tempo.

Ela sorriu e apertou meus pulsos.

— Não se preocupe. Eu sou muito boa nisso. Não vou causar nenhum dano permanente.

Ruben tossiu atrás de mim. Nós dois olhamos de soslaio para ele, mas seu sorriso estava fixo em Jules.

— Você discorda, Sr. Dubois?

— De jeito nenhum, Srta. Savoie. — Seu sorriso permaneceu.

Ela soltou um suspiro que agitou sua franja antes de se concentrar em mim novamente.

— Vai levar apenas um segundo.

Ela fechou os olhos. Eu estava prestes a perguntá-la como seria, então um súbito solavanco sacudiu meus ossos, literalmente tremendo até meus sapatos. Em um piscar de olhos, senti a mudança em meu sangue, nas batidas de meu coração, a força em meus membros. Havia uma sensação distinta de ser menos do que antes permeando direto no meu peito.

— Porra — murmurei, olhando para o meu corpo, esperando vê-lo diminuir de alguma forma.

— Parece estranho, foi o que me disseram. — Ela soltou meus braços. Seus olhos brilharam como estrelas ao usar sua magia.

Eu pressionei minhas mãos no meu peito.

— É agonizante.

Ela riu, jogando a cabeça um pouco para trás.

— Ela está rindo da minha dor — eu disse a Ruben.

— Eu já estive aí. Já fiz isso.

Sua risada desapareceu e ela olhou para Ruben antes de me dar um tapinha no bíceps.

— Não se preocupe, Stygorn. Você estará novo em folha em apenas quatro horas. — Ela abriu a pesada porta de serviço e gritou de volta enquanto passava: — Me mande um relatório, Ruben.

— Sim, majestade — ele murmurou antes de me dizer — Vamos.

Descemos o beco ao lado do Caldeirão em direção ao carro estacionado na Magazine Street.

— Eu não estou mentindo — eu disse. — Isso é terrível. Como se algo estivesse faltando.

Ruben zombou.

— Está faltando, Dev. Atualmente você é um mero humano.

— Pobres almas. — Suspirei, olhando para a Misteriosa Maybelle.

Então meu coração deu um salto. De pé na frente do prédio estava Isadora. Ela olhou para mim e depois desviou rapidamente, tentando fingir que não me notou. Bem, isso não iria funcionar para mim.

— Só um minuto — eu disse a Ruben enquanto ele contornava a frente do carro e entrava.

Quando me aproximei, ela virou a cabeça para mim e sorriu educadamente, balançando-se nos calcanhares de suas sandálias de bico aberto.

— Você precisa de uma carona para algum lugar? — Eu perguntei.

— Ah, não. Tia vem me buscar. — Ela acenou com a cabeça um pouco profusamente. — Ela é uma excelente motorista. — Então estremeceu.

Eu não pude deixar de sorrir.

— Diferente de mim.

— Isso não foi o que eu quis dizer. É só que, sim, estou bem. Você está indo para algum lugar com Ruben? — Sua voz era um pouco aguda. Ela estava nervosa novamente.

— Uhum. Quem é Tia?

— A minha melhor amiga.

Eu balancei a cabeça agradavelmente.

— Para onde vai?

— Jantar. Talvez tomar alguns drinques.

Estreitando meu olhar, acusei um pouco arrogantemente:

— Mas você nunca tem tempo para sair para jantar. Lembra?

Seus olhos verdes se arregalaram. Ela engoliu em seco, suas bochechas ficando rosadas.

Ela abriu a boca para dizer algo, mas eu a interrompi com um aceno amigável de minha mão.

— Estou brincando. — Eu sorri. — Mas sério, eu gostaria de...

Uma buzina soou atrás de mim.

— Ah! Lá está ela. Desculpe. Tenho que ir. — Então ela passou por mim, dando-me um último vislumbre daqueles olhos esmeralda e uma profunda lufada de seu perfume de jasmim.

Ela estava no banco do passageiro e se afastando quando voltei para o carro de Ruben. Eu me acomodei no banco do passageiro com um suspiro pesado.

— Eu conheço esse sentimento — disse Ruben, afastando-se em direção ao Prova de Barril.

...

Eu estava sentado em uma mesa dupla na parte de trás do Prova de Barril por mais de três horas, bebendo algumas cervejas bem devagar. O tempo com meus poderes anulados estava se esgotando, e eu esperava ter tido alguma sorte agora. O Prova de Barril era um bar rústico, um cômodo comprido e sem janelas. Perfeito para observar os clientes.

As madeiras escuras polidas no chão e nas paredes, juntamente com os tapetes de couro, davam-lhe uma atmosfera calorosa e acolhedora. Eles eram aparentemente conhecidos por seus uísques, oferecendo mais de trezentas marcas. Era óbvio que alguns dos clientes que entravam e saíam eram regulares. Acenos amigáveis para os garçons e clientes otimistas pareciam se encaixar aqui, e é por isso que esse cara se destacou entre os demais.

Havia uma longa barra que se estendia por quase toda a extensão da sala. Eu observei algumas pessoas solitárias irem e virem, mas nos últimos quarenta e cinco minutos, eu estava de olho em um cara em particular.

Embora meus poderes estivessem temporariamente anulados, eu ainda conseguia identificar um vampiro quando o via. Tínhamos uma certa maneira de nos mover e observar os outros que não era natural. Predatório. É por isso que esse cara me chamou a atenção.

Bonito, com cabelos castanhos e olhos cautelosos que brilhavam prateados quando a luz baixa os pegava no ângulo certo, ele parecia ter vinte e poucos anos. Como vampiro, ele poderia ter cinquenta anos ou mais com sua aparência jovem. Ele estava em seu segundo uísque desde que se sentou e continuou enviando mensagens de texto em seu telefone. Nada parecia fora do comum aos olhos de qualquer outra pessoa. Mas para mim, ele estava emitindo vibrações definitivas que me fizeram mirar nele e somente nele.

Era a maneira como ele observava as mulheres no bar. Focado. Avaliando. Como se estivesse executando cenários em sua cabeça. Ele estava caçando.

Isso não era incomum para um vampiro. No entanto, havia regras ao adquirir um hospedeiro de sangue. Ela ou ele tinha que estar disposto, então a conversa era fundamental. Ele não fez nenhuma tentativa de falar com ninguém, homem ou mulher, desde que entrou no local.

O outro aviso de gatilho foi que o Prova de Barril não era um covil de vampiros, como A Lanterna Verde de Ruben. Havia clubes específicos onde os humanos estavam cientes do mundo sobrenatural e queriam entrar em nosso reino para se envolver com um de nós como um hospedeiro de sangue. Os humanos experimentam uma euforia prazerosa com a toxina injetada por uma mordida de vampiro. Eles também experimentam um certo toque de beleza juvenil da toxina, especialmente se eles se envolverem como hospedeiros de sangue com frequência.

Mas os humanos aqui estavam alheios ao vampiro sentado no bar, procurando por uma vítima. Eles não estavam cientes do nosso mundo, o que tornou meu alvo muito suspeito.

A porta se abriu com uma gargalhada feminina. Quatro mulheres jovens e animadas entraram e encontraram uma mesa para quatro no meio do bar. O olhar do vampiro brilhou prateado enquanto se concentrava intensamente nas recém-chegadas. Após cerca de cinco minutos, ele começou a enviar mensagens de texto furiosamente em seu celular, seu foco raramente deixando as mulheres que compravam uma rodada de caldeireiros.

Eu digitei uma mensagem rápida para Ruben, que estava esperando em um SUV escuro do lado de fora junto com uma equipe de seus homens.

Eu: Temos um caçador. Pode ser um dos nossos caras.

Ruben: Ele está entrando em contato com mais alguém?

Eu: Sim. Ele pode estar reunindo as tropas.

Ruben: Bom. Deixe que ele os chame.

Meu coração bombeou mais forte, a emoção de capturar esses imbecis mandava minha adrenalina acelerar e com força. Eu esvaziei o resto do chope quando o vampiro ficou hiper alerta.

Eu desviei meu olhar para o meu telefone. Droga. Ele definitivamente estava se preparando para agir. Ele tinha a aparência de um vampiro observando de perto seus arredores antes de ir para seu alvo. Antes que cometesse um crime.

Eu coloquei minha caneca na bancada, olhando casualmente para a porta e, em seguida, para o vampiro. Seu olhar estava cravado em mim. Intenso e ardente. Ele mandou uma mensagem de texto rápida, jogou uma nota no balcão, depois desceu do banquinho e seguiu por um corredor em direção aos banheiros. Provavelmente indo para uma saída dos fundos.

— Porra.

Me levantei e marchei atrás dele, mandando uma mensagem de texto:

Eu: Ele está em movimento. Entrada dos fundos. Agora.

Uma vez no corredor, corri pela porta dos fundos, incapaz de rastrear sem meus poderes. O braço direito de Ruben, Gabriel, segurou o vampiro por trás, seu braço preso em sua garganta. Antes que eu pudesse alcançá-los, o cativo pegou seu telefone e o quebrou em cacos de vidro e metal em sua mão.

Eu balancei minha cabeça.

— Gostaria que você não tivesse feito isso.

— Vai se foder!

Ruben apareceu no meio da noite com dois de seus outros homens, Sal e Roland. O vampiro cativo mostrou seus caninos longos e afiados, lutando nas garras de Gabriel.

— Você pode guardar isso — eu rosnei. — Nada vai te ajudar agora.

Ele me examinou de cima para baixo, carrancudo e respirando ferozmente.

— Quem diabos é você?

— Você vai descobrir, oh... — Olhei para o meu relógio — em cerca de dois minutos.

Sua expressão feroz era inabalável. Isso mudaria assim que a magia passasse e eu o tivesse só para mim.

Algo chamou minha atenção em sua garganta. Era uma corrente em volta do pescoço, mas parecia estranhamente

feminina. Estendendo a mão, puxei a corrente de sua camisa, revelando um medalhão em forma de coração pendurado nela.

— Isso é meu! — ele berrou, tentando se afastar de mim.

Sem nem pensar, puxei e soltei de sua garganta enquanto ele tentava se debater. Olhando para o desenho delicado, eu disse em um tom baixo e feroz:

— Isso *definitivamente* não é seu.

— Ela me deu.

O pequeno medalhão pesava muito na palma da minha mão, sua essência psíquica pesada em minha mão.

— Quem deu? — Assim que a pergunta deixou meus lábios, uma sacudida chutou meu pulso mais rápido como um relâmpago.

Minha magia voltou para mim em um fluxo febril. Cerrei os punhos com um gemido de dor e prazer quando a onda de poder voltou, a corrente pendurada em uma delas. Então aconteceu.

O eco da memória ainda agarrado ao colar vibrou em minha mente, girando como uma fotografia fina como papel, ganhando vida. Olhei para o coração e o virei onde o nome dela estava gravado em uma caligrafia sinuosa.

— Emma — sussurrei, apertando meus olhos fechados enquanto o eco da memória dançava em minha mente.

Nunca é claro quando isso vai acontecer. Quando minha habilidade psíquica se funde com a magia Stygorn para rebater imagens em meu cérebro, direcionadas de um único objeto.

Sempre pessoal para o proprietário. Como se o objeto tivesse seu próprio poder do amor embutido nele. O eco da memória era um dom raro que apenas Stygorn possuía, mas também é incontrolável. Como a magia considerasse o que é digno de eu ver, de eu saber.

Pude ver Emma Thomas, a mais recente garota raptada. Ela estava encolhida em um cobertor sujo em um beco atrás de uma lata de lixo. Ela estava imóvel. A memória piscou, piscando imagens em frações de segundo. O vampiro parado na minha frente estava inclinado sobre ela, sussurrando algo para ela enquanto pegava seu colar. Ele a cobriu com o cobertor. Mais imagens piscadas. Um nome de rua. Edifícios industriais. Trabalhadores que não sabiam que a garota estava lá, mal respirando a apenas alguns metros de distância.

Eu abri meus olhos, puxei para trás meu punho, e dei um soco no vampiro ainda segurado por Gabriel. A cabeça do prisioneiro virou para o lado quando ele caiu inconsciente.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, eu rosnei:

— Ele jogou o corpo de Emma Thomas no beco no distrito de armazéns. Ela ainda está viva. Por muito pouco.

— Roland, leve-o de volta para o Lanterna Verde e para o cofre — disparou Ruben. — Gabriel, você e Sal venham conosco.

Roland traçou distância com o vampiro cativo imediatamente.

Então Ruben se virou para mim.

— Lidere o caminho.

— Vamos pegar o SUV. — Havia outras imagens ainda tentando esmurrar minha mente, ondulando do medalhão em forma de coração. O dia em que sua mãe lhe deu o colar em seu aniversário de dezesseis anos. O amor avassalador que a mulher tinha por sua filha. — Precisamos levá-la ao hospital e informar à família que ela está segura o mais rápido possível.

Gabriel pulou no banco do motorista e eu peguei o passageiro da frente do SUV preto, Ruben e Sal no banco de trás. Partimos em direção ao distrito dos armazéns, que estava bastante vazio àquela hora da noite. Gabriel diminuiu a velocidade quando comecei a dar instruções e olhou atentamente pela janela, procurando os mesmos prédios da visão.

— Vire aqui. — Eu segui o farol queimando dentro de mim, batendo em mim com o frágil colar na palma da minha mão. — Ali! Por aquele beco.

Gabriel deu um pulo para a direita. O SUV era grande demais para caber entre as latas de lixo, então ele parou bruscamente. Saltei do veículo e tracei o ponto exato onde a tinha visto na visão, meu pulso martelando com medo de que fosse tarde demais.

Mas ali estava ela, ainda imóvel sob um cobertor sujo que seus captores haviam lhe dado. Como se isso fosse o suficiente para impedi-la de morrer aqui sozinha.

Ajoelhei-me e levantei o cobertor que cobria parcialmente seu rosto, os cabelos castanhos grudados em seu rosto suado. Colocando minha palma em seu pescoço, que estava coberto de hematomas e perfurações de vampiros, senti a batida fraca de seu coração. Sua pele estava muito pálida, suas mãos dobradas em uma bola sob o queixo como se estivesse tentando se aquecer. Era primavera e não estava nada frio, mas seu corpo parecia diferente.

— Ela está viva.

— O Memorial St. Catherine é mais próximo — disparou Ruben. — Vamos levá-la lá. A família dela será notificada imediatamente.

Eu a levantei e a carreguei para o SUV, entrando no banco de trás. Ruben se esgueirou ao meu lado.

— Precisamos deixá-la anonimamente — disse Ruben.

— Claro — concordei. Não podíamos estar conectados com a garota de forma alguma, nem mesmo como seus salvadores. Seria muito suspeito. — Ela era muito frágil para o tipo de abuso que seu corpo sofreu com esses idiotas.

— Sim. Talvez seja por isso que eles a largaram. Isso só me deixa esperançoso de que a intenção deles não é matar essas mulheres.

— Vou descobrir assim que entrar na cabeça daquele filho da puta — eu rosnei.

— Precisamos cuidar dela primeiro — disse Ruben. — Embora eu concorde que é melhor levá-la para o hospital e sob

os cuidados e segurança das autoridades e de sua família, ela precisará da cura de um Condutor.

Olhei para a garota ainda inconsciente, sabendo que a palidez de sua pele indicava que eles a haviam drenado demais. A fúria pelo que foi feito a ela por minha própria espécie queimou em minhas veias.

— Isadora — eu sussurrei.

Gabriel parou na parte de trás do hospital. Sem dizer uma palavra, envolvi meu corpo com glamour e tracei a entrada de emergência onde uma ambulância estava estacionada. Os humanos podem ver um brilho ou um borrão, mas eu teria ido embora antes que pudessem piscar. Eu a coloquei perto da porta fechada dos fundos, colocando o colar quebrado em sua palma. Então apertei o botão na parede que solicitava a entrada pela porta dos fundos e rastreei de volta para o veículo.

Quando entrei, Ruben estava no celular.

— Sim. Bastante tempo para você terminar e fechar a cozinha — ele estava dizendo a alguém. — Vai levar algumas horas para que o burburinho de ela ter sido encontrada se acalme de qualquer maneira. Pegaremos a Isadora e iremos depois que o horário de visitas terminar.

Meu pulso disparou com a menção de seu nome. Embora não estivesse feliz com as circunstâncias, fiquei emocionado com a ideia de vê-la.

— Parece bom — disse Ruben em seu telefone antes de encerrar a ligação e se virar para mim. — Vamos jantar e depois pegaremos Jules no Caldeirão e Isadora em casa.

Eu balancei a cabeça.

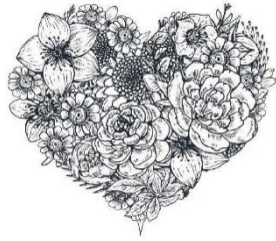
— Depois de nossa visita ao hospital, vamos direto para o Lanterna Verde.

Minha besta estava com fome de dobrar a mente daquele filho da puta para encontrar os outros idiotas com quem ele estava aliado. As mensagens que ele estava enviando eram para seu líder, preparando-se para sequestrar uma das quatro garotas que chegaram por último no Prova de Barril. Até ele me encontrar.

Não importa. Eu era um Stygorn. E tinha tudo que precisava. Uma mente maleável em minhas mãos. Ele descobriria em breve do que alguém da minha espécie era capaz.

Mas primeiro, eu teria o prazer da companhia de Isadora, quer ela gostasse ou não. Eu não pude deixar de sorrir com isso.

Capítulo 9



isadora

Enxuguei as lágrimas dos meus olhos e meio agachada na nossa varanda, tentando não fazer xixi em mim mesma de tanto rir. Tia riu comigo, embora ela ainda estivesse de pé sem nenhuma dificuldade. Diferente de mim.

— Eu sei, né? Pobre Marcus — Tia continuou. — Mas ele lidou com isso como um campeão. Mesmo depois que ela usou aquele detector de mentiras para fazê-lo contar os momentos mais embaraçosos de sua infância.

Ela apoiou uma mão em seu quadril, seu rosto ainda mais bonito com a alegria absoluta impregnando sua expressão. Seus cachos apertados balançavam em seu ombro nu quando ela ria, seu cabelo puxado para trás com uma bandana turquesa como faixa de cabeça.

Eu balancei minha cabeça.

— E ele não estava com raiva?

— Isso que foi estranho. Ele realmente não estava. Ele riu depois que o pequeno teste de vontade de tia Beryl acabou e a

disse que ela o lembrava de sua própria mãe siciliana. “Dura como bolas”, ele disse bem na cara dela.

— Uau. E o que tia Beryl disse sobre isso? — Eu perguntei, encostada em uma das colunas da porta da frente.

Tia sorriu coquete, seus olhos castanhos brilhando com uma alegria perigosa.

— Ela disse que ele estava bem para um homem branco e, como ele se comportava como um homem de classe, eu tinha permissão para sair com ele.

— Um pretendente de namoro aprovado pela tia Beryl? Ele deve ser impressionante.

Ela piscou quando estendeu a mão para a maçaneta, mas então coloquei minha mão sobre a dela, impedindo-a de fugir.

— Então você está, realmente, namorando com ele agora?

Eu estava um pouco chocada. Eu não conseguia me lembrar da última vez que Tia namorou alguém. Como eu. Ela e eu nos unimos em solidariedade contra o sexo oposto. Bem, não contra eles realmente. Mas talvez tenhamos gostado de uma ou duas piadas às custas deles. E estiveram unidos em nosso apego à solteirice por muito tempo.

Ela ficou séria, olhando por cima do ombro para mim.

— Não acredito que estou admitindo isso, mas estou. — Seu sorrisinho me disse que isso era mais do que uma aventura passageira. Ela não disse nada, mas eu podia ler Tia tão bem quanto minhas irmãs.

Ela torceu a porta e a abriu. Caí atrás dela, ouvindo uma música familiar vinda da televisão da sala. A mesma música de Bollywood que eu ouvia vindo da casa ao lado na semana passada.

— Eu acho que é conveniente que ele seja seu vizinho — continuei, andando ao lado dela no corredor. — Fácil acesso ao seu garanhão italiano, certo? — Eu a cutuquei de brincadeira.

— Ah, Isadora. Você não tem ideia. — Ela parou e apertou minhas bochechas entre as mãos e sussurrou: — Você deveria tentar dormir com *seu* vizinho. Você pode gostar disso.

Eu me afastei e marchei na frente dela.

— Até parece. — Eu passei a tarde reclamando do incômodo vizinho vampiro. Em vez de simpatizar, ela disse que parecia mais uma frustração sexual, da qual eu deveria usá-lo para me livrar. Eu não ia admitir que o mesmo pensamento havia passado pela minha cabeça mais cedo naquele dia. Mas sempre achei que os homens nunca correspondiam às minhas expectativas. Prefiro evitar o aborrecimento e apenas usar meus brinquedos. Eu gostava de manter as coisas simples.

— E você acertou em cheio com aquela parte do garanhão — Tia acrescentou com uma risada. — Porra, ele sabe como usar esse corpo.

— Pare com isso! Agora você está apenas tentando me fazer sentir mal por minha falta de vida sexual. — Entramos na sala. — O que diabos é isso? — murmurei para Tia.

Violet e Livvy estavam esparramadas no sofá gigante da sala, tigelas de pipoca na mão, enquanto Clara estava de frente para a televisão com um lenço rosa enrolado na cintura e balançando os quadris ao som da música que vinha do volume alto da TV. Nenhuma delas se preocupou em olhar para cima.

— Não consigo fazer isso com meus quadris — reclamou Clara, balançando a pélvis em um formato de oito. Mais ou menos.

Então meu olhar pousou na tela de plasma gigante que Evie insistiu que precisávamos para todos os seus filmes de ficção científica e Vingadores que ela amava. Engoli em seco, imediatamente começando a suar.

Devraj olhou para fora, seus lábios se movendo, sua voz de veludo escuro ressoando através da saída de som e enchendo a sala. A câmera deu uma panorâmica, revelando sua camisa branca aberta. Ele estava no centro de uma gangue de sete outros homens de boa aparência que dançavam e cantavam em uníssono, batendo palmas e batendo os pés ao ritmo de um tambor pesado, quadris se movendo, peitos arfando. E Devraj, seu longo cabelo balançando ao vento, seus olhos sedutores fixos na câmera, no espectador, em mim, parecia um choque elétrico que perfurou meu peito e chiou muito mais abaixo. Tentei engolir, mas minha garganta estava seca no Deserto do Saara.

— O que é isto? — Eu mal conseguia sussurrar.

As cabeças das minhas três irmãs viraram para me encarar. Violet sorriu com muita alegria.

— É o filme que você jogou no lixo do seu quarto. *Dilwala Deewana*.

— Você está brincando comigo? — Eu agarrei. — Por que você iria vasculhar meu lixo?

Violet estendeu a mão para a mesa de centro e pegou minha familiar lista de tarefas semanais que coloquei na geladeira e agitou-a no ar como uma bandeira.

— Apenas seguindo suas ordens. E você jogou fora. Achado não é roubado.

— Oh, que coisa — disse Livvy, inclinando-se para frente em direção à televisão.

Devraj agora estava circulando uma bela mulher, a música diminuindo para nada além de percussão, seu corpo uma engenhosa máquina de ritmo e sedução. A mulher ajoelhou-se sobre um cobertor, respirando fundo enquanto ele circulava, arrastando os dedos pelo braço dela, sobre a inclinação de seu ombro nu, penteando e agarrando seu cabelo até que ele firmemente, mas gentilmente puxou sua cabeça para trás, arqueando seu lindo pescoço. Então ele estava cantando palavras sensuais – todas legendadas em inglês – contra os lábios dela antes de arrebatá-los. E eles caíram no cobertor em um emaranhado de membros e gemidos enquanto a câmera se afastava.

— Puta merda — sussurrou Violet, agarrando o peito como se fosse hiperventilar.

Eu entendi porque o ângulo de close-up de Devraj pairando a um fio de cabelo da boca da mulher e o olhar nublado de luxúria em seus olhos me disseram que isso não era apenas atuação. Uma faísca desconhecida de emoção passou por mim como um dardo envenenado. Ciúmes? Sem chance. E era a mesma mulher nas fotos dele no Instagram? Claro, havia algumas outras mulheres nessas fotos também.

— Ah, meu Deus. — Tia finalmente recuperou o fôlego e olhou para mim acusadoramente. — Esse é o vizinho vampiro?! Você não me disse que ele era *Devraj Kumar*!

— O que? — Eu estava excitada e suada e totalmente confusa com minhas próprias emoções.

— A estrela de Bollywood? — Os olhos castanhos de Tia estavam arregalados, chocados e furiosos. — Você está brincando comigo, Isadora?

— Eu disse a você que ele era um ator! Por que você está vindo para cima de mim?

Tia zombou e então rosnou, parecendo mais lobisomem do que bruxa. Então ela contornou o sofá e arrancou o controle remoto da mesa de centro, interrompendo o filme.

— Ei! — gritou Livvy.

— Que diabos? — Violet protestou.

Clara havia parado de dançar, mas seus olhos azuis brilhavam com humor e maldade, uma expressão que eu não via nela com frequência.

— Shhh! — Tia ergueu a palma da mão enquanto folheava a Netflix, procurando um filme em particular. Ela encontrou, outro filme de Bollywood. — Você estará me agradecendo em três segundos. Apenas espere.

Ela começou o filme, mas avançou rapidamente na abertura.

— Vamos, Tia! — gritou Violet.

— Apenas... espere. — Então ela parou de avançar e apertou o play.

Devraj estava parado ao luar, cantando uma música lenta e triste sobre seu amor perdido, enquanto tirava sua camisa de linho branco. Deixado com calças brancas soltas e esvoaçantes, ele entrou na piscina cintilante, a água encharcando o tecido fino.

— Pooooorra — cantou Violet enquanto a câmera fazia uma panorâmica de suas costas gloriosas, os músculos ondulando sob a pele de bronze escuro, uma fantasia. Fantasias de algumas mulheres, de qualquer maneira. Não minha. Totalmente não é minha.

— Bom ângulo de câmera — admitiu Livvy, mastigando a pipoca.

Eu fuzilei minhas irmãs que estavam literalmente babando por nosso vizinho. O calor correu sob minha pele, furiosa com elas e, devo admitir, excitada por ele. Ou suas habilidades de

atuação. Era isso. Definitivamente, apenas as habilidades de atuação, a iluminação fantástica e a música sensual.

— Ele é tão bonito — Clara disse com um suspiro sonhador.

O vapor subia da piscina aquecida em que ele entrou, a água espirrando em torno de coxas grossas e musculosas, o tecido transparente grudando. O luar o banhava, mergulhando nas sombras esculpidas por seu abdômen esculpido enquanto ele se virava para a câmera. Havia uma tatuagem cobrindo completamente um ombro. Uma mandala em tinta preta e azul, um desenho intrincado, feminino em alguns dos laços florais e masculino nas linhas nítidas ao longo das bordas externas.

Então ele se acomodou na água, apoiando os braços ao longo da borda da piscina, o olhar fixo em algum lugar distante além da lente da câmera. A água batia em seu peito, vapor embaçando seu rosto, seu cabelo balançando na água, sua voz muito triste, cantando sobre a saudade amarga e nunca tendo a satisfação que seu corpo, seu coração e sua alma desejavam.

Eu estava completamente e totalmente paralisada. Tanto que não notei três pessoas entrando na sala. Não foi até que ouvi uma voz profunda e familiar diretamente atrás de mim que fui capaz de sair do meu transe.

— Desculpe interromper, senhoras.

Senti as palavras roçarem meu pescoço nu, meu cabelo preso em um coque. Ele estava tão perto que, quando me virei, quase caí direto no Devraj. Ele me pegou pelos braços.

Ai meu Deus!

Eu me afastei de seu aperto, praticamente ofegante. Se pudesse rastejar para um buraco e me enterrar, eu faria isso porque o sorriso que ele usava naquele momento era o sorriso mais lascivo e astuto que já vi em um homem, ou sobrenatural.

Tia pausou a tela, bem quando Devraj estava saindo da piscina, um close da água pingando de seu peito esculpido.

Jesus, Tia. Sério!?

O calor subiu pelo meu pescoço e encheu minhas bochechas. Eu estava tentando encontrar algum tipo de desculpa para explicar por que estávamos tão obviamente cobiçando seu corpo na tela. Mas deixei para minhas irmãs tornarem isso ainda mais estranho.

— Estávamos apenas admirando seu trabalho — disse Violet descaradamente, com o queixo apoiado nos braços cruzados no encosto do sofá. Ela apenas piscou os cílios?

Clara estava sentada no braço do sofá, a saia esvoaçante ondulando em volta das pernas.

— Você é muito talentoso — ela disse com sinceridade. — Já vi alguns filmes de Bollywood, mas nenhum dos seus. Até agora. E você tem uma voz *linda*. — Clara suspirou pesadamente como uma colegial apaixonada, o que só me fez gemer.

— Na verdade — ele acrescentou —, estou dublando outro cantor. Nenhum dos atores são realmente os cantores.

— Bem, você dubla lindamente — disse Clara, com as bochechas rosadas.

— Obrigado?

— E se mexe lindamente — murmurou Livvy.

Clara deu um tapa no braço de Livvy, o que me deu vontade de abraçar minha irmã mais doce. Como elas poderiam ser tão embaraçosas?

Devraj não parecia nem um pouco envergonhado. Na verdade, ele parecia bastante satisfeito. Especialmente quando virou seu olhar escuro de volta para mim. Eu esperava como uma louca que nenhum suor brilhasse na minha testa porque eu podia me sentir suando por todo esse episódio. Então notei Jules ao lado dele, franzindo a testa como sempre, e Ruben, mordendo o lábio inferior para segurar uma risada.

— Você gostou da apresentação? — ele brincou.

Abri a boca, mas nada saiu. Fiquei sem palavras com a humilhação.

Então Devraj se aproximou. Eu queria recuar porque sua proximidade íntima não era o que eu precisava agora. Eduquei minhas feições em indiferença, exatamente o oposto de como estava me sentindo. Então eu engoli em seco contra a compreensão do que era a emoção cintilante zumbindo pelo meu corpo e formigando ao longo da minha pele. *Atração*. Atração intensa, indutora de suor e de derreter os ossos.

— Você está bem? — ele perguntou, preocupação beliscando sua testa.

Não. Eu definitivamente *não estava*.

Eu balancei a cabeça rigidamente, limpando minha garganta e meus pensamentos frenéticos e fugitivos.

— Tudo bem.

— Precisamos que você venha conosco. — Sua expressão ficou séria quando ele olhou para Jules.

Minha irmã mais velha assentiu.

— O que está acontecendo? — perguntou Livvy.

— A gente conta depois — disse Jules. — Agora, eu preciso de Isadora.

— Ah, vamos — reclamou Violet. — Eu odeio quando nos trata com condescendência.

Jules revirou os olhos.

— Simplesmente não há tempo para um milhão de suas perguntas. Teremos mais informações mais tarde.

— Precisamos ir — disse Ruben.

Foi assim que me vi conduzida de um dos momentos mais embaraçosos da vida porta afora em direção ao carro de Ruben. Congelei na calçada quando percebi que Jules não ia dirigir, meu coração dando cambalhotas por um novo motivo agora.

Muitas emoções! Eu precisava voltar à minha vida tranquila de jardinagem e fazer feixes de ervas. Eu precisava me esconder em minha estufa e queimar uma fogueira de incenso calmante.

— Está tudo bem — disse Jules ao meu lado, dando um aperto reconfortante na minha mão. Ela sussurrou baixinho: — Ruben é um bom motorista. Vamos para St. Catherine.

Eu sabia que Ruben era um bom motorista. Mas ninguém poderia explicar isso para minha fobia de dirigir e carros. Era apenas uma dessas coisas.

— Eu poderia nos levar — ela ofereceu.

Olhei para Devraj segurando a porta aberta do banco de trás para mim e me observando com uma carranca interrogativa.

Não. Eu precisava ser uma menina grande sobre isso.

Eu dei a Jules um pequeno sorriso.

— Eu vou ficar bem. O hospital fica perto.

Então eu me aproximei e deslizei para o banco de trás, Devraj deslizando ao meu lado no momento em que Jules entrava do outro lado. Ela foi forçada a contornar o porta-malas, indo para o banco do passageiro da frente.

Tentando como o inferno ignorar o calor irradiando de Devraj sentado ao meu lado enquanto Ruben se afastava, eu finalmente perguntei:

— O que está acontecendo?

Jules se virou para espiar por cima do banco da frente.

— Devraj e Ruben encontraram Emma Thomas e a trouxeram para o Memorial St. Catherine. Os médicos não saberão o que está causando a falência de seus órgãos além da desidratação. Eles não serão capazes de tratá-la com rapidez suficiente se ela tiver sangrado por muito tempo. Ela vai precisar de um Condutor forte.

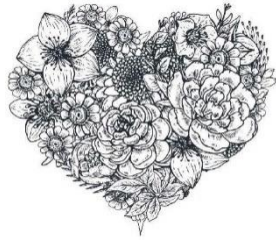
Enrolei os dedos no colo e recostei-me no assento, grata por ter outra coisa para ocupar minha mente e meu corpo. Algo

além do meu pico de medo de andar neste carro. E, definitivamente, algo além dos traços de luxúria que ainda persistem e carregam minha pele. Quero dizer, eu teria que ser um zumbi para não reagir às habilidades de atuação de Devraj.

— Entendo. — Então fechei os olhos. — Vou me preparar agora. Acorde-me quando chegarmos.

Então fechei os olhos e comecei a sugar energia do ar, da noite e da cidade eletrificada enquanto aceleramos em direção ao hospital.

Capítulo 10



devraj

Eu poderia ter encarado a mulher a noite toda. Isadora permaneceu em silêncio e focada interiormente. Sua magia sussurrando no pequeno espaço do interior do carro de Ruben. Parecia uma doce canção de ninar, uma canção antiga, como passos em caminhos arborizados percorridos apenas por ela, cantando com ondas de energia potente que envolveram a bruxa ao meu lado. Se eu pudesse estender a mão e tocar aquela magia que era dela, o faria. Eu queria beber e absorver sua beleza.

Meu Deus, ela era tão linda, e eu honestamente não tinha certeza se ela estava realmente ciente. Foi sua franca honestidade que me deixou sem fôlego. Em tudo o que fazia.

Depois de sua última rejeição à minha companhia no meu pitoresco chá na varanda da frente, percebi que ela realmente era imune aos meus encantos. Por mais inacreditável que fosse, eu estava pensando em desistir de minha busca. Mas não agora, porra.

Depois de ver a reação dela ao assistir ao meu filme, não havia como eu deixar isso passar.

Antes que ela percebesse que estávamos na sala, eu tive pelo menos trinta segundos para catalogar sua reação surpreendente ao me ver na tela. Peito arfando com respirações profundas, sua frequência cardíaca galopando em um ritmo de corrida, o suor brilhando na parte de trás de seu pescoço e na ponta de seu couro cabeludo, mas o mais importante, o cheiro de sua excitação era muito forte para esconder.

Ela estava excitada. Por mim. Levei um minuto inteiro para lembrar que estávamos com pressa para chegar até a garota no hospital. E o fato mais chocante foi que meus caninos estavam afiados como navalhas. Eu tive dificuldade em esconder eles e minha reação a ela.

Fome. Desejo puro, primitivo e selvagem. Um que ainda doía dentro de mim, fazendo meu estômago apertar com a necessidade. E, infelizmente, fez meu pau se contorcer de necessidade também.

Essa bruxa cintilante estava se enterrando sob minha pele, e ela não fazia ideia do poder que exercia sobre mim. Olhei para ela, sua cabeça inclinada para trás contra o assento de couro, seus dedos delicados entrelaçados em seu colo. Sua aura irresistível cantava em meus ossos, acenando para que eu me aproximasse. Para cheirar e tocar e provar.

— Devraj — disse Ruben, seu olhar passando rapidamente para mim no espelho retrovisor. — Você conseguiu ler as memórias dela antes, quando a deixamos?

Ruben já sabia a resposta para isso. Ele estava me distraíndo. De alguma forma, ele sentiu minha sanidade se desgastando enquanto dirigimos silenciosamente noite adentro. Movimento inteligente da parte dele. Tentando me controlar, concentrei minha atenção na janela para a cidade passando, recusando-me a olhar para Isadora, forçando meu próprio pulso a desacelerar.

— Ela estava muito frágil. — Finalmente recuperando o controle dos meus sentidos aguçados, acrescentei. — Vou tentar novamente se ela estiver bem esta noite. Mas, honestamente, terei tudo de que precisamos assim que pudermos interrogar o homem sob custódia.

— Que homem? — perguntou Jules, virando-se para olhar entre Ruben e eu.

— Isso é o que eu queria dizer a você — continuou Ruben. — Nossa vigilância no Prova de Barril valeu a pena. Capturamos um vampiro logo antes de sua ligação. Na verdade, foi assim que Devraj conseguiu localizar Emma?

— Como assim? — ela me perguntou, olhando para o banco de trás.

— É complicado — expliquei. — Basta dizer que consegui encontrar a localização por meio de um colar dela que nosso cativo tinha.

— O que você descobriu? — ela exigiu rapidamente.

— Nada ainda — respondi. — Colocar Emma em segurança foi a prioridade quando descobri onde ela estava.

— E — Ruben acrescentou —, Devraj nocauteou nosso prisioneiro com um soco. Então foi isso. — Ele pegou meu olhar no espelho retrovisor.

Eu torci minha boca em um sorriso irônico:

— Não me arrependo nem um pouco. Vamos lidar com ele mais tarde esta noite.

— Eu não me preocuparia sobre como ele te percebeu no bar — Ruben continuou. — Vampiros experientes captam outros sinais além da magia. Ele pode não ter percebido seu vampirismo porque foi anulado, mas não é como se você parecesse natural observando o bar dos cantos sombrios da sala. Ele sentiu que você era um caçador como ele.

Ruben estava certo. Quando eu finalmente travei o olhar com o cara, eu não podia recuar como um vampiro dominante. Isso por si só disse a ele que eu era algo mais do que seus sentidos podiam detectar. Então ele acabou as coisas e partiu. Só que ele não sabia que eu não estava trabalhando sozinho.

— Bem, eu não o culpo pela violência. — Jules se virou quando entramos no estacionamento do hospital. — Eu mesma teria me sentido tentada se estivesse lá. E você estava obviamente certo de que Emma era a prioridade.

Finalmente olhei para Isadora e coloquei uma mão leve em seu braço, não querendo assustá-la.

— Isadora. Chegamos — murmurei baixinho.

Seus olhos se abriram, então ela olhou para mim e fez algo bastante incomum em meu breve contato com ela. Sorriu para mim. E meu coração quase caiu no estômago.

Cristo. Um sorriso, e eu estava devastado. Perdido. Nadando em um oceano de merda.

Ruben estacionou e eu não demorei para desafivelar e sair do veículo, respirando fundo o ar quente da noite.

— Venha — disse Ruben. — Vamos para a entrada dos fundos. Meus homens já devem estar guardando todas as entradas do hospital.

— E como você conseguirá isso sem causar uma cena? — perguntou Jules.

Ruben apenas deu a ela um sorriso diabólico.

— Certo. — Ela suspirou. — Glamour. Isso com certeza permite que sua espécie saia impune de muitas coisas.

— E proteger os inocentes — ele rebateu.

Entramos perto de uma escada onde um dos homens de Ruben apareceu do nada de onde ele estava escondido nas sombras.

— Ninguém tentou entrar ou sair daqui, senhor.

— Ótimo — Ruben disparou, então nos conduziu por três lances.

Fiquei na retaguarda, querendo proteger suas costas. Infelizmente, isso me deu uma visão maravilhosa de Isadora por trás. Tentei me concentrar em coisas mundanas e pouco

atraentes para evitar que minha libido me dominasse tanto. Mas mesmo listar coisas como o que estava atualmente em minha prateleira de temperos ou o número de carros italianos que tive ao longo dos tempos não me impediu de focar em suas longas pernas enquanto caminhávamos para o terceiro andar.

Avancei para o lado de Ruben enquanto caminhávamos pelo corredor até o quarto da menina, 310. Mas então Isadora parou no corredor, olhando para o corredor oposto.

Jules se aproximou de sua irmã e apertou seu braço para chamar sua atenção.

— O que foi?

Ela olhou para cada um de nós e disse:

— Ela é assim. — Ela se afastou, deixando-nos a seguir. Jules seguiu primeiro, então Ruben e eu entramos atrás delas.

Ao contornarmos o posto de enfermagem, Ruben disse:

— Estamos aqui para ver Emma Thomas. Nos disseram que ela estava no quarto 310. — Senti o formigamento da magia em suas palavras, usando a persuasão para evitar qualquer problema se a enfermeira decidisse nos negar a entrada.

— Ah, sim, senhor — a enfermeira respondeu automaticamente. — Ela está bem ali, quarto 303. Tivemos que movê-la mais cedo. — Então a enfermeira voltou para os arquivos em sua mesa como se nem estivéssemos lá. Ela nem se lembraria de nós quando partíssemos.

Ruben e eu trocamos um olhar questionador. Como uma Condutora como Isadora sentiria que a garota havia mudado

de quarto? Poderia ser apenas sua habilidade psíquica. A maioria das bruxas tinha algum nível de clarividência, mas Jules não o havia detectado. Apenas provou o quão poderosa a magia de Isadora realmente era. Foi sexy pra caralho.

Isadora já estava no meio do corredor, aproximando-se de uma porta entreaberta. Então um vampiro apareceu bem na frente dela, agarrando seu ombro com força. Sem nem perceber, passei por Jules e de repente estava lá, levantando seu pulso e empurrando-o para longe dela.

— Ela está conosco — eu rosnei para Gabriel.

Seu olhar azul gelo me desafiou por cerca de dois segundos antes de seu foco deslizar sobre meu ombro e ele sair do caminho.

— Peço desculpas. Estou em alerta máximo para o caso de seus captores tentarem voltar para buscá-la. — Gabriel se concentrou em Ruben e relatou: — A polícia saiu há uma hora, segundo a enfermeira. Nós temos a mãe dela em um sono induzido por glamour lá dentro.

Com uma mão leve nas costas de Isadora, eu a conduzi pela porta, lutando contra minha vontade de socar Gabriel por colocar as mãos nela. O que estava acontecendo comigo?

Ruben murmurou com Gabriel atrás de nós sobre a visita da polícia, mas eu segui Isadora até o quarto onde uma mulher estava encolhida em uma poltrona reclinável, dormindo com um cobertor sobre si. Ela começou a se mexer, mas sussurrei um encantamento para dormir e, com um aceno de mão, a mulher

dormiu mais pesadamente. Sua mão em cima das cobertas envolveu o medalhão em forma de coração de Emma, a corrente quebrada pendurada solta. Uma pontada de alívio tomou conta de mim, por termos colocado Emma em segurança a tempo, por esta mãe agora orar por sua recuperação e não lamentar sua morte.

Isadora olhou de mim para a mulher.

— Ela não vai acordar?

— Não — assegurei a ela. — Vou me certificar de que Emma não esteja assustada quando ela acordar também.

Isadora então se sentou na beirada da cama onde Emma dormia. O rosto da garota ainda estava pálido, como era de se esperar pela perda de sangue.

Emma se mexeu, seu olhar pousando em mim primeiro. Ela engasgou, o medo arredondando seus olhos e roubando sua respiração. Acenei com a mão gentilmente sobre ela, desejando que se acalmasse com um feitiço sussurrado em minha língua nativa:

— *Hum tumhare dost hai.* — Empurrei um pulso de magia hipnótica no ar para cair sobre ela, para convencê-la de que não queríamos fazer mal. Imediatamente, ela recostou-se no travesseiro, concentrando sua atenção em Isadora.

Isadora olhou para mim e depois para a garota.

— Oi. Estou aqui para ajudá-la, Emma.

— Eu sei. — Minha mágica funcionou nela, convencendo-a de que éramos amigos. Ela lambeu os lábios pálidos e secos. —

Eles não conseguem me fazer sentir melhor. Eu me sinto tão doente. Tão cansada. — Lágrimas brotaram de seus olhos. — E não consigo me lembrar. Realmente de nada. Exceto de estar com dor.

Cerrei os punhos até os nós dos dedos estalarem.

A mordida de um vampiro era principalmente prazerosa com as toxinas eufóricas que se liberavam no sangue quando as presas penetravam na pele. Mas as consequências, uma vez que as toxinas desaparecessem, certamente seriam dolorosas. Especialmente se o vampiro tivesse sido agressivo. Rude. A menos que o vampiro usasse glamour para aliviar a dor, o que aparentemente não tinha feito.

O glamour era um tipo de persuasão que podia ser usado para enganar os sentidos dos outros: o que os humanos viam, cheiravam, provavam, sentiam. Portanto, era uma cortesia e uma gentileza estender um feitiço de glamour a um hospedeiro de sangue para que não sentissem dor depois de doar seu sangue. Mas esses bastardos não se incomodaram. Eles não apenas violavam essas jovens ao roubar seu sangue, mas também não se importavam com quanta dor causavam às suas vítimas.

— Eu sei — assegurou Isadora, sua voz suave e gentil. — Mas eu ainda posso te ajudar. Você vai me deixar tentar?

A jovem assentiu, com lágrimas escorrendo. Isadora ergueu a mão de Emma entre as dela, sussurrando baixinho. As luzes piscaram e a intravenosa tremeu quando Isadora mudou a

energia na sala e derramou sua magia de cura em Emma. Os olhos da jovem se fecharam, sua boca se abriu quando inclinou a cabeça para trás no travesseiro, um olhar de quase êxtase enquanto Isadora a alimentava com mais e mais magia.

Suas bochechas pálidas ficaram rosadas, então seus lábios, a tez pálida desaparecendo, foram substituídos por uma vibração brilhante. Isadora continuou, murmurando baixinho enquanto Emma recebia a energia que Isadora canalizou para si. As feridas de vampiro em seu pescoço desapareceram, o hematoma roxo escuro desaparecendo primeiro, depois as marcas de punção elevadas e avermelhadas. Finalmente, quando Isadora a soltou, Emma respirou fundo como se tivesse acordado de um pesadelo, com os olhos arregalados em choque.

— O que aconteceu? — Ela estava confusa, exatamente onde eu precisava que ela ficasse por mais um minuto.

Dei um passo ao lado de Isadora e coloquei a mão sobre a de Isadora, onde ela segurava a de Emma.

— Vou dar uma olhada lá dentro, Emma. Mas não vai doer.

Sua testa franziu em profunda confusão, mas ela assentiu do mesmo jeito, ainda totalmente sob meu feitiço.

Perfeito.

Sem esperar mais um segundo, eu a lavei com uma onda de magia, deixando minha voz cair em um estrondo hipnótico.

— Feche os olhos, Emma, e me mostre onde você esteve na última semana. — Eu precisava dela totalmente em transe antes de procurar dentro de sua mente.

— Claro — ela obedeceu, fechando os olhos roboticamente.

Fiz o mesmo, esperando como o inferno que tudo não tivesse sido apagado.

— Mostre-me onde seu sequestrador está mantendo você.

— Sim — ela concordou.

E assim, eu estava na cabeça dela, tropeçando em um mundo de escuridão.

Ela respirava com dificuldade. Estava com os olhos vendados. Prestei atenção em cada cheiro e som, já que não conseguia ver nada através de seus olhos. Eu podia sentir cordas ou amarras de algum tipo em seus pulsos. Então o som e o cheiro de dois homens se aproximando.

A voz abafada de um homem, então outro respondeu quando uma porta se abriu.

— Trinta minutos é tempo suficiente.

Emma puxou as amarras, mas então o homem sussurrou baixinho. Seu corpo ficou flácido com glamour antes que ele perfurasse seu pescoço e bebesse até que ela estivesse apática e exausta.

O medo que pairava sobre Emma era o que mais me irritava desde que ela permaneceu com os olhos vendados, mas escutei atentamente enquanto ele caminhava da porta até ela. Era uma sala pequena. As paredes estavam próximas. Ela deitou em uma cama ou colchão, mas devia ocupar a maior parte do quarto porque quando ele se moveu, não foi muito longe. Em seguida,

um cheiro medicinal. Antisséptico que ele passou no pescoço dela. Pelo menos ele a estava protegendo da infecção.

— Boa menina — ele ronronou novamente em um sussurro baixo antes de se agarrar novamente e beber profundamente...

Quando terminou, saiu da sala, conversando novamente com alguém no corredor. Pouco antes de Emma cair em um sono alimentado por toxinas, houve um som distante de sinos tocando. Sinos de igreja.

Suas memórias estavam nubladas com glamour, como fumaça cobrindo sua mente. Havia outras vozes confusas. Até mesmo outra mulher, não Emma, chorando no meio da noite. Então a próxima memória coerente era ela olhando para uma lixeira no beco onde a encontrei.

Saí de sua mente e sussurrei palavras suaves para ajudá-la a voltar a dormir e esquecer minha invasão. Sobre a nossa visita. A culpa me atingiu no peito, tendo que adicionar outra camada de glamour em cima dos montes de neve que nossos vampiros deixaram para trás. Estar dentro de sua mente era como ser distorcido e confuso além da razão. Sua mente era tão maleável que fluía para onde quer que os vampiros a levassem. Onde quer que eu a levasse. Tão facilmente. Foi quando me dei conta.

— Venha. — Fiz sinal para sairmos.

Ruben permaneceu perto da porta nas sombras, observando e sem dizer nada. Muito parecido com Jules, que estava ao lado dele.

Isadora se levantou e cambaleou. Eu a peguei pelo braço.

— Você está bem?

— Sim. — Ela assentiu. — Estou bem. Na maioria das vezes não tenho efeitos após a transferência.

Eu a acompanhei até a porta, segurando seu ombro com firmeza para que pudesse se apoiar em mim.

— Mas você não costuma usar tanta energia na transferência normalmente, não é?

— Não — ela concordou —, não costumo.

Ela não resistiu à minha ajuda enquanto descíamos o corredor. Com um movimento da mão de Ruben, as enfermeiras não nos viram passar, nem se lembrariam de nós chegando esta noite.

Depois de voltar para o estacionamento, ajudei Isadora a entrar no carro. Então me acomodei ao lado dela no banco de trás.

Jules bateu a porta, sendo a última a entrar, e se virou no assento.

— O que você descobriu?

— Ela foi mantida com os olhos vendados o tempo todo. A maioria de suas memórias foram apagadas. Ela guardou apenas uma. Havia duas vozes, mas só consegui distinguir uma delas.

— Apertei minha mandíbula.

— O que é? — perguntou Ruben.

Eu encontrei seu olhar no retrovisor.

— Isto não era uma orgia de sangue. É uma quadrilha de tráfico de sangue.

— Puta merda — ele murmurou enquanto nos puxava para fora do estacionamento. — Tem certeza?

— Terei assim que chegarmos ao Lanterna Verde.

— O que tem no Lanterna Verde? — perguntou Isadora.

— Temos alguém que pode fazer parte da quadrilha de sequestro — respondi. — Mas só saberei quando puder interrogá-lo.

Jules olhou para Ruben.

— Então ele não as está matando. Emma foi violada de alguma outra forma?

— Não — respondeu Ruben. — Gabriel convenceu a enfermeira a lhe dar seu prontuário. Ela foi examinada e não havia sinais de agressão sexual. Ela sofre apenas de desnutrição e anemia severa.

— Graças a Deus — disse Isadora, ficando pensativa. — Eu não entendo o tráfico de sangue. Vampiros podem usar glamour e seus outros recursos. Quero dizer, é realmente tão difícil para vocês encontrar hospedeiros de sangue?

Ruben e eu trocamos um olhar. Levantei uma sobrancelha para ele responder a esta. A Isadora já me achava a bunda mais arrogante do mundo, então não ia exagerar.

Ruben soltou um suspiro pesado e murmurou:

— Sim e não. Para caras como nós, é muito fácil.

Isadora bufou, sorrindo para mim e revirando os olhos. Eu apenas dei de ombros. Porque o que eu ia fazer, mentir e dizer que não era?

— Aposto que é — disse Jules, seu olhar girando para fora da janela.

Antes que Ruben pudesse dizer algo mais para suavizar aquele pé gigante que ele colocou em sua boca, eu acrescentei:

— Mas pode ser muito difícil para alguns vampiros que são socialmente desajeitados. Ou quem construiu uma reputação de ser muito rude. Ou talvez sejam apenas preguiçosos. Ou, nesse caso, apenas tem notas baixas.

— Notas baixas? — perguntou Isadora, virando o corpo para me encarar. — O que isso significa?

Olhei para Ruben, que estava balançando a cabeça em aborrecimento.

— Diga a elas — disse ele.

Isso chamou a atenção de Jules. Sua cabeça virou de volta.

— Nos dizer o quê? Você tem escondido informações da sua Executora?

Ruben riu.

— Minha Executora não precisa saber de todos os negócios de vampiros. Só quando se trata de você.

— Então, conte-nos sobre essas notas. Avaliações sobre o quê? — perguntou Isadora novamente.

Ruben desviou o olhar de Jules.

— Existe uma espécie de aplicativo de relacionamento para vampiros e hospedeiros de sangue.

— Como é chamado o aplicativo de relacionamento para vampiros? — interrompeu Jules, pegando seu telefone.

— Não é um aplicativo de relacionamento como em um casamento por *amor* — resmungou Ruben. — É para humanos e vampiros encontrarem o hospedeiro de sangue certo.

— Existe alguma diferença? — perguntou Jules, toda rainha do gelo agora. Ai.

— E como os humanos descobrem isso? — perguntou Isadora. — Estou assumindo que é apenas por convite.

— Com certeza é melhor que seja — disse Jules. — O conhecimento dos sobrenaturais que vivem entre a população humana deve sempre ser mantido o mais baixo possível. Quem criou este aplicativo sem minha aprovação?

Ruben suspirou.

— Eu criei. Um cara técnico que conheço desenvolveu para mim com um código criptografado para que só pudesse ser acessado por aqueles códigos de convite fornecidos.

— Assim como o seu clube, hein?

Ele deslizou seu olhar para ela, um brilho prateado brilhando em seus olhos.

— Assim como você, *Juliana*, gosto de manter as coisas sob meu controle.

— Estou bem ciente disso — ela retrucou. Se as palavras pudessem ser misturadas com veneno, elas teriam acabado de matar o senhor vampiro de Nova Orleans.

Isadora se aproximou, sua voz hesitante.

— Então, qual é o nome do aplicativo? Ruben, você pode enviar a Jules um convite para participar? E assim talvez possamos ajudar a diminuir os suspeitos juntos. — Ela estava usando a mesma voz que usou com Emma no hospital, tentando difundir a bomba de raiva prestes a explodir dentro do Mercedes de Ruben.

Ele saiu do Canal e entrou na Magazine Street.

— Chama-se iDentada.

Isadora riu. Jules não.

Sem olhar para Jules, Ruben murmurou:

— Vou te mandar um convite.

O resto da viagem de carro foi mergulhado em um silêncio pesado, carregado de angústia. E, felizmente, a maior parte foi entre os dois no banco da frente.

Quando Ruben parou na garagem das Savoie, eu disse a ele:

— Te encontro lá.

Ele olhou para Isadora e então assentiu sem fazer comentários. Jules estava fora do carro e adentrando a garagem enquanto Ruben estava saindo para a rua antes mesmo que eu tivesse a chance de dizer uma palavra. Então, quando os dois desapareceram em nuvens de fúria, virei-me para a Isadora e sorri.

— Foi um prazer passar um tempo com você esta noite, Srta. Savoie.

Ela estava olhando para as lanternas traseiras de Ruben desaparecendo na rua, então se virou para mim e riu.

— Você é um mentiroso.

— Eu não sou — protestei, sorrindo para ela sorrindo. Eu não pude evitar.

— Nem sei o que foi, mas não foi uma noite agradável.

— Pra mim foi. Gostei imensamente da sua companhia.

Seu sorriso desapareceu e aquela cautela reapareceu em seus olhos verde-esmeralda.

— Você vai interrogar aquele cara agora?

— Eu vou.

Ela endireitou a coluna e ergueu o queixo.

— Eu quero ir com você.

Apoiando a mão no quadril, eu disse:

— Posso transmitir qualquer coisa que ele disser. Você não precisa estar lá.

De repente, sua mão disparou e plantou no meu peito, me chocando ainda mais.

— Eu *preciso* estar lá. — Seus olhos nadavam com ansiedade, necessidade e compaixão ao mesmo tempo. — Se você soubesse o que eu senti quando estava curando Emma... — Sua voz falhou e ela balançou a cabeça, lambendo os lábios.

Minha atenção caiu para sua boca.

— Devraj. Por favor. Eu quero estar lá. Quero ajudar essas meninas da maneira que puder. Eu *preciso*. Eu tenho que ajudar.

O desespero cantou na ponta dos dedos, empurrando para dentro de mim. Cobri sua mão delicada com a minha maior,

pressionando-a bem acima do meu coração, aquecendo-a sob a palma da minha mão. Sua boca se abriu em um pequeno suspiro, olhando para nossas mãos no meu peito como se ela não percebesse que as colocou lá. Eu queria me inclinar para frente e devorar sua boca adorável, mas não era isso que ela precisava de mim agora. Ela tremeu com uma combinação inebriante de desespero e desejo de ajudar essas mulheres. Se eu pudesse aliviar sua dor, sua necessidade, não importa o que ela quisesse, eu faria.

Segurando sua nuca, puxei-a para mim e pressionei sua bochecha contra meu peito, depois sussurrei em sua têmpora:

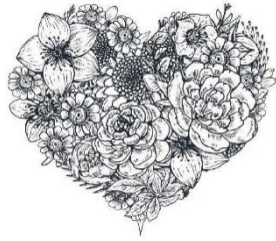
— Tudo bem. Não se preocupe. — Seu cabelo fez cócegas na minha bochecha. Não pude deixar de pressionar minha boca no topo de sua cabeça com um beijo reconfortante. — Eu te levo.

— Obrigada — ela murmurou, ajustando seu peso contra o meu peito.

Ficamos ali em um abraço silencioso pelo que pode ter sido um minuto. Talvez dois. Mas aquele pequeno momento me encheu de uma felicidade vertiginosa. Seu corpo esguio pressionado contra o meu parecia estar em casa em meus braços. Eu soube então que não havia nada que eu não fizesse por Isadora Savoie.

Também me ocorreu que estava ficando cada vez mais difícil me enganar. O que eu queria com essa linda bruxa era tudo menos casual.

Capítulo 11



isadora

De alguma forma, eu não estava nem um pouco nervosa quando Devraj me conduziu pela porta dos fundos do Lanterna Verde. Caminhamos por um corredor onde havia alguns escritórios, um armário de suprimentos, então ele parou em uma porta fechada e digitou um código em um teclado.

A porta se abriu para revelar um curto corredor onde um dos homens de Ruben – o grande e musculoso com a cabeça raspada – estava sentado em uma cadeira ao lado de outra porta com um teclado.

— Ruben já está aqui? — perguntou Devraj, com a mão nas minhas costas enquanto digitava o outro código.

— Ele e Gabriel estão aqui há cerca de dez minutos.

A porta se abriu. Devraj pegou minha mão e me puxou para trás dele.

O olhar gélido de Ruben se desviou do homem sentado em uma cadeira, com as mãos amarradas e a cabeça baixa, para nós quando entramos. Sua carranca se aprofundou.

— Por que Isadora está aqui?

— Eu pedi para vir — engasguei. — Quero ajudar se houver alguma maneira que eu puder.

Ruben fez um som descontente do fundo de sua garganta enquanto se virava para o cara de aparência suja na cadeira.

— Não tenho certeza se este é o lugar para você, Isadora.

O vampiro alto de olhos de falcão chamado Gabriel estava atrás dele. Seus braços descansavam ao lado do corpo, mas havia uma tensão nele que me dizia que estava pronto para agir se seu captor saísse do controle. Mas foi Ruben cerrando a mão que me avisou que isso estava prestes a se tornar físico.

— Não há necessidade. — Devraj agarrou o ombro de Ruben e apertou, então soltou. — É por isso que você me trouxe aqui. Lembra?

Normalmente tão calmo e agradável, esse Ruben feroz e de olhos frios me deu um arrepio na espinha. Ele estalou o pescoço e deu um passo para o lado para se encostar na parede, cruzando os braços, o que puxou a camisa apertada sobre o torso magro.

O homem na cadeira finalmente olhou para cima quando Devraj pegou uma cadeira da parede e a colocou bem na frente dele. Devraj ficou de frente para o cara, com as mãos nos joelhos. Houve um chiado palpável de magia bombeando na sala. Tudo isso emanando de Devraj.

Afastei-me para a parede para ficar fora do caminho e assistir. O vampiro na cadeira era bonito, claro. Todos os vampiros eram lindos. Mas havia um tom selvagem em seus olhos

escuros. Enquanto ele se concentrava em Devraj, que não havia dito uma palavra, seus olhos se arregalaram e ele engoliu em seco, o medo lavando seu rosto.

— Ah, porra — ele murmurou. — Você é um deles.

— Eu sou. — O braço de Devraj disparou. Ele agarrou o homem pela garganta, mas não pareceu apertar. — Me diga seu nome.

Um pulso de pressão na sala me fez prender a respiração. Era a magia residual ondulando do alvo de Devraj.

— Darren Webber. — Sem hesitação, mas sua voz tremeu.

— O que você estava fazendo no Prova de Barril esta noite?

— Caçando uma mulher.

— O que você planejava fazer com ela?

Darren engoliu em seco, fechando os olhos com força, as lágrimas escorrendo pelos cantos.

— Preciso repetir? — perguntou Devraj, sua voz áspera como pedra.

Mais uma vez, houve um estalo elétrico no ar e um pulso de pressão girando para fora. Ele estava usando a persuasão de Stygorn para obter as informações. Não havia sobrenatural com o tipo de influência persuasiva como um Stygorn. Nem mesmo um influenciador como minha irmã Livvy.

— Não, não, não — ele murmurou, tentando balançar a cabeça, mas o aperto de Devraj em sua garganta o manteve imóvel. — Nós íamos usá-la como nosso anel de sangue.

— Tráfico de sangue? — perguntou Devraj cuidadosamente.

— Sim. Recebemos vinte e cinco por cento de suas vendas como taxa como caçadores, além da taxa fixa que ele nos dá.

— Quem está no comando?

— Bellingrath.

Ruben fez um movimento sutil, afastando-se da parede.

— Blake Bellingrath?

Darren cerrou os dentes, mas Devraj apertou sua garganta e aparentemente empurrou mais persuasão para ele.

— Sim.

— Nos fale como funciona, do começo ao fim — ordenou Devraj, sua voz rolando forte e profunda.

— Brandon, Patrick e eu encontramos as garotas.

— Nomes completos — interrompeu Devraj.

Ruben estava com o telefone na mão e estava digitando.

— Brandon Schuller e Patrick Hobbs. Encontramos o tipo de garota que ele quer. Dócil. Fácil de escolher. Quando tenho o alvo, mando uma mensagem para Brandon e Patrick e eles se encontram para ajudar a capturá-la. — Lágrimas de frustração escorriam por seu rosto, sua pele manchada de vermelho pela pressão de derramar informações que ele não queria.

— Então o que acontece?

— Bellingrath nos encontra em um local diferente a cada vez para pegar o pacote.

Meu estômago revirou com náusea. Pacote? Essas mulheres não passavam de gado para eles.

— Onde as mulheres estão sendo mantidas? — Eu perguntei, desesperada para encontrá-las e ajudar a curá-las.

Seu olhar febril se voltou para mim, a fúria dominando-o por não poder resistir ao poder de Devraj.

— Responda a ela — ordenou Devraj.

— Não sei! — ele gritou, apertando os olhos fechados. — Bellingrath não nos conta. — Ele estava ofegante, seu rosto quase roxo. — Por favor, pare — implorou. — Eu respondo qualquer coisa. Simplesmente pare.

Devraj soltou o aperto de sua garganta. Esse cara estava totalmente derrotado.

— O que mais você sabe? — perguntou Ruben, seu verniz calmo de volta ao lugar.

Ele inclinou a cabeça para trás para olhar para o teto, o desespero escrito em cada linha de seu rosto.

— Só o que Bellingrath nos diz. Cada um de nós tem uma rodada com as meninas. Bebemos delas primeiro e depois as vendemos para alguns garotos festeiros que ele conhece antes de saírem para a cidade.

— Que lixo você é — murmurou Devraj. — Então ele vende essas garotas para seus amigos para uma rapidinha?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sei seus nomes ou quem são. Só que eles estão dispostos a pagar a taxa e manter a boca fechada. Devemos fazer

o rodízio das garotas depois de um tempo. Para mantê-las frescas.

— Você quer dizer quando elas ficam doentes? — Eu perguntei.

Seu olhar petrificado encontrou o meu. Ele assentiu.

— Aquela garota parecia ficar doente rapidamente, então tivemos que soltá-la primeiro.

— Emma Thomas — esclareceu Ruben.

— Sim. Ela. Bellingrath disse que estava ficando doente. Fraca demais para lidar com isso.

Eu queria atravessar a sala e dar um soco na cara dele. Como a mulher não ficaria doente depois de ser vendida por seu sangue e mantida em cativeiro contra sua vontade?

— Por soltá-la você quer dizer despejar em um maldito beco

— Devraj esclareceu, repulsa em seu tom.

Darren se contorceu e choramingou.

— Cara, temos que fazer o que Bellingrath diz. Ele está no comando.

— Então ele pretende libertar as outras? Não matá-las?

Ele zombou em desgosto.

— Não somos assassinos, mano.

Devraj o atingiu tão rápido que me fez pular. Meu pulso martelava contra minha caixa torácica com o súbito ato de violência. Quando Devraj falou, sua voz rangeu com malícia.

— Você pode não ser assassino, filho da puta, mas está sequestrando e aterrorizando mulheres inocentes e vendendo seu sangue para obter lucro. Você as está *violando*.

Darren estremeceu, encontrando o olhar de Devraj com nada além de medo em seus olhos. Uma gota de sangue pingou do canto de sua boca.

— Vou precisar fazer uma varredura rápida — ele disse antes de se levantar e pressionar a mão em seu crânio.

— Não, por favor! — ele gritou.

— Não vai doer — Devraj disse com desgosto. — Apenas fique quieto.

Depois de um rápido minuto, ele puxou a mão e gesticulou para que saíssemos da sala. Quando me afastei da parede, Devraj se virou para mim, mantendo seu corpo entre o meu e o de Darren. Não que esse pobre tolo planejasse me fazer mal, mas Devraj não parecia se importar. Ele colocou uma mão protetora na minha nuca enquanto me guiava pelo corredor.

— O que você viu? — perguntou Ruben assim que a porta foi fechada.

— Não mais do que ele disse. Dei uma olhada no líder, Bellingrath. E os pontos de entrega com as meninas. Bellingrath traçou com cada garota por conta própria. Darren não sabe onde as mulheres estão presas.

Ruben balançou a cabeça com um suspiro pesado.

— Blake Bellingrath. Isto poderia ser um problema. Precisamos de evidências sólidas.

Devraj manteve a mão na minha nuca.

— Sua confissão não é evidência suficiente?

— Bellingrath é de uma antiga família de Nova Orleans. Além disso, seu pai Harold é bem relacionado politicamente, tanto no mundo humano quanto no sobrenatural. Sua esposa é uma bruxa. Marianne Baxter. — Ruben me deu um olhar significativo. — A irmã dela é Clarissa Baxter.

— Merda — Devraj murmurou.

— De fato.

Clarissa Baxter era a chefe da Guilda das Bruxas em todos os distritos do sudeste dos Estados Unidos. Ela era muito respeitada e uma mentora para minha irmã, Jules.

Devraj manobrou seu corpo mais perto do meu, sua mão no meu pescoço deslizando para o meu ombro.

— Certamente, poderíamos trazê-lo em silêncio para algumas perguntas.

— Você sabe como funciona, Dev. — O olhar de Ruben foi para o braço de Devraj em volta do meu ombro. Corei, não querendo desalojá-lo, mas também me perguntando o que Ruben poderia pensar. Ruben olhou para a porta, carrancudo. — Droga! Por mais que eu queira, não posso simplesmente trazer aquele garoto como faria normalmente. Não sem informar os pais da tal família. Eu teria as bruxas atrás de mim se tentasse. Não é? — Ele virou a última pergunta para mim. Embora sua expressão fosse fria e feroz, eu sabia que aquele olhar não era para mim.

— Receio que sim — admiti. — Questioná-lo só iria avisá-lo de que você está no encalço dele de qualquer maneira. Você precisará pegá-los no ato de seu próximo sequestro. Ter o testemunho de Darren não é suficiente.

— É o suficiente para mim — acrescentou Devraj, um sorriso malicioso inclinando sua boca para cima.

Eu conhecia pessoas como os Bellingrath. Eles eram do tipo que eu evitava. Prefiro estar longe dos holofotes e viver minha vidinha sem toda fama e popularidade. O que me lembrou que eu estava ao lado de um homem que vivia naquele tipo de mundo. Uma pontada apertou dentro do meu peito. Mesmo sabendo disso, tive que admitir uma verdade assustadora para mim mesmo. Eu o queria.

Olhando para seu perfil esculpido, sua barba bem aparada em torno daquela boca sensual. Sua força e poder eram uma força potente ainda ressoando em um halo ao seu redor, saindo de seus dedos, formigando meu ombro.

Sim. Não há mais como negar. Eu o queria.

— Eles têm grandes conexões políticas — continuei. — Eles poderiam dizer que a memória de Darren foi adulterada por outro sobrenatural. Uma bruxa, influenciadora, que tem uma vingança contra a família na arena política. Não. — Eu balancei minha cabeça enfaticamente. — A única maneira é pegar Bellingrath em flagrante.

Sorrindo, ele me deu uma piscadela.

— Bruxa esperta, não é?

Eu não conseguia parar de olhar, querendo pressionar a palma da mão no peito e tentar forçar meu coração a parar de acelerar. Apesar de tudo que eu sabia sobre Devraj, e ele não era nada como o homem com quem eu deveria estar, não pude deixar de ser atraída para sua órbita magnética.

— O que foi? — ele perguntou, uma linha preocupada se formando entre suas sobrancelhas.

Eu balancei minha cabeça.

— Ela está certa. — Ruben se esgueirou em direção à porta da sala de interrogatório. Eu tive que me perguntar quem mais o senhor dos vampiros precisava prender e questionar naquela sala. — Preciso que você dê a ele a ordem de fingir que nada disso aconteceu e para que nos avise da próxima vez que forem procurar o próximo alvo. Como Isadora disse, nossa única esperança de fazer isso é pegá-lo em flagrante. Evidências circunstanciais e leitura de memória por um Stygorn não vão resistir a esta família.

Devraj baixou o queixo.

— Certo. Voltarei em breve para cuidar dele. Quero levar a Isadora para casa primeiro.

Com isso, ele me conduziu de volta pelos corredores dos fundos do Lanterna Verde, com a mão nas minhas costas. Caminhamos em silêncio de volta para minha casa. Ele sugeriu que fossem de carro, mas era uma caminhada curta e eu não queria confessar meus medos malucos de andar de carro.

As ruas estavam cheias de vida noturna. Amigos e casais passeando pela calçada de um restaurante ou pub para outro. A leveza da energia me alimentou de alguma forma, afastando a ansiedade da minha recente descoberta. Que eu não apenas admirava o rosto e o corpo gloriosos de Devraj, mas também admirava o homem.

Seu nível de controle durante o interrogatório e sua óbvia compaixão por ajudar essas jovens me mostraram um lado que eu estava cega demais para ver quando o conheci. Eu o classifiquei erroneamente na categoria de playboy materialista quando havia muito mais profundidade sob o verniz encantador.

— Você está muito quieta — ele comentou enquanto abria o portão da frente que dava para a nossa varanda.

— Só pensando.

— Eu percebi isso. — Ele riu.

Antes que eu pudesse ir até a varanda, ele agarrou minha mão e me puxou para encará-lo. Aqueles ricos olhos cor de mogno queimaram, incendiando sobre minhas bochechas e descendo pelo meu pescoço, então de volta para encontrar meu olhar.

— Você está chateada? — ele perguntou suavemente. Docemente.

— Não. — Seu tom terno fez algo doer sob minha caixa torácica.

— Parece que sim.

— E você é um especialista em meu humor agora?

— Sou um homem observador. — Sua mão escorregou da minha para envolver meu pescoço. — E observar o que te faz rir ou franzir a testa, o que faz seu coração bater mais rápido. — Seu polegar roçou meu pulso. — É um dos meus passatempos favoritos. — Ele se aproximou, sua voz caindo para uma carícia íntima. Ele deslizou a mão na minha nuca para segurar minha mandíbula, seu polegar arrastando ao longo do meu lábio inferior. — E você tende a mexer na bainha da saia quando está ansiosa. — Sua outra mão agarrou a minha onde eu realmente segurava minha bainha. Ele entrelaçou nossos dedos juntos, sua palma larga contra a minha menor.

Com o coração batendo como louco, eu olhei para ele, deleitando-me com a sensação sensual de seu polegar varrendo minha boca. Eu não era uma mentirosa, então não podia dizer a ele que *não* queria isso também.

Com medo de mergulhar, simplesmente recuei até que sua mão caiu, lamentando aquela perda tátil.

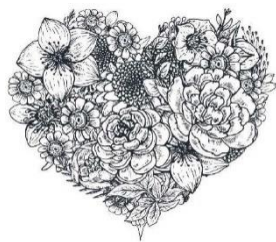
— Boa noite, Devraj.

Eu subi os degraus e entrei na casa antes que ele pudesse protestar, fechando a porta para o homem que torceu minhas entranhas em um monte de nós cortados. Infelizmente, não pude deixar de me encostar na porta e pressionar a ponta dos dedos nos lábios, saboreando o rastro de calor que ele deixou ali.

Se eu gostasse de correr riscos como Violet, se fosse livre com minhas afeições e selvagem de coração, eu aceitaria a oferta de Devraj. Para nos conhecermos melhor. Mas a verdade continuou me incomodando. Ele é o tipo de homem por quem eu poderia facilmente perder meu coração. Depois desse trabalho, ele iria para outro lugar ou voltaria para a Europa ou algum lugar exótico e bonito. E eu estaria consertando meu coração na minha estufa.

Não. Manter minha distância de Devraj Kumar era definitivamente a decisão certa, eu me assegurei enquanto subia as escadas, tocando meus lábios mais uma vez.

Capítulo 12



isadora

— Cuzão — murmurou Jules enquanto olhava para seu telefone na mesa do café da manhã, seu café fumegando ao lado dela.

Coloquei a chaleira no fogão, precisando de um pouco de cafeína esta manhã. Eu dormi pesadamente ontem à noite depois de gastar tanta energia com Emma no hospital. Ainda assim, me senti revigorada por usar minha magia para fazer tanto bem a outra pessoa. Não me interpretem mal. Eu adorava meus feitiços de cura tranquilos com plantas e os animais de rua que ajudava na Anjos de Pata, mas algo sobre a cura de Emma havia estabelecido um novo tipo de contentamento em meu peito. Além disso, o interrogatório no Lanterna Verde me deixou ainda mais exausta. Sem mencionar o fato de que fiquei acordada na cama por um bom tempo, tentando *não* pensar em um par de olhos castanhos quentes como uísque.

Antes de ir para a cama, contei a Jules tudo o que conseguimos com Darren Webber, então me perguntei se algo novo havia surgido.

— O que foi? — Perguntei, arrastando meus pés descalços e pijamas até a mesa.

Jules ergueu a cabeça, a testa franzida em uma carranca profunda. Então ela bufou uma risada desgostosa.

— Ah, nada demais. Apenas examinando as avaliações de Ruben no iDentada.

— Ele te enviou o convite então.

Ela estava absorta novamente, com a cabeça baixa.

— Ouça esta: “Sr. Dubois é tão generoso com seus hospedeiros, reservando um tempo para garantir que a experiência seja tão agradável para o hospedeiro quanto para ele. Eu o recomendo fortemente se você tiver a sorte de ser selecionado. Eu faria qualquer coisa que ele pedisse.” Depois, há um emoji piscando. Quero dizer, *qual é!* Ela está praticamente implorando para dormir com ele.

— Bem, é claro que ela está. — Eu bufei uma risada, então encontrei seu olhar de aço. Ops. — Você viu Ruben, Jules? Aposto que cada um de seus hospedeiros de sangue está tentando entrar em suas calças.

Se olhar pudesse matar, seus olhos prateados de guilhotina teriam me decapitado. Então acrescentei algo que sabia ser verdade e iria desestabilizar suas penas. Pode ser. Ela estava bastante confusa.

— Mas eu sei que ele não dorme com seus hospedeiros de sangue.

— Como você sabe disso? — Sua expressão cautelosa passou da tela do telefone para mim enquanto folheava furiosamente.

— Tia me disse que uma das regras de Ruben para o Lanterna Verde é que nenhum vampiro dorme com seus hospedeiros. Aparentemente, ele diz que é perigoso.

— O que você quer dizer? — Agora ela desligou completamente o telefone, concentrando-se em mim.

— Bem, embora eu nunca tenha sido mordida por um vampiro, a tradição nos diz que a própria mordida pode ser viciante, certo? — Ela assentiu, então a chaleira no fogão começou a assobiar. Levantei-me para ir preparar o meu chá. — Tia disse que quando você mistura sexo com sucção de sangue, pode ser uma combinação muito inebriante para os humanos. Eles se tornam perigosamente viciados em vampiros, e isso resulta em perseguidores seriamente desequilibrados e outras coisas. Ela disse que ele tem uma política de tolerância zero sobre isso no clube e só o sanciona para casais de longa data que assinaram contratos por escrito com outras regras e coisas assim. Você deveria saber disso — eu não pude deixar de acusar.

Coloquei algumas das folhas de chá soltas que fiz na estufa, uma mistura para energizar, na peneira de prata colocada em minha xícara e despejei a água quente sobre ela, a bebida inebriante despertando meus sentidos.

Quando olhei para cima, o rosto de Jules estava branco como papel.

— O que você quer dizer? Como eu saberia disso?

— Quero dizer, você é uma Executora. Mamãe nunca te contou esse tipo de coisa? Achei que você tinha todas as informações sobre os sobrenaturais.

Coloquei a peneira com as folhas de chá encharcadas na pia e me acomodei no meu lugar de sempre na mesa ao lado dela.

Ela se mexeu nervosamente em seu assento, tomando seu café. Em vez de responder à minha pergunta, ela me fez outra.

— Como Tia sabe tanto sobre as regras de Ruben?

Eu não pude deixar de sorrir.

— Aparentemente, ela tem um novo namorado, seu vizinho Marcus, e ele faz muitos negócios com Ruben.

— O cara que ela enfeitiçou no Natal passado e Evie teve que intervir para consertar?

Eu ri.

— Esse mesmo.

Ruben era o senhor supremo dos vampiros de Nova Orleans, mas também participava de muitos negócios. Eu honestamente nem imaginava quantos, mas ele sempre teve uma variedade de personagens indo e vindo em sua livraria. Muitos dos quais chegaram com guarda-costas e tal.

Enquanto tomava meu chá, de repente fiquei muito curiosa sobre alguma coisa.

— Posso ver uma coisa? — Eu perguntei enquanto puxava o telefone dela sobre a mesa.

— Claro. — Ela pulou. — Vou fazer omeletes.

Rolei de volta para a tela inicial do aplicativo. Incapaz de me impedir, digitei um nome específico na caixa de pesquisa no topo. Minha nossa! Seiscentas e trinta e sete resenhas com literalmente *milhares* de comentários? De mulheres de todo o maldito mundo!

A extremamente entusiástica e lisonjeira mordida *prazerosa* de Devraj *aumentou* minha adrenalina. As coisas que essas mulheres estavam dizendo! *Euforia completa. Êxtase alucinante.* E... oh, qual é! *Sua boca agora é minha fantasia preferida para gozar.* O pior foi uma mulher chamada Elmira na Itália que escreveu: *Dez milhões de estrelas! Nenhum sexo é necessário com um homem como Devraj. Eu gozei só com sua boca no meu pescoço e seus dentes na minha garganta.*

Desliguei o telefone, com o coração disparado. Jules estava batendo os ovos furiosamente. E embora entendesse totalmente suas vibrações de raiva, não era isso que eu estava sentindo. Era a inveja dando um nó no meu estômago, não a raiva. Essas outras mulheres experimentaram prazer nos braços de Devraj. De repente, tive o pensamento mais louco. *Por que eu não deveria fazer o mesmo?*

Agora que estava completamente acordada e me sentindo excessivamente inquieta, precisava sair. Lavei minha xícara de chá e saí da cozinha.

— Vou ao mercado comprar frutas frescas. Estamos sem.

— Sem omelete? — ela gritou.

— Não para mim. Obrigada. — Eu estava muito irritada para comer.

— Se eles tiverem jaca, me traga duas ou três, por favor.

— Claro.

Jules estava sempre experimentando novas receitas, e o mercado asiático a poucos quarteirões de nossa casa tinha as frutas mais deliciosas, nacionais e importadas. Eu era um pouco viciada em frutas, então ia pelo menos uma vez por semana para comprar produtos frescos.

Coloquei um vestido de cambraia leve e sem mangas que roçava um pouco acima dos meus joelhos. Com pequenos botões marrons na frente, era casual e confortável, como todas as minhas roupas. Vestido perfeito para um lindo dia de caminhada. Coloquei minhas sandálias gladiadoras favoritas, peguei minha bolsa grande e descí as escadas e saí pela porta dos fundos, apenas para parar no meio do caminho.

Ali, encostada no suporte recém polido, estava minha bicicleta. Não apenas colocaram um novo pneu traseiro *e* dianteiro, mas foi repintada para um vermelho vivo e brilhante. E havia novos refletores brilhantes nos raios das novas rodas. Aproximei-me e corri um dedo ao longo da – sim – nova cesta. Tudo bem. Agora eu o perdoei oficialmente e estávamos quites. Mas ainda me recusei a olhar para a casa do Sr. Dez Milhões de

Estrelas enquanto saía pela calçada e me dirigia ao mercado asiático.

Não pude deixar de sorrir enquanto pedalava. A temperatura estava perfeitamente agradável. As pessoas estavam passeando com seus cachorrinhos fofos, encontrando amigos para tomar café da manhã, e eu mais uma vez andando com minha bicicleta maravilhosa, curtindo a brisa no meu cabelo, que eu havia deixado solto hoje.

Tirei minha sacola de compras dobrada de dentro da minha bolsa gigante e vaguei pela seção de frutas e legumes. Encontrei alguns mamões especiais. As mangas pareciam um pouco maduras, então só peguei algumas para o final da próxima semana. Meu estômago roncou enquanto eu examinava a jaca, entre todas as coisas. Elas eram tão feias, mas o aroma frutado me lembrou que eu pulei o café da manhã.

— Se você está procurando uma madura, pegue esta. — Uma mão grande e escura com dedos longos e bem cuidados estendeu-se à minha frente e pegou uma das frutas de aparência estranha.

Minha respiração ficou presa na garganta quando me virei para enfrentar Devraj. Pisquei algumas vezes, não estava preparada para o seu sorriso deslumbrante esta manhã. Não me irritou como costumava fazer. Em vez disso, não pude deixar de notar a forma como seus lábios eram tão bem formados e me perguntei como aqueles lábios e seus caninos tinham feito uma mulher gozar sem que ele tocasse qualquer outra parte dela.

— É um prazer ver você — ele disse, sua voz mais baixa, mais profunda do que seu habitual tom despreocupado e provocador.

Foi quando percebi que ainda estava olhando para sua boca. E ele notou.

— Ah. — Eu balancei minha cabeça. — Jules precisava que eu pegasse três dessas. — Agarrei o que ele tinha na mão e o enfiei na sacola de compras, mudando rapidamente para outro assunto. — Você cuidou de Darren? Quero dizer, tudo correu bem ontem à noite?

— Tudo certo. Ele está sob minha compulsão de não revelar que sabemos alguma coisa sobre eles. E entrará em contato comigo assim que houver um plano para o próximo passo.

Balancei a cabeça e peguei uma jaca, mas ele me parou com a mão, dois de seus dedos sobre os meus. Eu congelei quando ele disse:

— Essa está verde. Posso ajudá-la a encontrar mais duas que estejam boas, se quiser.

Coloquei aquele de volta e me afastei.

— Legal. Certo. Isso seria bom. — Coloquei meu cabelo atrás da orelha. — Como você sabe tanto sobre jaca?

— É nativa da Índia, sabia?

Sentindo-me um pouco idiota, respondi honestamente.

— Não, eu não sabia. — Olhando em sua cesta, acrescentei:
— Superfã de frutas e vegetais, não é?

— É meio difícil evitar quando você é vegetariano — ele brincou com um sorriso. — Bem, na maior parte do tempo.

Eu não pude deixar de rir.

— Mas você é um vampiro.

— Tão observadora, Srta. Savoie. — Ele pegou uma jaca, a olhou e depois a colocou de volta no chão. — Você sabe que os vampiros comem e bebem comida humana.

— Claro que eu sei. Mas vegetariano? Sério?

— Sou hindu e muitos de nós somos vegetarianos — disse com naturalidade. — Não sou tão devoto quanto gostaria de ser, mas mesmo depois de trezentos anos, algumas coisas nunca te abandonam.

Tudo bem. Agora eu estava completamente fascinada por este homem. Eu não pude deixar de cavar mais fundo, tendo desistido completamente da minha leitura de frutas.

— O que você quer dizer?

Ele continuou a busca, mas seu olhar deslizava para mim a cada poucos segundos, deixando um rastro de calor onde quer que passasse. Minhas bochechas, minha boca, meus olhos, meus ombros. Quando me lembrei da sensação de seu polegar roçando minha boca ontem à noite, o calor encheu minhas bochechas.

— Da forma como fui criado, não comíamos carne de animal nenhum. Minha mãe sempre me ensinou que não devemos tirar a vida quando podemos comer outras coisas para nutrir nossos corpos.

Eu fiquei lá e olhei para ele. A maneira como ele falou de sua mãe com tanta reverência me deixou sem palavras. Mas algo me atormentava. Não apontei para ser mesquinha, mas porque fiquei muito chocada com a contradição.

— Você não come carne de animais, mas bebe sangue humano.

Sua mandíbula apertou antes de olhar para mim, ainda examinando a jaca.

— Eu não escolhi ser um vampiro. Então sim, eu bebo sangue. Para ficar forte. Permanecer vivo. Mas eu não tiro vidas.

— Então ele se virou para mim, seus olhos âmbar fixos em mim.

— Abra, Isadora.

Juro, não pensei que ele estivesse falando da minha sacola de compras. Atordoada por alguns segundos, pisquei para afastar minha surpresa e abri a sacola. Ele colocou mais duas jacas dentro, seu olhar nunca deixando meu rosto. Fixo e perfurante. E agora era hora de eu ir.

— Obrigada. — Limpei a garganta, colocando meu cabelo atrás da orelha novamente, embora não tivesse caído desde a última vez. — Agradeço a ajuda.

Eu honestamente precisava processar o que ele tinha acabado de me dizer. Meus antigos sentimentos de aborrecimento haviam desaparecido, substituídos por simpatia e admiração durante uma breve conversa sobre frutas exóticas.

— Bem, tchau então. — Acenei desajeitadamente e fui direto para a caixa registradora. Balançando a cabeça, lembrei a

mim mesma que esse era o mesmo cara que comprava carros de um milhão de dólares e saía com estrelas de cinema. Porque ele era uma.

— Está com fome? — ele perguntou logo atrás de mim enquanto eu saía.

Balancei minha cabeça. Meu estômago traidor aproveitou esse momento para soltar um estrondo ridiculamente alto.

— Seu estômago diz o contrário. Que tal eu levar você e seu estômago para um brunch?

— Hum... — Eu estava tentando encontrar uma boa desculpa para dizer não, mas estava lutando seriamente por vários motivos.

Ou seja, sua avaliação de dez milhões de estrelas por Elmira, a menção reverente de sua mãe e a tristeza em seus olhos quando eu praticamente o acusei de ser um hipócrita por beber sangue enquanto tentava manter a fé que sua mãe lhe ensinou.

— Apenas um brunch, Isadora — ele insistiu enquanto eu passava meu cartão de crédito. — Então terei me desculpado o suficiente e pararei de incomodá-la.

Olhei por cima do meu ombro, onde ele estava parado muito perto, o calor de seu corpo ondulando em ondas. Levantei minha bolsa e saí do caminho enquanto o caixa começava a registrar seus produtos.

— Sério. Você *não* me deve nada. Estamos muito além disso. — Seu rosto ficou desapontado porque tenho certeza que parecia que eu iria rejeitá-lo novamente. Choquei até a mim

mesmo quando disse: — Mas brunch parece bom. Eu poderia comer.

Seu sorriso deslumbrante reapareceu com entusiasmo, e eu não podia fingir que não fazia meu pulso acelerar. Inferno, depois de adormecer pensando apenas nele, eu não podia negar minha atração. Uma refeição não faria mal, certo?

— Maravilhoso. Há um lugar não muito longe daqui que aposto que você vai adorar. — Ele passou o cartão de crédito. — Você já esteve em Gris Gris?

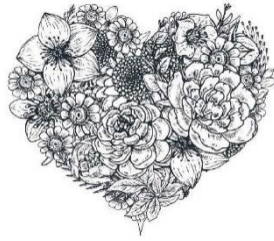
— Não. Receio que não.

Ele me conduziu até a porta, uma mão leve acariciando minhas costas. Fingi que não tinha efeito sobre mim, mas até mesmo mentir para mim mesma estava começando a ficar seriamente difícil.

— Acho que você vai adorar.

E foi assim que acabei finalmente rendendo-me e compartilhando uma refeição e toda a minha manhã de sábado com Devraj Kumar.

Capítulo 13



devraj

Em vez de pegar meu carro, já que Isadora me deu um olhar torto quando lhe ofereci uma carona, juntei-me a ela enquanto andava de bicicleta nos dois quarteirões até Gris Gris. Nós nos acomodamos em uma mesa na varanda com vista para a Magazine Street, já que estava um dia tão bonito. O toldo em forma de guarda-chuva sobre a mesa bloqueava o calor do sol, e a brisa que vinha do rio Mississippi ao longe tornava este o local perfeito para meu primeiro encontro com Isadora Savoie.

Não se engane. Quer ela soubesse ou não, este era um encontro.

Nosso garçom nos trouxe duas águas e pegou nosso pedido de bebida enquanto examinamos o cardápio. Isadora olhou para os pratos do brunch enquanto eu fingia fazer o mesmo, mas em vez disso mergulhei em seu lindo rosto do outro lado da mesa.

— Então, como um vegetariano come de um menu como este?

Deixando o cardápio de lado, já que sabia o que queria, eu disse a ela:

— Eu disse principalmente vegetariano. Permito-me moluscos de vez em quando.

Seus lábios se curvaram quando ela olhou para o cardápio.

— Bem, isso é um alívio. Eu estava sentindo muito por você. Não sou uma grande comedora de carne, mas *adoro* frutos do mar.

O garçom voltou com dois Bloody Marys.

— Aqui está. Vocês estão prontos para fazer o pedido?

Fiz um gesto para Isadora ir primeiro. Ela piscou rapidamente daquele jeito tímido que tinha, voltando os olhos para o cardápio.

— Posso pegar o Camarão e Grão Gris Gris? E também uma salada da casa com rúcula extra?

— Ótima escolha, senhora.

— Não tem alface americana na salada, tem?

— Não, senhora. Nenhum mesmo. E para você senhor?

— Vou querer o Blueberry Bourbon Pain Perdu. E você pode nos trazer o Oyster BLT, não coloque o bacon na metade do pedido. — Eu a olhei. — Achei que poderíamos dividir um aperitivo.

— Oh, você pode tirar o bacon em tudo — acrescentou ela.

— Você não come bacon? — Perguntei.

Ela encolheu os ombros esbeltos, o sol beijando sua pele bronzeada não coberta pelo toldo.

— Se vamos compartilhar, posso ficar sem, já que você não. Eu poderia não gostar e então seria desperdiçado.

Tão atenciosa. Foi um pequeno gesto gentil, mas só aumentou a minha consideração pela mulher sentada à minha frente.

O garçom assentiu.

— Um Oyster BLT, sem o B. Entendi.

Recostei-me na cadeira, guardanapo no colo, mãos cruzadas sobre a mesa, incapaz de *não* sorrir na presença dela.

— Rúcula extra, né? E o que você tem contra a alface americana?

Ela zombou, parecendo absolutamente enojada.

— Alface americana tem valor nutricional zero. Sabia disso?

— Não sabia.

— Alface americana tem apenas quarenta UI de vitamina A.

— Ela recitou os dados que guardava naquela adorável cabeça.

— Comparando com alface romana que tem seiscentos e oitenta, e é uma escolha fácil.

— O que é uma UI? — Eu perguntei, divertido.

— Unidades internacionais. Além disso, não tem gosto de nada. Você também pode comer um pedaço de papel.

— Entendo. E como a alface romana se compara à rúcula na categoria UI?

Ela se inclinou para a frente e tomou um gole de seu Bloody Mary.

— Melhor na categoria de vitaminas, na verdade, mas a rúcula tem o melhor sabor.

— SÉRIO?

— Você acha que não?

Ela parecia perplexa com minha falta de conhecimento sobre alface.

— Não sou tão especial assim, embora também não seja fã de alface americana. Nós temos isso em comum.

Não pude deixar de me deliciar com o rubor rosa que encheu suas bochechas. Por que essa declaração a faria corar, eu não tenho ideia. Mas ela corava com qualquer coisinha, notei. Ainda assim, estava muito mais falante que o normal, então tentei manter isso. Eu queria que ela se sentisse mais à vontade comigo. Por alguma razão, ela parecia assim hoje.

— E você está feliz por ter sua bicicleta de volta? Ela anda bem?

Seus olhos verdes brilharam.

— Como se nada tivesse acontecido com ela. — Ela sorriu tão largamente que meu coração disparou. — Obrigada — ela adicionou timidamente. — Especialmente pelos refletores das rodas.

— Segurança em primeiro lugar — eu disse com uma piscadela e tomei um gole do meu Bloody Mary.

Ela não fazia ideia, mas eu havia encomendado os maiores, mais brilhantes e mais seguros refletores possíveis para sua bicicleta. Além disso, fiz questão de substituir os pneus dela por

outros de aro largo para facilitar o equilíbrio e a durabilidade. A ideia de algo acontecendo com Isadora, de ela se machucar novamente, deixou meus instintos protetores em alerta máximo. Foi naquele momento na loja de bicicletas onde interroguei o cara atrás do balcão sobre cada detalhe dos novos recursos de segurança que percebi que nunca tinha sido tão insanamente protetor com uma mulher antes. Mesmo sem nenhum avanço da parte dela, eu estava completamente em transe.

Não era uma fascinação passageira. Isso era bruxaria pesada. Estranhamente, ela não estava flertando ou sendo abertamente amigável ou fazendo qualquer coisa que outras mulheres fazem para me atrair. Ela estava simplesmente sendo adorável.

— Diga-me, o que você tem contra carros?

Seu sorriso se transformou naquela expressão séria, a mesma que usava quando evocava informações nutricionais sobre alface.

— Carros são perigosos.

Eu ri, o que a fez franzir a testa.

— E as bicicletas são mais seguras?

— Sim, elas são. Você sabia que mais de um milhão de pessoas morrem todos os anos em acidentes de carro?

— Não, eu não sabia.

— Pare de rir de mim. São mais de três mil por dia.

— É por isso que você não quis ir com Ruben para o hospital na outra noite?

— Sim. — Ela tomou um gole de sua bebida novamente, evitando meu olhar. — Mas eu sei que se alguém é um ótimo motorista, provavelmente é Ruben. Eu tinha razão. Ele era um motorista muito cuidadoso.

— Sou um ótimo motorista.

Ela bufou uma risada.

— Preciso lembrá-lo de que você me atropelou com seu carro?

Inclinei-me sobre a mesa, sem me incomodar com esse pequeno fato.

— Mas eu estava dirigindo há um dia e meio direto. E estava bem escuro. E você tem que admitir, você estava vestindo roupas escuras.

— Você está certo — ela concordou depois de um momento.

— Embora me doa tê-la machucado de alguma forma, tenho que admitir que estou muito feliz por ter atropelado você naquela noite — eu disse, deixando minha voz cair. — Não por ter te atropelado, só por te conhecer.

Seu rubor escureceu suas bochechas novamente enquanto ela olhava para baixo, mexendo seu Bloody Mary. Ela mordeu o lábio, e não pude deixar de notar como seu lábio inferior era bem volumoso. Muito mais do que sua parte superior.

— Então você não dirige nada? — Eu perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Tenho passaporte para viagem e identidade.

— Você nunca tirou sua habilitação? — Isso era irreal. Nunca tinha ouvido falar de um adulto que não tirasse carteira de motorista.

— Não há necessidade. — Ela deu de ombros.

Nosso garçom entregou nosso aperitivo, adiando meu interrogatório. Observei o rosto dela quando percebeu que a alface espalhada pelas ostras fritas era rúcula. Ela olhou para mim com um sorriso apreciativo, e lá se foi novamente. Meu pulso triplicou só por fazê-la sorrir. Houve muitas coisas que fizeram meu pulso acelerar ao longo dos tempos, mas o sorriso de uma mulher não foi uma delas. Até agora.

— Vai nessa. — Fiz um gesto para ela ir primeiro.

Gostei de vê-la passar a ostra na geleia de tomate e vinagre de cana. Tentei não olhar para a sua boca, mas era meio impossível. Decidi passar para um assunto que me incomodava desde a noite em que fomos ao hospital.

— Então por que você não está namorando? Encontrar um homem para preencher certas necessidades em vez de Grande John?

— Isso é meio pessoal. — Ela espetou outra ostra em seu prato para servir com uma pequena pilha de rúcula.

— Eu não quero me intrometer.

— Sim, você quer — ela disse com uma inclinação de cabeça e um sorriso casual.

— Não posso evitar. Estou naturalmente curioso sobre você.

Ela limpou a boca com um guardanapo e tomou um gole de água, evitando meu olhar por alguns segundos.

— Não sei. Eu não namoro muito.

Muito fechada sobre isso. Certo.

— Quem foi o último cara com quem você namorou?

Eu esperava que ela me calasse e mudasse para outra conversa, mas ela me surpreendeu.

— Um bruxo de Metairie. Namoramos um pouco. — Ela deu de ombros, trazendo meu olhar para a curva da pele exposta. Parecia tão macio. Aposto que era.

— Ele não era um cara legal?

— Não. Ele era legal. Muito agradável.

— Seu entusiasmo é tão convincente — incitei sarcasticamente.

Ela sorriu.

— Honestamente? Eu só fiquei entediada.

— Então não houve faíscas?

— Devraj — ela sibilou baixinho, olhando por cima do ombro para o único outro casal aqui que estava muito absorto em suas mimosas e conversas para nos ouvir. — Isso não é da sua conta.

— Eu só estou curioso. Mas se você não quer falar sobre isso, tudo bem. — Eu tentei ser indiferente, esperando que ela se abrisse.

Mesmo que uma onda de rosa manchado seu peito e pescoço, ela decidiu de qualquer maneira, para minha alegria.

— É que sou uma pessoa reservada e sou muito particular sobre quem eu namoro e quem permito na minha cama. — Ela não conseguia me olhar nos olhos, mas continuou. — Às vezes é mais fácil confiar em mim mesma. — Ela tomou um gole de Bloody Mary novamente antes de acrescentar com naturalidade: — Eu posso cuidar de mim muito bem.

Ela quis dizer cuidar de seu próprio prazer muito bem. Minha calça ficou mais apertada enquanto eu imaginava cuidar dela do meu jeito.

— Tenho certeza que pode. — O garçom limpou a mesa e serviu a salada da casa. Enquanto ela se ocupava misturando as verduras e temperando, inclinei-me para a frente, com os antebraços apoiados na mesa. — Mas eu gostaria de me candidatar à vaga.

Ela riu antes de dar uma mordida, então olhou para o outro lado da mesa, seu sorriso sumindo quando ela percebeu que eu não estava brincando. Droga. Eu realmente precisava ajustar minha virilha, mas não queria que ela soubesse o quão excitante eu achava essa conversa.

Ela me examinou enquanto mastigava, então arqueou uma sobrancelha.

— Eu imagino que você acha que poderia fazer melhor do que o Grande John — ela brincou, tentando aliviar o peso pairando entre nós. Mas eu não estava pronto para deixar isso passar. Nem um pouco perto.

— Talvez não. Ele pode se juntar à festa, se você quiser. — Lambi meus lábios antes de sussurrar intimamente: — Na verdade, acho que seria uma ideia fantástica.

Por uma fração de segundo, um lampejo de surpresa e excitação cruzou suas feições. O rubor revelador colorindo suas bochechas, pescoço e peito provou que ela estava definitivamente pensando na minha oferta.

Ela tomou um gole de água e limpou a boca com o guardanapo.

— Você está falando sério, não é?

— Totalmente. — Eu segurei seu olhar, olhos verdes inundados de calor. — Dê-me uma noite, e eu vou provar isso para você.

Ela se ocupou com a salada e a deixei comer em paz. Eu queria que ela refletisse sobre nossa conversa, esperando que pudesse chegar à conclusão de que eu realmente estava falando sério. Ela tinha aquele olhar cético nos olhos, olhando para mim entre as mordidas, nós dois observando os transeuntes abaixo entre olhadas um para o outro.

Quando o garçom limpou os pratos para os aperitivos e colocou o prato principal na mesa, ela cantarolou em agradecimento. Ela realmente era uma criatura sensual. O deleite em seus olhos e o alargamento de seu sorriso expressavam seu prazer antes mesmo de dar uma mordida. Mais uma vez, eu me perguntei como seria ser a causa de seu prazer.

— Gostaria de um pedaço? — ela perguntou, enquanto eu a observava comer como um homem faminto. Mal ela sabia que eu não estava morrendo de vontade por sua comida.

— Claro.

Ela empurrou o prato sobre a mesa para que eu o alcançasse. Erguendo meu garfo intocado, dei uma mordida em seu camarão com grãos.

— Muito bom. Você gostaria de experimentar o meu?

— Mesmo a torrada francesa chique de Jules não parece tão boa.

Cortei um pedaço com o garfo.

— É o xarope Bourbon de mirtilo. Prepare-se para se surpreender. — Segurei o pedaço sobre a mesa para ela comer.

Ela franziu a testa com a minha tentativa de compartilhar um pedaço do meu garfo. Balancei meu garfo e levantei minhas sobancelhas. Honestamente, eu tinha cem por cento de certeza de que ela se recusaria a comer da minha própria mão, mas eu gostava de provocá-la. Preparei-me para um protesto mal-humorado, mas então ela se inclinou para frente e abriu a boca.

Putá merda.

Deslizei o pedaço para dentro e observei enquanto ela mastigava e lambia a calda de seus lábios.

Essa foi uma péssima ideia. Eu mal conseguia respirar, querendo me inclinar e provar a calda de sua boca.

— Você tem razão. Estou impressionada. — Então ela continuou comendo sua refeição como se não tivesse acabado de me dar um soco no estômago com uma explosão de luxúria.

Ficamos um pouco quietos. Ela apreciando sua refeição. Eu querendo puxá-la sobre a mesa para o meu colo e comê-la na minha próxima refeição.

Ah, porra.

Minha língua lambeu meus caninos estendidos. Eu com certeza não precisava que ela notasse aquele lapso de controle. E eu não precisava estar imaginando o gosto dela, porque eu tinha certeza de que ela não queria ser minha próxima hospedeira de sangue.

Para ser justo comigo mesmo, eu não tinha tomado um novo hospedeiro de sangue desde que cheguei. Como um vampiro mais velho, eu poderia passar um mês ou mais sem beber sangue para rejuvenescer minha magia e força sobrenatural. Fazia apenas duas semanas, mas isso não parecia importar. Eu ansiava pela mulher sentada do outro lado da mesa como um louco.

— Essa é uma pulseira única — ela disse, olhando para o punho de ouro incrustado com contas douradas e pretas que eu raramente tirava.

— Obrigado. — Limpando a boca, tomei um gole de água e afastei meu prato. Levei um momento para forçar meus caninos a recuar, mas meu controle era algo de que todo Stygorn se orgulhava. Ainda assim, eu não estava mais com fome de

comida, meu estômago apertado com um nó desconhecido de tensão. — Eu fiz do *mangalsutra* da minha mãe.

Ela terminou de comer e recostou-se na cadeira, olhando-me com curiosidade antes de estudar a pulseira.

— O que é?

Meu coração se apertou com o súbito lampejo de memória. Minha doce mãe e seus olhos tristes.

— Um *mangalsutra* é um colar de casamento sagrado em nossa tradição. Um noivo dá para sua noiva. — Interessante que outras pessoas admiraram esta joia em particular e me perguntaram sobre ela, mas nunca me preocupei em explicá-las o que significava. Talvez eu não achasse que entenderiam sua importância ou não me importava em expor essa dor em particular. Mas, por algum motivo, me peguei explicando tudo para Isadora. — Foi a promessa de meu pai para minha mãe que eles sempre estariam juntos. Que estariam protegidos do mal. Em nossa tradição, a esposa o usa até a morte do marido.

Ela deve ter visto algo em minha expressão porque a dela se suavizou com simpatia.

— E por quanto tempo sua mãe usou o colar?

— Até os meus treze anos. No mesmo ano em que fui transformado em vampiro.

Eu estava bem ciente de que minha voz estava um pouco fria, mas era difícil discutir, mesmo agora, séculos depois, sem algum ressentimento. Eu nunca pedi para me tornar o que era. E embora não me ressentisse da vida que levava agora, ainda

ralava minha consciência por carregar culpa por ser forçado a beber sangue humano quando já fui um hindu devoto. Muitas vezes me perguntei como minha mãe teria ficado envergonhada se soubesse. Se ela tivesse vivido para me ver agora.

— De qualquer forma, foi muito difícil para minha mãe quando ele morreu. Para qualquer mulher durante esse período, ser viúva era uma vida dolorosa.

A expressão intensa de Isadora percorreu meu rosto, sua voz uma carícia suave quando ela disse:

— Mas pelo menos ela teve você, Devraj.

Mais uma vez, meu estômago se apertou com alguma emoção estranha com a qual eu não estava familiarizado. Eu quis e saciei minha fome com muitas mulheres ao longo dos tempos. Esse desejo parecia diferente. Eu não queria apenas seu corpo, ou seu sangue, para ser completamente honesto comigo mesmo. Apenas estar em sua presença, absorvendo seus sorrisos e doce companhia, estava alimentando uma fome que eu não sabia que tinha.

— Sim — eu finalmente concordei com um sorriso. — Ela me teve.

— Eu imagino que ela estava orgulhosa de você. Você era um filho muito obediente, aposto.

— Na verdade, eu era. — Exceto pelo sangue que bebi pelas costas dela.

O garçom veio e deixou cair a conta. Mudei a conversa para a loja metafísica e o papel dela ali para evitar assuntos mais

pesados enquanto esperávamos que o garçom trouxesse meu recibo. Ela divagou sobre sua contabilidade e organização de estoque – sim, divagou, o que era completamente novo para ela na minha presença. Percebi que minha tímida garota só se abria assim para pessoas em quem confiava. Um fato que fazia calor florescer no centro do meu peito.

— Parece que você gosta do seu trabalho — eu disse enquanto pegávamos nossas sacolas de compras que havíamos guardado no balcão da recepcionista e saímos do restaurante em direção à bicicleta dela do lado de fora.

— Eu gosto. Mas eu gosto mais de jardinagem. Trabalhar na estufa.

— Sem clientes ou irmãs irritantes para incomodá-la.

Ela me agraciou com outro daqueles sorrisos brilhantes que mantinha escondidos e distribuía como pequenas moedas de ouro.

— Exatamente. Eu gosto de trabalhar sozinha.

— Eu percebi isso.

Paramos ao lado de sua bicicleta e, embora eu não quisesse me separar, também não queria que ela soubesse como eu estava desesperado para passar o dia inteiro em sua companhia. Uma coisa que passei a entender sobre Isadora é que ela era cautelosa. Eu precisava de outro motivo para passar um tempo com ela. Então isso me atingiu.

— Ruben me disse que Emma provavelmente precisaria de outro tratamento ou dois de sua parte. Eu poderia te dar uma carona para o hospital sempre que você precisar.

Afastou a bicicleta da parede, depois de destravar a corrente da roda, e guardou a sacola de frutas na cesta.

— Tenho certeza que posso conseguir que Jules me leve — ela disse, evitando contato visual novamente.

Inclinei minha cabeça para baixo, tentando forçar seu olhar para cima.

— Você quer dizer que não confia na minha habilidade de motorista? É isso que está dizendo?

— Não — ela disse rapidamente. — Não é isso. Simplesmente. — Ela deu de ombros.

— Você não gosta da minha companhia? — Provoquei.

Aquela linda cor rosa corou suas bochechas novamente quando ela me nivelou com aqueles olhos verdes.

— Também não é isso.

— Então você admite que *gosta* da minha companhia. Ama, na verdade, certo?

Ela riu.

— Você realmente é incorrigível.

— Foi o que me disseram. Várias vezes. Uma bruxa muito bonita.

Seus olhos caíram novamente enquanto ela montava na bicicleta. Como se isso não colocasse outra imagem

dolorosamente adorável em minha mente confusa. Era o suficiente. Já era hora de eu ir. Estendi minha mão para ela.

— Obrigado por almoçar comigo, Isadora.

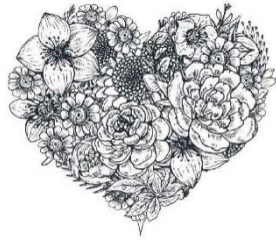
Ela apertou minha mão, e não pude deixar de segurá-la por mais um momento do que o normal, roçando meu polegar sobre sua pele macia, seu pulso rápido e vibrante.

— Eu deveria estar agradecendo. Realmente gostei disso.

— O prazer é meu. — Soltei a mão dela e enfiei as minhas nos bolsos, forçando-me a dar um passo para trás. Ainda assim, não pude deixar de acrescentar: — Se você precisar de alguma coisa. Uma carona para o hospital? Um substituto para o Grande John? Você pode me ligar a qualquer hora.

Sua boca se abriu em surpresa. Eu memorizei aquela imagem antes de dar uma piscadela para ela e voltar para o meu carro.

Capítulo 14



isadora

Eu estava deitada na minha cama, olhando para o teto por não sei quanto tempo. Eu não conseguia tirar o brunch desta manhã no Gris Gris da minha cabeça. Não. Não a comida. A companhia. O homem. O vampiro. Ele invadiu meu espaço mental e não ia embora, não importa o quanto eu tentasse me livrar dele.

Olhei para minha mesa onde Violet havia colocado meu DVD de *Dilwala Deewana*.

Desculpe. Peguei de volta. Onde ela o apoiou com um post-it rosa choque que ela pegou da minha mesa e escreveu em sua caligrafia sinuosa: *Isso NÃO é lixo. Assista frequentemente. De nada. - V*

Incapaz de me conter, fechei a porta e coloquei o DVD no aparelho e liguei a TV em cima da minha cômoda. Sentada na minha cama, assisti um pouco da introdução que era principalmente sobre a bela heroína, então avancei para Devraj. Em pouco tempo, voltei ao ponto de onde havia parado, onde

ele deu um mergulho ao luar. Foi quando percebi que minha mão que não segurava o controle remoto estava passando pela minha barriga em pequenos círculos.

Olhando para a porta, pulei e a tranquei, então abri minha mesa de cabeceira. Sim, lá estava o Grande John, sentado orgulhosamente no meu ninho de brinquedos. Fui pegá-lo, mas parei. Atrás de mim, Devraj falou com sua voz hipnótica na tela. Quando olhei de volta para a TV, a heroína havia se juntado a ele em seu mergulho ao luar, a música havia terminado. Ele a estava segurando sensualmente perto, sussurrando palavras sensuais em sua voz suave e sedosa.

Dê-me uma noite, e eu vou provar isso para você.

Como seria ser o foco de toda a atenção daquele vampiro? Mordendo meu lábio, eu o observei abraçar a mulher na tela e não pude negar o ciúme queimando minha pele.

Quer fosse fingimento ou não, eu estava queimando de ciúme de uma estrela de cinema ou do relacionamento que ele poderia ou não ter tido com ela fora da tela. O problema era, não era apenas seu belo corpo que fazia meu estômago retorcer em nós e minha libido decolar. Ele era atraente em tantos níveis, e eu simplesmente não podia negar que sinceramente queria ver o que ele poderia oferecer. Por apenas uma noite, é claro. Qual poderia ser o dano?

Debati por mais dois minutos, então fechei a gaveta da mesinha, desliguei a TV, joguei algumas coisas extras que pensei que precisaríamos na minha bolsa e descí as escadas antes que

perdesse a coragem. Alguém estava assistindo televisão na sala de estar.

Quando coloquei minha cabeça para dentro, era Evie e seu namorado Mateo enrolados juntos no sofá, praticamente colados um ao outro. Eles estavam assistindo *Vingadores: Ultimato* e Mateo estava brincando com o rabo de cavalo dela, seu olhar nela, não estava focado na TV. Eles eram repugnantemente adoráveis e tão apaixonados.

— Ei, Evie. Eu vou sair por um tempo. Não me espere acordada.

— Indo para a casa da Tia? — ela perguntou.

— Uhummm — menti, virando-me para a porta da frente antes que ela pedisse mais detalhes.

Eu não era uma mentirosa e apenas aquela mentira pequenininha fez minhas entranhas apertarem. Mas eu com certeza não iria dizer aonde eu realmente estava indo.

— Faça com que ela a traga para casa — ela gritou. — Vai ser muito tarde para voltar na sua bicicleta.

— Ok! — Eu disse enquanto abria a porta da frente.

Porcaria. Agora eu tinha que pegar minha bicicleta para fingir que estava indo para a casa da Tia. Essa pequena escapada já havia se transformado em algo maior do que eu havia planejado.

Era final da tarde, o sol brilhava calorosamente sobre as casas e a paisagem enquanto andava de bicicleta pela rua, na calçada, e na entrada ao lado. Ele conseguiu seu Lamborghini de volta.

Decidi estacionar minha bicicleta bem embaixo da garagem aberta atrás do carro, para o caso de uma de minhas irmãs passar por ali algum motivo.

Eu senti como se estivesse me esgueirando, porque provavelmente eu estava.

Colocando minha mochila no ombro para cruzar o peito, abri o portão de ferro forjado que levava à porta dos fundos. No centro de seu lindo pátio de tijolos, havia uma fonte gotejante que se chocava contra a cerca branca que separava nossos quintais. Reunindo coragem, respirei fundo e bati na porta.

Sem resposta. Isso pode ser um erro terrível. E se ele já tivesse uma mulher lá dentro? Uma hospedeira de sangue? Uma amante? Ou ambos? E ele estava neste exato minuto beijando sua garganta como fez com aquela atriz no filme. E se eles estivessem indo para sua cama sem dúvida luxuosa, e eu estivesse aqui parada em sua porta como uma idiota?

Ah, inferno.

Virei-me assim que a porta se abriu. Devraj estava lá em seus jeans, uma camiseta e seus pés descalços, seu cabelo comprido caindo sobre os ombros. Ele tinha um pano de prato na mão e algo cheirando divinamente vindo de sua cozinha. Seu sorriso característico brilhava enquanto seus quentes olhos castanhos me comiam de cima a baixo.

Eu nem pensei em me trocar, caramba! Que tipo de calcinha eu estava usando? Isso realmente importava?

— Esta é uma agradável surpresa.

— Oi. — Minha voz estava um pouco esganiçada, mas não havia como voltar atrás agora. Levantando meu queixo, fui para frente. — Eu gostaria de aceitar sua oferta — eu disse com toda a confiança que pude. — De um caso de uma noite. Bem, não uma noite inteira. Apenas uma vez. Ou uma sessão, na verdade. — Uma sessão? Isso não era uma pintura de retrato. Olhei para o céu escurecendo. — Um caso de uma noite, suponho. Tenho até às dez horas. — Depois disso, Jules mandaria mensagens de texto para Tia, se preocupando freneticamente comigo porque eu sempre estava na cama às dez e meia. Sempre. — Se a oferta ainda estiver de pé, é claro.

Durante meu ridículo vômito de palavras, me obriguei a ficar quieta e não me mexer enquanto seu sorriso esvaía e sua mandíbula se abria.

Ele piscou. E piscou novamente. Eu o quebrei?

— Ou talvez possamos fazer isso outra noite.

Quando me virei para ir embora, ele agarrou minha mão.

— Entre. Você está com fome?

Deixei que ele me guiasse pelo curto corredor e por uma sala de estar muito limpa. Não havia sinais de caixas. Ele se adaptou rapidamente, mas acho que isso era normal para alguém que viajava tanto quanto ele. Embora as decorações fossem escassas, ele tinha alguns móveis e decoração únicas e bonitas. Mas não tive tempo de absorvê-las antes que ele me puxasse para uma cozinha bem iluminada.

Forçando-me a relaxar um pouco, já que era óbvio que ele não iria me atacar como imaginei que isso aconteceria, eu disse:

— Tem um cheiro delicioso. O que você está cozinhando?

Ele soltou minha mão e caminhou até o fogão onde tinha uma tábua de cortar e algumas cebolas roxas parcialmente cortadas em cubos, a faca deixada de lado. O pensamento dele fazendo algo simples e doméstico quando eu bati na porta, em vez dele arrebatando alguma mulher sem nome em seu quarto, me fez respirar com mais facilidade.

— Chama-se dabeli. É um dos meus favoritos. — Ele deu um sorriso por cima do ombro enquanto continuava cortando.

— Sente-se.

Ele apontou para a ilha onde havia duas banquetas. Colocando minha bolsa na mesa da cozinha, sentei-me na ilha atrás dele.

— O que é isso aí? — Perguntei, apontando para a tigela ao lado de uma variedade de ingredientes.

— Este é o dabeli masala com chutney doce — disse ele, deixando a mistura de lado enquanto sua frigideira antiaderente esquentava. Ele derramou um pouco de óleo na panela. — Estou fazendo o recheio agora.

Ele continuou a adicionar um pouco de purê de batatas e cebolas em cubos à frigideira, depois a mistura da tigela. Ele estava de costas para mim, o que apenas atraiu meus olhos para a ampla extensão enquanto suas mãos se moviam com agilidade, mexendo os ingredientes na panela. Não pude deixar

de observar seus músculos se flexionando e se movendo sob a camiseta que esticava um pouco demais. Eu só o tinha visto em camisas sociais antes.

Retirou a panela do fogo e transferiu a mistura para um prato onde apertou com a parte chata de uma colher de pau. Por fim, salpicou com coentro, coco e romã.

— Aqui. Prove. — Ele se virou com uma pequena colherada do recheio e segurou na minha boca, um sorriso aparecendo de um lado.

Deixei que ele me alimentasse. Ele observou minha boca enquanto eu mastigava. O sabor estava delicioso.

— E você come assim mesmo? — Perguntei, fingindo que não tinha vindo aqui apenas para sexo e isso era perfeitamente normal.

— Não. Eles vão para os pav. — Ele apontou para o que parecia ser pãezinhos doces, cortados no meio. — Eu vou fazer alguns agora, se você quiser.

Este homem tinha uma voz injustamente sensual. Profunda, escura e rica. Um timbre que normalmente rolava com doces promessas e suave sedução. Mas agora? Ele havia se transformado em algum tipo de entidade própria. Um superpoder que estava usando para me atrair para mais perto. A coisa era, ele não tinha que me seduzir. Eu estava aqui por vontade própria por apenas uma coisa. E mesmo assim, sua voz, sua beleza, seus maneirismos sedutores e sim, caramba, seu

charme irresistível, me prenderam completamente. Em transe. Querendo.

Lambi meus lábios, mas não conseguia encontrar nenhuma palavra.

— Você está com fome, não está, Isadora?

Aqueles olhos escuros revirados com prata.

Eu balancei a cabeça.

— Por comida? — ele perguntou. — Ou alguma outra coisa?

— Outra coisa. Eu já te disse.

E eu não ia me repetir porque uma vez era tudo que eu podia suportar.

Ele colocou a colher de lado sem tirar o olhar do meu, então plantou as mãos na bancada da ilha em cada lado dos meus quadris, prendendo-me em seu abraço.

— Uma noite? — ele perguntou, levantando a sobrancelha em questão.

— Não é uma noite inteira — esclareci. — Tenho que estar em casa às dez horas.

Sua boca – uau, ele tinha lábios adoráveis – se curvou de um lado, achando isso divertido por algum motivo.

— Então é melhor começarmos — ele sussurrou, inclinando-se.

Ele ia me beijar. *Claro*, ele ia me beijar. O que eu estava pensando? Então, por que meu coração estava tentando pular do peito com essa revelação repentina?

Não sei o que esperava. Algo tenro? Ou feroz e arrebatador? Não tinha certeza. Mas o que eu não esperava era a descida inacreditavelmente lenta de sua boca, mal aberta enquanto deslizava suavemente contra a minha.

Meus olhos se fecharam automaticamente enquanto ele continuava sua varredura suave, nem uma vez aterrissando. Quando ele traçou a costura dos meus lábios com a ponta da língua, eu engasguei. Ele deslizou uma mão em volta da minha nuca, segurando-me ainda, firme e possessivo. Ele deslizou o dedo pelo meu queixo em uma carícia terna, parando na ponta do meu queixo, enquanto seduzia minha boca com toques sussurrantes de seus lábios. Foi enlouquecedor.

Então ele afastou sua boca, me fazendo gemer de frustração. Meu pulso batia a um milhão de milhas por minuto. Eu tinha certeza que ele podia ouvir. Ousei abrir meus olhos, sabendo que encontraria aquele sorriso malicioso dele enquanto observava me desfazer por um, não exatamente, beijo.

Mas ele não estava sorrindo. Não. Muito pelo contrário. Seus olhos escuros brilhavam com a prata de seu vampiro. E a luxúria que emanava dele me lambia como uma chama. De seus lábios abertos, captei o brilho de seu piercing na língua, bem como duas lascas de dentes caninos. Embora eu achasse impossível, meu coração batia ainda mais forte, batendo em minha caixa torácica com uma mistura potente – principalmente de excitação, mas também com um toque de medo.

— Você vai me morder? — Eu sussurrei, minha voz rouca.

— Você quer? — Ele arrastou o polegar pela minha garganta e depois de volta ao meu queixo, efetivamente me segurando no lugar.

Por uma fração de segundo, eu realmente tive que pensar sobre essa pergunta, o que era ridículo. Nenhuma bruxa quer ser mordida por um vampiro. Diz-se que a mordida de um vampiro, embora prazerosa, deixa a pessoa indefesa, enfeitiçada. Esse tipo de coisa exigiria uma quantidade excessiva de confiança. Isto era apenas um sexo único.

— Não — eu finalmente respondi. Certeza que essa era a resposta certa.

A expressão dele não mudou nada, mas havia um lampejo de algo em seus olhos que não consegui decifrar.

— Então nada de morder — ele concordou.

Rápido como um raio, ele pressionou meu queixo com o polegar, abrindo minha boca e inclinando minha cabeça antes de sua boca esmagar contra a minha. Ele varreu com sua língua, me consumindo, a combinação de suavidade e seu pino de aço me derretendo na banqueta.

Choraminguei, só então percebendo que tinha as duas mãos apertadas em sua camiseta, seu peito duro como pedra pressionando mais perto. Meus pés estavam apoiados na travessa do banquinho com o corpo dele ligeiramente entalado entre eles. Ele passou a mão pela minha panturrilha até meu

joelho, onde apertou e depois abriu mais minha perna para que pudesse pressionar sua pélvis na minha.

O tempo todo sua boca me deixou em um frenesi de desejo, sua grande mão avançando para cima para envolver minha coxa, apenas me segurando enquanto ele me beijava até o esquecimento.

Eu já fui beijada várias vezes. Mas o que quer que Devraj estivesse fazendo com sua língua, sua boca, as pontas de seus dentes, mordiscando meu lábio inferior em um segundo, me persuadindo gentilmente, então mergulhando fundo no seguinte, não era nada que eu tivesse experimentado antes. Era como se estivesse explorando seu território recém-conquistado. Sem hesitação, já que ele o possuía, mas mapeando cada centímetro com a boca. Então aquela boca gloriosa desceu da minha mandíbula até meu pescoço.

Eu agarrei um de seus ombros – caramba, mas eles estavam tensos com músculos flexionados – e penteei o outro em sua espessa massa de cabelo. Ele gemeu contra um ponto sensível na base da minha garganta.

— Eu ia te perguntar... — ele raspou seus caninos afiados ao longo do meu ombro, puxando de lado a alça do meu vestido sem mangas —, se você queria que eu te fodesse forte ou bem devagar. — Outro raspar de seus dentes afiados, em seguida, uma varredura suave de sua língua. — Mas eu descobri o que você quer. O que você precisa.

— Ah, é? — Perguntei, chocada ao me ouvir ofegando em sua cozinha silenciosa. — O que eu preciso?

Ele parou com a boca acima da minha clavícula, traçando a linha delicada com a língua, a suave perfuração uma carícia tentadora.

— Tudo — ele sussurrou contra a minha pele. — E eu vou dar a você.

Foi quando percebi que ele de alguma forma conseguiu desabotoar toda a linha de botões do meu vestido de cambraia sem que eu percebesse. Logo antes de abri-lo. Ele foi para trás, expondo tudo de mim, nada além de minha calcinha de algodão branco e sutiã. Ele recuou o suficiente para dar uma longa olhada vagarosa, suas mãos patinando para cima e para baixo em meus lados. Seus polegares pressionaram meus quadris, o desejo aquecido saindo dele em ondas.

Eu coloquei minhas mãos em seus braços abaixo de seus bíceps, esperando por algumas palavras bonitas ou algumas sedutoras. Mas ele não disse nada, apenas olhou, bebendo de mim.

— Devraj — eu interrompi, começando a me sentir constrangida.

Ele se assustou, seu olhar encontrando o meu, uma intensidade calculada por trás dos olhos cor de mogno.

— O que? — Pressionei, precisando saber o que ele estava pensando.

Seu aperto na minha cintura aumentou e ele me ergueu para a extremidade estreita da ilha. A ação me chocou tanto que eu gani e agarrei seus antebraços. Agora ele estava parado entre minhas pernas e tirando meu vestido dos meus braços para pendurá-lo na bancada atrás de mim.

— Peço desculpas — ele sussurrou, suas mãos deslizando sob meus braços e atrás das minhas costas para abrir meu sutiã.

— Eu estava planejando...

— Planejando?

Ele tirou meu sutiã, então roçou a palma da mão entre meus seios, sua mão abrangendo minha clavícula.

— Todas as coisas que pretendo fazer com você nas próximas quatro horas. — Ele me empurrou gentilmente, me puxando de volta para a ilha no sentido do comprimento. — Você pode querer esperar — ele sugeriu, colocando minhas mãos nas bordas do granito antes de enfiar os dedos sob minha calcinha e rapidamente puxá-la pelas minhas pernas.

Ah, garoto. Eu estava completamente nua, deitada na ilha com a luz do entardecer brilhando através de sua janela. Felizmente, era uma janela alta o bastante para que ninguém pudesse ver da estrada, mas a ideia de estar tão exposta e em plena luz do dia era completamente aterrorizante. E emocionante.

Sempre fiz sexo em um quarto e geralmente no escuro. Isso era inteiramente novo. Devraj me esparramou nua em sua cozinha, prestes a ser o prato principal.

Ele agarrou as abas do meu vestido penduradas sobre a ilha e deslizou meu corpo até que minha bunda estivesse na borda. Ele arrastou as mãos ao longo das minhas panturrilhas até meus joelhos, dobrando seu corpo e ancorando minhas coxas contra seus ombros largos.

Ah, garoto, Ah, garoto.

Eu peguei o lampejo de seu sorriso com presas enquanto ele segurava meu olhar, abaixando mais perto, e isso foi demais para mim. Deitei a cabeça e olhei para o teto da cozinha. Ele deslizou um dedo pela minha maciez e gemeu em aprovação.

— Isadora — ele sussurrou com uma espécie de adoração intensa que me fez arquear o pescoço, o calor de sua respiração em meu núcleo, a barba em sua mandíbula arranhando minha coxa.

Agarrando as bordas da bancada, me preparei para a sensação de sua língua perfurada. Mas quando ele me abriu com dois dedos e lambeu levemente meu clitóris, eu sabia que não havia como me preparar para isso.

— Ah, Deus. — Meus quadris saíram do balcão, mas então ele estendeu a mão sobre minha pélvis e me pressionou para baixo.

— Calma. Apenas começando, amor.

Depois ele estava me comendo corretamente. Acabaram-se as pinceladas suaves. Lambidas insaciáveis até meu clitóris que faziam meus quadris balançarem, mas ele me segurou com força, seus gemidos pesados se misturando aos meus. Ele

deslizou dois dedos pela minha umidade, em seguida, empurrou para dentro de mim enquanto fechava a boca sobre minha protuberância rígida, sacudindo perversamente com sua língua perfurada.

— Ah, meu Deus. — Não pude evitar. Apertei minha mão em seu cabelo e balancei meus quadris no ritmo de suas estocadas, sabendo que já estava prestes a gozar. Se eu pudesse ter pensado além do prazer ofuscante correndo pelo meu corpo, eu poderia ter ficado envergonhada.

Seu grunhido de prazer em resposta vibrou contra minha carne tenra, me levando ao limite. Eu gritei quando gozei tão forte com sua boca enterrada entre minhas coxas, seus lábios puxando com uma doce sucção em meu clitóris.

Sua foda com os dedos diminuiu enquanto eu choramingava durante o meu orgasmo, começando a ficar um pouco envergonhada agora que percebi o quão fácil tinha sido para ele me tirar do sério. Quando minha respiração estava quase normal, ele tirou os dedos de mim e se levantou. Achei que ele teria um olhar presunçoso e algumas palavras sarcásticas, mas, novamente, Devraj me surpreendeu. Se alguma coisa, sua expressão dura.

— Minha bolsa — eu disse, apontando para a mesa da cozinha.

Ele se aproximou e então trouxe de volta para mim enquanto eu me sentava. Eu vasculhei lá dentro até encontrar o

que estava procurando. Entreguei a ele e joguei minha bolsa no chão.

Sua testa franzida suavizou quando ele pegou a camisinha de mim, olhando-a antes de jogá-la no balcão da cozinha e sorrir.

— Isso não vai caber, amor.

Ele veio para o meu lado para me levantar em seus braços com um braço sob meus joelhos, o outro embalando a parte superior do meu corpo contra seu peito quente.

— Não vai? — Agarrei seu pescoço, segurando-o. Fiquei orgulhosa de estar tão preparada, mas aparentemente não tinha pensado em vários tamanhos.

Ele não respondeu, apenas riu, enquanto me levava da cozinha para a sala. Mas, em vez de seguir pelo corredor em direção ao seu quarto, ele caminhou até a lareira alta e me acomodou em um tapete branco de pelúcia na frente de uma chaise roxa escura. Ele se levantou e usou um controle remoto para acender a lareira a gás. Era final da primavera e definitivamente não era hora de fazer fogo, mas o calor aqueceu minha pele exposta. Isso foi muito atencioso.

Atencioso estava se tornando sinônimo de Devraj. E tantas outras palavras. Gentil. Forte. Lindo. Fui muito rápida para julgar quando nos conhecemos, mas quanto mais eu aprendia sobre ele, mais me afundava em um mundo de sentimentos. A algema em seu pulso me lembrou novamente de seu amor por sua mãe. Por que ele tinha que ser tão magnífico em todos os sentidos?

Espalho as palmas das mãos sobre o tapete macio.

— Aqui?

Ele estendeu as duas mãos sobre os ombros e agarrou sua camiseta, levantando-a sobre a cabeça e jogando-a de lado.

— Para começar.

Cristo. Este homem era todo carne e contornos adoráveis com uma trilha de cabelo ralo passando por baixo de seu cinto. Que ele agora estava desafivelando.

— Não em sua cama? — Eu consegui perguntar, incapaz de manter meus olhos longe de sua progressão enquanto ele desabotoava e abria o zíper de sua calça jeans antes de deslizá-la e sua cueca preta pelas pernas.

— Nós vamos chegar lá — disse ele, de pé em toda a sua altura na minha frente.

Sua mão foi para sua ereção saliente onde ele bombeou uma vez, forte e devagar. Eu não conseguia parar de devorá-lo com meus olhos, suas coxas musculosas e abdômen esculpido, os pequenos círculos escuros de seus mamilos, duros e rígidos.

Outro piercing em seu mamilo esquerdo brilhou à luz do fogo. Engoli em seco ao vê-lo. Eu não tinha ideia de que piercings teriam esse tipo de efeito sobre mim. Eu também não tinha ideia de que a visão deste magnífico homem nu me excitaria tão rápido.

Seu corpo era uma carta de amor de perfeição.

Ele não se moveu desde que tirou a roupa, exceto pelo lento bombeamento de sua mão naquele pênis perfeito.

Finalmente, movi meu olhar para o rosto dele, percebendo que ele estava protelando de propósito.

— O que você está esperando?

— Apenas deixando você dar uma boa olhada desde que eu dei uma boa olhada quando chegou a minha vez.

Não sei por que, mas achei isso extremamente atencioso. Ele não se despiu e depois se lançou sobre mim. Devraj tinha tudo a ver com movimentos lentos, uma doce sedução e reciprocidade. Ele era um doador. Por que isso me surpreendeu, eu não fazia ideia.

— Não se mexa — ele ordenou, desaparecendo no corredor e retornando com o que obviamente eram alguns pacotes de preservativos. *Cinco?* E uma garrafa de outra coisa.

Ele os colocou no chão de madeira ao lado do tapete, em seguida, pegou uma almofada de seu sofá e jogou para mim.

— Vire e descanse a cabeça. Hora de uma massagem.

Eu fiz uma careta para ele. Ele caiu na gargalhada enquanto se ajoelhava. Sua mão se espalhou sobre meu quadril e me manobrou suavemente.

— Vire, Isadora.

Está bem, então. Eu não ia dizer não a uma massagem. Rolei e enrolei meus braços sob o travesseiro, descansando minha cabeça para enfrentar o fogo quente.

Ele me montou de joelhos, o que parecia extremamente erótico. E ainda, eu não podia vê-lo, apenas senti-lo se movendo acima de mim. Ele derramou algum tipo de óleo de uma garrafa

que colocou no chão perto da minha cabeça. Eu o ouvi esfregando as mãos antes de espalhá-las sobre meus ombros e apertar. O óleo tinha um cheiro almiscarado limpo como cedro, mas também misturado com um leve cheiro floral. Jasmim ou lilás. Talvez ambas. Celestial.

— Mmmm. — Não pude evitar quando ele deslizou suas mãos pelas minhas costas e pela minha espinha, o óleo perfumado suavizando seu caminho. O calor infiltrou-se na minha pele e percebi que o cheiro agradável sob a minha pele não era apenas a luz do fogo ou as mãos dele. — Está tão quente.

— É o óleo — disse ele. — Sente-se bem?

— Incrível — admiti.

Ele riu de novo, um som gutural que parecia tão próximo, aliviando a tensão na minha barriga. Pois mesmo que ele tivesse me relaxado um pouco com um orgasmo alucinante, eu sabia que o evento principal ainda estava por vir.

Seus dedos trabalharam magicamente nas minhas costas ao longo da minha coluna, então desceram enquanto ele pressionava seus polegares na parte inferior das minhas costas e depois na minha bunda. Eu gemi novamente com a pressão magistral de seus dedos. Quem diria que uma massagem no bumbum poderia ser tão boa?

Suas mãos grandes me massagearam lá, em seguida, acariciaram a parte de trás das minhas pernas, derramando mais óleo em suas mãos e repetindo seus golpes suaves até que eu estava cantarolando de desejo novamente. Ele pressionou o

polegar ao longo do interior das minhas coxas, em seguida, de volta ao longo da costura do meu sexo e minha bunda.

Eu nunca tive uma massagem erótica. Também não tinha ideia de que meu corpo podia pulsar de desejo sem nunca tocar os lugares que eu sabia serem meus pontos de gatilho de luxúria. Se havia alguma dúvida de que Devraj sabia o que diabos estava fazendo na cama – ou na bancada da cozinha ou no tapete da sala – eu agora sabia de tudo.

Eu estava com os olhos fechados, mas o senti se mexer, inclinando-se sobre o meu corpo. Abri meus olhos parcialmente, vendo seu braço apoiado ao lado da minha cabeça. Sua boca traçou uma trilha ao longo do meu ombro, seu cabelo arrastando em movimentos eróticos sobre minha pele nua. Ele deslizou um dedo ao longo de um caminho muito suave entre as minhas pernas. Se ele não sabia que tinha me excitado antes, estava bem ciente do que fez comigo agora. Eu estava embaraçosamente molhada. Mas não consegui sentir vergonha quando ele continuou a fazer meu corpo derreter em seu tapete macio.

— Podemos estragar seu tapete — murmurei.

Ele mordiscou meu pescoço.

— Eu não me importo. — Ele mordeu o lóbulo da minha orelha, sugando-o antes de voltar para a minha garganta. — Vou comprar um novo.

— Tão esbanjador. — Percebi que minhas palavras eram lentas. Eu estava bêbada de emoção, mas ainda tinha que apontar o erro de seus modos extravagantes.

— Eu tinha razão.

— Tinha? — Eu mal consegui perguntar.

Um pequeno arranhão no meu ombro antes que ele lambesse o local.

— Eu queria ver como você ficaria incrível nua neste tapete.

— Sua voz caiu mais profunda, mais perigosa. — Você parece uma porra de uma rainha.

Então eu não conseguia mais pensar enquanto seus dedos talentosos trabalhavam entre minhas pernas. Ele circulou meu clitóris inchado antes de patinar através de minhas dobras, em seguida, até o buraco apertado do meu traseiro. Eu fiquei tensa, nunca tendo ninguém brincando comigo lá.

— Relaxe para mim — ele sussurrou naquela voz aveludada.

Eu relaxei, pensando que ele planejava romper com o dedo. Mas ele não o fez. Apenas contornando suavemente, o óleo aquecido me atormentando além da razão. Então ele levantou seu corpo, e eu senti a perda de seu calor, suas mãos, sua mera presença, como se alguém tivesse me tirado o fôlego. Fiz uma careta até que ouvi o som familiar de um pacote de preservativo sendo rasgado.

Ergui-me sobre os cotovelos e espiei por cima do ombro. Ele me observou vê-lo colocar a camisinha antes de me rolar de costas. Com meus joelhos dobrados, pés plantados em cada

lado de onde ele estava ajoelhado, este era o momento em que Devraj avançava e me pegava forte e rápido. Mas como sempre, eu realmente não sabia como ele trabalhava. Sempre fazendo o inesperado.

Ele levantou uma das minhas pernas e mordiscou uma reta por dentro antes de colocá-la sobre o ombro. A visão dele e sua descida lenta sobre o meu corpo dispersou minha inteligência ainda mais, se isso fosse possível. Eu sabia o quão rápido os vampiros podiam se mover. Eu testemunhei seu movimento tão rápido que era como se eles desaparecessem em um lugar e reaparecessem em outro. O que eu não sabia era que eles também podiam se mover dolorosamente devagar.

Dolorosamente porque eu queria, precisava, estava prestes a implorar para ele entrar em mim. Isso foi uma tortura louca.

— Agora — implorei, incapaz de me ajudar.

Ele não disse uma palavra. Estendi a mão, uma mão em seu bíceps, a outra deslizando até seu mamilo com o piercing. Puxei delicadamente a minúscula argola prateada, querendo lambe seu mamilo. Ele sugou uma respiração sibilante, em seguida, rosnou baixo em sua garganta. A reação despertou algo selvagem dentro de mim.

Seguindo o instinto, algo que nunca tinha feito durante o sexo, sempre pensando demais, agarrei seu bíceps com força e me levantei. Eu abri minha boca sobre o mamilo perfurado e, em seguida, sacudi o aro com a minha língua antes de chupar com força.

Sua mão estava no meu cabelo, agarrando, e então ele me puxou para longe, seu olhar percorrendo meu rosto, concentrando-se intensamente em minha boca, sua testa franzida, intrigado. Olhos prateados encontraram os meus quando ele abaixou nós dois, apoiando-se em um cotovelo, enfiando a mão em meu cabelo para embalar meu crânio em sua mão de dedos longos.

— Não me apresse — ele sussurrou contra meus lábios, alinhando a cabeça inchada de seu pênis com a minha entrada.

— Apressar? — Eu bufei uma respiração frustrada e agarrei ambas as mãos em seu cabelo, agarrando um grosso punhado. — Entre em mim, Devraj Kumar. — Tão agressiva, tão exigente, que mal me reconheci. Tudo o que eu sabia é que ele tinha o que eu precisava, e queria agora.

Algo selvagem e implacável faiscou por trás de seus olhos de vampiro, brilhando com uma intensidade que fez meu pulso acelerar a um ritmo enlouquecedor. Agarrando a coxa da minha perna e pressionando seu peito, ele afundou dentro de mim, lentamente, centímetro por centímetro.

Engoli em seco, mas ele engoliu o som com um beijo esmagador, ficando parado por um momento enquanto meu corpo se esticava ao redor dele. Em seguida, com estocadas rasas e sinuosas para fora, depois para dentro, ele se acomodou totalmente dentro de mim. Ele gemeu longo e alto em minha boca, sua língua acariciando profundamente. Ele quebrou o

beijo e pressionou sua testa na minha, fendas estreitas de prata me devorando em vez de sua boca.

— Perfeito para caralho, não é?

Eu não conseguia falar no momento, ofegante incontrolavelmente, raspando minhas unhas em suas costas flexionadas.

— Me arranhe, Isadora. Me marque bem.

Em seguida, os movimentos ágeis de seus quadris ganharam velocidade, batendo em mim com um novo tipo de intensidade. Menos controlado. Mais frenético. Eu deslizei com as duas mãos sobre suas costas e arranhei o comprimento muscular em sua espinha até que agarrei a bunda mais perfeita e apertada que já segurei.

— Porra, Isadora. — Ele gemeu, seus lábios pairando sobre os meus. — O que você está fazendo comigo?

Então eu afundei minhas unhas, pedindo-lhe para ir mais rápido. Ele não decepcionou, bombeando forte e profundamente, circulando sua pélvis quando ele atingiu a minha, que esfregou meu clitóris de forma provocante. Senti um orgasmo devastador crescendo novamente. Com minha perna plantada no chão, balancei para cima, encontrando-o com cada estocada agressiva.

— Sim — murmurei contra seus lábios. — Tão bom.

Porque isso era. Ele havia prometido que faria tudo certo, provaria que eu estava errada. E eu estava afundando em um êxtase inconsciente, emocionada por ele ter sido capaz de fazer

isso. Ele estava tão certo. Sexo não era chato. Eu estive com parceiros chatos, talvez. Ou talvez eu fosse chata com eles. Mas com Devraj, algo acendeu dentro de mim, tirando a garota selvagem de seu esconderijo. Enquanto pairava um pouco além do meu segundo orgasmo, emoções pesadas varreram minha alma, sussurrando que um homem como Devraj tornava as brincadeiras na cama excitantes. Emocionantes. Necessárias.

Ele empurrou para cima do meu corpo com uma mão, a outra deslizando entre as minhas pernas, onde deslizou um círculo ao redor da minha protuberância inchada, apertando meu corpo ainda mais. Ele virou a cabeça para colocar um chupão no interior do meu joelho, onde caiu sobre seu ombro, então concentrou sua atenção na união de nossos corpos.

Seu pau engrossou ainda mais, ficando ainda mais duro enquanto ele se via empurrando dentro de mim, seu polegar fazendo círculos mágicos. Deixei minhas mãos caírem no tapete, agarrando e segurando enquanto ele me batia com mais força.

— Porra, porra, porra — ele disse como uma maldição, seu rosto se contorcendo em dor, mostrando os dentes.

Ah, meu Deus!

A visão de suas presas para fora, seus olhos prateados brilhando, sua expressão de dor e de luxúria vertiginosa fixada com força por minha causa fez meu corpo tombar em outro penhasco.

— Ah! — Deixei escapar um grito, minha boca escancarada quando gozei com um estrondo feroz, meu sexo apertando em torno dele.

Seu olhar encontrou o meu, uma mania indecifrável brilhando por trás daqueles olhos de vampiro enquanto ele me fodia ainda mais forte.

— Sim — foi tudo o que ele disse enquanto empurrava uma última vez e segurava, pulsando dentro de mim com seu próprio orgasmo. — *Sim*. — Seu rosnado era profundo como cascalho.

Ele gemeu, segurando sua pélvis com força contra a minha, mas movendo-se em pequenos círculos como uma massagem. Então soltou minha perna de seu ombro e abaixou para mim novamente. Ele passou os dedos em meu cabelo antes de varrer um beijo rápido contra meus lábios.

Ele fez isso por um bom tempo e, embora fosse muito íntimo para ser confortável para mim, não consegui afastá-lo. Beijá-lo assim parecia tão natural, o que em si era estranho. Isso era sexo rápido, lembrei a mim mesma. A intimidade que ele me fazia sentir era um pouco assustadora. Mais uma vez, meu coração batia de forma irregular, lembrando-me que eu estava em uma zona de perigo. Ainda assim, eu não conseguia evitar chafurdar nessa adorável intimidade.

— Você é muito bonita — ele finalmente disse. Ele quase pareceu chocado. Surpreso. Por sua admissão? Eu não tinha certeza.

— Eu estava pensando a mesma coisa sobre você — eu disse suavemente.

Ele sorriu, olhando para minha boca por alguns segundos antes de encontrar meus olhos novamente.

— Eu poderia ficar viciado na expressão em seu rosto quando você goza.

Uau.

Deslizei meus olhos para longe dele, de repente me sentindo tímida. Os homens com quem eu estive nunca disseram nada assim para mim antes. Em vez de me torturar ainda mais, ele me deu um breve selinho e saiu de cima de mim. Respirei fundo quando ele se retirou do meu corpo.

Ok, então eu estava definitivamente errada sobre a síndrome do homem com pau pequeno. Eu estava errada sobre um monte de coisas. Que ele era apenas um vampiro estrela de cinema egoísta e vaidoso. Completamente, totalmente enganada.

Como se para provar o ponto, ele colocou uma manta de pelúcia sobre meu corpo para me manter aquecida e confortável.

— Fique aqui. Vou alimentá-la.

Ele vestiu sua cueca preta, o que não diminuiu a visão fenomenal dele indo embora. Nem um pouco. Jeeesus. Até mesmo seus tendões eram deliciosos.

Eu o ouvi ligar a pia, obviamente lavando as mãos, antes que sons de pratos tilintando e gavetas abrindo e fechando me cutucaram com outro lembrete.

Eu deveria ir. Isso era o que casais de verdade faziam. Sabe, fazer sexo no chão da sala e depois comer lanches depois que eles abriram o apetite. Eu realmente deveria ir.

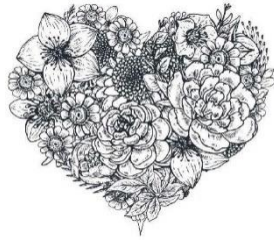
Mas isso seria rude. Certo?

Não. Melhor ficar e ser educada. Enrolei a manta mais apertada em torno de mim, não pronta para ir até a cozinha seminua para pegar meu vestido estendido na bancada da cozinha como uma toalha de piquenique. O calor queimou em minhas bochechas, pensando naquele piquenique.

Então eu me enrolei na frente do fogo, aproveitando o resplendor do sexo vertiginoso e entorpecente com um vampiro Stygorn, e esperei pelo que quer que ele estivesse preparando para mim. O tempo todo, dizendo ao meu coração bobo e mole para não se apegar.

Mais fácil falar do que fazer.

Capítulo 15



devraj

Que porra foi essa?

Enchi os pavs com o recheio dabeli enquanto tentava juntar os pedaços das minhas emoções esfoladas.

Eu adorava sexo. Eu tive várias parceiras ao longo dos séculos. *Várias*. Então, por que fazer sexo com Isadora me destruiu tão completamente? Por que essa ligação com *ela* rebaixou todas as minhas experiências sexuais anteriores no que equivale a uma perda de tempo?

Eu me senti à deriva. À deriva. Perdido para qualquer outro propósito, exceto aquele que importava. Ela.

Uma agitação que eu só poderia descrever como pânico, embora eu tivesse pouca experiência com a emoção, encheu meu corpo. Por quê? Porque ela disse que era um caso de uma única vez, e todo o meu ser era cem por cento contra essa noção ridícula e estúpida.

Isso precisava ser repetido. Muitas vezes. Todos os dias.

Aqueci os dabelis na chapa, coloquei-os em dois pratos e levei-os para a sala.

Isadora estava enrolada com o cobertor sobre si, sua delicada clavícula visível através da abertura. Eu queria sorrir como um demônio. Eu estava tentando tanto fazer essa mulher se abrir comigo, e ela finalmente conseguiu. Mas o que estava escondendo era a tigresa nos lençóis. Nas agonias do sexo, Isadora era uma deusa poderosa. E eu pude testemunhar isso. Experimentá-la em primeira mão. Eu me senti privilegiado de alguma forma, tendo visto ela completamente desinibida.

— Aqui está. — Coloquei o dela em sua frente, onde ela se sentou de lado perto do fogo, em seguida, sentou-se na espreguiçadeira atrás de si. — Espero que goste.

Ela pegou um dabeli e deu uma mordida, o cobertor deslizando até a cintura.

Eu não conseguia nem engolir com tanto dela exposto, mas consegui de alguma forma colar um sorriso agradável enquanto a observava.

Ela fechou os olhos com prazer e sorriu enquanto mastigava.

— Delicioso — ela finalmente disse e deu outra mordida, um pouco do recheio pingando no prato.

Seus olhos se moveram para os meus enquanto comia, então percorriam meu corpo antes de se concentrar em seu prato. Mais uma vez, tentei não sorrir muito triunfante. Ela não era tão imune como sempre fingia ser. Ou talvez fosse saber o que nossos corpos poderiam fazer juntos que fez aquele rubor subir

pelo pescoço dela. De qualquer maneira, não eram nem oito horas, e eu planejava ficar com ela até que meu tempo acabasse. Se ela me deixasse.

Antes que ela terminasse, comi o resto do meu e voltei para a cozinha para pegar duas garrafas de água. Sentei-me na chaise novamente e entreguei-lhe uma.

— Obrigada.

De volta à tímida Isadora, não é? Seus olhos parando em qualquer lugar, menos em mim. Ela tomou um longo gole de água e colocou o prato vazio na mesa de centro. Ela ficou com o cobertor de forma protetiva sobre os ombros e se aproximou da pintura celta da árvore. Eu não me mexi. Apenas sentei lá e observei ela pegar os poucos tesouros que mantive por perto onde quer que eu fosse.

Ela olhou para a minha escultura de Shiva no canto antes de caminhar para o escudo do cruzado envolto em vidro na parede.

— Suas artes e artefatos são adoráveis.

Ela passou para uma pintura que comprei de um egípcio. Era o menos caro, mas também o meu bem mais precioso.

— Onde é isso?

— Isso é em Varanasi, ao longo do rio Ganges. Acredita-se que Varanasi seja a casa do Senhor Shiva.

— Quem é o Senhor Shiva?

Olhei para sua estátua no canto da sala antes de responder.

— Shiva é conhecido como o Destruidor. Ou o Transformador. Ele é um dos deuses mais benevolentes do

hinduísmo. Ele cobre seus devotos com imenso amor. Perdão. E destrói os que praticam o mal.

Ela deve ter notado a mudança na minha voz. O tom de arrependimento. Ela olhou por cima do ombro, seu longo cabelo loiro caindo em ondas selvagens. Seus olhos faziam a pergunta que ela não faria, e por algum motivo eu me vi querendo dizer a ela.

— É um local de peregrinação na minha terra natal. Foi o lugar para onde viajei com minha mãe quando fui transformado em vampiro. Lugar onde permaneci por muitos anos.

O lugar onde perdi minha humanidade por um tempo. Muito tempo. E tive que lutar para reconquistá-la.

— A pintura deixa você triste — disse ela como uma afirmação, não como uma pergunta.

— Sim.

— Então por que você a guarda?

Eu não sabia como explicar, mas fiz o meu melhor.

— Isso me mantém inteiro. Isso me lembra minha mãe. De uma época simples e doce da minha vida.

Suas sobrancelhas se franzem enquanto ela olhava para mim com alguma emoção terna que eu não pude detectar. Mas isso nadou em seus lindos olhos por algum tempo até que ela limpou a garganta e se aproximou, olhando para a cozinha.

— Está ficando tarde. Eu deveria...

— Não vá — eu me encontrei cuspendo rapidamente e me movendo rapidamente para ficar bem na frente dela. — Ainda não — implorei, segurando seu rosto com as duas mãos, passando meus polegares sobre suas maçãs do rosto salientes.

— Não sei se...

Eu a beijei, inclinando seu rosto bonito para que pudesse fazê-lo completamente. Eu tinha ficado muito sério para ela, tinha certeza, então mordi seu lábio inferior e sorri.

— Você disse que tinha até às dez horas.

Beijei sua mandíbula. Ela inclinou a cabeça para trás, oferecendo-me sua garganta. Ela obviamente não tinha ideia de que no mundo dos vampiros isso era equivalente a submissão total. Para sangue. Para sexo. Eu segurei um gemido, sabendo que ela não tinha ideia do que isso significava. Mesmo assim, fingi por um minuto fugaz que ela era minha, lambendo uma linha de sua garganta até a base onde seu pulso batia forte.

— Fique comigo — implorei. — Um pouco mais — esclareci.

Sua respiração acelerou e o cobertor caiu no chão. Essa era toda a resposta que eu precisava. Beijando-a profundamente, levantei-a em meus braços. Suas longas pernas me envolveram automaticamente, o que puxou um rosnado do fundo do meu peito.

Acomodei-me na espreguiçadeira com ela montada em mim, os joelhos no sofá. Sem hesitar, segurei um seio e chupei

a ponta do outro, provocando um mamilo com o polegar, esfregando o outro com o pino em minha língua.

Suas mãos estavam no meu cabelo, segurando meu rosto em seu peito. Sim. Só assim, ela se abriu para mim. A garota tímida desapareceu enquanto se movia ao longo do comprimento do meu pau duro. Mudei-me para o outro seio, provocando seus mamilos rosados em picos tensos. Pelo jeito que ela estava balançando contra mim, perseguindo seu clímax, estava pronta. Sem mencionar o cheiro inebriante dela no ar. Foi o suficiente para me deixar louco.

Envolvendo a mão em torno de sua cintura, eu a inclinei para trás. Ela respirou surpresa.

— Preservativo e óleo — consegui dizer, meus caninos se estendendo novamente.

Eu teria que me alimentar em breve, mas agora só havia uma coisa que queria. Uma mulher.

Ela se abaixou e pegou uma camisinha e o pequeno frasco de óleo da mesinha de centro. Ela colocou a camisinha na minha mão, mas derramou o óleo na palma da mão e esfregou entre as mãos antes de espalhar as palmas no meu peito, descendo pelo meu abdômen e subindo. Antes que eu pudesse registrar a intensa sensualidade de suas mãozinhas mapeando meu corpo, ela se inclinou e chupou meu mamilo perfurado novamente. Achei que ia explodir ali mesmo na minha cueca.

— Isadora — avisei.

Ela levantou a cabeça e encontrou minha boca, empurrando minha cueca alguns centímetros para baixo, esfregando sua boceta em mim. A sensação de minha pele deslizando contra a pele quente me incitou a colocá-la dentro de mim. Agora!

Rasguei um pacote de camisinha com os dentes, empurrei minha cueca até os joelhos e enrolei a camisinha. Deixando cair um pouco do óleo na palma da mão, joguei a garrafa em algum lugar no chão e lubrifiquei meu pau para dar a ela mais prazer e facilidade na entrada.

Ela se levantou de joelhos para que eu pudesse nos alinhar, então ela afundou em mim em uma longa expiração.

Porra, inferno.

Esta mulher.

Seu corpo.

Sua alma.

Eu queria tudo.

Deixei ela tomar as rédeas e me foder como queria. Seu ritmo era doce como ela. Um pouco tímido no início. Então confiante e seguro. Ela me beijou profundamente, sua língua explorando agressivamente. Tanto que ela cortou a língua em um dos meus caninos.

Ela se afastou, boquiaberta, carmesim manchando seu lábio.

— Devraj. — Seus olhos dilatados, o verde afogado pelo preto, enquanto a toxina inebriante que meu corpo liberou durante a alimentação caiu em sua corrente sanguínea. — Ah, meu Deus — ela gemeu, deslizando para cima e para baixo no

meu pau, sua respiração ficando mais errática. Sem descanso. Frenético. E isso por conta de uma única gota.

Eu agarrei sua cintura e a segurei para que pudesse bombear dentro dela, dar-lhe as estocadas mais ásperas que ela precisava. Eu sabia que a toxina tornava as pessoas selvagens, violentamente carentes.

— Sim, sim, sim — ela sussurrou, uma mão indo para o peito, onde beliscou o próprio mamilo.

Foda-se.

Com um grunhido carnal, eu a virei de costas e lambi o sangue de seu lábio antes de mergulhar de volta dentro dela. Se ela era selvagem antes, era totalmente selvagem agora, cravando as unhas em minhas costas, me deixando louco de vontade e desejo. Chupei sua língua, o menor gosto de seu sangue como heroína, drogando-me com uma euforia enquanto eu acariciava dentro dela.

— *Isadora.*

Eu estava implorando a ela, mas não sabia para quê. Para mais disso? Para me tirar da minha miséria? Para me matar agora para que eu morresse o mais feliz dos homens?

Ela choramingou quando eu bombeei mais fundo e devorei sua boca. O tempo todo, ela combinava com meu estado frenético, arranhando-me com aquelas lindas unhas. Nas minhas costas, meus braços, meu peito. Tudo o que fez foi me fazer gozar mais forte, a sensação de formigamento disparando

da base da minha espinha e enrijecendo cada músculo do meu corpo.

Arqueando meu pescoço em um gemido desesperado, eu soltei, derramando dentro da camisinha – e pela primeira vez imaginando como seria estar pele contra pele – desejando ter me segurado por ela. Mesmo assim, seu próprio orgasmo passou por ela logo depois, ordenhando meu pau com vibrações violentas.

Gozamos quase ao mesmo tempo.

Isso raramente acontecia comigo. Eu estava acostumado a garantir que a mulher encontrasse seu prazer, e então eu teria o meu próprio. Mas Isadora e eu estávamos em sincronia esta noite. De uma forma que fez minha mente cambalear.

Olhei para ela, me perguntando se ela estava se sentindo da mesma maneira que eu. Eu sabia que ela não tinha muitos amantes de nossas conversas anteriores. Perguntei-me se ela já tinha experimentado isso antes. Eu queria dizer a ela que nem sempre foi assim. Isso era novo para mim.

Depois disso, não dissemos nada. Sem comentários lúdicos. Sem sorrisos. Porque o que quer que fosse, não era brincadeira. Parecia perigo e providência e uma dose chocante de destino. Enquanto eu estava perfeitamente pronto para discutir e explorar o que isso poderia significar, era bastante óbvio que Isadora não estava.

Depois de juntar suas roupas, ela foi ao banheiro e voltou completamente vestida, com o cabelo preso em um coque bagunçado na cabeça. Eu tinha me vestido com o jeans.

— Hum... — ela começou e depois limpou a garganta, olhando pela janela em direção a sua própria casa ao lado, embora agora estivesse muito escuro para ver muito. — Eu quero te agradecer. Por hoje a noite.

Tão calma e equilibrada. Se ela podia fingir que isso não a impressionava, então eu também podia. Por enquanto.

Cruzei os braços sobre o peito. Não pude deixar de ficar na defensiva quando ela fingiu não ter experimentado o que eu passei.

— De nada — eu disse agradavelmente.

Apesar de seu olhar perscrutador, ela estava tentando descobrir o que estava acontecendo na minha cabeça. Que pena. Eu não ia contá-la. Porque isso a assustaria pra caralho.

Eu a segui até a porta e a segurei aberta.

— Tenho certeza de que nos veremos por aí — ela disse enquanto saía para o pátio dos fundos.

Ah, é melhor ela acreditar que sim.

— Tenho certeza que sim.

Sabendo que ela não aceitaria o tipo de beijo de despedida que eu queria dar a ela, me inclinei e dei um beijo em sua bochecha. O rubor familiar encheu seu rosto, e eu queria rir que um simples gesto como aquele poderia fazê-la corar depois do que eu testemunhei da fera dentro dela.

— Gostei da sua companhia — eu disse, dando a ela meu sorriso desarmante, mas injetando essas poucas palavras insignificantes com profunda sinceridade.

Seus olhos de esmeralda brilhavam sob a luz do abajur da minha varanda, ainda procurando algum sinal de que eu pudesse dizer outra coisa.

Sem chance. Não estava acontecendo.

— Boa noite, Isadora.

Ela deu um pequeno aceno, colocou a bolsa no ombro e disse:

— Boa noite.

Eu a observei sair pelo portão e tirar sua bicicleta de trás do meu carro. Em vez de montá-la, ela caminhou pela entrada da garagem.

Ela poderia levar o tempo que quisesse, mas havia uma coisa imutável.

Eu queria Isadora.

Não por uma noite. Nem para algo casual. Eu queria sua mente gloriosa e corpo bonito enquanto estivesse aqui em Nova Orleans. Eu não queria deixá-la ir por um minuto do tempo que tínhamos para ficar juntos.

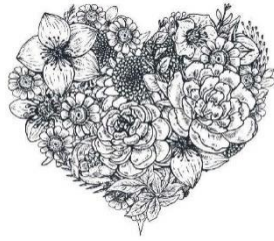
Quando Stygorns estão em treinamento, eles sempre recebem um dos muitos testes. Um é ser jogado no meio do nada, florestas escuras isoladas ou montanhas frias onde nenhum humano vive. Em seguida, recebem um pedaço de roupa de alguns centímetros com um cheiro que pertence a

alguém do outro lado do continente. Devemos decodificar os cheiros, categorizá-los em lugares de onde podem vir e rastrear a pessoa até que estejamos dentro do alcance do cheiro de nossa presa. Este teste pode durar meses até que a presa seja encontrada e capturada. E nós sempre pegamos nossa presa. Sempre.

O que Isadora Savoie não sabia ou entendia era que uma gota de seu sangue havia incendiado meu corpo. Talvez minha alma também. Infectando-me com um impulso que eu não poderia reprimir, mesmo que quisesse. E eu não queria. Havia algo sobre ela. Ela me tinha rondando e circulando desde o momento em que nos conhecemos, e aquele corte fatídico em sua língua selou o acordo.

Eu estava agora na caçada. Por ela.

Capítulo 16



isadora

Naquela manhã, sentei-me à escrivaninha e escrevi uma carta para mamãe em papel de pergaminho com minha caneta de pena. Se alguma coisa podia acalmar meus nervos, era sempre uma carta de caneta tinteiro para mamãe, liberando um pouco da minha magia nas palavras. Normalmente, a liberação de energia emocional sempre me fazia sentir melhor. Calma, fria e no controle. Mas não funcionou.

Então passei o resto do dia no meu jardim e agora estava na minha estufa, tentando como uma louca não deixar meus pensamentos vagarem para o vizinho.

Brinquei com outro ramo de ervas, torcendo-as para o vigésimo sexto punhado que fiz hoje. Eu juntei cedro, alecrim, tomilho e lavanda. Em seguida, adicionei capim-limão, agulhas de pinheiro e artemísia a alguns, entrelaçando o cânhamo com força. A atividade me manteve ocupada, mas minha mente ficou mais ocupada, constantemente voltando para Devraj.

Meus ex-amantes eram uma comparação pálida à ele. Sinceramente, não fazia ideia de que sexo podia ser tão chocante. Tão tremendo. Tão íntimo. E era aí que estava o problema.

Eu gostava dos meus outros namorados. Eles eram caras legais. Mas sexo com eles não foi nenhuma das coisas que experimentei ontem à noite. Foi apenas mais uma versão. Não me fez sentir vulnerável. Não me fez ter *sentimentos*. Mas Devraj – *suspiro* – ele fez. Eu fui para a porta ao lado ontem esperando ficar impressionada com suas habilidades no quarto, não que nós realmente tenhamos chegado ao seu quarto. O que eu não esperava era a agitação profunda na alma que ele provocava com as mãos, a boca, o corpo. Sua ternura.

Na verdade, se eu fosse totalmente honesta comigo mesma – porque já era hora de ser – Devraj era muito mais do que um amante habilidoso. Ouvindo o toque de solidão quando ele falava de sua mãe, da casa que um dia compartilharam. Isso quebrou a parede que tentei erguer entre ele e minhas emoções.

Devraj era um homem brilhante e deslumbrante, acostumado a um mundo brilhante e deslumbrante. Ele era um vampiro Stygorn que viajou pelo mundo para caçar perigosos criminosos sobrenaturais. Uma vez que pegasse o culpado levando essas garotas aqui em Nova Orleans, ele iria embora. Não iria?

E mesmo que quisesse continuar algo casual onde éramos amantes quando ele voltasse para a cidade, eu não queria ser algo *casual* com ele.

Em um bufo gigante, joguei o último dos palitos na cesta que estava empilhada até a borda. Eu precisaria colocar um grande desconto para vender isso tudo na Maybelle.

Depois de limpar minha bagunça, passei meu braço pela alça da cesta e saí da estufa. Certifiquei-me de fechar bem a porta, já que Z gostava de entrar e jogar meu barbante no chão.

— Achei que poderia te encontrar aqui.

Eu me virei para encontrar Devraj parado ali, presunçoso como sempre.

— Oi — eu consegui dizer sem soar muito ofegante ou nervosa.

— Olá — ele respondeu, seu sorriso se iluminando ainda mais.

Talvez eu não tenha tido tanto sucesso.

— O que você está fazendo aqui?

Seu sorriso esmaeceu, e eu queria me chutar. Antes que pudesse me desculpar por ser tão abrupta e soar meio rude, sua expressão tornou-se profissional.

— Vim contar que Darren Webber entrou em contato comigo e vou encontrá-lo no Lanterna Verde em uma hora. Achei que você gostaria de vir junto.

— Ah. — Mudei a cesta para o meu outro braço. — Sim, eu gostaria. Foi muito gentil da sua parte me incluir. — Se me senti

um pouco desapontada por ser uma conversa de negócios, não deixei transparecer.

— Na verdade, posso ter um motivo oculto, mas gostaria de discuti-lo com você. Você está ocupada agora? — Seu olhar caiu para minha cesta transbordando, sua boca marcando um lado.

— Não. Apenas deixe-me tomar um banho rápido e me trocar. — Olhei para o meu vestido de jardim sujo de terra. — Hum. Você pode me dar trinta minutos?

— Claro. Você prefere caminhar ou dirigir?

— Caminhar — eu respondi rapidamente.

— Foi o que eu pensei. — Ele sorriu. — Eu estarei de volta em trinta então.

Ele atravessou o portão que dava para a garagem e entrei como uma vespa enlouquecida.

— Onde está o fogo? — chamou Violet enquanto eu jogava a cesta na mesa da cozinha e subia as escadas.

— Sem tempo!

Tirando minhas roupas enquanto subia as escadas, eu estava completamente nua quando entrei no banheiro e liguei o chuveiro. Joguei meu pompom do rabo de cavalo na pia e pulei para dentro. Esfreguei, lavei, condicionei, enxaguei, então pulei para fora do chuveiro e me sequei antes de enrolar a toalha úmida em volta do meu corpo.

Quando entrei no meu quarto, Violet estava remexendo nas minhas roupas penduradas no armário.

— O que você está fazendo? — Perguntei, pegando minha escova e arrastando-a pelo meu cabelo molhado.

— Encontrar algo para você usar no seu encontro com Devraj.

Bufei quando deslizei ao lado dela, puxando alguns dos vestidos.

— Eu não vou a um encontro com ele.

— Bem, depois que eu o vi falar com você do lado de fora e voltar para a casa dele, você entrou aqui como se sua bunda estivesse pegando fogo, então eu meio que pensei que você ia sair hoje à noite ou algo assim. Além disso... — ela me encarou e bateu na têmpora com um sorriso travesso — Vidente Divina. Algo está acontecendo entre vocês dois.

Peguei um vestido azul que tinha um babado esvoaçante na bainha, mais vistoso do que a maioria dos meus.

— Não — ela disse. — Use esses jeans que nunca veem a luz do dia.

— Por que? — Eu perguntei, pegando o jeans skinny azul escuro dela que eu comprei por capricho e raramente usava.

— Porque eles mostram sua linda bunda.

— Tudo bem — resmunguei, então peguei uma blusa camponesa branca com um decote em V rendado.

Enquanto eu me vestia apressadamente e secava meu cabelo, Violet se deitou na minha cama, com a cabeça apoiada em um cotovelo enquanto ela me observava.

— Então, para onde você está indo neste não-encontro?

— É um negócio de bruxa. Tem a ver com esse caso. As meninas desaparecidas.

— Sério? — Ela se sentou.

Eu a informei sobre os detalhes, para que não pensasse que havia algo acontecendo entre mim e Devraj. Mesmo que definitivamente houvesse. Bem, houve ontem à noite.

— Blake Bellingrath? — Ela bufou em desgosto. — Conheci toda a família de idiotas na Cimeira de Bruxaria do ano passado. Aquele coquetel que eles sempre dão.

A Cimeira de Bruxaria é realizada anualmente e rotacionada para um novo distrito a cada ano para hospedagem. No ano passado, foi em Nova Orleans enquanto eu visitava nossos pais com Livvy.

— Como eram eles?

— Bem, papai Bellingrath é um idiota pomposo. Ele ficou em um canto a noite inteira, misturando-se apenas com os super-ricos ou as bruxas famosas da festa. Juro, ele enfiou tão fundo na bunda de Clarissa que ela provavelmente teve hemorróidas.

— Pobre Clarissa. — Eu ri enquanto puxava meu jeans. Clarissa era a presidente da Guilda do Coven, a organização governamental para bruxas nos Estados Unidos. Ela também era uma velha amiga de nossa mãe e uma mentora de Jules na ocasião. — E o resto deles?

— A mamãe Bellingrath aparentemente está apaixonada por seu filho mais velho, Adam. Ele é obviamente o menino de

ouro. Um estudante de medicina em Tulane, superacadêmico da sociedade de honra, tal, tal, tal. Tanto faz. Ela continuou acariciando-o e tentando apresentá-lo a todas as filhas de bruxas ricas disponíveis. Ele usava um sorriso de escárnio permanente em seu rosto, como se tivesse cheirado algo engraçado.

— Encantador.

— Exatamente.

— E quanto a Blake?

— Ah! Ele é o pior de todos. Um completo idiota que se acha no direito. Ele ficou completamente bêbado em dez minutos, então desistiu antes mesmo de Clarissa apresentar seu convidado especial, que por acaso era seu *pai*, chefe do Coven de Londres. Foi rude para caralho. — Violet correu para a beira da minha cama e saltou para cima. — Foi incrível ver o pai dele praticamente estourar um vaso sanguíneo. Juro, seu rosto ficou roxo de vergonha quando Blake gritava “paz, bruxas vadias” antes de sair pela porta do salão de baile Roosevelt.

— Só... uau — eu murmurei, penteando com os dedos algum produto no meu cabelo para que não ficasse crespo com a umidade. — Estou quase triste que Livvy e eu perdemos essa.

— Me fale sobre isso.

Eu tropecei enquanto tentava enfiar minhas sapatilhas muito rápido, me segurando na penteadeira.

— Você com certeza está com muita pressa.

— Sim. Bem, vamos nos encontrar com o cara dentro de uma hora, então não queria atrasar Devraj. Só tentando me apressar.

— Certo. Não queremos deixá-lo esperando.

— Exatamente! — Eu praticamente gritei enquanto passava pó no rosto e depois passei um pouco de rímel nos cílios.

Ela se levantou e se dirigiu para a porta enquanto eu vasculhava minha penteadeira.

— Só negócios, hein? É por isso que você está usando maquiagem e tentando desesperadamente encontrar seu brilho labial favorito, tenho certeza.

— Vá embora, Violet. — Eu encontrei o brilho labial que ela estava falando, então a olhei enquanto ela sorria como a diabinha demoníaca que era.

Ela bateu na têmpora.

— Posso sentir isso.

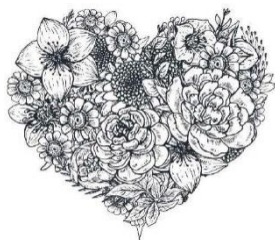
— Fora!

Ela saiu, rindo. Passei o brilho labial, peguei minha bolsa grande, desci correndo as escadas e saí pela porta da frente. Devraj estava esperando do lado de fora do meu portão da frente, parecendo perfeito e totalmente imperturbável. Exalando uma respiração profunda, eu fingi que também não estava.

Mas então se tornou exponencialmente difícil fazer isso quando seu olhar aquecido se derreteu enquanto ele varria meu corpo e subia com um brilho predatório. Pronta ou não, eu

estava saindo em um não-encontro com o vampiro mais gostoso vivo.

Capítulo 17



devraj

Limpando minha garganta, perguntei casualmente:

— Pronta?

Ela assentiu com a cabeça e deu um passo ao longo da calçada.

Eu fui para o lado dela.

— Adoro quando você usa o cabelo assim.

Ela passou os dedos pelas pontas dos fios ainda úmidos, que escorriam até o peito.

— O que você quer dizer?

Estendi a mão e puxei uma mecha emoldurando seu rosto.

— Todo selvagem e caótico.

Ela riu, o som laçando ao redor da minha barriga e apertando com prazer.

— Isso não é típico de mim.

— Não, não é — concordei. — Exceto na cama — não pude deixar de murmurar perto de seu ouvido.

— Então — ela disse levemente, seu olhar saltando nervosamente —, você disse que tinha um motivo oculto para me trazer para conhecer esse cara. O que é?

Eu a deixei mudar de assunto, ficando um pouco sóbrio.

— Temos um plano para obter as evidências de que precisamos para condenar Blake Bellingrath. Precisamos pegá-lo em flagrante para conseguir uma condenação de alguém tão bem relacionado na comunidade sobrenatural.

Ela olhou para mim, certamente encontrando minha expressão tensa enquanto eu apertava minha mandíbula.

— Você não gosta deste plano? O que foi?

— Não, eu não gosto — rosnei. — Mas é o único jeito. — Apoiei meu braço em volta da parte inferior de suas costas e a protegi perto de mim enquanto um grupo turbulento de jovens se empurrava.

Assim que contornamos o grupo, voltamos ao nosso passeio sociável, cruzando o Magazine enquanto nos aproximávamos do Lanterna Verde.

— Você vai me contar o plano ou me manter em suspense? — ela perguntou.

— Gostaríamos que você fosse a próxima vítima de sequestro — eu disse com os dentes cerrados. — Ruben me convenceu de que você não estaria em perigo, mas...

Meu coração martelava com a ideia de ela brincar de isca, mas entendi as vantagens de ter alguém no esquema, em vez de encontrarmos algum pobre inocente.

Ela cutucou meu braço com o cotovelo.

— Mas você acha que estaria?

Eu a parei do lado de fora do beco que levava ao Lanterna Verde. Apertei seu braço suavemente, meu polegar escovando um círculo lento.

— Ruben tem um cara que pode rastrear vampiros quando eles estão caçando, então estou certo de que podemos seguir e encontrar você minutos após a captura. Isso se eles morderem a isca. Uma das razões pelas quais preciso saber agora é para poder plantar o glamour da persuasão na mente de Darren. Mas... — Olhei para o beco, apertando meu braço em seu braço antes de deslizar minha mão para baixo, envolvendo a dela em um aperto reconfortante. — Há sempre uma chance de algo dar errado. Essa pequena porcentagem de erro inesperado está me matando.

Ela engoliu em seco, examinando meu rosto. Tenho certeza de que podia ver a preocupação escrita em meu rosto, mas não era nada comparado à tempestade tumultuada que se formava com a ideia de que ela se machucaria neste nosso esquema.

Seus olhos brilharam quando ela me deu um sorriso tranquilizador.

— Bem, alguém tem que ser a isca, certo? Melhor eu, que estaria preparada e participando do plano, do que uma pobre garota que poderia ficar marcada para o resto da vida pela experiência.

Soltei um suspiro trêmulo.

— De alguma forma, eu sabia que essa seria sua reação. — Meu olhar vagou por seu cabelo, pescoço e boca, lembrando o calor sedoso dela. — Nós precisaríamos de outra pessoa para ir com você. Seria muito estranho para você sair sozinha — eu acrescentei. — Talvez uma de suas irmãs?

— Sim. Talvez Livvy. Blake Bellingrath viu minhas irmãs no último coquetel da Cimeira de Bruxaria e as reconheceria imediatamente.

Abaixei meu queixo e a conduzi de volta ao beco onde os clientes se dirigiam para a entrada do Lanterna Verde.

Dei um passo à nossa frente até a porta indefinida. A única marca para mostrar que não era apenas a entrada de um beco para uma cozinha era a lanterna a gás piscando com a chama verde. E o vampiro bem vestido de 1,80 metro de altura que a guardava. Embora seu rosto estivesse sombreado, seus olhos brilhavam prateados, seus instintos de vampiro em alerta como segurança.

— Boa noite, Roland — eu disse.

— Devraj — ele disse, balançando a cabeça e abrindo a porta, então segurando-a para nós.

A maioria das tocas dos vampiros eram escuras e cobertas de veludo vermelho e cetim preto, alguma banda de metal gritando ao fundo. Mas o lugar de Ruben refletia o próprio homem. Sofisticado e sedutor.

A decoração me lembrou algo que você poderia encontrar em um salão elegante na década de 1920, as cabines e cadeiras

luxuosas e grandes como você esperaria de uma mansão, não de uma boate. O brilho de lanternas de gás quente e velas brilhavam nos rostos dos humanos e vampiros desfrutando da companhia uns dos outros. Pequenos lustres adicionaram um toque opulento a uma pista de dança centralizada diante de um pequeno palco onde alguns casais dançavam.

A bolha de risadas e murmúrios de clientes felizes encheram a sala, e a música veio do palco onde um homem tocava um violão, sua voz quente cantando uma versão masculina de “I Know You” de Skylar Grey. Na verdade, um lobisomem, não um homem.

— Ei, aí está o Nico — Isadora murmurou. — O namorado de Evie, Mateo, é primo dele. Ele trabalha no Caldeirão, às vezes.

Eu reconheci com um aceno de cabeça, e então uma mulher estava diante de nós.

— Sr. Kumar, estou com sua mesa bem aqui.

A anfitriã, uma loira escultural em um vestido branco de látex, abriu caminho entre as mesas com seus saltos agulha vermelhos. Embora o clube fosse elegante e os funcionários se vestissem formalmente, as pessoas circulavam em grupos casuais.

A recepcionista parou diante de uma cabine e ergueu a ficha de Reservado. Era um estande bem situado no meio da sala, onde você podia ver o bar, o palco e qualquer pessoa que entrasse pela porta com perfeita facilidade.

Direcionei Isadora para a cabine e me inclinei até seu ouvido.

— Vou pegar algo para nós no bar. O que você gostaria?

— Água está bom.

Atravessei as mesas até o bar e fiz sinal para o barman.

— O que vai ser, Devraj?

— Um uísque Maker's Mark com gelo e uma água.

Ele acenou com a cabeça e voltou para preparar as bebidas, enquanto eu sintonizava as conversas ao redor da sala. Nada muito intrigante no início. Apenas flertes e insinuações sexuais, conversa básica de clube, então um nome chamou minha atenção dos dois vampiros no final do bar.

— Blake estava puto pra caralho, mano — disse o cara de cabelo escuro. — Mas seus pais acabaram com os dois.

— Adam também? — perguntou o outro.

— Sim. Aparentemente, eles envergonharam a querida mãe e o pai muitas vezes depois de suas prisões naquele clube de vampiros no Ano Novo. Eles estão usando essa merda de amor punitivo para tentar colocá-los de volta na linha.

— Mas, bloquear tudo? — o outro perguntou. — Como diabos eles ainda têm dinheiro? Vi Blake comprando bebidas para seus garotos no fim de semana passado no Tipitina's. Não parecia tão quebrado para mim.

O Tipitina's era um local popular para pequenos shows de bandas na parte alta da cidade.

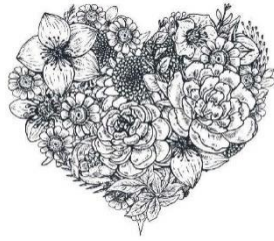
— Eles ficaram por um tempo, mas parece que conseguiram algum dinheiro de alguma forma. Quem diabos sabe?

Eu sabia. Eu sabia exatamente onde ele e seu irmão estavam conseguindo o dinheiro. Ou pelo menos onde Blake estava. Darren nunca disse nada sobre o irmão de Blake nem o vi quando li as memórias de Darren. Mas agora eu sabia o que havia motivado pelo menos Blake a começar sua própria quadrilha de tráfico de sangue. Mandeí uma mensagem rápida para Ruben, deixando-o saber o que acabei de descobrir.

— Aqui está — disse o barman, colocando minhas bebidas na mesa.

Eu paguei a ele e voltei para Isadora. Ela parecia tão recatada e bonita, a visão dela aumentando a pressão atrás do meu esterno. Uma noite não foi suficiente. Desejo parecia uma palavra débil e fraca para descrever o que eu sentia pela doce bruxa sentada naquela cabine. Tudo o que sabia era que, fosse o que fosse, eu queria mais. Muito mais.

Capítulo 18



isadora

Não pude deixar de olhar. Ele parecia delirantemente gostoso esta noite. Calça jeans escura e camiseta cinza coberta principalmente por uma jaqueta de couro preta, o cabelo solto e comprido como em sua casa na noite passada. Ele me pegou olhando enquanto se dirigia para mim com bebidas na mão, seu sorriso mortal e conhecedor e seus olhos queimando com um calor prateado que eu conhecia muito bem.

Afobada, voltei minha atenção para Nico. Ele tinha uma voz hipnótica; suave e profunda com um toque rouco. Ele tocava seu violão com movimentos rápidos e elegantes de seus dedos.

Não olhei quando Devraj entrou na cabine do outro lado, se aproximando, sua coxa uma linha ardente ao lado da minha. Levantei a água e tomei um gole.

— Então este é um covil de vampiros.

— Bem, é isso. — Senti a carícia de seu olhar. — Não é o que você esperava?

— Na verdade, não. Está faltando aquele elemento gótico sombrio.

Ele riu, atraindo meu foco de volta para ele. Ele tomou um gole de uísque, seu olhar âmbar fixo em mim.

— Meio clichê, não acha?

Dei de ombros.

— Acho que eu deveria ter uma imaginação melhor. Este é definitivamente mais o estilo de Ruben. — Examinei o lugar, quase me divertindo que as pessoas se misturassem aqui como em qualquer outro bar. — Então, como isso funciona?

— O que você quer dizer? Como encontramos e propomos um hospedeiro de sangue?

Assentindo, então tomei outro gole de água.

— Como qualquer outro bar, na verdade. Você conversa, se mistura, dança. Quando um humano parece compatível e receptivo, você pergunta se ele será seu hospedeiro de sangue.

Eu observei um vampiro sexy do outro lado do clube em uma cabine como a nossa. Ele tinha o braço nas costas, passando os dedos pela nuca do outro homem. O cara de cabelo ruivo sorriu e acenou com a cabeça, obviamente gostando de sua companhia.

— Tão simples assim? — Meu batimento cardíaco disparou, bombeando sangue em minhas veias como um rio caudaloso. Minhas emoções eram uma mistura de ciúme e desejo, desprezando as mulheres de quem ele havia bebido no passado, conhecendo o prazer que elas desfrutavam dele. — E aí?

Sua coxa pressionada contra a minha enquanto ele apontava o dedo com um anel na minha frente.

— Então vamos atrás daquela cortina de veludo vermelho e cuidamos dos negócios.

Olhei para onde ele apontava, notando o canto sombrio, coberto por veludo vermelho, um dos homens de Ruben discretamente colocado do lado de fora da sedutora entrada.

As tocas dos vampiros eram chamadas assim porque ofereciam um lugar para beber sangue. Um lugar seguro onde os vampiros poderiam beber de seu hospedeiro e o hospedeiro poderia descansar e se recuperar do êxtase da toxina vampírica. Isso me lembra um antro de ópio. Depois de uma pequena gota da toxina de Devraj, imaginei que seria muito assim. Eu ficaria louca. E excitada.

O vampiro sexy do outro lado do clube se levantou e ofereceu a mão para o cara de cabelo ruivo, que a pegou imediatamente. O vampiro o conduziu, entrelaçando a mão com a do outro homem, até a cortina de veludo vermelho. Com um sutil aceno de cabeça do guarda, eles desapareceram atrás da cortina juntos.

De repente, estremeci, lembrando do prazer potente que cantou em minhas veias quando cortei minha língua no canino de Devraj. Quando virei minha cabeça para olhar para ele, seu olhar aquecido estava fixo em mim. Como se soubesse exatamente o que eu estava pensando.

— São apenas negócios? — Eu sussurrei.

— Há prazer nisso. — Palavras obscuras e íntimas.

— E sexo? — Eu sabia o que Ruben pensava dessa prática de acordo com Tia, mas simplesmente precisava saber qual era a visão de Devraj sobre o assunto.

— Não — ele respondeu com ênfase, seus olhos prateados nunca deixando os meus. — Fazer sexo e beber sangue não é uma combinação segura.

— Por que não?

— Porque o hospedeiro fica muito vulnerável, enfraquecido, mas altamente estimulado pela toxina. Isso pode deixar o hospedeiro irracionalmente obcecado pelo vampiro.

— Ele colocou meu cabelo atrás do meu ombro, sua mão cobrindo minha nuca, o polegar acariciando suavemente, seu olhar seguindo o movimento. — Existem alguns vampiros que podem tirar vantagem dessa forma, mas eu não.

— Nunca?

Minha voz caiu tão baixo que eu mal conseguia me ouvir. Mas ele certamente conseguiu, seus olhos fixos nos meus novamente.

— Eu apenas desejaria e permitiria esse tipo de intimidade com alguém muito querido para mim. Só daria esse passo com alguém que eu...

Um bufo alto o interrompeu quando alguém se sentou do outro lado da nossa cabine.

— Desculpe, estou atrasado. — Darren esquadrinhou a sala, sua aparência enrugada, seus olhos ariscos. — Não consegui

escapar dos caras facilmente. Estávamos em uma festa na Cisjordânia. — Um sorriso diabólico surgiu em seu rosto enquanto ele examinava o clube. — Covil chique.

— Nem pense em pisar neste lugar depois desta noite — disse Devraj, aço e ameaça em sua voz quando ele se endireitou ao meu lado. — Não que você fosse passar pela porta.

— Eu passei esta noite — ele jogou de volta, ainda sorrindo como o garoto estúpido que ele era.

— Porque eu dei a aprovação ao segurança — disse ele, soando mais do que um pouco condescendente. — Diga-me o plano.

Engoli em seco com o pulso de magia que vibrou de seu corpo, ondulando sobre o meu e sobre a mesa. Devraj levou uma mão debaixo da mesa e apertou logo acima do meu joelho. Um aperto reconfortante, mas senti em outros lugares que deveria estar esquecendo.

Ele não estava brincando, alimentando Darren com uma alta dose de persuasão para chegar ao ponto.

— Blake quer esperar duas semanas antes de nossa próxima captura. Diz que não quer pegar outra garota tão perto de liberar a última.

— Ele suspeita que você foi levado para interrogatório? — Devraj atirou de volta.

— Não. — Ele balançou a cabeça, rindo. — De jeito nenhum. Na verdade, ele mencionou que seu distribuidor estava feliz com as garotas que tínhamos conseguido. Ele nunca

mencionou que tinha um distribuidor além dele. Disse que estávamos ganhando um bom dinheiro e que podíamos esperar duas semanas para conseguir uma garota nova. Será no sábado.

— Então, daqui a dois sábados, você e os outros dois batedores estarão em bares separados, procurando seu alvo.

— Exato. — Ele tamborilou os dedos na mesa, seus olhos escuros finalmente girando para mim e me observando.

Um rosnado vibrou por Devraj, o que fez Darren voltar sua atenção para ele. O alfa à mesa.

— Quem é ela e por que está aqui? — ele perguntou, aparentemente nem mesmo me reconhecendo da noite em que foi questionado. Devraj havia apagado algumas de suas memórias, então isso não era surpreendente.

— Esta é a Isadora. Ela será seu alvo daqui a dois sábados.

Ele balançou a cabeça, deslizando seu foco de volta para mim.

— Ela é uma bruxa. Não capturamos seres sobrenaturais. Ninguém com poderes ou conexão com o nosso mundo.

— Ela será anulada durante a noite. Ela parecerá humana.

Ele me observou novamente com um olhar mais perspicaz do que o lascivo de antes.

— Ela se encaixa no nosso perfil.

— Vocês têm um perfil? — Eu perguntei.

Ele sorriu.

— Bonita. Tímida. — Ele se inclinou para frente. Eu automaticamente me inclinei para trás, um pouco mais perto

de Devraj, o que o fez rir. — Sim. Você seria o tipo de garota que eu sequestraria.

O próprio pensamento me fez querer arrancar seus olhos.

Ele riu e lambeu os lábios.

— Basta desligar esse fogo, baby. E você será perfeita.

Devraj estava fora da cabine e tinha Darren preso no lugar, com a mão em volta da garganta. Algumas cabeças se viraram, mas os guardas em cada porta não se moveram para intervir na violência repentina.

— Ouça-me, idiota. — Um choque penetrante de poder vibrou de Devraj. Eu choraminguei e agarrei a mesa, sua magia uma força aterrorizante na sala, derramando-se no vampiro de olhos arregalados preso à cabine. — Você estará na Prova de Barril daqui a dois sábados. Precisamente às 22h30, você enviará uma mensagem de texto para seus malditos amigos dizendo que tem o alvo perfeito. Às 22h35, Isadora seguirá lentamente em direção ao estacionamento. Você se certificará de ser o encarregado dela até chegarmos. Você vai adiar a troca para Bellingrath pelo maior tempo possível. E você vai lutar até a *morte* para garantir que ninguém a machuque, morda ou toque nela de alguma forma.

— Ninguém vai machucá-la — ele cuspiu rapidamente, o medo vazando de seus poros. — Nós não machucamos as meninas.

Devraj o soltou e ficou acima dele.

— Você machucou cada uma delas, seu idiota. — Ele recuou um passo. — O irmão de Blake, Adam, está envolvido nessa aliança?

Ele balançou sua cabeça.

— Ele nunca disse isso se ele estiver.

Devraj o encarou por mais alguns segundos desconfortáveis antes de rosnar:

— Saia da porra da minha vista.

Darren imediatamente se lançou para fora da cabine e se dirigiu para a porta. As poucas cabeças olhando em nossa direção se afastaram, a sala voltando ao murmúrio normal de vozes e risadas baixas.

— Era necessário colocar tanta persuasão nele?

O olhar de Devraj estalou no meu, seus olhos de prata líquida.

— Sim.

Fiquei parada, olhando para a porta, de repente, nervosa com sua explosão de violência e fúria.

— Eu provavelmente deveria ir para casa.

Dei um passo, mas Devraj gentilmente segurou minha mão, a raiva tendo passado. Eu congelei. Ele se inclinou sobre meu ombro por trás, sussurrando perto do meu ouvido.

— Dance comigo. — Quando não respondi de imediato, ele implorou mais suavemente: — Por favor.

Nico dedilhava seu violão, agora cantando uma versão sincera de “I Walk the Line” de Johnny Cash, com os olhos fechados, perdido em sua própria música.

Com um aceno rígido, deixei que ele me guiasse para a pequena pista de dança. Devraj me pegou em seus braços, uma das minhas mãos na dele, a outra nas minhas costas. Ele me puxou tão perto que nossos corpos se roçavam com nosso balanço lento da música. Eu não tinha palavras no momento, lampejos repentinos de nossa noite juntos penetrando em meus pensamentos.

Mãos possessivas, boca errante, língua talentosa, ele se movendo dentro de mim.

Argh, pare! Apertei meus olhos fechando-os por um segundo.

— Ei — ele sussurrou contra a minha têmpora. — Você está bem?

— Sim. — Abri os olhos e encontrei seu olhar preocupado. — Tudo bem.

— Tem certeza? — Ele engoliu em seco, uma expressão suave beliscando sua testa. — Eu não queria assustar você. Eu só... eu tinha que ter certeza de que o feitiço de persuasão era forte o suficiente.

Uma pequena risada borbulhou.

— Eu acho que é forte o suficiente.

Sua óbvia preocupação comigo me fez querer pressionar mais perto. Eu poderia facilmente me apaixonar por este

homem. E que erro isso seria. Apaixonar-se por um Stygorn viajante que deixaria Nova Orleans assim que o caso Bellingrath fosse resolvido.

Engoli em seco contra minha atração desesperada por ele. Tentei me convencer de que era apenas porque ele me dava orgasmos alucinantes. Uma noite com Devraj embaralharia o cérebro de qualquer mulher e a faria sonhar com um romance acalorado. Mesmo a longo prazo. Mas eu era muito racional para deixar isso me levar para longe. Como Tia havia dito, ele raramente era visto duas vezes com a mesma mulher.

— Sério. Estou bem.

— Você parece um pouco... fora do ar.

Eu ri.

— Pode ser.

— Você está pensando duas vezes sobre ser a isca? Se te assusta muito, posso arranjar outra pessoa. — Ele apertou minha mão completamente envolvida na dele.

— Não, não — eu assegurei a ele. — Quero ajudar essas meninas da maneira que puder. Eu *preciso*.

Ele sorriu daquele jeito terno que fez minha barriga revirar.

— Eu entendo essa necessidade. É por isso que eu pedi para você fazer isso.

Inclinando minha cabeça para dar uma boa olhada nele, percebi que ele via uma força em mim que nem todo mundo via. Sua única hesitação em me pedir para ser a isca era minha

segurança, não que ele não tivesse confiança de que eu poderia fazer algo perigoso para ajudar a pegar esses caras.

— Estou feliz que você me chamou — acrescentei, dando um aperto em seu ombro, de repente lembrando como eles se flexionam sob meus dedos quando ele estava gozando dentro de mim.

Pare com isso!

Eu estava completamente sem esperança.

Como se soubesse onde minha mente vagava, ele perguntou:

— Como você se sente sobre a noite passada? Foi satisfatório? — A diversão iluminou seus olhos, agora brilhando com aquele tom quente e escuro de uísque.

Sorrindo, admiti:

— Bem, certamente gostei do nosso, sabe, interlúdio.

— Interlúdio. — Ele rolou a palavra sobre sua língua lentamente com um aceno firme.

— Foi incrível — admiti, deixando-o ver a verdade em meus olhos. — Estou feliz por ter aceitado sua oferta. Agarrei a chance antes que seus negócios aqui terminassem, sabe?

Ele procurou meu rosto, deslizando em todos os lugares antes de pousar de volta nos meus olhos. Ele estava pensando em algo quando me aproximou até que nossos corpos se encostarem, o contato fazendo minha respiração falhar.

— Sim — ele respirou suavemente. — Eu sei.

Isso não era bom. Porque era bom *demais*. Um lembrete tentador do que nossos corpos podem fazer juntos. Mas foi o que ele estava fazendo sob a pele que me fez suar. As emoções além da luxúria e do desejo que ele alimentava com seu corpo magnífico, sua surpreendente compaixão, seu terno desejo.

Sua boca se curvou provocativamente de um lado.

— Então. Incrível, hein?

Revirei os olhos, focando em Nico enquanto ele cantava, tentando não corar enquanto o calor revelador subia pelo meu pescoço.

Seu riso estrondoso vibrou contra o meu peito. Eu queria me esfregar contra ele como um gato. Voltei meu olhar para ele e fiz uma careta para sua expressão que mostrava o quão satisfeito ele estava consigo mesmo.

— Acho que você se divertiu tanto quanto eu.

— Oh, você está certa sobre isso. — Ele se inclinou em uma curva suave para a música, sua boca contra o meu ouvido. — Gostei particularmente de acordar com as marcas de garras nas minhas costas.

— Ah, meu Deus. Você não acabou de dizer isso para mim. Eu sabia que meu rosto estava vermelho como um rabanete. Ele apenas riu novamente.

— Eu me diverti muito. E não seria avesso a repetir a performance.

— Isso não é uma boa ideia — eu disse, encontrando seus olhos.

— Por que não? Acho que explorar um ao outro é uma ótima ideia — ele disse com alguma diversão. Meu coração palpitou com uma esperança nascente até que ele acrescentou: — Enquanto eu estiver aqui, podemos nos divertir.

Eu desviei o olhar, notando a pontada aguda sob minha caixa torácica. Uau. Essa dolorosa pontada de decepção foi inesperada. Já doeu mais do que eu imaginava. Ele queria brincar. Mas percebi que meu coração queria mais.

Eu tinha brincado bastante com homens. Mas agora, tendo visto o que minha irmã Evie tinha com Mateo, percebi que queria mais do que um caso divertido. Na verdade, minha experiência com Devraj me lembrou que eu poderia sentir profundamente algo por outro homem. Mas eu não podia me deixar divertir com um homem que já tinha seus ganchos em mim. Não sabendo que essas três palavrinhas – *enquanto estou aqui* – me destruíram enquanto dançávamos na pista de dança.

— Não seria melhor se terminássemos isso com uma nota alta? Quando não há chance de mudar as expectativas ou ferir os sentimentos um do outro. — Forcei um sorriso alegre para ele. — O que tivemos foi perfeito e não quero estragar isso.

Pensei que ele poderia rir disso, mas em vez disso, ele ficou sério, me examinando novamente com a intensidade de um vampiro que está vivo há três séculos. Ele era muito mais velho do que eu, era assustador. Embora parecesse ter vinte e poucos anos, eu tinha trinta e sete. E isso ainda era obviamente uma

grande diferença de idade entre nós e nossas experiências no mundo.

Ele abriu a boca como se fosse protestar contra o que eu disse. Mas então ele apenas olhou por mais um momento antes de seu olhar deslizar para longe, varrendo o clube além do meu ombro. E, caramba, de repente eu vi o Stygorn nele. Eu estava tão acostumada a ver Devraj, o encantador, que quase fiquei chocada ao ver essa expressão endurecendo-o em ângulos mais agudos e proibitivos. Era um olhar perigoso que me deixou sem fôlego com o poder e a força que este homem possuía, escondendo-se atrás de um verniz de carisma.

A música acabou e eu estava pronta para sair de seus braços. Por quê? Porque tudo que eu queria fazer era me pressionar mais perto, lambar sua garganta, e então subir nele como em uma árvore. Entregar-me a Devraj apenas lhe daria o bisturi para fazer um corte limpo em meu coração. Não. Eu não estava disposta a deixar isso acontecer.

Eu me afastei, deixando minha mão cair de seu ombro. Por uma fração de segundo, ele apertou minha mão, segurando-me com mais força, sua testa franzida. Então ele me deixou ir.

— Emma precisa de outro tratamento seu no hospital — ele disse, a voz suave.

Eu balancei a cabeça.

— Vou pedir a Jules para me levar amanhã.

— Eu poderia levar você.

— Eu preferiria que Jules me levasse.

Ele abriu a boca para dizer algo, então a fechou. Ele me deu um aceno rígido, lindos olhos escuros perfurando os meus enquanto ele me seguia até a saída.

Voltamos para casa em silêncio, a tensão latejando dolorosamente em meu peito. Eu odiava conflitos de qualquer tipo. E embora este não tenha sido falado, eu já estava de luto pela perda de Devraj. Não que eu o tivesse, não do jeito que eu o queria.

No meu portão da frente, ele agarrou minha mão, me parando.

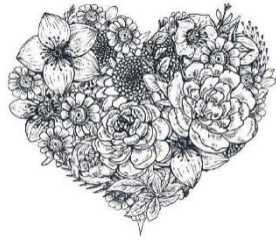
— Obrigado por nos ajudar com este caso — ele sussurrou baixo, seu polegar acariciando meus dedos.

— É claro. — Eu o encarei. — Eu queria ajudar. Você sabe que sim.

— E obrigado por... — ele olhou para sua casa ao lado, mordendo o lábio — por ontem à noite. Foi uma noite que nunca vou esquecer.

Eu não pude responder, sem vontade de dizer a ele que já estava gravado em minha memória para sempre. Então me afastei dele, com um nó doloroso no estômago. Lembrei a mim mesma que o nó se transformaria em um buraco em meu coração se eu me deixasse ficar com ele. Enquanto ele estivesse aqui.

Capítulo 19



isadora

— São sete horas — disse Clara, enfiando a cabeça no escritório dos fundos da loja. — Eu tranquei a porta da frente.

— Ok. — Eu estava trabalhando nas requisições de fornecedores deste mês para reabastecer nossos itens mais vendidos, tendo conseguido me manter ocupada o dia todo para que meus pensamentos não vagassem para Devraj. — Te encontro lá.

— Apresse-se — ela disse em sua voz leve e cantante antes de se dirigir para a saída dos fundos.

Jules fechava o Caldeirão cedo aos domingos e cozinhava uma grande panela com alguma coisa para a família e qualquer funcionário que quisesse se juntar a nós. Eles eram praticamente uma família também.

Isso é exatamente o que eu precisava. Uma tigela de comida caseira boa e picante. Fechei tudo rapidamente, tranquei a loja e passei pela porta dos fundos, encontrando apenas Jules na cozinha, mexendo algo em uma grande panela de Magnalite.

— O que teremos para hoje? — Eu perguntei.

Ela olhou por cima do ombro, seu cabelo puxado para trás com grampos em ambos os lados para mantê-lo fora de seu rosto. A pouca maquiagem que ela usava havia desaparecido completamente agora no final do dia. Ela parecia tão jovem assim.

— Caldo de cantarilho. Você poderia pegar aquela bandeja e trazê-la para a mesa?

— Com certeza.

Peguei a bandeja para a qual ela estava apontando que tinha uma tigela fumegante de arroz, algumas cebolinhas frescas picadas e uma cesta de pão francês recém assado. Ouvi a risada estrondosa de Evie antes de abrir a porta e sorrir com o som. Ela tinha uma risada contagiante.

Eu entrei, tão pronta para ficar com minha família e deixar minhas preocupações de lado por um tempo. Mas assim que me aproximei das três mesas montadas para nossa grande equipe, minha adrenalina disparou em minhas veias como um raio. Evie estava sentada de lado no colo de Mateo, e ao lado deles estava Devraj.

Droga. Eu tinha esquecido que Violet o havia convidado no início desta semana. Tanta coisa aconteceu, como interrogar um vampiro na sala secreta de Ruben e fazer sexo no tapete branco de Devraj, que tinha me esquecido completamente.

Clara sentou-se ao lado do mais novo sous chef de Jules, Mitchell, conversando com ele como uma louca. Mas ele não

parecia se importar nem um pouco, provavelmente se embebendo da alegria que escorria de sua pele.

— Ei, Iz — disse Evie alegremente enquanto eu colocava a bandeja na mesa do bufê com as tigelas, guardanapos, talheres e algumas garrafas de Tabasco.

— Ei — eu respondi tão brilhantemente quanto pude depois de ter acabado de perder o fôlego. Quando tive coragem suficiente, deixei meu olhar deslizar para Devraj, que estava, é claro, olhando fixamente.

— Venha se sentar ao meu lado — Evie insistiu.

— Você quer dizer nosso — corrigiu Mateo, uma mão proprietária espalhada em sua coxa.

— Não vou sentar no seu colo durante o jantar.

— Por que não?

Ela riu, o som rouco me fazendo sorrir novamente.

— Isso não seria muito prático para comer.

— Você pode estar certa. Talvez eu coma você em vez disso — ele disse baixo, mas não baixo o suficiente para que eu não ouvisse.

Ok, não precisava ouvir tudo isso. Eu peguei o olhar de Devraj novamente, mais quente e pesado. E convidativo.

Não.

— Vou pegar algo pra beber — eu disse, jogando o polegar por cima do meu ombro.

Então escapei para onde JJ ainda estava atrás do bar. Seu melhor amigo, Charlie, estava sentado em seu banquinho

normal. Livvy sentou-se ao lado de Finnie, nosso garçom e lavador de pratos. Eles estavam se encarando, discutindo animadamente sobre alguma coisa. Violet e Belinda, nossa outra garçonete em tempo integral, ainda estavam limpando as mesas do restaurante.

— Ei, pessoal — eu disse, sentando ao lado de Charlie no final.

— Olá, minha linda loira — Charlie me cumprimentou.

Eu sorri, acolhendo sua doçura. Charlie era o tipo de cara que sempre conseguia me fazer sentir bem. Este era o tipo de companhia que eu precisava. Como ele era o melhor amigo do sério e mal-humorado JJ, eu não fazia ideia. Então, novamente, eu ainda tinha a sensação de que havia algo mais do que amizade entre os dois.

— Droga! — gritou Livvy, estendendo as mãos no estilo pedra, papel e tesoura. — São dois para você, zero para mim. Mas vamos fazer melhor de dez. Você prometeu.

Finnie balançou a cabeça para ela.

— Você só vai perder, velhinha.

— Velhinha, minha bunda. Só porque você mal tem idade para beber. Bata-me de novo.

— Sobre o que é isso? — Eu perguntei a JJ.

— Se Livvy vencer, então Finnie terá que cantar “Single Ladies” no concurso de karaokê em traje completo de Beyoncé.

Verifiquei o cara magro, mas bem musculoso que eu conhecia desde que ele foi contratado aos dezoito anos. Este foi

seu trabalho na faculdade enquanto ele trabalhava para se formar na UNO. Ele era um garoto doce e divertido. Mas um pouco tímido, como eu. Subir em um palco fantasiado e cantar seria mortificante. Por outro lado, ele tinha um rosto bonito, pele cor de café e cílios longos e escuros. Ele provavelmente ficaria incrível todo vestido de drag. E Livvy era a rainha da maquiagem e das roupas. Eu tinha ouvido Finnie cantando o suficiente na cozinha para saber que ele poderia fazer isso.

— E o que Finnie ganha se vencer?

— Ela tem que criar um site gratuito para as campanhas de Dungeons and Dragons que ele está escrevendo e vendendo paralelamente.

— E ela vai perder — disse Finnie, vencendo a terceira rodada.

— Droga, garoto! É como se você fosse vidente. Você é um feiticeiro e eu não sabia?

Todos nós rimos enquanto eles faziam isso de novo. Todos os trabalhadores, e Charlie, é claro, sabiam quem e o que realmente éramos. Mas eles eram nossos amigos e protegiam nossos segredos por amor mais do que qualquer coisa.

— Chá gelado? — perguntou JJ.

— Vinho branco — eu o corriji. — Preciso de algo um pouco mais forte esta noite.

Recusei-me a olhar por cima do ombro para a mesa de jantar, mas mesmo assim senti seu olhar em mim. A pele exposta da minha nuca formigou com consciência. Prendi o

cabelo no alto da cabeça e optei por um vestido solto de algodão com estampa floral. Tentei muito não me perguntar se eu parecia muito largada. Não. Não importava, já que eu não me importava mais com o que Devraj pensava, certo?

JJ me serviu uma taça de Chardonnay e me avaliou quando colocou a taça na minha frente.

— Quer falar de alguma coisa?

Inspirando e expirando profundamente, decidi compartilhar minha nova revelação.

— Acho que quero namorar de novo.

— Bravo, garota — disse Charlie, inclinando seu corpo para mim. — Já estava na hora. Você precisa voltar para lá.

Balancei a cabeça com uma afirmação muito rígida, me sentindo estranha.

— Sim. Isso é o que eu estava pensando. Mas honestamente, como faço isso? Passo todo o meu tempo na minha estufa ou na loja. Não sou uma garota que gosta de clubes, nem quero um cara que goste de clubes. Só não tenho certeza de como fazer isso.

— Isso é fácil — disse Charlie, jogando sua franja loira para o lado. — Use um aplicativo de namoro. É assim que encontro novos encontros o tempo todo. Como meu novo cara, Patrick.

— O que? — estalou JJ, cruzando os braços sobre o peito musculoso. — Desde quando?

Charlie ergueu as sobrancelhas.

— Eu te disse que estava namorando.

— É, mas... — JJ não terminou a frase.

— Mas o quê?

— Você tem um péssimo gosto para homens, Charlie.

— Ah, agora? — Ele riu como se fosse uma piada particular.

— Bem, Patrick e eu saímos três vezes, e até agora ele nem *tentou* me cortar e me colocar em seu porta-malas, então ele pode ser um acerto.

— Não seja tão dramático — rosnou JJ, apoiando as duas mãos no bar, endireitando o corpo e mirando em Charlie. — Você sabe do que eu estou falando.

— Não comece com essa história de novo

Violet se intrometeu, jogando seu trapo no balcão, que JJ pegou e guardou no cesto.

— Ah, sim, você vai totalmente começar com isso de novo. De quem estamos falando, JJ? Desembuche.

Charlie soltou um longo suspiro teatral e então nos contou uma história sobre um cara que ele conheceu e namorou na academia que se tornou um perseguidor. Foi JJ quem finalmente assustou o cara. Sim, eu me perguntei se esses dois dariam uma chance ao seu romance reprimido.

Tentei me concentrar na história, rindo tarde demais em todas as partes apropriadas, meus pensamentos muito fixos no vampiro sentado à mesa atrás de mim. Eu precisava tirar esse cara da minha cabeça. Ele nem precisava estar na sala para ocupar *todo* o espaço da minha cabeça, e isso estava me deixando louca.

— Você me escutou? — Violet me cutucou com o cotovelo.
Eu pulei.

— Não. Desculpe. O quê?

Ela olhou para Charlie por cima do meu ombro antes de dizer:

— Venha me ajudar a pegar as tigelas.

Eu a segui até a parede de trás dos armários perto da entrada da cozinha.

Ela abriu o armário e tirou algumas tigelas e as colocou no balcão.

— O que está acontecendo com você?

— Eu? Nada.

— Algo aconteceu no Lanterna Verde ontem à noite?

Balancei a cabeça e olhei por cima do ombro. Devraj estava ouvindo atentamente algo que Mateo estava dizendo, mas seu olhar voou para o meu como se ele me sentisse assistindo. Eu me virei para encará-la.

— Charlie disse que você quer começar a namorar de novo.

Limpando a garganta, peguei outra pilha de tigelas dela.

— Sim, acho que estou pronta.

— E o que há de errado com Devraj?

— Violet — eu rosnei.

— Isadora — ela retrucou. Então congelou no meio de me entregar outra pilha de três tigelas.

Eu puxei, mas ela não soltou.

— Violet, o que você...

— Bem, ai porra. Você fez sexo com ele.

— O quê? — Eu sussurrei, certificando-me de que ninguém a ouviu.

Ela soltou as tigelas e jogou a cabeça de cabelo azul para trás em uma risada gutural.

Empilhei as tigelas ao lado das outras, de frente para a bancada para esconder o rubor que subia do meu pescoço até as minhas bochechas.

— Droga, Iz. Que bom para você, garota. Espere, não foi bom ou algo assim? — Ela equilibrou as tigelas em duas pilhas, quadril com quadril comigo.

— Deus, Violet. — Suspirei. — Foi a noite mais incrível da minha vida.

— Certo para caralho. — Ela bateu seu quadril no meu. — Estou tão orgulhosa de você. Pegando algo para você.

— O que isso significa?

— Você é uma doadora, Iz. Assim como Clara. Estou feliz que você esteja gostando de ter algum prazer para si mesma. — Ela olhou por cima do ombro quando o riso estridente cresceu no bar. — Eu não entendo. Se foi tão bom, por que não sair com ele?

— Você está falando sério? Quer dizer, ele é um Stygorn, Violet. Um famoso e chique que gosta de festas na Europa e que dança como um deus do sexo. Eu sou apenas eu.

— Você não é qualquer coisa.

— Não é isso que eu quero dizer. Só não nos vejo durando além de um caso quente. E ele até disse que deveríamos nos ver enquanto estiver na cidade, o que significa que ele também nos vê como temporários.

Violet olhou fixamente para mim, sua mão deslizando sobre a minha que segurava a borda de uma tigela.

— Ah, eu entendo. — Sua expressão suavizou. — Você realmente gosta dele, não é?

Algo afundou dentro de mim com suas palavras suaves e verdadeiras. Piscando rapidamente para evitar que as lágrimas comesçassem, eu simplesmente assenti. Ela olhou um pouco mais antes de um sorriso terno que raramente enfeitava seu rosto finalmente se espalhar.

— Bem, se você tem certeza de que não quer correr atrás dele.

— Tenho certeza

— Tudo bem. Então existe um aplicativo de namoro para sobrenaturais que você deveria experimentar.

— Sério?

— Sim. Encontrei alguns vampiros gostosos no Zapp. Ah, e um feiticeiro. Ele era bom, mas um pouco manso para mim.

— Mas eu não quero sair com caras como os que você sai — eu disse. — Sem ofensas.

— Não me ofendi. — Violet acenou com a mão no ar. — Eles comeriam você viva. Você preenche um perfil com seus

gostos/desgostos. Eles realmente combinaram comigo muito bem.

— Então por que você ainda não está namorando nenhum deles? Você nunca trouxe um para casa — eu acusei.

— Bem, eu só queria um encontro — ela admitiu com um sorriso atrevido.

Ah. Ela queria algo casual.

— Mas, falando sério... — ela se virou para mim — me deixe ajudá-la com seu perfil. Vou ter caras fazendo fila na porta. — Seu olhar passou por cima do meu ombro, sua expressão pensativa.

— Perfil para quê? — A voz profunda de Devraj retumbou atrás de mim.

Eu girei, uma pilha de tigelas na minha mão, chacoalhando com o meu movimento nervoso.

— Aqui — disse ele com um sorriso —, deixe-me ajudá-la. — Ele pegou a pilha. — Que perfil? — ele perguntou a Violet novamente.

Violet levantou as outras tigelas, sorrindo com malícia em seus brilhantes olhos azuis. Eu balancei minha cabeça para ela, mas ela aparentemente não me viu ou estava me ignorando completamente.

— Isadora *finalmente* vai voltar a sair para encontros. Tem sido uma porra de um século.

— Ela vai? — ele perguntou, a voz retumbando baixo.

Comecei a me afastar antes que ele pudesse lançar um olhar acusador em minha direção.

— Sim. Vou cadastrá-la no Zapp.

— O que é Zapp? — ele perguntou, a voz uniforme, mas não tão amigável.

— Venha ver, Iz — ela me chamou enquanto eles colocavam as tigelas no final da mesa com as comidas.

Eu me encolhi, desejando que ela o largasse enquanto eu me aproximava. Ela parecia não estar ciente do meu desconforto quando puxou o telefone do bolso de trás e abriu o aplicativo em seu telefone, de frente para onde ele e eu pudéssemos ver desde que ele se aproximou à minha esquerda.

— Viu? Tem até caixas onde você marca que tipo de sobrenatural você gostaria de namorar.

Percebi que ela marcou as caixas de bruxas/bruxos, vampiros e até mesmo ceifadores. Mas não lobisomens. Claro, Jules não gosta que nos socializemos com lobisomens. Ou pelo menos, ela não gostava. Agora que Mateo e Evie estavam praticamente casados e, seu primo Nico, era uma parte estável de nossa vida noturna no Caldeirão, ela mudou de ideia sobre *todos* os lobisomens serem monstros instáveis. Eles eram os únicos dois que conhecíamos, no entanto.

— E depois há as questões de personalidade e assim por diante. — Violet respirou fundo e lançou seus olhos animados para mim. Com o cabelo de um azul vibrante, seus olhos

pareciam quase roxos quando ela se iluminava assim. — Ah, Isadora. Conheço a foto perfeita para usar no seu perfil.

— Podemos lidar com isso mais tarde — eu disse rispidamente.

Ela desligou o aplicativo e piscou para mim.

— Entendido.

Devraj pairava perto, parecendo querer falar comigo, mas mantive meu olhar desviado de propósito. Eu não queria ver um olhar de decepção ou mágoa em seus olhos. Foi para o nosso bem. Ou pelo menos o meu. Eu me conhecia o suficiente para entender que não poderia ir mais longe com ele sem querer mais do que ele estava pronto para me dar. Ou poderia me dar.

— Eu ganhei! — gritou Livvy, quicando na banquetta e dançando em círculos. Então ela começou o refrão de “Single Ladies” enquanto Finnie enterrava a cabeça nas mãos.

Ela apoiou uma mão em seu quadril curvilíneo coberto por calças pretas de ioga com pequenas bolas de cristal. Ela usava sua blusa rosa choque favorita com a frase *“não sou mandona, sou a rainha”*. Uma coroa inclinada foi gravada no meio com joias de strass. Evie a dera em seu último Natal, e Livvy a usava sempre que podia quando não estava trabalhando. Livvy sacudiu os dedos da mão esquerda no ar enquanto cantava.

Ela finalmente parou de rir.

— Não se preocupe, garoto Finnie. Eu serei sua backing vocal.

— Eu também, eu também! — disse Clara, pulando para se juntar a eles. — Você tem que ter duas backing vocals, Finnie. Não pode ter apenas uma. Certo, Livvy?

Livvy me deu o olhar de *ah-não* com os olhos arregalados. Eu abafei uma risada, caminhando em direção à mesa ao lado de Evie. O entusiasmo de Clara por cantar superava em muito seu talento. Livvy então alisou seu rosto antes de envolver um braço em volta dos ombros de Clara e a apertou com força.

— Claro, ele precisa. Nós seremos sua dupla dinâmica de cantoras de backup.

— Está tudo bem — Charlie confortou Finnie. — Há uma primeira vez para tudo.

Finnie finalmente ergueu a cabeça das mãos, o rosto praticamente roxo com o rubor profundo.

— Mesmo vestido de drag?

— Especialmente vestindo drag — disse Charlie, dando um tapinha na cabeça de Finnie. — Basta perguntar ao JJ.

A carranca de JJ se aprofundou e, mesmo através de sua barba aparada, pude vê-lo cerrando a mandíbula.

— JJ! — chamou Jules da porta aberta da cozinha. JJ era o transportador oficial de panelas pesadas na casa, o que significava que o jantar estava pronto.

Ele empurrou o bar e se dirigiu para a cozinha.

— Salvo pelo sino do jantar — Charlie cantou.

JJ o virou por cima do ombro e continuou andando. Charlie apenas riu.

— Espere! De onde você veio? — Violet tinha as mãos apoiadas nos quadris enquanto olhava para o lobisomem em frente a Mateo. Nico estava sentado, bonito como sempre.

— Do meu apartamento — ele respondeu secamente.

— Sem brincadeira — retrucou Violet. — Quero dizer, quem te convidou?

— Evie.

— Pare de ser rude, Violet — disse Evie, levantando-se do colo de Mateo. — Nico agora é meu primo por afinidade.

— Vocês não são casados — ela acusou, carrancuda para ela.

Mateo se levantou e colocou a mão no quadril de Evie atrás dela.

— Ainda não — disse ele calmamente.

— Desculpe se minha presença a incomoda — sussurrou Nico. Sua voz era material de fantasias. Seu sorriso latente levantou sua boca perversamente.

— Não, você não incomoda — disse Violet, carrancuda.

— Nem um pouco. — Ele mordeu o lábio inferior, parecendo gostar do desagrado dela e encarando Violet como se ela fosse o prato principal.

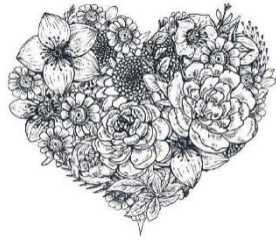
Esta não foi a primeira ou mesmo a segunda vez que esses dois foram pegos implicando e brigando um com o outro. E mesmo que Violet estivesse carrancuda, ela parecia ter algum tipo de satisfação estranha em se envolver com ele dessa maneira. Algo definitivamente estava acontecendo com esses dois, mesmo que minha irmã mais teimosa fingisse o contrário.

Violet se virou um pouco irritada em direção à frente da linha de serviço, onde Jules estava servindo uma concha gigante. Pelo menos tirou toda a atenção de mim, e isso é tudo com o que me importava.

O que eu também não podia deixar de me preocupar era a maneira como Devraj tinha ficado estranhamente quieto. Ele não tentou falar comigo o resto da noite, e eu tentei não o olhar e me preocupar com aquele olhar pensativo de dor marcando seu lindo rosto. E o fato de que eu tinha certeza de que o colocara lá.

Era desnecessário dizer que, embora conversas e risos fluíssem ao redor da mesa, foi o pior jantar de domingo de todos os tempos. Mas era o melhor. Eu tinha certeza disso. Mais ou menos.

Capítulo 20



devraj

Eu sentei no meu carro no estacionamento do hospital obcecado com a foto de Isadora em seu perfil na porra do aplicativo de namoro Zapp. Sua irmã, que havia tirado sua foto, a capturou com tanta perfeição que senti um aperto no peito quando olhei para ela. Eu estava esfregando meu esterno, esperando que a dor passasse enquanto analisava cada linha e curva de seu rosto e figura.

Ela usava um vestido branco sem mangas, roçando logo acima dos joelhos, suas longas pernas bronzeadas acentuando sua beleza magra. Havia pulseiras de ouro adornando ambos os pulsos, sua pele bronzeada suave e bonita. Ela foi pega no meio da risada, seus olhos verdes brilhantes, o sol bem atrás de sua cabeça, que iluminou seus cabelos loiros em chamas, mechas levantadas pelo vento. Uma mecha cruzou um olho e uma bochecha. A luz do sol atrás dela mostrava a silhueta de suas longas pernas que podiam ser vistas através do algodão puro.

Pendurada nos dedos de uma das mãos havia uma flor silvestre amarela, uma das muitas que a cercavam no campo a seus pés.

Ela era de tirar o fôlego. Literalmente. Eu esfreguei meu peito novamente, achando difícil conseguir ar suficiente.

A picada penetrante desta foto de perfil provou que ela queria namorar. Só não comigo.

Eu estava errado na atração que senti vindo dela? Foi unilateral? Eu sabia que não. Mesmo no Lanterna Verde, seu pulso disparou quando a puxei em meus braços na pista de dança. Ela não podia fingir a reação de seu corpo, as nuances sutis às quais eu era tão sensível como um vampiro experiente. A pulsação acelerada, a respiração ofegante, a dilatação de seus lindos olhos verdes.

E, no entanto, aqui estava a prova de que ela não estava interessada na minha companhia.

Suas palavras no Lanterna Verde doeram. E talvez ela estivesse certa até certo ponto. Nós nos movemos em círculos diferentes, vivemos em mundos diferentes. Mas eu a queria no *meu* mundo. Ou talvez eu desistisse do meu para estar no dela. Não sei. Tudo o que eu sabia era que, depois de trezentos anos, nunca havia sentido esse tipo de atração obsessiva por uma mulher. E o que ela não sabia era que eu podia ser paciente. E tenaz.

Eu rosnei, olhando para o perfil dela. Ela marcou cada caixa para os sobrenaturais que estava interessada em namorar. Não, Isadora não discriminaria. Isso deveria me deixar orgulhoso por

ela ter a mente tão aberta, mas tudo que eu conseguia pensar era na maldita piscina gigante de encontros que ela tinha acabado de abrir. Eles estariam vindo em massa para ela.

Seu perfil era breve, mas muito revelador.

- Interesses: boa comida, jardinagem, cachorros fofos
- O que me atrai: inteligência, humor, maturidade
- O que me repele: egoísmo
- Obrigações: Ser local e enraizado em Nova Orleans.

Ah. Lá estava. Essa última linha explicou muito. Nova Orleans não era minha casa. Ela sabia que Stygorns se mudavam com frequência. Sabia que raramente ficavam em um lugar também.

E cachorros fofos? Ela nem tinha cachorro. Por que não?

Uma batida na minha janela me tirou do meu torpor desolado. Ruben ficou parado ali, com uma expressão confusa e um sorriso malicioso no rosto. Ele olhou para o meu telefone no meu colo. Abri a porta e coloquei o telefone no bolso da calça.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, seu olhar passando rapidamente para o meu telefone. — Achei que você já estaria lá em cima.

— Só checando uma coisa

— Hmmm — foi a resposta onisciente de Ruben. — Se você tivesse subido, seria capaz de cobiçar a coisa real em vez da foto dela em seu telefone.

— Ela está aqui? — Eu nem tentei negar o fato de que a estava stalkeando online.

Ele abaixou o queixo e se dirigiu para a entrada lateral do hospital mais uma vez.

— Jules me ligou meia hora atrás para garantir que meus rapazes soubessem que ela estava vindo com Isadora.

— Então, o que você está fazendo aqui?

Ele me deu um daqueles olhares de cuide da sua vida. O que nunca funcionou comigo.

— Apenas verificando as coisas.

— Você poderia fazer isso do conforto de sua casa — observei quando entramos perto da escada e acenamos para o guarda vampiro, Roland, nas sombras.

— Cala a boca, Devraj. Você quem o diga.

Eu ri quando ele foi até seu quarto de hospital. Eu fiz o mesmo, me cobrindo de glamour para que as enfermeiras nem percebessem a rajada de vento quando passávamos. Gabriel estava na porta, também coberto de glamour para que ninguém além dos vampiros pudesse senti-lo.

Entrei na sala atrás de Ruben, ouvindo vozes femininas suaves. O timbre suave de Isadora me agarrou no estômago, lembrando-me o quão profundo essa bruxa tinha seus ganchos em mim. O engraçado é que eu estava perfeitamente bem em estar à mercê dela. Se ela soubesse, o que faria?

— Eu não posso te agradecer o suficiente — disse Emma da cama.

— Você só precisa descansar. Você estará bem o suficiente para ir para casa amanhã.

Um brilho sutil reluziu na pele de Isadora, prova de que ela estava usando fortemente seus poderes de Condutora. O olhar de Emma se moveu para nós. E embora eu tenha apagado sua memória de nós da última vez, ela não parecia com medo de dois homens estranhos entrarem em seu quarto. Provavelmente devido à extensa cura de Isadora, acalmando-a até os ossos.

O poder de uma Condutora pode ter um efeito semelhante ao de uma aura que pode transformar as emoções das pessoas. Um poderoso Condutor poderia mudar a composição energética de uma pessoa tão completamente para que todo o seu comportamento mudasse; sendo acalmado e suavizado pela mudança mágica da bruxa da energia da terra para o corpo humano.

Como eu sabia de tudo isso? Porque estive fazendo uma extensa pesquisa sobre as bruxas Conductoras na semana passada. Sim, eu estava mal.

Isadora olhou por cima do ombro, encontrando meu olhar. Aqueles olhos doces se arregalaram antes que se voltasse para Emma.

— Nós devemos ir. Se cuida.

Quando ela se levantou, Jules também. Mas quando elas passaram, estendi a mão e toquei o antebraço de Isadora, parando-a.

— Você pode esperar alguns minutos? Nós precisamos conversar.

Seu olhar assustado disparou para o meu, seu batimento cardíaco disparado.

— Eu não acho...

— Sobre Emma — esclareci, percebendo que ela pensou que eu queria falar sobre nós.

Algo que eu queria. Mas agora que sabia por que ela estava me afastando, eu teria que esperar meu tempo e resolver isso.

— Ah. Sim. É claro.

Jules se aproximou.

— Vamos esperar no estacionamento lá embaixo. As enfermeiras não vão entender por que estamos demorando.

As bruxas não podiam usar glamour como os vampiros, então elas estavam aqui como visitantes de verdade. Eu balancei a cabeça, então elas saíram.

Sentei-me ao lado de Emma, empurrando meu glamour para engolfá-la para que ela não entrasse em pânico com a minha proximidade. Mesmo que ela não se lembrasse do que havia acontecido consigo, ela ainda teria os efeitos residuais em sua memória. Como um transtorno de estresse pós-traumático, ela provavelmente desconfiaria de homens estranhos se aproximando demais por um longo tempo.

— Olá Emma. Posso segurar sua mão? Só quero dar uma olhada.

— Claro — ela disse facilmente, até sorrindo, completamente em transe.

Eu entrei rapidamente desta vez, esperando encontrar algo novo que eu poderia ter perdido. Algo que apontaria Blake como o homem que procurávamos. Ou alguém de sua comitiva. Mas nada de novo. As mesmas memórias emergiram de seu subconsciente. Principalmente confuso. A voz do homem que se alimentava dela. O som de um sino de igreja distante ainda tocando claro. Se eu pudesse identificar aquele sino. Mas havia centenas na área metropolitana de Nova Orleans.

Quando saí de sua mente, ela estava em um sono profundo. Coloquei a palma da mão em sua testa, certificando-me de que ela não se lembraria de nos encontrar pela última vez. Seu espírito estava tranquilo agora, e eu não colocaria em risco sua sanidade ou bem-estar voltando. A mente humana era resiliente, mas também frágil. Especialmente quando um sobrenatural começava a adulterá-la.

Eu fiquei de pé. Ruben perguntou.

— Alguma coisa nova?

Eu balancei minha cabeça.

— Vamos lá.

Corremos pelo hospital, aterrissando no estacionamento ao lado do carro de Jules cinco segundos depois.

Isadora engasgou quando aparecemos ao lado delas. Ela apertou o peito.

— Eu odeio quando vocês fazem isso.

Eu não pude deixar de sorrir. Minha bruxa era tão sensível.

Minha bruxa. Quando eu tinha começado a pensar nela dessa maneira? Como eu poderia tornar isso realidade? Isso era tudo que parecia me consumir ultimamente. E, no entanto, Ruben precisava da minha ajuda. Ainda havia outras garotas no cativeiro desse sequestrador. Eu me forcei a me concentrar. Eu tinha uma ideia do que fazer para pegá-los, mas precisava ver se Isadora descobria mais alguma coisa.

— Desculpe — eu disse a ela, contendo um sorriso em seu nervosismo. — Você sentiu mais alguma coisa? Algo que possa ligar Blake a Emma?

Ela sustentou meu olhar, sua expressão séria.

— Não. Ela está quase totalmente curada, no entanto. Fisicamente.

— Graças a Deus — murmurou Jules.

— Não vai demorar muito para nós resgatarmos as outras garotas e as levarmos para um lugar seguro — Ruben assegurou a Jules. — Você pode querer colocar alguns Condutores em espera para quando o fizermos.

A atração inabalável de Ruben pela mulher era tão óbvia com seu olhar azul elétrico cravado em seu rosto.

Droga, era assim que eu parecia quando olhava para Isadora? Nós dois éramos muito tristes. Mas ao contrário de Ruben, eu não esperaria uma década para ir atrás da minha mulher.

— Vou deixá-los preparados — disse Jules.

Limpendo a garganta, acrescentei:

— Não senti nada de novo. E nosso plano é sólido.

A postura de Jules tornou-se rígida quando ela olhou para a irmã.

— Você tem certeza que esse seu ceifador pode rastrear esses caras? Não quero que minha irmã seja prejudicada. Especialmente se eu tiver que anulá-la para que possa servir de isca para esta armadilha.

— Cem por cento de certeza — disse Ruben. — Encontrei-me com o criador do software e observei-o fazer vários testes até ficar satisfeito. Os testes foram eficazes todas as vezes.

— Eu prometo que não vou deixar nada acontecer com ela — eu disse a Jules, mantendo meus olhos em Isadora.

Meus instintos protetores me empurraram como nunca antes. Ela queria namorar seres sobrenaturais, incluindo outros vampiros, e não tinha ideia de como todos nós poderíamos ser bestiais. Tome-me o exemplo. Eu estava inventando ideias de sabotagem porque já a considerava minha. Além disso, eu me preocupava se poderia ser vítima de algum depravado entre nossa espécie. Dos sobrenaturais, éramos os mais astutos. Por uma razão, é claro. Caçamos e seduzimos os humanos para nos darem de bom grado o sangue que corria em suas veias. Nossa genética exigia que fôssemos sedutores da maneira mais irresistível.

Eu estava tão absorto em pensamentos sobre Isadora que me assustei quando Jules falou com ela:

— Quem vai com você para fingir ser sua amiga festeira naquela noite?

— Livvy disse que faria isso. Ela é a única que não estava com vocês no coquetel da Reunião da Guilda do ano passado.

Jules mordeu o lábio inferior por um segundo antes de responder:

— Eu sei que você acha que esse plano é infalível, mas quero que Violet faça uma leitura de vocês duas. — Ela olhou para mim e para Ruben. — Se ela prever sucesso nisso, estarei com vocês cem por cento.

Precisávamos do Executor do distrito junto com nós, ou ela poderia cancelar toda a operação. E embora eu nunca fosse deixar nada acontecer com Isadora, me sentiria melhor se uma Vidente pudesse nos dar uma premonição positiva.

Ruben deu um aceno rígido.

— Talvez amanhã?

— Eu gostaria de estar lá — acrescentou Isadora, com a testa franzida. — Quando e que horas?

— Poderíamos nos encontrar em nossa casa às oito. Estou deixando Mitchell fechar a cozinha em algumas noites. Violet não vai fechar o bar amanhã.

Isadora limpou a garganta. Seu pulso acelerou. Ela estava preocupada com alguma coisa.

— Podemos fazer isso um pouco mais tarde?

Jules olhou para a irmã, intrigada.

— Por que? Você tem um encontro ou algo assim?

Seus dedos se curvaram no tecido de sua saia um segundo antes de flexioná-los e relaxá-los. Mais ou menos.

— Na verdade, sim. Eu tenho um encontro.

Aquela sensação de aperto estava de volta, torcendo forte no meio do meu peito. Ela olhou para mim e depois para longe, batendo as mãos contra os lados do corpo nervosamente.

Jules a encarou por mais um segundo, a tensão desajeitada aumentando.

— Tudo bem então. Às dez, então? Onze?

— Ah, dez é bom — disse ela em uma respiração rápida. — Eu não vou ficar fora até tão tarde.

Jules virou-se para Ruben.

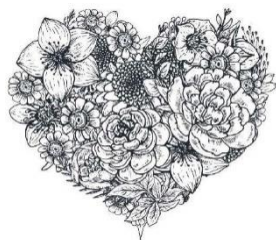
— Encontre-nos em nossa casa às dez.

Ruben assentiu.

— Eu estarei lá também — eu disse, olhando para Isadora, que continuou lançando seu olhar para mim e depois para longe. — Boa noite, senhoritas.

Eu dei a Ruben um aceno afiado, então me dirigi para o meu carro com apenas um objetivo em mente. Descobrir quando e onde seria o encontro de Isadora amanhã à noite.

Capítulo 21



isadora

Contorcendo-me em meu assento no fundo do Caldeirão, tentei não olhar para a porta, mas era impossível. Eu estava basicamente em um encontro às cegas. Quero dizer, claro, eu tinha visto a foto do perfil dele e trocamos mensagens via Zapp algumas vezes antes de ele me convidar para sair e eu aceitar. Mas eu basicamente não sabia nada.

O que eu *sabia* sobre ele? Bem, ele gostava de noites tranquilas em casa com uma boa refeição. Eu também. Ele também gostava de ler biografias e livros de filosofia. Eu não era uma grande leitora, mas podia respeitar isso totalmente. Essas eram atividades silenciosas. Mas eu estava jogando pelo seguro novamente? Eu não sabia, porque essa era toda a informação que seu perfil limitado listava.

A única coisa que o diferenciava de qualquer cara no passado era que ele era um ceifador. Eu estava saindo com um ceifador! E a foto do perfil dele? Devastadoramente lindo.

Escolhi o Caldeirão para o nosso encontro porque parecia familiar e me deixava mais confortável. Violet me avisou para ficar segura porque nunca se sabe quem está conhecendo por meio de aplicativos de namoro. Se esse cara fosse perigoso, então eu poderia pedir para JJ me ajudar. Olhei para o bar onde ele estava conversando com um cliente. Ele piscou para mim antes de servir uma dose.

Arrumei meu suéter verde mais uma vez, assim que meu par entrou pela porta. Uau. Sim, a foto do perfil dele não mentiu. Cabelo preto azeviche, olhos ardentes por trás dos óculos de armação preta, um físico em forma, mas não atlético. Mais para o lado mais fino. Mas eu também. Algo que tínhamos em comum, certo? Ou eu já estava tentando demais?

Ele usava um suéter cinza e calça escura, conservador, mas atraente. Ele parecia bem. Parecia legal. Muito legal? Não sei. Meu cérebro estava correndo a mil por hora e eu não podia acreditar que estava fazendo isso. Isso era errado?

Devraj surgiu em minha mente. Aqueles olhos castanhos calorosos e devastadores se encheram de uma tristeza resignada quando ele deixou nosso jantar em família no domingo. Meu estômago doeu de repente. Talvez eu ainda pudesse escapar pela porta dos fundos.

Ah, inferno. Meu acompanhante me viu.

Ele me deu um sorriso torto e veio em minha direção. Andar confiante. Ok, isso é bom. Muito bom.

— Isadora?

— Sou eu.

Ele estendeu a mão para eu apertar.

— Terry. É ótimo conhecê-la pessoalmente.

Apertei sua mão, que era quente e macia. Muito macia? Bem, para um cara estudioso, isso era totalmente normal. Quero dizer, o que eu esperava? Mãos grandes e com dedos longos que pareciam fazer mais do que segurar livros o dia todo? Ok, talvez eu tenha pensado.

Pare com isso agora mesmo!

— Você está bem? — ele perguntou educadamente enquanto deslizava para o lado oposto da cabine. — Você disse que é uma Condutora, certo?

— Sim. Ah, sim. Está tudo bem — eu assegurei a ele. Ele obviamente pensou que sua magia sombria estava me afetando, mas eu automaticamente empurrei minha própria magia para deslocá-la.

Auras como Clara não eram afetadas pelos poderes únicos dos Ceifadores. Conduutoras como eu poderiam ser, mas também poderíamos desviar sua energia para que ela não puxasse nossos sentidos como fazia com os outros.

Belinda apareceu. Fiz questão de não sentar na seção de Evie porque as irmãs podem ser muito intrometidas. Ela pode dizer ou fazer algo para me deixar nervosa. Como agora, ela estava olhando para Terry como se ele fosse um inseto sob seu microscópio de duas mesas onde ela anotava um pedido de bebida.

— O que posso pegar para vocês? — perguntou Belinda, fingindo não me conhecer como eu a havia pedido. Eu não queria que meu date soubesse como eu estava paranóica sobre namorar um cara que conheci em um aplicativo.

— Chardonnay para mim — eu disse.

— Vou querer o mesmo — disse Terry antes que Belinda voasse para longe. — Então, Isadora, conte-me tudo sobre você.

Ele cruzou os braços sobre a mesa e eu pisquei. Eu odiava declarações como essa. Quero dizer, *tudo sobre mim*? Isso era muito. Se eu resumisse, pareceria tão chato. Então optei por uma versão semi-abreviada.

— Bem, eu moro com minhas irmãs e trabalho em nossa loja metafísica ao lado, na verdade. Passo muito tempo no meu jardim e estufa quando não estou trabalhando.

— Sério? — Seus olhos escuros eram bons, mas eles não faziam meu pulso disparar mais rápido do jeito que Devraj fazia.

Por que estava pensando nele? Eu estava em um encontro com outro homem. Eu tinha que parar de comparar.

— Interessante. Que tipos de plantas você cultiva? É tudo para poções? Que tipos de poções você faz? Você escreve seus próprios feitiços para os clientes?

Olá, Sr. Interrogador. Eu queria perguntar se ele estava coletando dados porque parecia uma necessidade inata de Ceifadores. Então, novamente, acho que era da natureza dele reunir todas as informações que pudesse. Então contei a ele sobre as plantas que plantei, os vários feixes que fiz para a loja.

Isso não era um grande segredo de estado nem nada. Expliquei os diferentes itens que vendíamos também e continuei respondendo a todas as suas perguntas até que tive que levantar um dedo para pará-lo para que eu pudesse tomar meu primeiro gole da taça de vinho que Belinda havia deixado cair e eu não havia tocado.

Antes que ele pudesse mergulhar de volta, eu inverti as mesas.

— Então, Terry. E você? O que você faz?

Ele me encarou por um minuto, tomando um gole de seu vinho, então respondeu:

— Eu ensino filosofia.

— Oh, uau. Isso parece legal. Aonde? ONU? Loiola?

— Onde eu puder.

Hum, o quê?

— Então, você é professor universitário?

— Mais ou menos. — Ele deixou seu sorriso se alargar. Tudo bem.

— Isso é como estar mais ou menos grávida.

— É mesmo?

Ah, meu Deus. Esse cara.

— Então você não quer falar sobre seu trabalho. Conte-me sobre ser um ceifador. Na verdade, nunca conheci um. Como é?

— É bastante... nebuloso.

Eu deixei escapar uma pequena risada.

— Isso não faz sentido.

— Não é?

Agora seu sorriso fofo era irritante. Ele estava brincando comigo? Ou era realmente assim que ele era?

— Bem, conte-me qualquer coisa sobre você. Tipo *qualquer coisa*. Algo que não estava no seu perfil. — O que era apenas duas coisas.

Ele deve ter ouvido a frustração em minha voz, mas sua resposta me frustrou ainda mais.

— Posso dizer que te acho muito bonita.

Este cara está falando sério? Como eu poderia sair com alguém que se recusava a me contar sobre si mesmo? Eu gostava de um bom debate intelectual tanto quanto qualquer outra mulher, mas não queria jogar jogos mentais apenas para descobrir onde diabos esse cara ganhava seu salário.

É engraçado como alguns caras lindos podem perder sua atratividade quanto mais você vê suas falhas. Também é engraçado como alguns caras ficam mais atraentes quanto mais mostram seu humor, sua inteligência, sua sensibilidade e compaixão. Como alguém que eu conhecia.

— Bem, conte-me sobre que tipo de filosofia você ensina.

Seus olhos se arregalaram com uma centelha de interesse e, *finalmente*, ele começou a falar. Infelizmente, o assunto deixou meus olhos vidrados. Quando ele cobriu o existencialismo e a brilhante definição de Jean-Paul Sartre desse movimento cultural, depois passou para o relativismo e o realismo, terminei

minha segunda taça de vinho e gritava internamente para ser libertada do cativo.

— Desculpe-me — disse ele, tomando um gole de vinho e colocando-o na mesa. — Vou correr para o banheiro.

Eu estava suspirando interiormente de alívio por ter uma folga da aula de filosofia. Então, de repente, o assento de Terry foi ocupado pelo homem em quem eu não conseguia parar de pensar.

— Então, como está indo o encontro? — perguntou Devraj com o sorriso mais perfeitamente divertido que se estendia por seu belo rosto.

Eu virei minha cabeça para ter certeza de que Terry não tinha visto, então encarei o vampiro sorridente.

— O que você está fazendo aqui? — Eu sussurrei.

— Eu estava no bar tomando um drink, conversando com o JJ, quando te vi por aqui. Ele me disse que você estava em seu primeiro encontro do Zapp — ele disse casualmente, o que aliviou um pouco minha culpa pela aparência dele no último domingo. — Então, você se decidiu? — Ele apoiou o queixo barbudo perfeitamente aparado na mão, pensativo. — Você é existencialista ou realista? Eu realmente preciso saber.

Eu apertei minha mandíbula com força e estreitei meu olhar. Ele riu para si mesmo e sorriu ainda mais, continuando.

— Quanto a mim, gostaria de ouvir mais sobre as teorias sexuais de Freud. — Ele arqueou uma sobrancelha obscena para

mim. — Seu superego está escondendo algum fetiche sexual adormecido que eu deveria saber?

— Cala. A. Boca. — Olhei para os banheiros novamente enquanto ele ria às minhas custas, em seguida, voltei minha atenção para ele. — Para sua informação, ele é um cara muito interessante.

— Muito. Se você gosta de ouvir dissertações.

— Como você pode ouvir do bar? — Olhei acusadoramente.

— Eu sou bom em leitura labial — ele respondeu com um encolher de ombros.

— Ele está me contando sobre seu trabalho — eu defendi, tentando não sorrir com sua intromissão obscena. — Isso é o que as pessoas fazem quando saem.

— É mesmo? — Sua expressão se transformou em confusão. — Mas eu pensei que o objetivo era realmente *atrair* a pessoa com quem você está saindo.

— Pare de ser malvado. E saia. Antes que ele volte.

— Não se preocupe. — Ele se recostou na cadeira e me deu um sorriso melancólico e uma piscadela. — Eu não vou estragar o seu encontro.

Ele já tinha. Apenas por estar aqui, ele mostrou em flagrante contraste a diferença no meu encontro e quem eu realmente queria.

Eu não pude fazer nada além de encará-lo enquanto ele se levantava e passava os dedos ao longo da curva do meu pescoço

exposto acima do meu suéter. Ele me deu um aperto amigável que eu senti até os dedos dos pés.

— Aproveite o resto do seu encontro, Isadora — ele disse sinceramente e então marchou para a porta.

Alguns segundos depois, Terry assumiu seu lugar.

— Então, onde estávamos?

Então ele lançou seus pensamentos sobre Friedrich Nietzsche, expondo seus pontos de vista sobre a moralidade tradicional, e ele realmente me perdeu.

Não é que seus pensamentos não fossem interessantes. Para muitas mulheres, ele as estaria enrolando com seu imenso cérebro, mas eu era uma garota simples. E eu honestamente não queria debater se uma árvore caída realmente fazia barulho na floresta se ninguém estava lá para ouvi-la. Prefiro discutir que tipo de árvore era e se continha quaisquer propriedades medicinais que pudessem ser preparadas em um chá saudável.

O verdadeiro problema não era tanto que a prolixa história filosófica de Terry fosse chata – mas, desculpe, para mim era. A verdadeira questão era que minha mente continuava vagando para outra pessoa. Enquanto estava sentada lá, comparei a voz nada notável de Terry com o timbre sexy de Devraj. Os olhos de Terry, embora inteligentes e bonitos de se olhar, não carregavam o mesmo peso e calor dos de Devraj. Mesmo seu sorriso não se comparava. Sem mencionar o fato de que saí dessa conversa na terceira referência ao complexo de Édipo de Sigmund Freud.

Eu estava entediada. E irritada. Talvez até um pouco triste.

Desde que Devraj apareceu, não consegui pensar em mais nada além dele. Foi tudo culpa dele!

Tudo bem, isso era uma mentira. Terry e eu simplesmente não estávamos nos dando bem, e foi por isso que, quando ele perguntou se eu queria outra rodada, recusei educadamente e disse que precisava ir. Depois que Terry pagou a conta, saímos juntos.

— Isso foi adorável, Isadora — ele disse educadamente, e me encolhi por dentro quando percebi que ele gostou disso muito mais do que eu. — Devo te ligar de novo? — ele perguntou com aquele olhar esperançoso em seus olhos.

Essa era uma das principais razões pelas quais eu odiava sair para encontros. Quando eu não correspondia aos sentimentos do cara, odiava rejeitá-los. Mas eu também não era o tipo de garota para enganar um cara.

Engolindo o desconforto, eu disse:

— Sinto muito, Terry. Mas acho que não.

— Ah. — Ele olhou para baixo com um sorriso tenso, então estendeu a mão para cumprimentá-la. — Foi um prazer mesmo assim.

— Obrigada — eu disse, dando um aperto de desculpas em sua mão e depois me retirando. — Eu sinto muito.

— Não é necessário. Se cuide. — Então ele caminhou em direção ao seu carro.

Devraj recostou-se contra a parede do Caldeirão, um joelho apoiado com o pé contra o tijolo atrás dele, braços cruzados. Foi

quando notei que ele estava vestindo jeans escuros e um Henley preto, seu cabelo em um coque masculino, parecendo fino demais para conversar. De alguma forma, isso me irritou mais.

Sua expressão era de preocupação enquanto observava Terry se afastar.

— Ai — ele disse, finalmente olhando para mim.

— Por que você está aqui? — Eu me aproximei.

— Apoio moral? — Ele ergueu as sobrancelhas inocentemente, seu sorriso encantador radiante.

— Não, você não está. Você estava esperando por mim.

Parecendo um pouco envergonhado, ele admitiu:

— Eu queria ter certeza de que você estava segura. Esses caras nem sempre são quem dizem ser nesses aplicativos de namoro.

— A mesma coisa que Violet me disse. — Eu não poderia realmente estar brava com isso, mas ainda assim.

Soltando um suspiro, o que levantou uma mecha da minha longa franja, eu disse:

— Mas você interferiu. E você... — Mordi o lábio.

— Eu o quê? — ele perguntou, toda inocência.

Por favor.

— Você me distraiu — eu admiti. Mas seu sorriso irritantemente conhecedor me fez continuar. — E não gosto de você se intrometendo e agindo como o irmão mais velho protetor ou algo assim.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas parou. Ele inclinou a cabeça, tirando o pé da parede, e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Você estava gostando da companhia dele? — ele perguntou, a expressão séria. — Isso levaria a um segundo encontro?

De jeito nenhum sairia com Terry de novo. Eu já estava pensando em desculpas para sair mais cedo quando Devraj apareceu.

Olhei para a rua, soltando um suspiro, apoiando as mãos nos quadris.

— Essa não é a questão.

— Desculpe-me.

Sua sinceridade me esfriou. Parte do vapor havia saído de mim.

— Eu não gosto que você interfira.

Seu sorriso desapareceu. Ele deu um passo em minha direção para dentro da minha bolha pessoal, forçando-me a erguer o queixo. Não recuei, no entanto. Eu não deixaria nenhum vampiro me intimidar. Se é isso que ele estava fazendo. Mas o brilho de calor em seus olhos me disse que talvez não fosse isso que ele estava pensando.

— Talvez não — disse ele em um sussurro baixo, sua voz suave e sedosa e doce como um rio de chocolate. — Mas eu me preocupo com você o suficiente para garantir que esteja segura. Me desculpe se eu ultrapassei os limites. — Ele estendeu a mão

e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, seus dedos arrastando ao longo da concha. Eu mal reprimi um arrepio formigante. — Alguns desses caras inventam seus perfis para esconder quem realmente são. Como realmente são.

Engolindo em seco contra a emoção que vi em seus olhos castanhos profundos e ouvi em sua voz injustamente hipnótica, perguntei:

— E você sabe disso por experiência? Em seu próprio perfil de namoro?

Seus dedos prenderam uma longa mecha do meu cabelo, que ele esfregou lentamente entre o polegar e o dedo médio. Meu olhar foi atraído para aquela pulseira, aquela feita do *mangalsutra* de sua mãe.

Um pequeno pulsar em meu peito por este homem carismático que ainda amava tanto sua mãe. Eu diria que ele era uma contradição, mas isso não era verdade. Ele era exatamente quem ele mostrou ao mundo. Um vampiro brilhante, charmoso e furtivo que viveu a vida ferozmente. Muito ferozmente, talvez. Sua luz brilhava muito forte. Queimou.

Ele zombou, seu olhar na mecha de cabelo que ele brincava entre os dedos.

— Eu não uso aplicativos de namoro.

— Apenas o aplicativo de hospedeiros de sangue, iDentada.

Seu sorriso se tornou aquela força ampla e onisciente que me fez derreter por dentro. Ele me pegou.

— Agora olhe quem está stalkeando. Você tem me procurado no iDentada?

— Por favor. — Revirei os olhos. — Não estava stalkeando. Jules estava lá, então eu verifiquei e vi, sabe, se você tinha um perfil.

— Por que Jules estava lá?

— Para verificar o perfil de Ruben, é claro.

De alguma forma, ele aceitou isso com um aceno de cabeça. Huh. Eu me perguntei o que ele sabia sobre aqueles dois.

Ele enrolou uma mecha mais apertada em torno de seu dedo indicador e puxou, puxando-me um centímetro mais perto.

— Você leu as resenhas do fórum.

Dei de ombros, dando a ele meu olhar de não me importo.

— Eu li. — Seu olhar escuro percorreu meus lábios, desceu até minha garganta e depois voltou para cima. — Você já pensou em doar um pouco para o time vampiro?

— Não — eu retruquei.

— Mentirosa.

— Não me chame de mentirosa.

— Mesmo se você for uma?

— Ok, talvez eu tenha pensado nisso depois daquela vez. Você sabe.

Ele arqueou uma sobrancelha negra.

— Não, me diga. Não sei.

Seu sorriso diabólico era insuportável. Ele estava se divertindo muito me provocando e, por algum motivo idiota,

eu também estava gostando. Um contraste gritante com o resto da minha noite com Terry.

— Eu acho que você pode adivinhar — acrescentei levianamente.

— Tudo bem. Eu vou adivinhar — ele disse, sua mão flutuando sob meu cabelo para envolver frouxamente em torno da base da minha garganta. — Você gostou quando cortou sua língua na minha presa. Gostou tanto que se perguntou como seria se fosse até o fim.

Eu apertei minhas coxas com força com a frase *até o fim* porque isso evocou nosso caso de uma noite. A experiência sexual mais fantástica da minha vida.

Ele roçou o polegar ao longo do meu pulso, calor saindo dele.

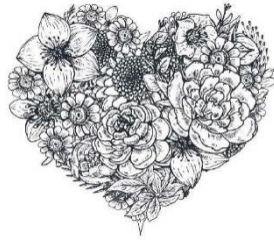
— Você já pensou nisso mais de uma vez. Quer saber se o que aquelas mulheres disseram sobre a toxina vampírica é verdade.

— Talvez — eu disse, irritada com sua arrogância. E o fato de que ele estava totalmente certo. Afastei-me até que seu braço caiu de mim, me contendo para não gemer com a perda de seu toque sensual. — Talvez eu precise experimentar um vampiro no Zapp e ver por mim mesma. — Então me virei e subi a Magazine Street em direção a casa.

Isso foi uma coisa mal-intencionada de se dizer, eu sei. Era realmente diferente de mim. Mas Devraj precisava entender que não tinha direitos sobre mim. Nós não estávamos em um

relacionamento. Nós éramos amigos. Que aconteceu de ter feito sexo alucinante uma vez. Duas vezes, na verdade. E foi isso. Eu precisava de um homem por quem pudesse me apaixonar. Alguém que ficaria.

Capítulo 22



devraj

Merda. Aquela mulher ia me matar. Depois de esfriar a cabeça e engolir uma série de maldições em dez línguas, eu a alcancei para caminhar com ela de volta para sua casa. Mudei de assunto para algo mais leve para não perder a cabeça com a ideia de ela entreter outro vampiro. Ela deixando outro vampiro tocá-la, mordê-la. O ciúme ardente que aquela imagem despertou em minhas entranhas era paralisante.

Então nos guiei para outra coisa.

— Você gosta de cães?

Ela olhou para mim quando passamos pela casa de Maybelle e por um grupo de amigos rindo indo a algum lugar. Coloquei uma mão leve em suas costas e ela deixou, felizmente. Então talvez não estivesse tão brava comigo. Talvez estivesse apenas me dando uma pequena vingança por arruinar sua noite com Terry, o Maravilhoso Sem-Noção. Talvez tenha sido idiota se intrometer, mas não me arrependi. Aquele idiota não tinha

nada a ver com uma mulher como Isadora, que estava tão fora de seu alcance.

— Como você sabe que eu gosto de cachorros?

— Seu perfil no Zapp.

— Você olhou meu perfil?

— Claro que sim — respondi sem vergonha.

Minha admissão ousada enviou um rubor rosa subindo em suas bochechas. Eu queria que ela soubesse que eu estava interessado. Simplesmente não podia deixá-la saber o *quão* interessado. Quão fascinado. Isso a aterrorizaria.

Ela colocou a bolsa no ombro novamente nervosamente quando viramos a esquina para a nossa rua.

— Sim, eu amo cachorros.

— Então por que você não tem um?

— Bem, eu meio que... — Ela olhou para mim, engolindo o que ia me dizer por algum motivo. — É só que temos Z e Fred, e eles são suficientes agora. Não tenho certeza de como um novo animal de estimação se encaixaria na mistura, sabe? Quero dizer, ser dona de um animal de estimação é uma grande responsabilidade. Eu não gostaria de trazê-lo para casa se ele não se adaptasse bem aos outros.

— Ele? Você já tem um cachorro em mente?

Seu foco permaneceu em frente, mas eu peguei o arregalar de seus olhos como se ela não quisesse que eu percebesse isso. Esta mulher não tinha ideia do quanto eu a ouvia. O quanto ficava obcecado com cada palavra que saía de sua boca. Sobre

cada movimento ágil de seu corpo, cada expressão suave, cada piscar de seus olhos verdes assustadores.

Estávamos subindo seu passeio pelo portão de ferro forjado.

— Você vai entrar? — ela perguntou, surpresa.

— Está quase na hora da leitura de Violet.

Ela fechou os olhos com um pequeno aceno de cabeça enquanto subíamos para a varanda.

— Certo, certo.

Ela estava um pouco mais mexida do que o normal. Não tinha certeza se era por eu ter interrompido o encontro dela. Ou se era só eu. O que eu sabia era que seu pulso sempre acelerava quando eu chegava perto dela. E isso foi definitivamente um bom sinal.

Segui Isadora para dentro de casa e desci o vestíbulo até a sala de estar.

— Olá? Alguém em casa? — ela gritou.

— No meu escritório! — Gritou Jules.

Em vez de ir para a sala de estar, Isadora olhou por cima do ombro e apontou para o longo corredor.

— Por aqui.

Eu dei a ela um sorriso tranquilizador e a segui, feliz por sentir que sua raiva havia diminuído. Quando chegamos ao que devia ser a biblioteca de Jules, Violet já estava lá, a mesinha de centro de madeira arrumada para a leitura. Pilares de velas brancas estavam empilhados sobre a mesa, um graveto

fumegante queimando em pé em uma tigela de areia preta. O incenso encheu a sala com especiarias e sálvia.

Violet estava sentada de pernas cruzadas em uma ponta, embaralhando suas cartas de tarô. Elas estavam todas viradas para baixo na mesa enquanto ela percorria os dedos sobre elas, movendo-os um sob o outro. Já sentia uma pulsação de magia chiando no ar.

Jules estava sentada do outro lado da mesinha de centro no chão, seu comportamento calmo e vigilante como sempre.

— O Ruben não está com você?

— Viemos separados.

Isadora zombou. Jules olhou para ela com uma sobrancelha levantada, mas Isadora apenas balançou a cabeça. Ela provavelmente esperaria até que partíssemos antes de falar sobre minha interferência.

— Como foi seu encontro? — perguntou Violet, sorrindo para as cartas enquanto as pegava.

— Conversamos mais tarde — Isadora prometeu com uma pitada de advertência.

Violet sorriu, então olhou para mim e piscou. De alguma forma, senti que Violet estava do meu lado. Ela agora era minha irmã favorita.

— Você gostaria de uma leitura enquanto esperamos por Ruben? — ela me perguntou.

Meu pulso disparou. Eu não tinha certeza do porquê. Então olhei para Isadora, que se sentou em uma cadeira atrás delas perto da estante.

— Por que não?

Sentei-me em uma poltrona na extremidade oposta da mesa de centro, de repente muito nervoso.

— O que eu faço?

Violet sorriu, seus olhos de gato brilhando à luz das velas.

— Estamos fazendo três cartas. Um para pessoal. Um para profissional. Um para o objetivo do seu coração.

— O objetivo do coração? — Eu perguntei com ceticismo. Meu olhar disparou para Isadora novamente, a atração magnética que ela exercia sobre mim em uma sala tão avassaladora que mal conseguia me concentrar em qualquer outra coisa.

— Para pegar o sequestrador, é claro — respondeu Violet, com o olhar nas cartas, a voz divertida. — Esse seria o objetivo que mais pesa sobre você. Certo?

— Certo. É claro.

Ela mordeu o lábio inferior, segurando as cartas em uma das mãos. Ela colocou um pouco de seu cabelo azul atrás da orelha, revelando uma fileira de piercings na cartilagem.

— Uau. Essa é nova. Quando você fez isso? — Isadora perguntou, inclinando-se para a frente e apontando para o braço de Violet.

Violet esticou a parte interna do antebraço esquerdo. Reconheci a imagem porque acabara de ver algo semelhante em uma das cartas do Tarô.

— A alta sacerdotisa? — perguntou Jules, inclinando-se para frente e segurando seu pulso para que ela pudesse inspecionar a tinta.

A sacerdotisa usava uma coroa com chifres e segurava uma bola de cristal em uma mão, seu vestido incrustado de estrelas, uma lua crescente sobre um ombro.

— Ela não é linda? — perguntou Violet com um enorme sorriso.

— Quem é a Alta Sacerdotisa? — Eu tive que perguntar.

Violet voltou a virar as cartas de mão em mão.

— Ela é a rainha da intuição, do conhecimento sagrado e do feminino divino. Eu preciso dela do meu lado.

— É um trabalho lindo — disse Isadora. — Você usou seu cara de sempre?

— Não. Alguém novo — ela disse evasivamente.

Enquanto embaralhava, notei algumas runas celtas tatuadas em seus dedos indicador e médio. Embora tivesse passado algum tempo na Irlanda, não sabia muito sobre runas. Mas reconheci a seta para cima do guerreiro espiritual.

— Ok, Devraj. Então, primeiro você puxa uma carta para o seu eu pessoal.

Ela espalhou as cartas à sua frente na mesa, seu esmalte prateado brilhando. A carga de magia na sala se ampliou,

trazendo a minha para a superfície. Movendo minha mão por instinto, bati em uma carta e a tirei do baralho. Violet virou-a para revelar um homem pendurado em um cordão de ouro perto de uma árvore. O cartão estava de cabeça para baixo.

— O homem enforcado. Mas invertida. — Ela inclinou a cabeça para mim. — Isso significa resistência e indecisão. Há algo em sua vida pessoal que você está protelando. Se realmente quer isso, você vai precisar superar esse obstáculo. Tome a decisão e vá em frente.

Eu não respondi. Eu estava totalmente confuso. A única coisa pessoal em minha vida era minha caçada a Isadora. E eu não estava enrolando sobre isso. Estava?

— Isso é meio vago — eu disse. — E se eu não tiver ideia do que você está falando?

Ela acenou com a cabeça definitivamente.

— Você saberá. — Ela apontou para o convés. — Agora, para o seu eu profissional.

Com um suspiro pesado, inclinei-me para a frente, bati na carta para a qual meus dedos foram atraídos e deslizei-a para frente. Violet a virou.

— Ahh. Eu gosto deste. Força. Não é um grande mistério no significado. Você tem força, coragem e compaixão em seu trabalho. — Violet bateu três vezes com o dedo indicador no cartão. — Você também tem uma influência enorme.

— Em quem? — Eu perguntei.

— Em todos — ela respondeu levianamente.

Meu olhar se moveu para Isadora que tinha os olhos no convés, sua expressão calma. Mas o torcer de suas mãos no colo me contou outra história.

— Último, Stygorn — disse Violet. — Isto é para o objetivo do seu coração. Portanto, mantenha isso em mente enquanto pega sua carta.

Pensei em Blake Bellingrath, em Darren Webber e em nosso plano, o que imediatamente me levou a pensar em Isadora servindo de isca. O que então levou à ansiedade que senti colocando a vida dela em perigo. O medo, até, de não conseguir chegar antes que algo acontecesse com ela. Então meus pensamentos se voltaram para Isadora sob meus cuidados, sob minha proteção, em minha casa, em minha cama. Nos meus braços. No meu coração. Estendi a mão e bati em uma carta, puxando-a para fora do baralho.

Quando Violet foi tirá-la, ela voou no ar, girou e caiu de volta bem na minha frente. Houve um suspiro coletivo entre as mulheres, mas eu apenas encarei meu destino.

— Uau — disse Violet. — Aquela tinha algum poder emocional por trás. A Carruagem. Isso é interessante. Controle. Força de vontade. Haverá sucesso em sua ação. — Ela pegou a carta, que deslizou para longe de mim sozinha até parar na frente dela. A magia acendeu o ar com uma energia crepitante. Ela colocou um dedo em cima e fechou os olhos. — Sim. Definitivamente sucesso. Mas apenas *se* sua determinação e vontade corresponderem às intenções genuínas. Caso

contrário, você perderá. — Seus olhos brilharam em um verde elétrico enquanto ela parecia olhar diretamente para minha alma. — Ouça-me, Stygorn. Você perderá.

Engoli em seco, a boca secando com a ideia de perder Isadora. Eu estava mais do que determinado em mantê-la segura, em fazê-la minha. Então, o que diabos isso significava?

— Bem — disse Isadora —, nós sabemos que ele está determinado a pegar esse sequestrador, então isso deve ser fácil.

— Você está certa, mana — disse Violet calmamente, o olhar etéreo perfurando o meu, me dizendo que ela sabia qual era meu objetivo. — Deve ser fácil o suficiente para um Stygorn que sabe o que pode perder se falhar. É melhor você apostar tudo, vampiro.

Engoli em seco, meu coração martelando como um louco. Pensei em possuir o corpo de Isadora. Eu não tinha pensado nela me possuindo em vez disso. Mas era assim que eu me sentia. Ao longo de três séculos, ninguém me encantou como ela. E sem nem tentar. Alguma parte dela falou com alguma parte de mim. E eu não tinha percebido até que Violet me pediu para pensar no objetivo do meu coração. Não neste nível.

Felizmente, Ruben interveio naquele exato momento, quebrando o momento constrangedor entre Violet e eu. E Isadora, que não fazia ideia do que realmente estava acontecendo. A bruxa vidente sabia, no entanto. E ela estava me alertando para ter cuidado. Para entender que eu poderia falhar se minhas intenções não fossem verdadeiras. Eu queria Isadora.

Não havia dúvida. Isso não era verdade o suficiente? Não de acordo com a bruxa de cabelo azul que ainda tinha seus olhos de gato fixos em mim.

— Aparentemente, perdi algo interessante — disse Ruben. Isadora se manifestou.

— De acordo com Violet, o objetivo de Devraj de pegar o sequestrador será um sucesso.

Violet embaralhou as cartas e arqueou uma sobrancelha para mim.

— É mesmo? — perguntou Ruben. — Então não precisamos da minha leitura, não é?

— Sente-se, Ruben. — Violet espalhou as cartas à sua frente.

Movi-me para encostar-me na estante ao lado de Isadora, deixando Ruben ocupar o meu lugar. As velas queimaram quando Ruben se sentou. A magia reagiu estranhamente aos elementos. Ou talvez os elementos tenham reagido estranhamente à magia. A de um vampiro era um tipo de magia agressiva e intrusiva, então não me surpreendeu quando o vento mudou com raiva. Especialmente na presença de três bruxas tão sintonizadas com os elementos. Havia uma corrente palpável de energia zumbindo na sala.

Violet espalmou as palmas das mãos em ambos os lados do convés em leque e olhou para Ruben.

— Como eu disse a Devraj, você vai puxar três cartas. Uma para o pessoal. Uma para o profissional. E uma para o objetivo do seu coração: pegar o sequestrador.

— Fácil — ele murmurou agradavelmente, puxando o punho de sua camisa engomada. Ele usava apenas um colete vermelho escuro, sem jaqueta. Suas abotoaduras de caveira prateadas piscavam à luz das velas.

— É o que você diz — murmurou Violet. — Pegue uma carta.

Ruben parecia equilibrado e tranquilo como sempre, mas o estreitamento de seu olhar nas cartas como se elas fossem o inimigo revelou que ele não estava tão calmo quanto parecia. Ele bateu em uma carta com o dedo indicador.

Violet sacudiu a mão, virando-a telecineticamente.

— Ah, céus. — Ela mordeu de volta o sorriso ultrapassando seu rosto. — O Imperador, invertido. Isso significa dominação, controle excessivo, inflexibilidade.

Jules tossiu, quase apagando uma das velas antes de se endireitar com um sorriso sério no rosto. O olhar de Ruben ficou mais escuro, seus olhos azuis mais da cor da meia-noite.

— Isso não é um bom presságio, não é? — ele comentou facilmente, mesmo enquanto apertava a mandíbula.

— Bem, sim e não, na verdade — disse Violet, estendendo a mão e colocando a palma da mão sobre o cartão, fixando sua atenção nele, concentrando-se, ouvindo sua magia. — É verdade, você pode ser inflexível. Dominador. — Sua voz vibrava com uma espécie de eco assombroso. — Mas é só porque você está insatisfeito. Frustrado. — Ela tirou a mão do colo, sua voz voltando ao normal. — Uma vez que esteja

satisfeito, você estará equilibrado novamente. Embora nunca perca o fator dominante.

Ruben não disse nada. Ele também não olhou para Jules quando eu sabia que ele queria. Ele gesticulou em direção ao convés.

— Confuso.

Violet sorriu.

— Viu? Dominador.

Ruben soltou um suspiro pesado. Violet e Isadora riram. Jules não.

Quando Violet parou de mover as cartas em círculo na mesa, ele estendeu a mão e virou uma carta. Sim. Definitivamente dominador.

Então eu não pude conter uma risada para a carta.

— Imperador de novo — disse Violet. — Desta vez em pé. Você é um líder e tanto, Ruben. O Imperador é tão dominante em sua casa. Isso mostra que você tem autoridade em seu eu profissional. Uma espécie de figura paterna para muitos. Modelo e muito respeitado.

Ele não fez nenhum comentário, mas a aura de raiva se dissipou ao seu redor.

— Isso não é nenhuma surpresa, entretanto — ela murmurou. — Mas agora o último. O objetivo do seu coração. Pegar o sequestrador, lembre-se.

O olhar de Ruben se fixou nela.

— Não há necessidade de me lembrar, querida.

— Apenas checando. — Ela embaralhou sem tocar no baralho, girando as cartas na superfície plana com um movimento do dedo. Quando se acomodaram, ela gesticulou com um mergulho de seu queixo. — Escolha uma.

Ele se inclinou para a frente e deu um tapinha na ponta externa. Ela a virou para revelar A Torre.

Era uma torre em chamas, chamas saindo das janelas, relâmpagos brilhando no céu e uma mulher caindo.

— Isso significa que haverá uma revolta e um grande caos. Mas também, revelação e despertar. — Ela franziu a testa antes de dizer: — Sim, acredito que você vai pegá-lo.

— Vamos obter as evidências de que precisamos para uma condenação? Encontraremos as garotas? — Ruben disparou.

— Tenho certeza. — Ela gesticulou para as cartas. — Mas pode não acontecer exatamente como você planeja.

Isso fez meu estômago apertar. Não queria surpresas, principalmente quando Isadora estava envolvida. Eu seria mais do que diligente e preparado naquela noite.

— Ele matou alguma das mulheres? — perguntou Ruben. — Você pode pelo menos me dizer isso?

— Posso perguntar — disse ela, arqueando a sobrancelha como uma espécie de advertência. A agressividade de Ruben estava se espalhando pela sala.

Violet fechou os olhos e ergueu as palmas das mãos voltadas para fora. A força da magia aumentou, uma pressão firme crescendo na sala, pressionando meu peito. Ela inalou

profundamente. Todas as chamas das velas se inclinavam para ela, como se o fogo fosse atraído para ela. Ela sussurrou em francês, um antigo encantamento, chamando os espíritos elementais.

A tatuagem da Alta Sacerdotisa em seu antebraço estremeceu e ondulou, parecendo que se movia. A Alta Sacerdotisa tatuada piscou os olhos? Isadora engasgou, também olhando para o estranho fenômeno. Então Violet abriu os olhos, queimando verde brilhante, então colocou as mãos no colo. As chamas das velas se endireitaram.

— Não — ela disse. — As meninas estão todas vivas.

Ruben e eu exalamos de alívio ao mesmo tempo.

Ele me deu um aceno de cabeça e se levantou.

— Obrigado, Violet. — Ele puxou os punhos de sua camisa.

— Isso é mais do que eu poderia pedir. — Ele olhou para Jules.

— Isso satisfaz a suas perguntas?

Ela sustentou seu olhar e assentiu.

— Boa noite, então.

Jules não disse nada, tendo ficado extremamente quieta o tempo todo.

— Devraj, por favor, junte-se a mim — disse Ruben ao sair.

Levantei-me e não pude deixar de passar a mão no ombro de Isadora ao passar.

— Boa noite.

Ela me deu um pequeno sorriso, mas foi só isso. Eu me perguntei se a deixei seriamente zangada ao interferir em seu

terrível encontro. Isso é o que estava girando em minha mente quando Ruben e eu saímos e ele parou na varanda.

— Não gosto da leitura do cartão de que haverá caos. Precisamos planejar todas as possibilidades.

— Concordo. Desde que eu esteja no time seguindo o rastro quando capturarem Isadora.

— Eu entendo — disse ele, olhando para trás na casa.

— E seus homens tiveram alguma sorte em rastreá-lo?

— Não. Eu sabia que isso não daria em nada. Tenho dois homens vigiando a propriedade de Bellingrath, mas Blake parece muito cauteloso. Não o vimos de jeito nenhum, entrando ou saindo.

Ele olhou mais uma vez para a casa, incapaz de esconder a intensidade de sua expressão.

— Por que você simplesmente não conta a ela?

Ele bufou uma risada triste.

— Ela sabe.

— Ela sabe? Quero dizer, de verdade?

Ele me olhou por um segundo antes de soltar um suspiro.

— Isso não importa mais.

— O caramba que não.

— Boa noite, Dev. — Então ele se afastou, deixando-me na varanda sozinho.

Ruben pode se contentar em deixar tudo em paz, mas eu não. Especialmente depois daquela leitura peculiar de Violet,

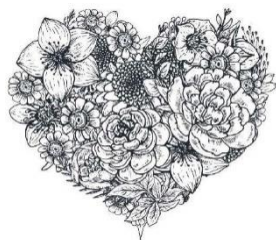
suas palavras me deixando mais doente a cada segundo enquanto eu caminhava para minha casa ao lado.

Ele sabe o que pode perder se falhar.

Linda, adorável, maravilhosa Isadora.

— Então não vou perder — jurei, mais determinado do que nunca.

Capítulo 23



isadora

Quando escolhi meu vestido para o encontro número dois, me perguntei se Devraj teria gostado. Perguntei-me se ele estaria no Caldeirão esta noite como da última vez. Então tive que admitir para mim mesma que gostava dele cuidando de mim. Ou talvez apenas gostasse dele me observando. E isso era ruim. Perigoso. Continuei dizendo a mim mesma que não poderia ficar com ele novamente. Ele era muito... muito Devraj.

Fiquei no final do bar ao lado de Charlie enquanto JJ atendia os clientes. O encontro no Caldeirão me dava uma sensação de segurança que acalmava meus nervos.

— Ok, é ele. — Eu bati em Charlie com meu cotovelo. — Lembre-se, o sinal é, se eu bater meus dedos no joelho três vezes, você vem me salvar com alguma emergência familiar.

— Entendi, loirinha. Não se preocupe. — Ele se virou de lado em seu banquinho. — Oooh. Ele é bonito. Vá buscá-lo.

Ele me deu um tapinha na bunda, um pouco de encorajamento. Meu acompanhante, Christopher, estava

procurando no bar, mas parou quando me viu. Uau. Esse é um belo sorriso.

— Christopher? — Perguntei, sabendo que era ele. Ele parecia exatamente com seu perfil.

— Sou eu. — Ele sorriu mais largo, suas covinhas aparecendo. Misericórdia. — É um prazer conhecê-la, Isadora.

Ele estendeu a mão para que eu a cumprimentasse. Uma boa sacudida. Aderência agradavelmente firme.

— Hum, eu reservei uma mesa aqui. — Fiz um gesto para o canto perto do palco. Nico estava preparado, mas ainda não estava tocando.

Nós nos instalamos e me senti surpreendentemente à vontade. Estranho que fosse com um vampiro que eu me sentisse mais confortável.

— Bom lugar — disse ele, olhando em volta. — Nunca estive aqui antes.

— É da minha família — admiti, decidindo ser mais aberta e honesta com este encontro.

Seus olhos azuis se arregalaram.

— Sério? Isto é tão legal.

— Sim. Eu e minhas irmãs possuímos juntas. Eu faço a contabilidade tanto do Caldeirão quanto do Misteriosa Maybelle ao lado.

— Essa é uma ótima jogada. Um negócio de família. Ou negócios, na verdade. — Quando ele riu, foi um som agradável e estrondoso. — Sou arquiteto de uma empresa maior, que

nem sempre é tão boa assim. Imagino que os negócios em família sejam recompensadores, mesmo que às vezes seja difícil trabalhar com suas irmãs.

— É verdade. Que firma é essa?

— Bentley e Marks. Na verdade, estamos baseados em Kenner. Fazendo principalmente trabalhos comerciais para Metairie e Kenner.

Uau. Um cara bem organizado que respondeu minhas perguntas e tudo. Este encontro estava indo incrivelmente bem. E ainda assim, não senti aquela centelha de atração, aquela química inegável que eu esperava.

— Ei, Iz. — Belinda aproximou-se de nós. — O que posso pegar para vocês dois?

Christopher se virou para mim.

— O que você tem de bom?

— A Cerveja da Bruxa é muito boa.

Ele se virou para Belinda.

— Vou querer isso então.

— Uma taça de Chardonnay para mim — eu disse.

— Alguma marca em particular?

— JJ sabe do que eu gosto.

Enquanto ela se afastava, peguei Devraj sentado no bar ao lado de Charlie. Ele estava virado de lado no banquinho, uma mão em volta de um copo do que parecia ser a Laranja Sangrenta à moda antiga de JJ. Ele estava ouvindo Charlie, mas como se soubesse que meus olhos estavam em si, ele olhou

diretamente para mim. Eu segurei por apenas um segundo, então me virei, um pouco chocada ao pegar uma expressão tão sombria em seu rosto. Da última vez, ele achou toda a minha coisa de encontro divertida.

— Você está bem? — perguntou Christopher, estendendo a mão por cima da mesa e tocando minha mão. Recuei por instinto. — Sinto muito — ele se desculpou. — Você só parecia chateada.

— Não, está tudo bem. Não é nada.

Nada além da percepção de que ver Devraj triste me deixou repentinamente *muito* triste. O Sr. Eu-Poderia-Conquistar-a-Calcinha-de-Qualquer-Uma estava mais interessado em mim do que eu pensava? Talvez algo com o caso o fez olhar dessa forma. Talvez não tivesse nada a ver comigo.

— Tem certeza? — perguntou Christopher.

— Absolutamente. Então me fale sobre beber sangue — eu avancei. — Como é isso?

— Uau. Então, estamos indo para lá imediatamente.

— Sim. — Eu queria mais respostas sobre esse lado do vampiro, e Christopher poderia me dar. — Nós estamos.

Ele riu, as covinhas aparecendo, o que foi cativante enquanto ele mexia nervosamente no guardanapo em seu colo. Nota para mim mesma: um vampiro corado era adorável.

— Posso ser totalmente honesto? — ele perguntou, queixo para baixo enquanto olhava por baixo de cílios longos.

— Eu prefiro isso.

Ele se mexeu ansiosamente e colocou as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

— É muito parecido com sexo, na verdade.

— Para o vampiro ou para o hospedeiro de sangue?

— Para ambos.

— Você foi ambos? — Eu perguntei curiosamente.

Eu nunca pensei em um vampiro sendo mordido também, mas é claro que qualquer um poderia servir como um hospedeiro de sangue. Os humanos eram apenas mais abertos à ideia.

— É muito íntimo — disse ele. — E prazeroso. Para ambas as partes.

Belinda se aproximou e colocou nossas bebidas na mesa.

— Aqui estamos. Apreciem! — Ela sorriu e se afastou no momento em que Nico se acomodava atrás do microfone, pendurava a alça da guitarra no ombro e começava a tocar. Reconheci a melodia suave de uma canção familiar. Então ele começou a cantar “I Can’t Go On Without You” de KALEO.

Christopher bebeu um pouco de sua cerveja.

— Devo dizer que estou um pouco surpreso por você estar interessada. Quero dizer, você está interessada?

Seu comportamento permaneceu amigável, mas seus olhos azuis rolaram com prata, seu lado vampiro gostando muito da ideia.

O fato é que eu estava interessada. Mas não com ele, não pensei. Eu precisava ter certeza.

— Vamos dançar. — Tomei um gole nada elegante do meu vinho para ganhar coragem, então o deixei na mesa e me levantei da cabine.

— Ok.

Ele pareceu pego de surpresa, mas se levantou e pegou minha mão rapidamente. Ele me conduziu alguns passos até nossa pequena pista de dança.

Deslizamos para os braços um do outro com facilidade, as mãos dele na minha cintura, as minhas entrelaçadas em seu pescoço. Ele não era tão alto quanto Devraj, aproximando nossos rostos. Ele era um cara muito bonito. Gostoso, mesmo. E agradável. Amigável. Normal, não um maluco. E ainda assim, eu balançava em seus braços, me perguntando por que ele não podia me fazer sentir do jeito que Devraj fazia.

Meu olhar deslizou por cima de seu ombro para o homem em meus pensamentos. Ele estava ao lado de Charlie agora, de volta ao bar, ambos os cotovelos apoiados atrás dele. Ele *não estava* feliz. Mas tudo que eu podia fazer era comer seu físico perfeito em jeans escuros e camiseta preta justa. Deus do céu, aquele homem estava bem. E doce e gentil. Meu pulso disparou mais rápido, e não por causa do homem com quem eu estava dançando. Isso era tão injusto com Christopher.

A voz de Nico, normalmente tão profunda, cantou a melodia cadenciada do desespero de KALEO em seu tom agudo quando ele cantou o refrão. Os olhos de Nico estavam fechados enquanto cantava com muita emoção, chamando a

atenção de todos no restaurante. A conversa incessante havia diminuído, e eu não podia fazer nada além de olhar para Devraj, desejando estar dançando com ele.

— Isadora. — Meu olhar se voltou para Christopher. Droga, agora *seus* olhos estavam tristes. — Você é uma mulher adorável, mas tenho certeza que seu coração não está nisso. — Ele ergueu a mão e fez um gesto entre nós dois. — Estou certo?

— Não, Christopher. Quer dizer, talvez. Não sei.

— Eu acho que sei. — Ele olhou para o bar em Devraj que nos observava sem vergonha, sua expressão estóica, firme. Não ameaçador, mas ainda assim, um toque muito intenso antes de se virar para algo que Charlie disse ao lado dele. — Eu acho que aquele vampiro no bar cravando adagas na parte de trás do meu crânio pode ser o motivo.

— Sinto muito — gaguejei. — Eu não queria desperdiçar seu tempo.

— Você não desperdiçou. — Ele sorriu, e desejei poder me sentir atraída por esse cara legal e descomplicado. Mas eu sabia que não podia. — Vamos terminar nossas bebidas, então eu vou embora.

Eu balancei a cabeça e voltamos para a cabine e fizemos exatamente isso. Christopher falou sobre coisas triviais, o último desfile do Dia de São Patrício no French Quarter, onde viu um amigo beber de uma mulher enquanto ela bebia uma cerveja verde, ambos ficando loucamente bêbados com bebida e sangue embriagado. Eu sorri e ri quando apropriado, mas

tudo que eu podia fazer era esperar que ele fosse embora logo. Devraj ainda estava lá, e eu não conseguia focar muito enquanto ele estava.

Em pouco tempo, porém, Christopher tirou uma nota de vinte, colocou-a sobre a mesa e se levantou.

— Foi um prazer conhecê-la, Isadora. Espero que ele a mereça.

— Não tenho certeza se ele me quer do jeito que você está pensando. — De maneira permanente, meu pobre coração choramingou. Mas eu estava começando a perceber que o queria enquanto pudesse tê-lo. E nenhuma quantidade de encontros com outras pessoas me faria querer outra pessoa.

Christopher veio para o meu lado, segurou minha bochecha, inclinou-se e deu um beijo lento em meus lábios. Foi agradável. Muito bom. Mas não era Devraj.

Ele se afastou, ainda segurando minha bochecha.

— Talvez isso o faça se mexer. — Ele acariciou minha bochecha com o polegar. — Se não der certo, por favor, me ligue. — Então ele deu um daqueles sorrisos com covinhas e saiu.

Três segundos depois, Devraj estava ao meu lado, examinando minhas feições com intensidade sombria.

— Podemos conversar?

Fiz um gesto em direção ao local onde Christopher estava sentado um minuto antes. Ele olhou, apertando sua mandíbula.

— Em outro lugar?

— Claro.

Quando me levantei, ele entrelaçou seus dedos nos meus e me levou para fora da porta e até a Magazine, onde as pessoas serpenteavam para os bares.

— Como foi o seu encontro? — ele perguntou, uma aspereza em sua voz que eu não estava acostumada.

— Tudo bem.

— Bem?

Suspirando, puxei minha mão da dele e o encarei.

— Eu gostei dele. Ele é um cara legal. Tem um emprego estável aqui em Nova Orleans. Ele é atraente. — Quando ele estremeceu, continuei: — Então, sim, estava tudo bem.

Um casal sorridente passou por nós. Ele pegou minha mão e me puxou pela esquina do Caldeirão até o beco.

— Então por que durou apenas uma hora?

— Aonde você quer chegar?

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Eu só quero saber se você está realmente interessada nele antes de fazer uma proposta a você.

Encostei-me na parede de tijolos atrás de mim.

— Que tipo de proposta?

Ele se aproximou.

— Então você não vai sair com ele de novo?

Não há razão para fingir que ia, eu balancei minha cabeça. Seus olhos escuros brilharam com prata antes de ele se

aproximar, colocando as mãos em cada lado da minha cabeça, me prendendo.

— Acho que você está procurando emoção — disse ele. — Mas você não vai encontrar com esses homens no Zapp.

Eu não contradisse sua declaração. Ninguém me incendiava como Devraj.

— Emoção, sim. Mas eu esperava encontrar mais do que isso.

Ele olhou fixamente, olhos prateados em chamas, seus pensamentos parecendo girar enquanto ele catalogava minhas feições.

— Eu poderia te dar mais. — Se Devraj fosse capaz de algo *mais*, eu não poderia fingir que já não estava disposta a aceitar o que ele tinha a oferecer.

— Enquanto você está aqui, você quer dizer? — Seus olhos castanhos brilharam com prata, mas continuei antes que ele pudesse responder, colocando a mão em seu peito. — Olha, eu quero ser totalmente honesta. Depois da nossa primeira noite, eu não queria fazer isso de novo ou deixá-lo ir mais longe com você, porque estava com medo.

— De mim? — Sua mão se estendeu sobre a minha, pressionando com força. Seu coração batia irregularmente sob a palma da minha mão.

— Não, não de você. De mim mesma. — Dei uma risadinha. — De deixar meus sentimentos ficarem muito fortes antes de você ter que partir.

Ele lambeu os lábios, atraindo meu olhar para sua boca deliciosa.

— Isadora, eu sinto... — Ele limpou a garganta e começou de novo. — Eu gosto de estar com você. *Merda*, isso soa tão pequeno em comparação com o que estou tentando dizer. — A vulnerabilidade crua em sua expressão me fez engolir em seco. Ele estava falando sério. Tão intensamente sério. — Não quero perder mais tempo. Eu nunca iria desrespeitar ou machucar você...

— Eu sei disso — assegurei a ele. — E pensei sobre isso. Eu posso lidar com isso, a intimidade. Eu sou uma garota crescida. — Meu sorriso estava trêmulo, assim como meus nervos. Mas eu não podia mais negar o que eu queria.

Seus olhos castanhos aquecidos se intensificaram enquanto ele acariciava meu rosto, concentrando-se em minha boca.

— Então, o que eu acho que você está dizendo é, não vamos perder mais tempo. — Ele pairou mais perto, seu peito duro pressionando o meu. — Essa é a notícia maravilhosa que você está me contando agora?

— Se eu dissesse sim, o que faríamos primeiro? — Eu perguntei, minha voz um sussurro ofegante.

Sua boca roçou a minha enquanto ele murmurava contra meus lábios:

— Vou lamber e foder você até que goze com tanta força que desmaie onde quer que eu a coma.

Meus joelhos dobraram. Ele agarrou minha cintura.

Seus lábios roçaram, persuadiram, alargaram minha boca.

— Diga sim, Isadora. — Ele mordiscou novamente, chupando meu lábio inferior antes de raspar uma presa ao longo dele. — Diga-me que você quer isso.

Eu gemi quando ele pressionou sua boca mais pesada na minha, varrendo com sua língua. A provocação de seu piercing ao longo da minha língua me fez ver estrelas.

Afastando-se, ele pressionou sua testa na minha.

— Diga-me que me quer. — Havia um sincero desespero em seu apelo.

— Por quanto tempo? — Eu precisava de algum tipo de parâmetro. Eu não poderia simplesmente entrar nisso sem ter algum tipo de limite. Ou data final. Se eu pudesse controlar isso, talvez pudesse manter minhas emoções sob controle. Pode ser.

— Pelo tempo que tivermos. — Ele deslizou seus lábios do meu queixo até meu pescoço, bebendo minha pele, me deixando tonta. — Diga sim.

Eu agarrei sua camiseta, me perguntando se eu realmente poderia fazer isso e manter meu coração intacto. Quer dizer, sexo era sexo. Eu tinha sido capaz de separar as coisas no passado. Mas nenhum dos meus amantes anteriores conseguiu invadir meu coração. Eles também não eram o tipo de amante que Devraj era. Eu poderia me tornar sua amante temporária e ficar bem com isso quando ele fosse embora?

Sabendo que este foi o maior erro de todos, mas completamente incapaz de resistir a ele, murmurei “sim” contra seu ombro onde deixei minha cabeça cair.

Ele agarrou minha cabeça com as duas mãos, levantou e embalou suavemente, então ele inclinou sua boca sobre a minha para um beijo profundo e penetrante. Eu gemi com a intensidade, especialmente quando ele pressionou seu corpo duro totalmente contra o meu. Peito nos seios, pau duro na minha pélvis, coxas grossas e musculosas nas minhas, sua boca me devorando com golpes profundos de sua língua perfurada.

Jesus, eu era uma poça de necessidade ardente.

No momento em que se afastou, eu estava agarrada a ele para me manter de pé. Ele pressionou uma coxa entre minhas pernas para me firmar, subindo a bainha do meu vestido.

— Vamos começar hoje à noite — disse ele, olhos de fogo perfurando os meus.

— Tudo bem — eu concordei, de repente tímida.

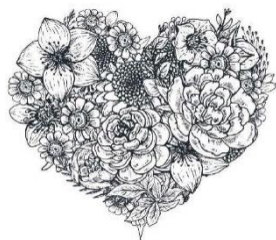
Então fui jogada por cima de seu ombro como um homem das cavernas e desaparecemos da Magazine Street, reaparecendo em sua porta segundos depois. Eu sabia que os vampiros não podiam desaparecer. Ele apenas traçou comigo tão rápido que mal pisquei antes de movermos vários quarteirões. A tontura repentina quando ele me endireitou me fez cair contra a parede ao lado de sua porta dos fundos.

— Desculpe — disse ele, colocando a chave na fechadura.

— Com pressa? — Eu perguntei com uma risada.

— Você não tem ideia.
Ele não estava rindo.

Capítulo 24



devraj

Devagar, devagar, devagar.

Tive que repetir o mantra, mas não estava funcionando. Eu queria entrar nela *agora*, porra. Parecia uma eternidade desde que eu a toquei. Provei-a.

Assim que passamos pela porta, eu a fechei e a pressionei contra a parede do closet, engolindo seu pequeno gemido quando mergulhei em um beijo profundo, deslizando minhas mãos sobre seu corpo. Seus seios, cintura, quadris. Deslizei minha boca pela coluna esbelta de sua garganta, amando o gosto dela, a rápida vibração de seu pulso contra minha língua. Deslizei uma mão por sua coxa e por baixo de sua saia, depois mergulhei entre suas pernas e dentro de sua calcinha.

— Porra, Isadora — eu rosnei. — Tão molhada já.

Ela apertou a mão no meu cabelo. Porra, isso era bom. Minha tigresa estava de volta. Eu toquei sua fenda lisa e chupei seu pulso até que ela estava respirando rápido e com dificuldade. Caindo de joelhos, levantei a batinha de seu vestido.

— Segure isso.

Ela agarrou-o com uma mão, a outra ainda no meu cabelo, sua respiração irregular no espaço silencioso. Segurando seu olhar, deslizei sua calcinha por suas pernas, tirando suas sandálias ao mesmo tempo.

Patinando minhas mãos até que eu agarrei o topo de suas coxas, eu a encorajei a ampliar sua postura.

— Abra-se para mim, amor.

O grunhido na minha garganta era praticamente ameaçador, mas minha bruxa não vacilou. Não. Ela apertou ainda mais meu cabelo e me puxou para mais perto.

Eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto antes de me inclinar e lambe a boceta mais doce do mundo.

— Deus, Devraj — ela ofegou.

Seus joelhos dobraram, mas eu a segurei com força e a lambi com mais força, passando meu piercing sobre sua protuberância inchada.

— Eu não posso... — Sua cabeça caiu para trás na parede, sua pélvis balançando para frente para encontrar minha boca ansiosa.

Ela estava subindo rápido, empurrando mais rápido.

— Eu preciso, eu preciso disso, Devraj.

Ela estava ofegante, agarrando meu cabelo com força, seu corpo vibrando e querendo gozar. Mas hoje eu seria egoísta. O lado bestial de mim queria que ela gozasse sozinha no meu pau.

Eu precisava senti-la gozar enquanto eu estava enterrado profundamente dentro dela, e nada mais me satisfaria.

Quando soltei suas coxas, ela cambaleou, mas agarrei suas mãos e as coloquei em meus ombros para firmá-la enquanto me levantava e pegava minha carteira no bolso de trás. Seu rosto estava corado, manchado de rosa, a boca aberta enquanto ela ofegava, os olhos semicerrados.

— Por favor, não pare — ela implorou, um pouco devagar e lenta para responder.

— Não estou planejando isso. — Eu tinha a camisinha na mão, então abri o zíper da minha calça jeans e libertei meu pau.

— Você estava preparado — ela comentou com uma pitada de sarcasmo. — Alguém tinha certeza de que teria sorte.

— Tinha esperança, Isadora.

A camisinha rolou, agarrei-a pela cintura e a levantei, pressionando meu peito contra o dela, prendendo seu corpo entre mim e a parede. Ela envolveu as pernas em volta da minha cintura logo antes de eu encaixar meu pau em sua entrada. Seus olhos se arregalaram enquanto eu agarrei suas coxas e empurrei com um deslize profundo.

Meus lábios pressionados nos dela, ainda segurando seu olhar, eu sussurrei:

— Sempre tendo esperança.

Então me movi em seu calor escorregadio, o som e o cheiro de sexo empurrando meu controle ao máximo. Eu quase ri de

mim mesmo. Controle? Eu perdi o controle no minuto em que ela disse sim.

Eu precisava bombear mais fundo. Mais forte. Então eu fiz e enterrei minha boca contra seu pescoço, inalando sua pele doce enquanto eu lambia e beliscava cada centímetro que podia. O desejo de mordê-la, marcá-la, girava minha cabeça como um pião. Rosnando profundamente, raspei meus caninos na encosta de seu ombro.

— Eu quero morder você.

Ela embalou minha cabeça mais perto, mas disse:

— Não me morda.

— Eu quero tudo de você, Isadora. — Recuei em minhas estocadas, movendo-me com intensa lentidão. Lambi a doce batida de seu pulso. — Deixe-me pegar tudo de você.

Ela balançou a cabeça, rolando a pélvis, incitando-me a acelerar.

— Ainda não.

Ainda? Eu gemi com a ideia de que ela estava considerando isso.

— Mova-se, maldito seja — ela exigiu, arranhando suas unhas contra minha nuca e couro cabeludo.

— Com prazer, amor.

Eu a fodi rápido e profundamente, deslizando uma mão entre nós para esfregar círculos ao redor de seu clitóris liso. Ela apertou as coxas com mais força, ofegante, até gozar enquanto gritava meu nome. Por mim, chega. Mergulhei fundo enquanto

seu sexo pulsava ao meu redor, arrastando meu orgasmo para fora de mim alguns momentos depois.

Eu enfiei uma última vez, esmagando minha boca na dela enquanto gozei forte, beijando-a pra caralho, nem de longe pronto para isso acabar. Incapaz de conter meus pensamentos, sussurrei em seu ouvido com um beliscão em seu lóbulo:

— Ainda não estou pronto para deixar você ir.

Ela riu, o som fazendo meu coração apertar no peito.

— Então não faça isso.

Duas horas depois, chegamos à sala de estar e nada mais. Mais uma vez, estávamos no tapete branco, que eu havia limpado desde a última vez, enrolados com um cobertor e um prato de uvas, queijo e azeitonas que preparei rapidamente para nós. Eu sabia que ela não tinha comido com seu acompanhante. Eu teria parado para cozinhar algo, mas da última vez, quando ela ficou sozinha com seus pensamentos por muito tempo, ela escapou rapidamente. Eu não queria que ela fosse embora. Nunca.

Eu não podia ignorar a sensação de náusea que tive quando a vi em um encontro com aquele cara hoje à noite. Ele não era um palhaço ou tolo como o outro. Na verdade, ele era um potencial namorado, e só de pensar isso me fez querer gritar, socar alguma coisa e chorar, tudo ao mesmo tempo. Se isso não foi uma revelação, então minha necessidade incontrollável de entrar nela no segundo em que cruzamos o limiar da minha porta selou o acordo.

A estranha leitura de Violet não fazia sentido. Eu sabia quais eram minhas intenções. Fazer Isadora minha. Portanto, seu aviso de que eu poderia perdê-la parecia um absurdo. Mas Violet era uma vidente poderosa. Ainda assim, eu a tinha em meus braços agora, não é? Então talvez Violet estivesse errada.

Seus dedos traçaram a mão que eu tinha espalhado sobre sua barriga nua. Eu tinha tirado seu vestido, mas seu sutiã ainda estava. Embora eu estivesse satisfeito, não havia nada sob o cobertor espalhado sobre a parte inferior de seu corpo. Eu queria mais uma vez antes que ela me deixasse. Quem eu estava enganando? Estava imaginando maneiras de convencê-la a morar comigo enquanto eu ainda estava em Nova Orleans. Ou talvez eu pudesse ficar aqui mais tempo. *Deveria* ficar mais tempo.

A ideia de me estabelecer aqui permanentemente de repente teve um grande apelo. Ruben era meu amigo mais querido. A família Savoie quase me recebeu de braços abertos. E Isadora.

Porra. *Isadora*. O pensamento de seu nome, de seu sorriso, de seu coração terno e doce alma encontrou residência permanente em meus próprios pensamentos diariamente. A ideia de deixar isso para trás, de deixá-la, alargava aquele vazio que vivia dentro de mim. Engraçado como o oposto, de imaginar uma vida aqui com ela ao meu lado preenchia aquela dolorosa solidão que eu carregava comigo há séculos, de um lugar para outro, de um país para outro. Desde que perdi e deixei minha primeira casa, estive inconscientemente

procurando outra. Meu coração se apertou com a possibilidade de eu ter acabado de encontrá-la.

— Isso deve ser para os Stygorns, certo? — Ela tocou o anel de prata em meu dedo indicador com o centro de ônix e um S estranhamente escrito.

— Sim e não. — Minha voz era áspera com emoção inebriante enquanto eu mergulhava em sua beleza, sua adorável presença.

Ela sorriu, inclinando aqueles lindos olhos verdes em minha direção.

— É um S, Devraj.

Eu ri.

— Sim. Mas significa Styx, na verdade.

Uma carranca beliscou sua linda sobrancelha.

— Por que Styx?

— Esse era o nome do primeiro Stygorn conhecido.

— Sério? — Ela virou de lado, apoiando a cabeça no cotovelo, seu cabelo ondulado selvagem caindo sobre o peito.

— Me fale sobre ele.

Eu me movi para fazer o mesmo, saboreando que seu olhar percorreu meu corpo nu, certamente notando que eu já estava meio duro.

— Você quer algumas cobertas? — ela perguntou, levantando a ponta.

Eu não estava com frio ou envergonhado ao ar livre, mas queria uma desculpa para estar mais perto, então me arrastei

para baixo do cobertor com ela. Ela corou, seu olhar caindo para o meu bíceps, o que me fez querer me inclinar e beijá-la docemente. Mas eu não tinha certeza de como ela reagiria. Claro, nós tínhamos acabado de fazer sexo pela terceira vez, mas a última vez que estive aqui, ela se distanciou quando a intimidade física pareceu muito intensa. Eu não queria assustá-la novamente.

— Não é ele. Ela.

— Sério? — Seu rosto se iluminou.

— Ah, sim. Styx era uma vampira nascida, não criada, um milênio atrás. Seus pais, um vampiro e uma bruxa com dons como Vidente e Influenciadora, a trouxeram para suas perspectivas Guildas, dizendo que ela demonstrou dons elevados. Ela poderia fazer um vampiro experiente fazer sua vontade. E podia rastrear veados em uma nevasca aos cinco anos. Mas, como a maioria dos vampiros talentosos, os sobrenaturais começaram a temê-la.

— Ela era poderosa demais — disse Isadora, mordiscando uma uva.

Concentrei-me em seus lábios enquanto ela segurava a uva entre os dentes.

— Na verdade, ela era. Uma facção de vampiros enviou seus melhores rastreadores quando a família fugiu. Eventualmente, eles os rastrearam. Quando sua mãe e seu pai quase foram mortos tentando defender sua filha, Styx, que, agora com oito

anos, decapitou todos os vampiros com um único golpe de sua faca.

— Uau.

— De fato. Depois disso, o Clã incutiu uma lei de proteção.

— Levantei uma mecha de seu cabelo loiro, esfregando as mechas sedosas entre meus dedos. — Mais tarde, depois que seu gene foi transmitido, por sangue ou mordida, os Stygorn foram formalmente nomeados. Nosso nome é uma variação vaga de stygian, a origem do rio mítico do submundo Styx. — Pressionando sua mecha de cabelo em meus lábios, encontrei seu olhar interrogativo. — Então eles começaram a ser treinados pelos antigos.

“E o resto, como eles falam, é história. — Isadora ficou com aquele olhar sonhador, me observando passar sua mecha de cabelo contra minha boca fechada. — É difícil imaginar um mundo tão brutal que permitiria que isso acontecesse com Styx e sua família antes que nossas leis fossem estabelecidas. Antes que o Stygorn se tornasse reverenciado em vez de temido.

“Ainda somos temidos — admiti. — Nem sempre sou tão bem-vindo como sou aqui com o coven de Ruben. Para ser sincero, não tenho tanta certeza de como sou bem-vindo aqui.”

— Sério? — Ela se sentou, aparentemente ofendida com esse fato. — Vampiros te dão merda por ser Stygorn.

Eu ri.

— Alguns fazem. Aqueles que ainda nos temem.

Sua carranca se aprofundou. Eu pressionei meu polegar no local, alisando-o esfregando suavemente.

— Não se preocupe. Estou bem.

— Mas não gosto da ideia de pessoas maltratando você. Você não pode deixar de ser um vampiro mais forte. Isso é preconceito ignorante. É estúpido.

— Muitas pessoas são estúpidas por razões menores do que essa, amor.

— Bem, eu não gosto disso.

Algo cresceu dentro do meu peito, levantando-me com o pensamento de seu cuidado com o meu bem-estar.

— Você aprende a ignorar os tolos e a valorizar seus amigos.

Entrelacei minha mão com a dela, palma com palma. E ela me deixou.

— Você é sábio, Devraj. E mais indulgente do que eu.

Eu sorri.

— Eu vivi muito tempo.

Ela assentiu.

— Então o S é para Styx.

— Mas também, o anel é um símbolo do meu status como Stygorn. Recebemos o anel depois que nosso treinamento está completo.

Ela olhou para nossos dedos entrelaçados, claros e escuros sobrepostos, emaranhados. Tão amável.

— E como você se tornou um vampiro?

— Essa é uma história meio triste. Não tenho certeza se você quer ouvir.

— Eu quero. — Ela olhou para mim, sinceridade escrita em seus olhos.

Contei essa história apenas para um punhado de pessoas, todas elas amigos queridos e confidentes. Como Ruben. E nunca uma mulher com quem me deitei. Estranho que eu senti como se estivesse atravessando uma linha na areia proverbial. Um lugar sem volta ao compartilhar essa parte íntima do meu passado que me agarrei e escondi do mundo.

— Eu era jovem, apenas treze anos, e levei minha mãe em nossa peregrinação anual a Varanasi. Foi a primeira vez desde que meu pai morreu por uma doença no ano anterior. Estávamos nos aproximando do templo e montamos acampamento nos arredores da cidade. Disse à minha mãe que ia buscar água fresca para nos lavarmos e bebermos. Então entrei na cidade, vagando pelas ruas cheias de gente. De alguma forma, me vi sendo atraído por um beco vazio e depois por uma escada de pedra. Não sei por que, mas sabia que tinha que seguir o sussurro em minha mente.

Fiz uma pausa, lembrando-me do medo profundo e do fascínio daquela voz, guiando-me em direção ao meu destino, quer eu quisesse ou não.

— Um vampiro Stygorn.

— Um antigo — acrescentei antes de continuar. — Ele se sentou em um trono nas profundezas da terra, seu salão

iluminado apenas por braseiros. Havia outros vampiros, lindos envoltos nos espaços sombrios em luxuosas sedas. Bandejas douradas de comida e bebida brilhavam, enchendo meus sentidos com a opulência deste lugar, a majestade deste homem. Mulheres lindas, homens deslumbrantes, todos pareciam estar adorando aquele no trono. Achei que tinha caído em um sonho porque não resisti quando ele estendeu a mão para mim, coberta de joias. Seus olhos eram prata líquida pura.

Eu bufei uma risada, a memória doendo.

— Fui até ele tão facilmente. Tão, tão facilmente, Isadora. Um pobre menino sendo convocado por um rei. Foi o que pensei. — Ela apertou minha mão antes de continuar: — Peguei a mão dele e ele disse: “um dia você vai me agradecer”. Pouco antes de ele me puxar para ele e me morder com força, bebendo tanto que desmaiei. Quando acordei, ainda estava naquela sala, os braseiros das tochas iluminando o lugar. Mas não havia nenhuma bela comitiva a seus pés. Nada de pratos dourados. Apenas teias de aranha e o cheiro úmido e mofado da decomposição. Apenas a própria besta em roupas esfarrapadas. Quando me viu acordar, ele se levantou, seus olhos brilhando em prata brilhante, seu rosto corado e saudável após a alimentação. O resto tinha sido uma miragem criada por seu glamour. Havia tanta dor e tanta sede, mas tudo que pude fazer foi olhar para o vampiro. Ele sorriu para mim e repetiu: “um dia, você vai me agradecer.” Então foi embora e me deixou lá.

“Lembro-me de enrolar meu cachecol em volta do pescoço para esconder a marca e cambalear no caminho de volta para minha mãe. Encontrei um poço no caminho e bebi furiosamente, tentando saciar minha sede. Mas nada faria isso. Não até que roubei uma cabra e bebi dela quando a sede quase me deixou louco. Foi quando a culpa se instalou.”

— O que havia de errado com ele? Vampiros não se comportam mais assim.

— Ele era um ancião que esteve em um sono de transe por séculos, acordando por sentir meu cheiro perto. Não sei por que me localizou em uma cidade cheia de gente, usando seu poder para me atrair, mas ele conseguiu. A mordida quase me matou, mas ele também transferiu a magia e o poder do Stygorn.

Paramos por alguns minutos, sem falar, até que ela perguntou baixinho:

— Sua mãe perguntou o que aconteceu com você?

— Ah, sim. Ela perguntou. Ela sabia que algo estava errado, mas eu voltei. Eu estava vivo, e isso foi o suficiente para acalmá-la. Como viúva, ela teve uma vida muito difícil naquela época. Já havia jurado nunca me casar enquanto ela estivesse viva. Eu era seu único filho. Eu tinha que ficar perto e mantê-la segura. Agora que sabia quais monstros viviam no mundo, estava determinado a mantê-los longe de minha mãe. O único problema... — engoli em seco, olhando para Isadora — foi que me tornei um dos monstros.

— Não. — Ela apertou minha mão, puxando-a para mais perto de seu peito. — Claro que você não se tornou.

— Você pode imaginar o tipo de culpa que senti como hindu por viver como vegetariano, que jurou não ferir nenhuma criatura viva para o sustento do meu corpo? Então eu me esgueirava pela noite para roubar e matar as ovelhas de um vizinho ou beber de suas cabras. Evitei matar quando pude, mas no começo não consegui me conter. Eu não tinha ninguém para me ensinar. A única opção era parar completamente e morrer. Mas não consegui.

— Sinto muito, Devraj. — Ela soltou nossas mãos e empurrou uma longa mecha do meu cabelo sobre meu ombro, a palma da mão sobre meu ombro tatuado. — Você não pode evitar quem e o que você é. Estou tão feliz que fez o que precisava fazer para sobreviver.

Eu não sabia bem o que dizer a isso além de:

— Obrigado.

A tensão se estendeu em algo pesado. Mas eu não conseguia me afastar dos pensamentos sobre minhas origens enquanto ela traçava a intrincada mandala que cobria meu ombro, bíceps e parte de minhas costas.

— Por que você fez isso?

— Porque é bonito — eu provoquei.

Seu olhar mudou da tatuagem para mim. Ela riu.

— Sério?

— Isso... — Eu bati no nariz dela, então tracei meu dedo para cima de uma maçã do rosto e para baixo em sua mandíbula, desenhando as bordas mais nítidas que moldavam seu lindo rosto. — E o círculo representa o universo. Uma conexão mais profunda consigo mesmo e com o mundo em geral. — Terminei de traçar seus lábios e soltei minha mão, fixando-me em sua boca.

— Devraj, o pensador profundo? Não sei se acredito nisso. Joguei minha cabeça para trás em uma risada profunda antes de responder ao seu sorriso brilhante.

— Isso não se encaixa na sua percepção de mim?

— De jeito nenhum.

Então ela se inclinou para frente e pressionou o beijo mais doce e suave em meus lábios.

— É melhor eu ir — ela murmurou, sem se afastar.

— Ainda não — eu implorei, um beliscão em seu lábio inferior. — Fique.

— Talvez só um pouco mais.

Rolei-a para baixo de mim.

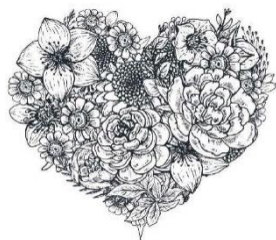
— Só mais um pouco.

Enquanto eu a beijava, saboreando a sensação de seus lábios macios se movendo contra os meus, a suavidade de seu corpo ágil se abrindo debaixo de mim, percebi que nunca a teria conhecido se tivesse vivido minha vida como um humano e nunca tivesse sofrido aqueles primeiros dias como vampiro.

Não pude deixar de ouvir as palavras do ancião ecoando repetidamente em minha cabeça.

Um dia, você vai me agradecer.

Capítulo 25



devraj

— Sábado parece muito longe. — Ruben estava parado sob o toldo da entrada de sua livraria, as mãos casualmente nos bolsos. — Mas estamos prontos.

— E seus Ceifadores estão por dentro do plano? — Eu perguntei.

— Eles estão prontos. Um pouco animados com a perspectiva de pegar os culpados, na verdade.

— Desde que não haja falhas em seu software de rastreamento, eles podem ser os únicos a colocar as algemas em todo mundo.

— Eles podem aceitar isso. — Ele sorriu.

Meu próximo pensamento desapareceu quando vi um esvoaçar de cabelo dourado e pernas longas e bronzeadas vagando pela Magazine, indo na direção oposta. Ela estava usando outro daqueles vestidos leves e arejados que mal tocavam seu corpo, escondendo as curvas suaves que me davam água na boca.

Ruben estalou os dedos na frente dos meus olhos.

— Olá? Alguém aí?

— O que é?

— Estou falando com você, mas aparentemente você não ouviu uma palavra do que eu disse. — Ele seguiu meu olhar por cima do ombro. — Então você está muito mal.

Ele honestamente não tinha ideia.

— Tenha um bom dia, Ruben. — Dei um tapinha no ombro dele e passei rapidamente por ele.

— Eu pensei que você ia almoçar comigo — ele gritou, o riso em sua voz.

— Imprevisto.

Então acelerei o passo, seguindo-a pela Magazine até a Pleasant Street.

Inferno sangrento, eu realmente era um perseguidor, não era? Esta era uma revelação terrível. Estou reduzido a ser o cara assustador. A menos que eu a alcançasse como um amigo normal para descobrir para onde ela estava indo.

Eu posso ter ficado um pouco paranoico por ela ter saído para outro encontro, o próprio pensamento me esfaqueando com uma espada de inveja do tamanho de uma claymore. Não. Ela não faria isso. Não depois da noite passada, eu tinha certeza disso. Ainda assim, não havíamos discutido se éramos ou não exclusivos. Eu precisava de exclusividade. Um pouco mais do que isso, se fosse honesto.

Eu corri na frente para alcançá-la.

— Isadora!

Ela parou em frente a um brechó, as vitrines pintadas com girassóis. Quando se virou, seu sorriso radiante quase me fez tropeçar. Eu estava achando cada vez mais difícil jogar com calma no que dizia respeito a ela. Desde quando o sorriso de uma mulher me deixava sem fôlego e tonto?

— Oi — eu disse quando a alcancei.

— Oi — ela respondeu brilhantemente. — O que você está fazendo aqui?

— Seguindo você.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— O quê?

Sorrindo, eu puxei uma mecha selvagem de seu cabelo.

— Eu estava conversando com Ruben em sua livraria e a vi vindo para cá. — Forçando a indiferença em minha voz, perguntei: — Então, para onde você está indo?

Ela sorriu e seguiu em frente.

— Tenho um compromisso com alguém.

— Um compromisso? Então, não é um encontro?

Sua risada encheu meu peito de uma alegria contagiante. Não pude deixar de sorrir, embora ainda não tivesse certeza se ela estava saindo para encontrar algum cara.

— Na verdade, não — ela finalmente disse. — Embora ele seja incrivelmente fofo. Os olhos castanhos mais doces que eu já vi. — Então ela olhou para mim e disse em voz baixa: — Bem, talvez não sejam os mais doces.

Pelo céu, eu queria pegar a mão dela e entrelaçar nossos dedos, sentir o calor de sua mão delicada na minha, roçar um beijo íntimo na parte de trás de seus dedos. Mas isso era o que um namorado faria. Não o amigo de foda. Mesmo que eu entendesse que estávamos muito além de uma simples relação sexual. Mas ela entendia?

— Se importa se eu for junto?

— Você já está indo, Devraj.

Ela colocou no ombro aquela bolsa gigante e maluca que carregava consigo para todo lugar. Eu ouvi algo se enrugando por dentro.

— E já estamos aqui de qualquer maneira — disse ela, abrindo a porta abaixo de uma placa que dizia *Anjos de Pata*.

Hum. Um abrigo de animais.

Eu a segui enquanto ela acenava para a senhora na recepção.

— Ei, Trudy! Tenho um amigo comigo.

— Sem problemas, Isadora. Diga a ele para levar alguns para casa consigo.

Isadora riu e continuou passando por uma porta fechada onde ouvi o piar e o latido de muitos cachorros.

— Olá pessoal — ela balbuciou, parando no primeiro curral vazio. Ela puxou um saco de petiscos, que era o que estava fazendo aquele som enrugado. — Ah, uau. Parece que Frannie encontrou um novo lar. — Um beagle ganiu no cercado ao lado. Ela se agachou e deu a ele uma guloseima.

— Quem é Frannie? — Perguntei, ainda de pé e olhando para ela.

— Uma linda labradora amarela misturada que estava aqui na semana passada. Mas não pensei que ela ficaria aqui por muito tempo.

O beagle lambeu seus dedos com ternura. Foi quando senti a onda suave de magia fluando em torno de Isadora. Observei enquanto ela ia de um recinto para o outro, cantando palavras suaves, sua pele luminosa de gastar energia para os pequenos animais fofos. Ela estava dando-lhes saúde com sua magia. Seu lindo rosto se iluminou quando ela deu duas guloseimas para um que ela chamou de Oscar.

— E aí está meu menino bonito — disse ela, obviamente amando a mistura de terrier de aparência desalinhada na última baia. — Como você está esta semana, Archie?

O cachorro deu uma volta fofa, abanando o rabo, absorvendo o carinho dela. Ele estava obviamente completamente apaixonado por ela. Eu não o culpei.

— Então é aqui que você consegue suas doses de cachorrinho, hein? — Eu perguntei, agachando-me e deslizando meus dedos no recinto.

Archie cheirou meus dedos e abanou o rabo com mais força, deixando-me coçá-lo atrás das orelhas. Garoto amigável.

— Não posso levar todos para casa, obviamente, mas acho que posso mantê-los com boa saúde e bom humor enquanto

esperam por seus lares definitivos. Eu gostaria de poder fazer mais.

— Tipo, como? Parece que você já está fazendo um bom negócio.

Ela deu de ombros.

— Não sei. Esses caras passam muito tempo em compartimentos, esperando para serem amados. Isto me deixa triste. — Sua voz assumiu uma cadência melancólica, que me motivou a torná-la melhor.

— Nossa — eu disse maravilhado —, que grande coração você tem, Isadora Savoie.

Seu olhar tímido deslizou para o meu, nossos rostos próximos. Intimamente assim. Ela corou e desviou o olhar. O fato de ela ser possivelmente a mulher mais altruísta que já conheci ampliou minha obsessão. Ela se escondeu do mundo, fazendo suas boas ações sem a necessidade de ser notada ou elogiada. Eu a queria mais a cada minuto que passava.

Archie lambeu minha mão, chamando minha atenção para ele.

— Esse cara é extremamente amigável.

Ela sorriu ainda mais, seu rosto ainda corado de um lindo rosa, então passou a mão sobre o cabelo ruivo desganhado na cabeça dele. Ele parecia ter sobrancelhas espessas e um penteado ruim.

— Sim. Archie é o mais doce. Eu te disse.

Dei um suspiro exagerado.

— Bem, se você quer me trair com um ruivo excessivamente atencioso como esse cara, acho que estou bem com isso.

Ela deu aquela risada suave e gutural que eu adorava, olhando para mim enquanto nós dois regamos Archie com carinho, nossos dedos roçando um no outro. Então ela estava me estudando um pouco de perto demais.

— Você pensou que eu realmente estava indo para outro encontro, não é?

Tentei encolher os ombros com indiferença, mas meu corpo ficou tenso de qualquer maneira.

— Pode ser.

— Devraj, enquanto estivermos fazendo isso, não verei mais ninguém.

— Bom. — Eu queria desmaiar de alívio.

— E espero o mesmo de você.

Meu olhar se aguçou, primeiro em seus olhos elétricos cheios de magia e depois em seus lábios rosados. Inclinei-me para frente, incapaz de me controlar, precisando provar sua doce boca como se precisasse de minha próxima respiração. Eu escovei meus lábios contra os dela, então lentamente os separei. Depois de um beijo lento e de derreter, eu me afastei e segurei os lados de seu pescoço, meus polegares roçando a linha de sua mandíbula delicada.

— Não há outra mulher que eu queira. Nenhuma outra vai compartilhar minha cama enquanto estivermos fazendo *isso* — provoquei.

— Eu ainda não compartilhei sua cama — ela brincou de volta com um movimento de seus lábios, em seguida, uma mordida no meu lábio inferior.

Rosnando, eu agarrei a parte de trás de sua cabeça e esmaguei minha boca na dela, ansiando por um beijo profundo e devorador. Ela choramingou enquanto eu acariciava sua língua, então chupava antes de se separar. O que eu sentia por ela era feroz e implacável, exigindo tudo dela.

— Você tem sorte de termos tantos olhos inocentes sobre nós aqui. Caso contrário, eu a levaria contra aquela parede.

Ela riu de novo, mas o riso se dissolveu rapidamente quando ela percebeu o fogo em meus olhos. Eu tinha certeza que meu desejo inebriante estava escrito em todo o meu rosto. Eu simplesmente não conseguia me controlar quando se tratava dessa mulher.

Archie latiu e ficou encostado no cercado, com as duas patas para cima, tentando nos dar lambidas entre as grades.

— Abaixese, Archie — disse ela, enfiando a mão na bolsa para mais uma guloseima para dar a ele.

Ela se levantou depois. Eu também.

— Estenda a mão — disse ela, mostrando um frasco de desinfetante para as mãos.

— Sempre tão preparada. — Esfreguei o desinfetante enquanto ela fazia o mesmo.

— Obrigada por ter vindo comigo — ela disse com um sorriso. Estávamos do lado de fora, passeando em direção a nossas casas. — Você quer almoçar?

Olhei para o meu relógio.

— Na verdade, eu também tenho um compromisso.

— Ah, para quê?

Eu a girei para me encarar e passei meus dedos em seu cabelo, puxei seu corpo para o meu. Antes que ela pudesse ofegar totalmente, eu tinha minha boca nela novamente, provando toda a sua doçura.

Bem, nem toda. Mas em breve. Agora, eu só queria sentir o corpo dela contra o meu, em meus braços, onde ela pertencia.

Não havia me escapado que meus pensamentos estavam se tornando exponencialmente proprietários no que dizia respeito a Isadora. O pensamento desse final e eu deixando Nova Orleans enviou uma sensação de pânico e aguda na boca do estômago. Então eu a beijei com força, mergulhando na suavidade de sua boca, querendo mergulhar na suavidade de seu corpo.

Mas havia algo que eu precisava fazer primeiro. Afastando meus lábios, eu a mantive pressionada contra meu corpo, precisando disso por mais um momento.

— Vejo você em breve — assegurei a ela.

— Tudo bem — ela respondeu suavemente, com os olhos vidrados de luxúria.

Eu amei aquela aparência, mas eu queria ainda mais do que isso.

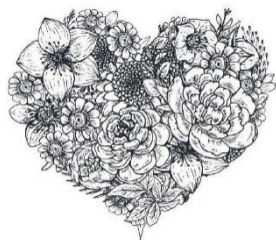
— Você está tomando pílula? — Eu perguntei.

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Hum. Sim.

— Bom. — Com outro beijo suave, eu me afastei. — Vejo você em breve — repeti com um sorriso. Então fui cuidar da minha próxima tarefa.

Capítulo 26



isadora

Sentei-me à minha escrivaninha vintage contra a parede, que também funcionava como uma penteadeira com um espelho oval estreito de moldura ornamentada logo acima dela. Eu usava minha camisola na altura do joelho, minha vela favorita com cheiro de cânfora estava acesa e escrevia para mamãe com minha caneta de pena azul. A noite estava agradavelmente fresca, então abri as portas francesas que davam para a varanda do segundo andar.

Continuei começando e parando porque meus pensamentos continuamente se desviavam para o papel desdobrado e colocado no canto superior da minha mesa.

Eu não tinha visto ou falado com Devraj desde ontem, quando ele me deixou às pressas fora do Anjos de Pata. Não entendi por que ele precisava saber se eu estava tomando pílula, já que estávamos nos protegendo com camisinhas. Não até que aquele pedaço de papel chegasse com uma nota pessoal dentro.

Coloquei a pena de volta no tinteiro e peguei o bilhete, relendo pela centésima vez.

Querida Isadora,

Como estou ciente de sua afinidade com tabelas e gráficos e tudo escrito em preto e branco, estou enviando a você os resultados de meus testes a partir de hoje. Embora eu já soubesse, queria que você tivesse todas as evidências gráficas de que estou cem por cento limpo. (Sim, eu inventei essas duas palavras especialmente para você.) Dito isso, com você tomando pílula e com sua garantia de que também está livre, pergunto formalmente se podemos dispensar os preservativos de agora em diante enquanto exploramos essa “coisa”.

Se isso não estiver claro o suficiente, Isadora, saiba disso. Eu quero você, estar dentro de você, pele com pele. Eu quero você o tempo todo. Você invade meus pensamentos a cada minuto do dia. Desejo você como nunca desejei outra mulher. Então, sim, este é o meu apelo, um vampiro de joelhos, implorando para deixá-lo entrar em você sem nada entre nós. Sem limites.

Pense nisso.

Atenciosamente, Devraj

O prontuário que acompanhava o bilhete era datado da tarde de ontem, tinha duas páginas e era completo, com o selo de aprovação do médico em cada página. Como se eu o considerasse um mentiroso sem isso. Ele também acrescentou um rosto sorridente escrito à mão na parte inferior do gráfico na segunda página, o que me fez sorrir como o Gato Cheshire.

Ele se esforçou ao máximo para concluir o teste tão rapidamente. Ele entregou o bilhete em mãos para Clara passar para mim ontem à noite. Então ele se escondeu o dia todo hoje. Eu esperava uma mensagem, uma ligação, uma visita. Qualquer coisa depois daquela nota que tinha incendiado minhas coxas. Eu estava ansiosa para dar a ele minha resposta, mesmo que a ideia de sexo sem camisinha parecesse tão íntima. Muito pessoal. Especialmente se essa coisa fosse apenas uma aventura temporária.

Quer dizer, teoricamente, o sexo poderia ser melhor sem camisinha, as sensações mais intensas. Mais uma vez, apertei minhas coxas, calor reunindo entre minhas pernas com o pensamento. Eu estive assim o dia todo, uma confusão completa de hormônios e desejo ardente e não correspondido. Como ele pôde me enviar aquele bilhete e depois me deixar totalmente sozinha o dia todo? E a tarde. E à noite.

Foi o dia mais longo e torturante de que me lembro. Eu não apenas estava considerando sua proposta, mas também pensando em outras coisas que queria fazer com ele. Fiquei bastante chocada com o quão selvagem meu apetite sexual havia se tornado. Eu nunca fui tímida no quarto, embora tivesse parceiros menos que entusiasmados no passado. Mas Devraj libertou algo, encontrando a mulher sensual que enterrei sob horas de jardinagem, contabilidade e cura.

Como alguém que sempre cuidou dos outros, gastando magia para curar e nutrir outras pessoas, foi chocante descobrir

que eu estava ignorando minhas próprias necessidades. E que Devraj era quem poderia satisfazê-las, cuidar de mim com cuidado e paixão inabaláveis. Ele mergulhou dentro e chamou aquela criatura carnal que eu mantive escondida. E eu queria mais dele. Muito mais. Eu sofria. Eu queimava.

Consciência formigava ao longo da minha nuca nua já que meu cabelo estava preso em um coque bagunçado. Eu girei no meu banquinho para encontrar Devraj de pé na minha porta aberta para a varanda, encostado no batente, as mãos nos bolsos e o diabo em seus olhos.

Uau. Ele parecia delicioso. Jeans desbotados baixos nos quadris, camiseta branca ajustada ao peito musculoso, cabelo preto ondulado ao redor dos ombros e luxúria cobrindo-o da cabeça aos pés. Eu não tinha certeza se ele estava adiando ou se era eu ou ambos, mas de repente eu estava ciente de que estava em uma camisola transparente de alcinhas com nada além de calcinha de renda por baixo.

— Você recebeu meu bilhete? — ele perguntou casualmente. Como se não estivesse pronto para me comer viva.

— Eu recebi.

Seu olhar se desviou do bilhete na minha mesa para a carta que eu estava escrevendo para mamãe. Tentando escrever, de qualquer forma.

— O que é isso?

Olhando para minha mesa, levantei o papel grosso e fibroso que usava para escrever e abri minha gaveta.

— Apenas escrevendo uma carta para minha mãe.

Ele riu.

— Você sabe que pode enviar uma mensagem de texto ou e-mail para ela, e seria muito mais eficiente, certo?

Ignorando seu sarcasmo, eu disse:

— Prefiro cartas manuscritas. Elas são mais pessoais.

Ele caminhou lentamente até a beira da minha cama atrás de mim e sentou-se. Foi estranho. Normalmente, havia uma leveza entre Devraj e eu. Sua natureza carismática causava uma fluabilidade que inflava o ar ao seu redor. Mas esta noite, havia um peso distinto entre nós. Uma densidade que pesava o ar com pensamentos sérios. Desejos sérios.

— Eu deveria saber — disse ele com uma pitada de admiração, a voz um estrondo baixo. — Você pode infundir sua magia na escrita, não pode?

Como uma bruxa que era fraca em telecinesia e habilidades psíquicas, uma magia básica que toda bruxa usava sem nem piscar, eu apreciei esse segundo dom como um efeito colateral de ser uma poderosa Condutora.

Eu ainda estava sentada de lado para ele, me sentindo muito tímida de repente. Pensei que tinha superado esse sentimento com ele, mas a nota, juntamente com a minha quase nudez e ele estando no meu quarto, meu refúgio pessoal, me fez falar suave e baixo.

— Posso — respondi.

Puxei um fio puído na almofada verde do meu banquinho, mas pude sentir seu olhar queimando com intensidade.

— Já ouvi falar de Conductoras que podem fazer isso, mas é um dom raro, Isadora.

Era verdade. A magia infundida no papel poderia tornar os feitiços mais poderosos, poderia tornar o portador de tal feitiço formidável apenas por possuí-lo. Eu dei a todas as minhas irmãs, meus pais e minha avó encantamentos de proteção no Natal depois que descobri que tinha esse poder. Se recitassem o encantamento regularmente, inalavam minha magia das páginas, minha energia. Era uma forma única de transferência de magia. Uma que eu não anunciei porque não queria nenhuma atenção extra da comunidade de bruxas. Prefери ficar em segundo plano.

— Aposto que você guarda tudo para si, não é? — ele perguntou, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Exceto para a família.

— Eu não quero atenção — eu defendi.

— Eu sei que não — ele disse suavemente. — Você não quer que o mundo veja muito de você. — Sua voz era um carinho sussurrante, queimando minha pele. — Mas eu a vejo.

Olhei para ele bruscamente.

— O que você vê?

— Uma mulher adorável que conhece o significado de humildade, bondade e verdadeira beleza.

Engoli em seco, incapaz de desviar o olhar.

Ele se inclinou para frente, cotovelos sobre os joelhos, segurando meu olhar enquanto perguntava baixinho:

— Posso segurar a carta que você está enviando para sua mãe?

Com um aceno de cabeça rígido, peguei-a e coloquei em sua mão.

Ele fez um som suave em sua garganta, algo como surpresa.

— Incrível.

— O que? — Eu perguntei, olhando para ele no espelho. — O que você sente?

— Magia. Seu amor por ela. — Seu olhar suavizou, segurando-me com reverência. Com espanto. — Você é tão incrível.

— Eu? — Bufeí, tentando não deixar sua beleza roubar minha respiração. Mas foi tão, tão difícil. Meu Deus, ele era lindo.

— Sim, você. — Ele lambeu os lábios. — Tão quieta. Tão despretensiosa. Permanecendo atrás da frente ousada de suas irmãs quando detém tanto poder nesse seu corpo bonito. Essa mente bonita. Esse coração lindo.

Meu pulso latejava em minhas veias, a adrenalina disparando com sua descrição de mim. Eu não conseguia falar.

— Escreva meu nome — ele ordenou suavemente.

Meu olhar se aguçou no dele no espelho. Eu balancei minha cabeça. O problema desse tipo de magia é que nem sempre obedecia à sua vontade. Não era apenas energia que derramava

na página, mas emoções. Um Condutor estava mais intimamente relacionado com Auras, a magia querendo escapar e curar com poder, coração e alma. Às vezes, minha magia se soltava de mim, derramando mais do que eu pretendia.

— Por favor, Isadora — ele implorou, franzindo a testa em uma expressão de dor. — Escreva meu nome.

Eu não podia negá-lo, não importava o quanto estivesse com medo do que ele pudesse descobrir. Puxei um pedaço em branco do pergaminho grosso da gaveta e rasguei uma tira no topo. Sentando-me ereta e me inclinando para mais perto da mesa, levantei minha caneta de pena do tinteiro e bati na borda para liberar quaisquer gotas soltas da ponta.

Depois de uma inspiração e expiração concentrada, coloquei a ponta no papel e fiz um D fluorescente com uma cauda extravagante, meu coração batendo forte, minha magia pulsando mais forte. Eu não pensei em nada enquanto rabiscava o resto de seu primeiro nome com voltas e curvas propositas, não ousando escrever o segundo, minha mão já tremia. Coloquei a caneta de pena no tinteiro e peguei o papel, soprando para secar a tinta, notando o brilho pálido da minha pele, minha magia bombeando forte o suficiente para brilhar.

O suor brotou na minha nuca. Eu estava com medo do que ele tiraria do pergaminho. Afinal, ele era um Stygorn. O que seus sentidos podiam ler? Mas era apenas o nome dele. Não muito para prosseguir. Eu esperei.

— Aqui está — tentei dizer levemente, passando-lhe o papel, em seguida, voltei para o espelho.

Pressionando minhas mãos entre meus joelhos nus para mantê-las imóveis, observei seu reflexo enquanto ele segurava o pedaço de papel rasgado. Eu não conseguia ver seus olhos, sua cabeça inclinada enquanto ele olhava para baixo, seu longo cabelo escondendo seu rosto, mas seus ombros começaram a subir e descer. Seu peito arfava profundamente, e ele estava tão quieto enquanto passava o dedo indicador sobre o nome tatuado. Quase com reverência.

Com a cabeça ainda baixa, ele se levantou, dobrou o pedaço de papel e o enfiou no bolso de trás da calça jeans. Então ele se moveu para trás de mim, uma mão varrendo levemente a minha garganta, seus dedos se curvando suavemente, a outra mão segurando a borda arredondada do meu ombro. Quando ele finalmente olhou para mim no reflexo, engasguei. Seus olhos eram de prata pura, vibrantes e bruxuleantes à luz das velas. Quando ele falou, vi o clarão distinto de presas.

— Isadora. Já pensou no meu pedido? — Sua voz era de seda rouca.

Olhei para a nota e seus gráficos, meu corpo cantando com cada toque e sensação dos seus dedos ao longo da minha clavícula.

— Sim.

Ele deslizou as mãos para minhas alças finas e puxou-as para baixo dos meus ombros, expondo meus seios.

— Qual é a sua resposta?

Eu segurei seu olhar, não olhando para o meu torso nu. Isso foi quase insuportavelmente ousado para mim. Vulnerável. Mesmo assim, sentei-me com as costas retas e o queixo erguido.

— Minha resposta é sim.

Uma onda cintilante de calor cruzou sua expressão. Macho puro, selvagem e predatório.

— Levante-se, Isadora — ele ordenou suavemente.

Quando o fiz, ele empurrou o banquinho para o lado, suas mãos deslizando sobre meus quadris, empurrando minha camisola para baixo. Ela caiu no chão. Ele ficou alguns centímetros atrás de mim, o calor de seu corpo absorvendo minhas costas e coxas. Ele enganchou os polegares nas laterais da minha calcinha de renda preta e a empurrou para baixo, deixando-a cair no chão também.

Até agora, eu estava respirando rápido, mas permaneci perfeitamente imóvel, ferida tão apertada que meu corpo vibrava com a necessidade. Ele mergulhou a boca na curva do meu ombro e garganta, mantendo seu olhar em mim no espelho.

— Olhe para você — ele sussurrou contra a minha pele, lambendo e colocando uma mordida forte o suficiente para deixar uma marca.

Eu gemi, em seguida, estendi a mão para trás e enrolei meus dedos nas laterais de sua calça jeans, precisando de algo para segurar, para afundar minhas unhas.

— Tão linda.

Então seu foco estava na linha do meu pescoço. Ele segurou meu seio, rolando o polegar sobre a ponta apertada. Sua outra mão deslizou pelo meu estômago, a visão de sua pele morena contra meu torso pálido tão firme e adorável que reprimi outro gemido. Ele mergulhou mais baixo, deslizando o dedo médio ao longo da minha fenda. Tentei não ficar muito envergonhada por estar molhada. Seu gemido estrangulado me disse que ele estava satisfeito com a descoberta enquanto mergulhava dentro de mim. Ele puxou novamente para deslizar entre minhas dobras, deixando-me completamente louca.

Ele era tão masculino, mas gentil, feroz, mas cuidadoso, intenso, mas atencioso, seguro e determinado com cada toque de suas mãos, boca e língua. Eu estava derretendo em uma poça de luxúria e necessidade e uma mulher disposta.

— Devraj — eu implorei, corpo tremendo.

Ainda assim, ele se moveu com foco tão concentrado, roçando o nariz na minha garganta até meu ouvido, onde ele rosnou:

— Vou te foder bem aqui, amor.

Eu balancei a cabeça, totalmente entregue às palavras.

— Coloque as mãos na parede.

Eu não devo ter me movido rápido o suficiente. Ele se abaixou e circulou meus pulsos com suas mãos de dedos longos, então colocou minhas palmas em cada lado do espelho oval.

— Mantenha elas aí — ele respirou pesadamente em meu cabelo acima da minha orelha.

O som distinto dele desafivelando o cinto e abrindo o zíper da calça rasgou o silêncio, apenas abafado pela minha respiração ofegante. Eu me sentia tão exposta, tão aberta, tão crua, e ele nem estava dentro de mim ainda.

Ancorando-me com uma mão em volta do meu quadril, ele deslizou seu pau pelas minhas dobras molhadas, provocando duas vezes antes de empurrar profundamente.

— Ah. — Eu me empurrei contra a parede, curvando minha coluna para absorver mais dele.

Seu gemido responsivo já fez meu sexo acelerar, buscando aquela euforia prazerosa que só ele poderia me dar. Eu o observei no espelho enquanto ele olhava para baixo onde nossos corpos se uniam antes de seus olhos se fecharem com intensidade dolorosa. A sensação dele me enchendo com nada entre nós era quase demais, deixando meu corpo inteiro em chamas.

— Oh, Deus — choraminguei, amando o jeito que ele parecia enquanto bombeava tão forte, tão profundo.

Ele pegou meu olhar novamente, então me puxou contra ele, um braço em volta do meu peito, segurando meu peito no lado oposto. Sua outra mão mergulhou entre minhas pernas, circulando meu clitóris inchado, seu cabelo escuro se misturando com o meu loiro enquanto ele beliscava meu pescoço. Cobri sua mão sobre meu peito, uma necessidade de

tê-lo mais fundo, mais perto, um desejo inegável me agarrando com uma força selvagem.

— Me morda — eu exigi.

Ele congelou, parou de bombear, seus olhos de vampiro pegando os meus no reflexo.

— O que você disse?

— Você me ouviu, Devraj.

Ele começou a balançar a cabeça, querendo me negar. Negar-nos. Eu não estava aceitando isso. Meu corpo queria tudo dele. Estendi a mão para trás, sem cobrir seu domínio possessivo em meu peito, e agarrei seu cabelo, puxando-o para mais perto.

Inclinando minha cabeça para o lado, oferecendo minha garganta, ordenei mais rudemente:

— Me morda. Eu quero você. — Eu peguei seu olhar sobrenatural no espelho. — Quero você.

Houve uma fração de segundo de hesitação em que observei seu controle estalar como uma coleira esticada. Seus olhos brilharam, prata pura. Com um gemido agonizante, ele abriu a boca, as presas brilhando enquanto ele afundava em mim com dentes afiados, bombeando mais fundo dentro de mim com seu pênis. Eu dei um pequeno grito choramingado quando a dor no meu pescoço imediatamente se transformou em um prazer incomparável.

Eu pronunciei seu nome enquanto ele me inclinava mais para frente, sua boca sugando minha garganta, suas mãos

apertando meus quadris enquanto ele dirigia dentro de mim cada vez mais fundo. Eu não estava paralisada, mas meio que estava. Eu não conseguia mais me mexer. Sua toxina me encheu de tal êxtase, seu corpo ainda mais. Seus grunhidos e gemidos ferozes me marcaram com o prazer que ele sentia, mas tudo que pude fazer foi me inclinar em seu abraço, minha mão em seu cabelo segurando-o em meu pescoço. Então eu arqueei minha coluna para que ele pudesse ir mais fundo dentro de mim. Ele pegou o que eu ofereci, segurando meus quadris enquanto bombeava com estocadas sensuais, gemendo contra minha garganta.

Quando meu orgasmo chegou, ele me jogou tão alto que meu corpo travou enquanto eu sufocava um grito e o segurava com força, sentindo-o pulsar dentro de mim em um gemido de dor. Eu não sabia que poderia desmaiar de tanto gozar, mas desmaiei.

...

Acordei debaixo das minhas cobertas, nua. Devraj estava deitado em cima da minha colcha, apoiado em um cotovelo, penteando meu cabelo no travesseiro, com a testa franzida de preocupação. Seus olhos não eram mais prateados, mas ainda estavam totalmente dilatados, sua adrenalina estava alta.

— Uau — eu sussurrei, sorrindo.

Ele apertou a mandíbula.

— Você está bem?

Eu ri.

— Eu desmaiei de prazer, Devraj. Estou muito bem.

— Eu estava com medo. — Ele parou e lambeu os lábios. —
Eu estava com medo de machucar você.

— Como?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Nunca foi assim para mim.

Lembrei-me de que ele havia me dito que nunca havia mordido uma mulher durante o sexo. Na verdade, estava totalmente sã quando eu implorei para ele me morder. Ele disse que só faria isso com alguém querido para ele.

— Você se arrepende? — Eu perguntei suavemente.

— Nem por um segundo. — Ele olhou atentamente, os dedos ainda trabalhando no meu cabelo. — Nunca teve um gosto tão bom. Foi tão bom. Nunca foi assim.

Exalando profundamente com a emoção pesada crescendo em meu peito, sussurrei:

— O mesmo para mim. — Deslizei a mão ao longo de sua mandíbula, sua nuca fazendo cócegas na palma da minha mão.

Sua boca se inclinou em um meio sorriso.

— Talvez sejamos companheiros de sangue.

— O quê?

— As lendas sobre vampiros encontrando um companheiro de prazer em sexo e derramamento de sangue.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não acompanho as lendas de vampiros.

Ele sorriu mais amplamente, inclinando-se para varrer um beijo arejado sobre meus lábios. Ele sussurrou:

— Pelo que dizem, há apenas um para cada vampiro. Aquele que incendeia seu sangue e sua alma quando bebe dela. Quando ele goza dentro dela. Como alguns disseram, a experiência a prende a ele também.

Fechei os olhos e recebi seus beijos indolentemente, ainda gastos de antes. Ele me provocava com a boca. E suas palavras.

— Então, basicamente, eles são almas gêmeas.

— Hummm. — Outro beijo preguiçoso, mordiscando meu lábio inferior. — Para um vampiro, o sangue está ligado à alma.

— Um traço lento com sua língua, seu piercing sacudindo meu lábio inferior levemente. — Então eu suponho que sim. —

Então ele se levantou, olhos cor de mogno capturando os meus.

— Seria tão ruim assim?

Se estivéssemos ligados um ao outro por sangue e prazer? Sim. Seria terrível. Porque Devraj partiria em breve, voltando ao seu mundo brilhante, onde ele era uma estrela de cinema e o muito procurado Stygorn. Sua experiência era muito procurada, como Jules havia me dito, então não havia dúvida de que ele deixaria Nova Orleans. Me deixar para trás. Porque a vida fora dos meus jardins, minha loja e minha vida com minhas irmãs não funcionava para mim. Eu nunca iria embora. Nunca. Nem mesmo para um lendário companheiro de sangue.

O forte cheiro de medo se fundiu com uma onda de esperança. Engoli em seco contra o súbito nó que se formou em minha garganta, então desviei o olhar, focando no ângulo agudo de sua mandíbula, as linhas masculinas de seu pescoço.

O que diabos faria comigo agora? Eu já estava sofrendo com a perda dele, e ele ainda estava aqui.

— Estou muito cansada, Devraj.

Eu podia sentir seu olhar derramando sobre meu rosto, mas eu não conseguia olhá-lo. Não queria que ele visse o que eu realmente sentia. Ele era muito astuto em ler as pessoas. Depois de um momento estranho e cheio de tensão, ele tirou a mão do meu cabelo e desceu para segurar minha bochecha. Inclinando-se para frente, ele pressionou um beijo carinhoso em meus lábios.

— Boa noite, Isadora.

— Boa noite.

Ele saiu da cama na velocidade de um vampiro, parado na porta aberta da minha varanda.

— Tranque as portas quando eu sair.

Eu balancei a cabeça. Correndo para ficar de pé, percebi que estava nua. Enrolei uma manta no final da cama ao meu redor e o encontrei na porta aberta, estendendo a mão para fechar as portas. Pulei quando senti seus dedos varrerem minha mandíbula novamente.

— Olhe para mim, Isadora.

Me preparando, eu olhei, tentando não deixar minha profundidade de emoção aparecer lá. Ele me deu um daqueles sorrisos doces, aquele que parecia ser só para mim. Um que me disse que talvez, apenas talvez, ele estivesse se sentindo da mesma maneira.

Como um homem como Devraj poderia se encaixar no meu mundo? Nós éramos muito diferentes. Eu nunca iria querer estar com um homem que vivia sob os holofotes. E não há como ele nunca querer estar com uma mulher cujo destaque da semana foi visitar um abrigo de animais. Ele iria?

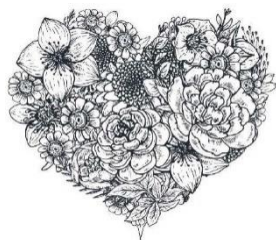
— Vejo você amanhã? — ele perguntou docemente.

— Amanhã — eu disse, forçando um sorriso.

Com mais um olhar demorado, ele desapareceu na minha varanda. Fechei e tranquei as portas e me arrastei para a cama. Tracei meus dedos sobre a perfuração em meu pescoço, incapaz de negar o suspiro de prazer e o sorriso triste que isso me trouxe.

Devraj me marcou bem e seria difícil esconder nosso relacionamento agora. Eu queria rir e chorar ao mesmo tempo. Eu sabia que cairia dura se desse aquele passo para trás em seus braços, então eu só tinha a mim mesma para culpar. Ainda assim, isso não tornou isso mais fácil. Eu sabia, sem dúvida, que quando ele fosse embora, isso me esmagaria. Me quebraria. Fechei os olhos, sentindo uma lágrima deslizar pelo meu rosto, sabendo que nenhum outro homem jamais se compararia ao meu lindo vampiro.

Capítulo 27



devraj

Eu esperei por Isadora. Muito impaciente. Andando pela sala, verifiquei o relógio na parede novamente. Eu mandei uma mensagem para ela esta manhã, e ela disse que tentaria passar por aqui. Quando mandei uma mensagem de volta em letras maiúsculas, *PRECISO QUE VOCÊ VENHA*, ela simplesmente respondeu com um rosto sorridente.

Ela provavelmente pensou que eu queria transar com ela até sairmos da órbita novamente, o que eu queria, mas não era por isso que eu queria que ela viesse.

Olhei para o meu novo colega de quarto que estava me acompanhando na sala de estar, seus olhos castanhos parcialmente obscurecidos pelo tufo de cabelo ruivo desalinhado em sua cabeça.

— Não tenho certeza se ela está vindo, amigo.

Ele ganiu. Então ouvi uma batida na porta dos fundos.

Chegando lá em uma fração de segundo, eu abri a porta, meu coração tropeçando ao vê-la como sempre fazia. Hoje, ela

usava jeans bem gastos e uma camiseta folgada com um cardigã amarelo fino. Eu raramente a via de jeans, e pensei por uma fração de segundo que ela estava me negando o acesso fácil a seus vestidinhos e camisolas, mas isso seria ridículo, certo? Tivemos a experiência sexual mais intensa de nossas vidas ontem à noite. Eu sabia que ela sentia isso tanto quanto eu. Ela gozou com tanta força que desmaiou.

E eu me apaixonei tanto que sabia que ela tinha que ser minha. Por enquanto meu coração estava batendo.

Sua magia em meu nome. Quando cheguei em casa, puxei o papel e tracei sua caligrafia com meus dedos antes de pressioná-lo contra meus lábios. Isadora se importava tanto comigo, e eu sabia disso pelo poderoso golpe de magia que pulsava em meu nome de seis letras. Ele gritou do pedaço de pergaminho; sentimentos profundos e possessivos de ânsia e desejo. E mais. Mas eu não conseguia pensar muito nisso porque fazia meu peito doer.

Ela estava em conflito; não havia dúvida. Ela me queria, mas não. Então, eu faria tudo ao meu alcance para atraí-la para o meu modo de pensar. Porque eu a tinha para sempre em minha mente.

Ela me deu um sorriso tenso, então seu olhar caiu para o carinho aos meus pés, que a cumprimentou com a cabeça inclinada e abanando o rabo curto como se tivesse vivido aqui toda a sua vida, não menos de vinte e quatro horas.

— Archie! — ela gritou e caiu de joelhos bem na minha porta.

Ele latiu e girou com entusiasmo em um círculo antes de plantar as duas patas no colo dela enquanto ela o enchia de amor. Mais uma vez, meu coração doeu quando me agachei ao seu lado, absorvendo a pura alegria em seu rosto doce.

— Como...? — ela começou a rir quando Archie lambeu suas mãos e correu para sua bolsa, cutucando para entrar. — Como ele está aqui? — Ela olhou para mim com descrença, ainda acariciando-o.

— Acredite ou não, Srta. Savoie, sou um cidadão honesto e algumas pessoas me consideram responsável o suficiente para adotar um cachorro.

— Eu só... não acredito que ele está aqui. — Ela o pegou em seus braços e o abraçou com força, então olhou para mim com curiosidade. — Eu nem sabia que você gostava de cachorros.

Dei de ombros.

— Tem muita coisa que você não sabe sobre mim.

Enquanto acariciava Archie, com o foco nele, ela acrescentou:

— Mas quem vai cuidar dele quando você estiver fora fazendo negócios como Stygorn? Ou negócios de Bollywood?

Hum. Muitas revelações aí, doce Isadora.

Eu me agachei ao lado dela e o cocei atrás da orelha.

— Tenho certeza de que posso encontrar alguém para tomar conta por mim.

— Então, onde quer que você se mude, você terá que encontrar alguém novo para vigiá-lo? Isso parece difícil de administrar para alguém como você.

— O que você quer dizer com alguém como eu? — Observei seu rosto enquanto ela evitava o meu.

— Você é muito, sabe, ocupado. Mudar-se muito também pode causar estresse nos animais. Você sabia que vinte a quarenta por cento dos cães sofrem de ansiedade de separação? Quero dizer, Archie vai se apegar a você, então você vai sair a negócios ou lazer ou o que quer que seja, e eu simplesmente não gostaria que ele ficasse sozinho. Pelo menos em Anjos de Pata, ele tinha seus amigos caninos e minhas visitas semanais.

Putá merda. Ela estava trabalhando em seu próprio ataque de ansiedade.

— Bem, há uma solução fácil para isso. Você só terá que vir para visitas frequentes, não é?

Ela finalmente olhou para mim. Eu estava de joelhos, sentado sobre os calcanhares, as mãos fixas em minhas coxas para não agarrá-la e beijá-la para interromper seu ciclo insano de e se.

Ela soltou uma risadinha triste, soando semelhante a como fez ontem à noite antes de eu deixá-la.

— Claro. Eu poderia fazer isso. Até você se mudar para a Bolívia ou Nepal ou algo assim.

— Por que eu me mudaria para o Nepal?

— Tenho certeza de que existem vampiros maus para perseguir em lugares como o Nepal.

Suas previsões de destinos distantes específicos quase me fizeram sorrir. Exceto que ela realmente acreditava que eu estava prestes a embarcar a milhares de quilômetros de distância para locais remotos e exóticos.

— Acho que vou ter que ficar aqui em Nova Orleans, então. Seus olhos se arregalaram.

— Por que você faria isso?

— Você não consegue adivinhar?

Seu pulso acelerou, batendo mais rápido enquanto ela segurava meu olhar, uma carranca se formando enquanto sua boca se abria em confusão. Como poderia estar confusa com isso? Ela não sabia que eu era louco por ela? Eu não estava pronto para isso acabar tão cedo. Eu só precisava que ela desse uma chance a nós.

— Devraj, não nos encaixamos... a longo prazo.

Suco gástrico queimou em meu estômago. Mas isso não tinha nada a ver com o que as palavras dela fizeram ao meu coração, cortando-o com pequenas sílabas suaves.

— Por que não?

— Sério? — Ela levantou a sobrancelha, olhando para mim como se eu fosse uma criança. Ela acariciou Archie distraidamente, que agora estava enrolado silenciosamente em seu colo, seu olhar varrendo a sala além do foyer. — Você dirige carros de um milhão de dólares, coleciona relíquias antigas e

estátuas de mármore e anda com estrelas de cinema. Inferno, você *é* uma estrela de cinema. Enquanto eu gosto de plantar amores-perfeitos e fazer feixes de ervas e visitar cachorros em abrigos. Quero dizer... — ela zombou em descrença — qual é.

— Então você está dizendo que sou muito superficial e materialista? — Embora minhas palavras possam ter sido mordazes, mantive minha voz suave e calma enquanto uma tempestade rugia por dentro.

— Não! — Sua carranca se aprofundou. — Não é isso que estou dizendo. Nós simplesmente não combinamos, você não vê?

— Acho que estamos combinando muito bem.

— Isso é apenas sexo, Devraj.

— Sério? É isso?

Mais uma vez, seu rosto ficou vermelho de confusão e um rubor profundo.

— É bom.

— É melhor do que bom — eu disse com convicção.

Ela assentiu.

— Eu admito isso. Mas você vai ficar entediado eventualmente. Isso é empolgante porque é novo, mas com o tempo você verá que não combinamos além do quarto.

Ela estava literalmente me destruindo. Eu podia sentir algo esmagando e desmoronando dentro de mim. Foi quando percebi que ela honestamente não me conhecia tão bem quanto eu a conhecia. Sim, eu contei a ela sobre meu passado, mas não

contei a ela sobre meu presente. Que a razão pela qual arrastei essas relíquias antigas comigo pelo mundo foi porque ansiava por um lar, ansiava por um lugar que sempre me fizesse sentir bem-vindo e não tão solitário. Como eu vinha me sentindo desde a noite em que a conheci.

Minha carreira como ator de Bollywood havia acabado há vários anos, mas ela também não sabia disso. Eu não tinha me incomodado em dizer a ela porque estava muito ocupado tecendo minha teia de charme como eu gostava de fazer com uma mulher que eu perseguia. Eu precisava que ela soubesse que essa *coisa*, como ela chamava, era muito mais do que um breve arranjo sexual.

Ficar entediado com ela? Ela estava fora de si. Não combinamos além do quarto? Então ela não estava prestando atenção na noite passada. Ou todos os outros momentos em que nos perdemos um no outro. Mas ela não estava pronta para ouvir meus protestos. Ela não acreditava que eu pudesse ficar. Que eu ficaria. Esse era o verdadeiro obstáculo aqui. Não a verdade. Mas sua percepção da verdade. E, às vezes, isso é tudo o que importa.

Hora de iluminar as coisas e se afastar disso. Eu era um homem paciente. Eu provaria que ela estava errada. Ações falam mais alto que palavras, afinal.

— Mas, na verdade, nem chegamos ao quarto. — Eu arqueei uma sobrancelha para ela e sorri.

Ela sorriu de volta.

— Verdade. Mas de quem é a culpa?

— Inteiramente sua. Você é irresistível demais para mim. Seduzindo-me com seus modos de bruxa.

Ela riu.

— Certo. Esta sou eu. A sedutora.

— Você não tem ideia. — Estendi a mão e peguei a mão dela, ficando de pé e puxando-a comigo.

Archie saltou para baixo e prontamente trotou em direção à cozinha com o *click-clack* de suas unhas no piso de madeira. Provavelmente foi comer de sua tigela que eu tive que encher pelo menos doze vezes desde que ele se mudou.

— Vamos, amor. Vamos sair de casa. Quero levar você a algum lugar.

Ela olhou para a cozinha.

— Você precisa colocar Archie no canil? Ele é treinado em casa?

— Venha aqui. — Eu a puxei para a cozinha e apontei para a porta dos fundos que agora tinha uma pequena porta de cachorro recém-instalada que levava ao pátio fechado que também tinha um quadrado de grama moderadamente grande.

— Ele pode cuidar dos negócios sozinho.

— Bem, você tem estado ocupado. — Ela apontou um sorriso brilhante na minha direção, esmagando minha vontade de mantê-la à distância.

Eu a puxei para um beijo, que começou doce e ficou sério em três segundos. Eu deslizei minha mão sob sua queda de

cabelo e apertei sua nuca, então deslizei minha boca em seu pescoço para lambar e beijar a marca que ela tentou cobrir com seu cabelo. Ela gemeu, apertando a mão na minha camiseta, arqueando a coluna e inclinando o corpo para mim.

— Como eu disse — eu disse a ela levemente, puxando-a pela porta em direção à garagem. — Sou muito mais responsável do que você pensa que sou.

— Eu nunca disse que você não era responsável.

— Apenas superficial e materialista — provoquei.

— Eu também não disse isso! Cristo, eu não tinha ideia de como você era sensível. Espere, para onde estamos indo?

Agora eu tinha a porta aberta para o meu Lamborghini.

— Estamos indo para algum lugar no meu carro de um milhão de dólares.

— Eu não gosto de carros.

— Estou bem ciente. Você sabia que o Diabolo tem uma distribuição de peso dianteiro/traseiro de 43/57 por cento, tornando-o aerodinamicamente seguro na estrada? Ele também possui freios a disco nas quatro rodas servo-assistidos Brembo, aumentando sua segurança também. Eu posso parar em um centésimo.

— O que são freios Brembo?

Eu mordi o interior da minha bochecha para não rir.

— A Brembo é uma fabricante italiana de freios automotivos, especificamente para carros de alto desempenho. O melhor dos melhores, amor.

— Você está jogando estatísticas em mim para tentar me impressionar?

Certo para caralho, eu estava.

— Estou impressionando você? — Segurei a porta aberta para ela.

— Mais ou menos.

— Por favor, entre para que eu possa nos levar com muita segurança e responsabilidade ao nosso destino.

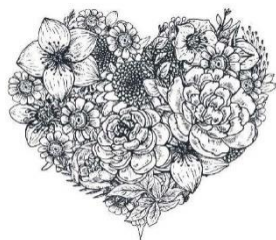
Ela olhou para mim e depois para o meu carro, como se realmente fosse um demônio, suspirou pesadamente e entrou, colocando a bolsa no chão.

Fechei a porta e sussurrei:

— Te peguei.

Hora de mostrá-la que até ela poderia escapar da caixa segura e um tanto sufocante que construiu para si mesma.

Capítulo 28



isadora

— Então, o que você e Ruben estavam conversando outro dia na frente da livraria? — Eu perguntei, apenas precisando de algum tópico aleatório de conversa.

Ele entrou em um estacionamento quase vazio perto de Loyola.

— Apenas certificando-nos de que temos tudo pronto para sábado à noite. Sua irmã, Livvy, está disposta a ser sua parceira no crime? — Ele reduziu a marcha, o carro ronronando enquanto reduzimos a velocidade.

— Mais do que disposta. Livvy está sempre pronta para a aventura.

Ele dirigiu para o fundo do estacionamento, onde havia apenas dois ou três carros estacionados.

— O que há de errado? Você parece tenso.

Devraj balançou a cabeça, desafivelando o cinto de segurança.

— Apenas a leitura que Violet fez. Quero estar pronto para tudo.

— Tenho certeza que sua Liga da Justiça Vampírica pode lidar com qualquer coisa inesperada.

— Ah, podemos. Liga da Justiça Vampírica? Isso é coisa dos Vingadores ou algo assim?

Eu ri, pensando em Evie. Ela gostaria do rótulo.

— Acho que não, mas deveria ser. Não sei como você chama seu pequeno grupo de policiais vampiros.

Ele me olhou como se eu fosse louca e disse:

— Saia do carro, Isadora.

Eu soltei o cinto e o encontrei na frente. Olhei ao redor, me perguntando para onde ele estava me levando. Este era apenas um estacionamento vazio para estudantes perto da universidade. Ele pegou minha mão e me levou até o lado do motorista.

— O que você está fazendo?

Ele abriu a porta do carro.

— Ensinando você a dirigir. — Ele deu um pequeno empurrão nas minhas costas.

— O quê?! — Eu recuei em uma parede dura de Devraj. — Não, não, não, não.

Ele riu, me girando pela cintura e pressionando minhas costas contra a lateral do carro. Ele segurou meu rosto, prendendo-me com sua pélvis e seus lindos olhos.

— Você confia em mim, Isadora?

Segurei seus pulsos.

— Não se você estiver tentando me ensinar a dirigir, eu não confio.

Ele empurrou o interior de um tornozelo, abrindo minhas pernas e se acomodando contra mim, possuindo minha boca com uma velocidade vertiginosa. Pressionei minhas unhas cegas em seus pulsos, desafiando essa ideia maluca. Ainda assim, eu o beijei de volta, meu apetite por ele tão voraz como sempre. Quando nosso beijo subiu para aquele estado frenético, sua língua perfurando me fazendo querer sua língua em outros lugares, ele se afastou e pressionou sua testa na minha, ainda segurando meu rosto, seu olhar tão quente, tão firme, tão seguro.

— Você confia em mim com seu corpo. — Ele pressionou seu corpo contra o meu, esfregando-se contra mim, como se eu precisasse de um lembrete. — E com o seu sangue. — Seu olhar desceu para o meu pescoço. — Agora confie em mim com seu medo. Eu posso ajudá-la com isso.

— Você acha que eu destruir seu carro de um milhão de dólares vai me ajudar a superar uma fobia que adquiri ao longo da vida? Você é louco, vampiro.

Ele mordeu meu lábio inferior com uma presa, não rompendo a pele, mas ardendo mesmo assim.

— Isadora. — Ele lambeu a picada, balançando seu corpo duro no meu, arrastando um gemido da minha garganta. — Confie em mim.

Eu estava respirando pesadamente, o pânico correndo descontroladamente.

— Eu não posso fazer isso.

— Você pode.

— Eu posso destruir seu carro

— Tem seguro.

— Eu estou assustada.

— Estou aqui por você.

Eu meio que ri, meio que lamentei com isso.

— Você é *louco*.

— Quero que confie em mim. Eu nunca deixaria nenhum mal acontecer a você. Você estará segura.

Suas palavras sussurrantes vibraram direto nas minhas costelas e envolveram meu coração. Eu *confio* nele. Eu me sinto *segura* com ele. Eu sabia que ele nunca deixaria o mal acontecer comigo. Todas essas coisas cantavam em minha alma como mágica, pulsando com suas doces promessas. Tão doces quanto os que ele tinha feito com seu corpo, suas mãos, sua boca, sua língua.

Por que isso parecia tão monumental? Confiar nele o suficiente para me ensinar a dirigir? Era uma coisa trivial e insignificante. Para a maioria das pessoas. Para mim, era um medo irracional que se transformou em meu estilo de vida, me colocando em um mundo onde eu evitava carros e preferia ir até onde minha bicicleta me levasse. E ele estava me pedindo

para, o quê, pular do penhasco com ele e dirigir sua maldita Lamborghini?

— Confie em mim — ele murmurou contra meus lábios, bebendo suavemente agora, traçando meu queixo com os polegares em varreduras suaves. — Você pode fazer isso, Isadora.

Meu coração tentou bater em sua jaula de carne e ossos. Apertei os olhos e disse:

— Eu posso fazer isso — apenas tentando ver o tamanho das palavras. Meu pulso diminuiu imediatamente.

— Você pode fazer isso — ele repetiu com confiança suprema. E afeição.

Abri os olhos e respirei fundo.

— Ok. Vou tentar.

O sorriso que ele me deu era galáctico em seu brilho.

— Boa menina.

Mais um beijo suave, então ele me conduziu para o banco do motorista. Sentei-me rigidamente, prendendo minhas mãos entre minhas coxas, olhando para o console insanamente complexo. Quando ele se sentou no banco do passageiro, ele estendeu a mão e afivelou meu cinto de segurança. Provavelmente porque eu ainda não tinha me mexido, rígida como um robô.

— Tudo bem, primeiro passo — disse ele, obviamente divertido em sua voz —, coloque as mãos no volante.

Virei a cabeça para ele e avisei:

— Sem. Risadinhas.

Sua expressão ficou séria com os olhos arregalados.

— Nunca.

Mas ainda havia um brilho em seus olhos. Eu arqueei uma sobrancelha para ele antes de voltar meu foco para o carro, gentilmente colocando minhas mãos no volante.

— Eu não vou dirigir para fora deste estacionamento.

— Absolutamente não. Passos de bebê. Hoje, vamos praticar aqui, em nenhum outro lugar.

Soltando uma respiração pesada, eu balancei a cabeça.

— Ok. E agora?

— Pressione o pé esquerdo na embreagem e o direito no freio.

Eu fiz.

— Ok.

— Agora, ligue o motor. E coloque a mão na marcha.

Eu arqueei uma sobrancelha para ele.

— Esse código é para alguma coisa?

— Meu Deus, senhorita Savoie. Que mente suja você tem. Tire a cabeça da sarjeta e concentre-se. E envolva sua mão em volta da minha marcha.

Ele me provocou com um olhar quente e um balançar de sobrancelhas. Eu não pude deixar de rir. E assim, um pouco da tensão diminuiu dos meus ombros.

— Devíamos começar com uma automática — eu disse, agarrando a alavanca de câmbio.

— Onde está a diversão nisso? — Ele inclinou um braço ao longo do meu encosto de cabeça, mas manteve alguma distância para que eu não me sentisse presa. Apenas perto o suficiente para me sentir confortada. — Então, como este é um carro bastante luxuoso, de alto desempenho e caro, como você me lembrou em várias ocasiões, ele tem uma transição muito suave entre as marchas. Tudo o que você precisa fazer é aliviar lentamente a embreagem enquanto pressiona o pedal do acelerador ao mesmo tempo. Vá o mais devagar que precisar e não se apresse.

Olhei para a frente e fiz o que ele disse, soltei a embreagem e pisei no acelerador. Quando senti o carro se movendo, pressionei com muita força e o carro deu um solavanco e depois parou.

— Ah, inferno! — Eu pisei na embreagem e no freio. — Eu não posso fazer isso.

— Sim, você pode.

— Pare de rir de mim, Devraj!

— Eu não estou rindo.

Ele estava rindo. *Muito*.

— Está bem, está bem. Vamos fazer isso primeiro. Tire os pés dos pedais.

— Você é louco? — eu gritei.

— O carro está desligado, então não estamos em perigo. Tire os pés.

— Tudo bem.

— E feche os olhos.

Eu virei minha cabeça para ele.

— O que você está planejando?

— Nada nefasto — ele sussurrou, aproximando-se, uma mão na minha coxa. — Eu quero que você relaxe.

— Seu glamour não funciona em mim. Já lhe disse isso.

— Apenas um pouco de imaginação guiada para ajudá-la a relaxar.

Pressionei a parte de trás da minha cabeça no encosto de cabeça com um bufo de frustração.

— Não vai funcionar.

— Deixe-me ser o juiz disso. — Ele puxou uma mecha do meu cabelo. — Feche os olhos, amor.

— Isso não vai funcionar. — Eu fechei meus olhos de qualquer forma.

— Tão pouca fé. — Sua mão na minha coxa apertou, mas não se moveu para cima, graças a Deus, porque então minha mente estaria em outro lugar com certeza. A proximidade, o calor do corpo e a energia elétrica já preenchiam o espaço com uma mistura inebriante de vampiro sexy.

— Imagine que você está caminhando pelo pátio até sua estufa. — Sua voz estava perto do meu ouvido, retumbando baixa e profunda com um ritmo hipnótico. — Mas, em vez da porta que você normalmente vê levando para a estufa, há uma porta feita inteiramente de luz dourada. Ao abrir a porta, você entra em um deserto feito de cores vibrantes. Um campo de

flores silvestres roxas ondula em um vento de verão à sua direita, um riacho com água azul cristalina corre para a floresta à sua esquerda. As árvores nas folhas sussurram enquanto você anda descalço na grama macia.

Ele continuou, detalhando a beleza de uma floresta de fadas onde a magia vivia e prosperava. Meu corpo relaxou com a cadência de sua voz sensual.

Finalmente, ele pressionou um beijo suave na minha bochecha.

— Agora abra os olhos, linda.

Eu abri, coração pulando em seu carinho.

— Como você se sente agora? — ele perguntou.

— Bem. — Que eufemismo.

Droga, este homem. Se alguém tivesse me dito que eu deixaria um cara me ensinar a dirigir depois que ele me atropelou com seu carro, eu teria lhes dito que eles perderam a cabeça. Minhas irmãs imploraram para me ensinar no passado e obtiveram meu constante e retumbante *não*. Mas aqui estava eu, com pouco mais do que um empurrão dele, entrando em um estado relaxado com nada mais do que algumas palavras. Eu mal podia acreditar.

Mas Devraj. Ele era inacreditável. O homem que eu nunca esperei, mas queria mais do que tudo. Mais do que ninguém.

— Bom. — Ele apertou minha coxa, em seguida, afastou-se de mim de volta em seu assento, dando-me espaço. — Agora, vamos tentar de novo.

Eu tentei, apenas para deixar o carro morrer novamente. Mas desta vez, eu ri em vez de ficar nervosa. Na verdade, tinha andado alguns metros.

— De novo — disse ele calmamente, seu comportamento gentil penetrando em mim.

Na minha quarta tentativa, consegui mudar para a segunda marcha.

— Estou fazendo isso. Estou dirigindo!

Ele riu.

— Você está. Agora, ao chegar ao canto desta fileira, apenas vá com calma no freio, não há necessidade de reduzir a marcha aqui, então acelere um pouco, é isso. Agora, nesta reta, vamos para a terceira marcha.

— Tem certeza? Isso é tão rápido. — Lancei-lhe um olhar penetrante. — Sem risadas, Devraj!

Mas ele não pôde evitar.

— Você tem razão. É *tão* rápido. Vamos ver o que você pode fazer.

Eu virei a esquina um pouco acentuado demais, mas não de propósito, puxando Devraj para o meu lado. Ele apenas riu de novo, mas consegui nos endireitar e acelerar suavemente, passando para a terceira marcha conforme ele havia instruído.

— Não acredito que estou fazendo isso! — Eu não conseguia tirar os olhos da estrada. Bem, do estacionamento. Mas os sentimentos loucos de euforia bombeando em minhas

veias me deixaram tonta e sorrindo como uma maluca. — Não posso acreditar nisso.

Alguém parou no estacionamento a cem metros de distância, então eu parei bruscamente, nos empurrando para frente, os cintos de segurança travando e nos puxando para trás.

— Eu consigo — eu disse a ele, pressionando a embreagem até o chão e ligando o carro antes de virar na direção oposta do outro carro.

— Sim, você consegue. Eu sabia que você conseguiria

Foi quando eu finalmente olhei para ele, e minhas entranhas derreteram com o olhar ardente de orgulho e adoração em seu rosto bonito.

Depois da minha terceira volta no estacionamento, eu estava muito chapada, me sentindo muito confiante nisso. Rindo de mim mesma, meu medo. Quero dizer, sim, nós não tínhamos saído do estacionamento e a ideia de cruzar em uma estrada de verdade me deu vontade de vomitar, mas eu estava *realmente* dirigindo um carro. Dei uma quarta volta e estacionei em uma vaga no final do estacionamento. Eu coloquei no neutro e desliguei antes de pular sobre o console para montar no colo de Devraj.

Minha excitação vertiginosa não pareceu abalá-lo. Ele agarrou meu quadril com uma mão e segurou minha nuca com a outra, mergulhando em minha boca com um gemido suave. Balancei meus quadris em sua ereção que endurecia

rapidamente, o jeans entre nós dando o atrito perfeito entre minhas pernas.

— Devraj — eu quase chorei, mergulhando minha boca em seu pescoço e dando-lhe um chupão abaixo de sua orelha.

Ele sibilou uma respiração, empurrando seus quadris para cima e agarrando meu cabelo, mas não me afastando.

— Não acredito que fiz isso — eu disse, ainda lambendo e chupando seu pescoço, o gosto salgado dele me deixando louca.

— Eu acredito. — Ele se aninhou no meu cabelo e mordiscou o lóbulo da minha orelha. — Você é incrível. — Sua mão em meu quadril deslizou sob minha camiseta e montou meu peito sobre meu sutiã, beliscando meu mamilo levemente. — Incrível.

— Era só o estacionamento. — Eu coloquei minhas duas mãos sob sua camisa, levantando para que eu pudesse ver seu lindo peito enquanto minhas mãos percorriam freneticamente.

— Você superou um medo de uma vida inteira em minutos, Isadora. Você é mais forte do que acredita. — Seus olhos brilhavam prateados, sua voz profunda e rosnada. Então seu olhar caiu onde ele sabotou minha calça jeans e abriu meu zíper. — Por que você usou jeans hoje? — Ele deslizou a mão por baixo da minha calcinha, deslizando o dedo médio pela minha umidade.

Meus olhos se fecharam quando ele deslizou para a minha entrada e bombeou um dedo dentro de mim. Eu usava jeans porque planejava não fazer sexo com ele hoje. Eu precisava de

uma pausa depois da experiência de abalar a terra da noite passada, onde eu o senti capturar meu coração ao mesmo tempo em que conquistou meu corpo.

Ele agarrou meu queixo e sussurrou:

— Abra os olhos.

Eu fiz, mas eu queria desviar o olhar novamente.

— Você nunca usa jeans. — Ele deslizou para fora de mim, circulando meu clitóris com minha própria maciez.

Eu não disse nada, boquiaberta em um suspiro. Era verdade.

— Você queria um pouco de espaço de mim depois da noite passada?

Mordi o lábio quando ele bombeou dois dedos dentro de mim, bem devagar. Eu deveria saber que esse Stygorn perceberia minha triste tentativa de criar limites. Tudo o que fiz foi tornar mais difícil colocá-lo dentro de mim, e eu estava me arrependendo de minhas ridículas escolhas de roupas a cada movimento de seus longos dedos.

— Não há espaço entre nós, amor. — Sua voz era suave, melódica, mas sua expressão era feroz. Determinado. Dominante. — Você entende?

Balancei a cabeça, montando sua mão com pequenos movimentos, segurando seus ombros com força.

— Agora, tire a porra da sua calça jeans para que eu possa gozar dentro de você.

Desloquei-me dele para o outro assento. Eu mal tinha mexido sobre a minha bunda antes dele agarrar minha calcinha

e jeans juntos e arrancá-los das minhas pernas. Ele tinha sua calça jeans aberta e puxada para baixo abaixo de seus quadris, seu pênis para fora, antes que eu fizesse um movimento para montá-lo.

Ele agarrou minha cintura para me puxar, mas eu afastei suas mãos. Desde o momento em que nos conhecemos, ele foi um doador. Desde cozinhar, até sua gentileza, me ensinar a dirigir, até fazer amor, ele estava constantemente dando. Sempre dando. Eu queria dar algo a ele.

Manobrando até me inclinar sobre o console, envolvi minha mão em torno de seu pênis.

— Isadora — ele rosnou, empurrando em minha mão.

Ignorei seu aviso, acariciando uma vez antes de deslizar minha boca sobre a cabeça e por seu eixo até bater no fundo da minha garganta. Ele sibilou uma respiração.

— Porra, porra, porra. — Sua mão embalou meu crânio, pressionando suavemente enquanto eu balançava e chupava profundamente.

Eu gemi com o prazer de dar a este homem, diminuindo meu ritmo para que eu pudesse levá-lo cada vez mais fundo.

— Cristo, você vai me matar.

Quando voltei e chupei a ponta com força antes de soltá-la, ele fez um som selvagem no fundo do peito.

— Não aguento.

Ele me moveu para cima, agarrou-me pela cintura e me puxou para seu colo. Eu fui facilmente, espalhada em seu colo.

Ele agarrou meu quadril com uma mão, seu pênis com a outra, então me empurrou para baixo enquanto empurrava para cima.

Nós dois gememos em uníssono com a sensação entorpecente de sua dureza mergulhando dentro de mim. Ele reclinou o assento para nos dar espaço.

— Monte-me — ele ordenou, com as mãos em meus quadris nus, movendo-me para cima e para baixo.

Deslizei minhas mãos por baixo de sua camisa, levantando-a para que eu pudesse ver seu abdômen apertar com cada estocada dentro de mim. O corpo do homem era uma maravilha, mas o próprio homem – seus olhos calorosos, sua profunda compaixão, seu poder letal – era de tirar o fôlego. Derretia os ossos. Comovente. Ladrão de coração.

Ele capturou meu olhar e me segurou com ele enquanto balançava para cima, nossos corpos cavalgando em um ritmo frenético, nós dois subindo cada vez mais rápido. Eu vim com tal velocidade que me chocou. Eu gritei. Devraj envolveu minha nuca e me puxou para baixo, devorando meus gemidos enquanto ele se enterrava em mim com estocadas punitivas. Depois que ele gozou com um gemido profundo, ele chupou minha língua. Um beijo devorador e marcante. Quando ele finalmente soltou minha boca, ele me manteve perto, firmemente em seus braços.

— Não me diga que não combinamos — ele rosnou contra meus lábios, apertando minha nuca. — Não me diga que isso é apenas sexo.

Eu quase ri porque seu pau ainda estava latejando dentro de mim. Mas ele estava certo. Fosse o que fosse... essa conexão, esse desejo, essa obsessão... ia além do físico. Eu sabia disso, e era por isso que estava tentando construir um pouco de distância. Mas Devraj não aceitaria nada disso. Ele queria tudo de mim durante o tempo que estivemos juntos. E eu honestamente não poderia negá-lo. Não mais.

Meu coração batia forte contra seu peito, onde eu podia sentir o dele. Apertei a palma da mão ali, disposta a entregar tudo a ele. Ele era mais do que sexo. Mas eu ainda não conseguia dizer em voz alta. De alguma forma, eu sabia que isso tornaria tudo muito mais difícil quando esta tarefa terminasse e ele partisse para a próxima.

Seu olhar suavizou.

— Venha aqui. — Ele colocou minha cabeça na curva de seu ombro e passou a mão sobre meu cabelo, seu outro braço ancorado em minha cintura, nossos corpos ainda unidos.

Qualquer um poderia ter se aproximado e nos visto, especialmente minha bunda à mostra. Era final da tarde. Mas eu não me importava. Seus braços fortes e mãos gentis, sua boca pressionando minha têmpora eram o conforto que eu precisava. Decidi aproveitar o hoje e me preocupar com a dor de amanhã quando o amanhã chegar.

Depois de me acalmar pelo que pareceu meia hora, mas provavelmente não tanto, ele sussurrou:

— Você realmente sabe como usar minha marcha.

Eu ri contra seu peito.

— Você também.

Seu pau empurrou dentro de mim, e eu engasguei, sentando-me com os cotovelos em seu peito. Eu podia senti-lo ficando mais duro a cada segundo.

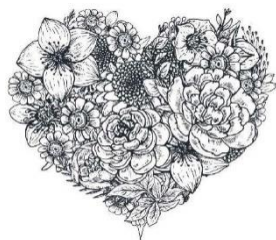
— De novo? — Eu arqueei uma sobrancelha para ele.

Suas mãos deslizaram para minha bunda nua, agarrando-me e lentamente me rolando para frente.

— Definitivamente de novo. — Ele me beijou com força. — E de novo. — Ele mordeu meu queixo até minha orelha. — Eu nunca vou deixar você ir.

E por um momento feliz, eu acreditei nele.

Capítulo 29



devraj

Na hora em que vestimos nossas roupas, Isadora voltou ao seu modo distante e quieto. E eu não gostei.

Muito frustrado para falar sobre isso agora, eu abri a porta para que eu pudesse caminhar para o lado do motorista. Um som me atingiu como um soco no peito.

— O que é isso? — ela perguntou.

Eu congelei no lugar com a porta aberta, ouvindo o barulho familiar dos sinos da igreja das memórias de Emma.

— Devraj?

Pegando meu telefone, liguei para Ruben, meu sangue correndo como um louco, me empurrando para caçar. Ele atendeu no primeiro toque enquanto eu corri para o banco do motorista.

— Rastreie meu telefone e chegue aqui agora. Traga três homens.

— A caminho. — Então ele desligou.

Acelerei o motor e decolei, baixando as janelas.

— O que diabos está acontecendo? — Isadora perguntou, colocando o cinto.

— Aqueles sinos de igreja. Eles estão perto de onde as outras mulheres estão sendo mantidas.

— Como você sabe disso?

Ela olhou por um momento, mas depois ficou em silêncio, percebendo que eu precisava ouvir. Corri para fora do estacionamento e fiz meu caminho em direção ao carrilhão dos sinos na St. Charles Avenue. Fiz uma parada repentina em frente a uma pequena igreja católica no momento em que os sinos morreram.

— Tem certeza de que são os mesmos sinos?

— Positivo. — Minha audição era tão aguçada que reconheci o som vibrante do terceiro sino em cada carrilhão, exatamente como estava na memória de Emma. — Ele as está mantendo ao alcance desta igreja. A noroeste daqui, creio.

Nós dois saltamos e ficamos na calçada em frente à igreja, olhando para um lado e depois para o outro. Fechei os olhos e respirei fundo, sentindo um cheiro muito fraco e familiar. Jennifer. A jovem que estava cativa há mais tempo.

Meu instinto era correr, mas não podia deixar a Isadora sozinha. Não tão perto do covil do sequestrador. Quando a olhei, ela pareceu ler minha mente.

— Me dê suas chaves. Vou me trancar lá dentro. Esta não é exatamente uma parte perigosa da cidade.

— Não estou preocupado com você sendo abordado por universitários, e você sabe disso.

Ela estendeu sua mão.

— Me dê suas chaves. Eu vou ficar bem.

Assim que eu fiz, Ruben apareceu, uma rajada de vento quase me derrubando, balançando o cabelo de Isadora. Então Gabriel e dois de seus outros homens, Roland e Sal, apareceram.

— No momento ideal. Preciso que um de vocês fique com ela.

— Estou bem — disparou Isadora, abrindo o carro para entrar.

Eu olhei para Ruben.

— Deixe um deles com ela. Estamos muito perto do ninho desse idiota para deixá-la sozinha.

Eu provavelmente não estava sendo razoável porque o modo de atuação dessa equipe não era capturar uma garota na rua. Mas eu não ia me arriscar.

— Roland. Fique com a Isadora.

Roland era grande e durão com a cabeça raspada, o mais intimidador à primeira vista dos homens de Ruben. Dei um suspiro de alívio e segui em velocidade mínima por uma rua lateral, o cheiro vindo daquela direção. Parei, Ruben, Gabriel e Sal comigo.

Todos os vampiros tinham sentidos extraordinários, mas não guardavam o cheiro da memória como Stygorn. Eu tinha

memorizado todos os cheiros das mulheres um dia depois que cheguei em Nova Orleans, então eles precisariam confiar em mim para assumir a liderança até que estivéssemos muito perto.

Eles observaram e esperaram em silêncio enquanto eu buscava seu cheiro. Assim que o encontrei, tracei novamente, devagar o suficiente para que eles pudessem seguir, arrastando o leve cheiro de Jennifer no vento. Seu cheiro ficou mais forte novamente até que todos nós paramos na frente de um prédio alto e indefinido.

— Parece um dormitório — disse Gabriel, espiando por uma janela. — Um abandonado.

Uma placa laranja de Renovação em Andamento foi colada nas portas duplas. Parecia que a reforma foi colocada em segundo plano devido à falta de financiamento ou alguma outra questão burocrática.

Ruben e eu trocamos um olhar antes de eu assentir.

— É isso.

Gabriel abriu a porta trancada com um estalo metálico, então paramos em um saguão/área de estar, mofado pelo desuso. Havia portas à direita e à esquerda marcadas como as escadas que levavam aos andares superiores.

— Ruben e eu vamos pela direita, vocês dois pela esquerda.

Sal e Gabriel acenaram com a cabeça e partiram, então Ruben e eu também, traçando o corredor do primeiro andar e depois subindo para o segundo e repetindo o processo. Ainda assim, podia sentir o cheiro de sua presença de perto. Tão perto.

Quando chegamos ao patamar do quarto andar, parei no meio do caminho.

Ruben parou e marchou de volta para mim.

— O que você faz...? — Então ele olhou para as escadas, suas narinas queimando. O cheiro de humanos no prédio também era detectável para ele agora. — Quinto andar.

Nós nos movemos como um só, subindo para o quinto andar e traçando diretamente para uma sala aberta. Uma sala vazia. Sem luzes ou sinais de vida em qualquer lugar. De qualquer maneira, não precisávamos de luz para ver.

— Aqui. — Ruben se agachou no chão e levantou um cobertor, levando-o ao nariz.

Eu o peguei e fiz o mesmo.

— É ela. Jennifer.

Uma gota de sangue escuro manchou a borda do cobertor. Ruben estendeu a mão para a cama e levantou uma algema de couro acorrentada à cama.

— Pelo amor de Deus.

Ele as manteve acorrentadas. A fúria açoitou meu peito com o medo que esse idiota incutiu nessas garotas, por ele pegar o que não era dele por direito. Ruben riscou para a próxima sala. Seu grunhido fumegante me arrastou para lá também.

Uma caixa vazia de sopa cobria o chão ao lado de uma garrafa de água vazia, mas o que fez o olhar prateado de Ruben cortar a sala com raiva foi a tinta lascada pela unha de alguém para escrever o nome dela: Kara.

— Vou bater nele até sangrar assim que o pegarmos — prometeu Ruben. E eu não duvidei dele nem por um segundo.

Este era o território de Ruben, sua responsabilidade de proteger os humanos de nossa espécie ficando fora de controle. Isso não era apenas um pecado contra essas garotas, mas também um desafio à sua autoridade. Eu não tinha dúvidas de que ele usaria Blake Bellingrath como exemplo assim que encontrássemos o filho da puta.

Varri o quarto, mas não encontrei nada, então fui para o próximo, onde senti o cheiro restante de Emma. Quando examinei o quarto, nada além de colchões velhos nas camas de solteiro, encontrei um copo meio vazio de refrigerante embaixo de uma cama.

Eu estava cheirando seu conteúdo quando Ruben perguntou atrás de mim:

— O que é isso?

— Coca. Mas outra coisa também. — Inalei profundamente, tentando dissecar o cheiro. Então isso me atingiu, e eu amaldiçoei baixinho. Eu já havia encontrado esse cheiro antes em minhas relações com filhos da puta desprezíveis ao redor do mundo. A maioria dos vampiros não precisava disso. Eles podiam usar o glamour ou a paralisia de sua mordida para subjugar suas vítimas, mas alguns ainda se interessavam por drogas artificiais.

Ruben pegou o copo de mim e cheirou. Um brilho prateado rolou sobre seus olhos, sua mandíbula apertada quando ele disse:

— Rohypnol.

— Isso, definitivamente, faria com que suas vítimas saíssem silenciosamente dos lugares que ele as sequestrou.

Porque elas provavelmente estariam inconscientes. No entanto, ele ainda estava usando nelas durante o cativeiro. As mulheres provavelmente ainda estavam lutando. Bom.

Gabriel e Sal apareceram de repente na porta, um pouco sem fôlego, já que devem ter completado a busca em toda a ala e vieram nos encontrar.

— Ele as moveu — disse Gabriel.

— Ele é cauteloso, admito isso — disse a Ruben.

— Sim, o suficiente para não ficar muito tempo no mesmo lugar com as meninas. Ele pode não querer que seus clientes saibam onde as meninas estão após a alimentação.

Não pude evitar o desdém ao pensar nessas mulheres apavoradas sendo arrastadas como gado.

— Vamos voltar. — Apenas a aparência deste lugar, pensando nessas mulheres em cativeiro, fez minha besta se agarrar para voltar para Isadora. Eu não gostava dela tão perto daqui.

Nós rastreamos de volta em dois minutos. Roland estava encostado no meu carro, o olhar atento às ruas enquanto conversava com Isadora, que estava com o vidro abaixado.

— Sem sorte? — ele perguntou.

— Um pouco — disse Ruben.

Isadora saltou do carro.

— Você descobriu onde ele as estava mantendo? — Seus olhos verdes se arregalaram em choque.

— Estava — enfatizei. — Ele as mudou. — Eu me virei para Ruben, todos nós reunidos ao lado do meu carro agora. — Ele provavelmente tem vários lugares explorados para que possa alternar suas localizações.

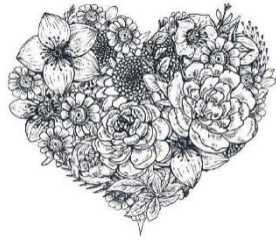
— Gostaria que fosse sábado. Hora de pegar esse idiota — Ruben reclamou, seus olhos azuis tempestuosos. — Você está pronta, Isadora? Ainda quer fazer isso?

Minha doce menina olhou para todos e cada um de nós, vampiros durões, determinação definida na inclinação de seu queixo para cima.

— Com certeza, estou pronta.

Se ainda não soubesse, eu sabia naquele momento que estava profunda e totalmente apaixonado por essa mulher. Uma vez que esta operação terminasse, me certificaria de que ela entendesse que eu não iria a lugar nenhum.

Capítulo 30



isadora

— Pronta, garota? — Livvy estava ao meu lado no estacionamento do Prova de Barril parecendo uma beleza dos anos 1940. Ela veio direto de uma sessão de fotos na Base Naval de Belle Chasse. Ela modelou para um amigo que faz sessões de fotos de garotas pin-up para seu site ultra popular que promoveu o Caldeirão e o Maybelle.

Enquanto ela estava vestida com um vestido vermelho sob medida, justo no busto e na cintura e depois solto nos joelhos, eu estava usando jeans pretos justos e um top branco que revelava muita pele, mas também podia ser dobrado. Ia ser sequestrada e levada por um vampiro, queria estar vestida para a ocasião.

— Pronta — eu disse, liderando o caminho para o bar.

Encontramos um tampo duplo no meio do bar. O objetivo era ser visto esta noite. O lugar já estava começando a encher.

— Vou pegar algumas bebidas para nós. O que você quer?

— Old fashioned.

— Algo tão forte? — Eu sussurrei.

— Devemos parecer que estamos festejando, certo?

— Verdade.

Fiz meu caminho até o bar que se estendia por toda a extensão do lugar. A maioria dos bancos já estava cheia, mas Darren ainda não estava aqui. “Take What You Want” de Post Malone e Ozzy tocava nos alto-falantes. Olhei para o meu relógio. 22:10.

— O que posso pegar para você? — perguntou o garçom bonito.

— Dois old fashioned, por favor.

Tinham vários encontros diferentes no bar. Casais e grupos mistos de meninos e meninas. Até agora, não havia outros grupos só com meninas. Isso fazia de Livvy e eu bons alvos, o que novamente fez meu coração bater forte. Eu estava realmente fazendo isso, e não podia fingir que não estava me deixando nervosa. Como era, era estranho não sentir o doce zumbido da magia sob minha pele. Jules havia anulado nós duas logo antes de partirmos, informando-nos que estaria em contato constante com Ruben para monitorar a operação.

Eu estava carregando as bebidas de volta para a mesa bem quando Darren entrou no bar. E outro vampiro logo atrás dele. Um suor frio passou pelo meu pescoço e costas. Eu tentei não olhar, pegando em um único vislumbre a inclinação arrogante da cabeça do segundo vampiro. Cabelo loiro, rosto bonito, olhos predatórios. Blake Bellingrath.

Quando me sentei em frente a Livvy, sussurrei:

— É ele que acabou de entrar. E o outro cara é Bellingrath.

Ela se inclinou e tomou um gole de sua bebida, seu batom vermelho deixando uma marca na borda.

— Eu pensei que eles patrulhavam sozinhos.

— Eu achei também. Isso é estranho.

Um segundo depois, meu telefone tocou na mesa. Eu carregava meu telefone em vez de ter minha bolsa grande, sabendo que eu gostaria de estar leve. O telefone era na verdade um telefone descartável que Devraj havia me dado. Desbloqueei o telefone com minha impressão digital.

Devraj: Bellingrath está com ele, tenho certeza que você o vê. Darren disse que não é nada para se preocupar.

Eu: Se você diz.

Devraj: Ainda vamos seguir o plano. A menos que você não queira. E aí???

Fiz uma pausa, olhando para o bar. Darren estava pedindo bebidas. Blake estava vasculhando o bar, procurando sua próxima vítima. Uma fúria ardente ardeu em minha barriga, pensando naquelas pobres mulheres que ele tinha em cativeiro. E eu poderia ajudar a libertá-las esta noite.

Eu: Eu quero.

Houve uma pausa, então as elipses apareceram na tela até que sua última mensagem apareceu.

Devraj: Estou tão orgulhoso de você. Eu vou te mostrar o quanto mais tarde esta noite.

Eu sorri, em seguida, bloqueei o telefone e o deslizei no bolso de trás. Deixei para Devraj tentar me distrair do perigo iminente com pensamentos de sexo impróprio.

— Isso é um sorriso atrevido. — Livvy tinha esgotado seu antiquado no momento em que deslizei meu telefone no bolso de trás.

— Talvez queira desacelerar.

Ela trocou nossos copos.

— Agora você vai até lá, fica bem ao lado de Bellingrath e pede outro.

Meu estômago afundou.

— Você vem comigo.

Ela balançou a cabeça.

— Eu quero a atenção dele apenas em você. Serei incapaz de me impedir de falar.

Verdade. Com ou sem sua magia de Influenciadora, Livvy irradiava. Ela era o tipo de pessoa para quem você queria olhar, queria ouvir. E embora Darren tivesse um sério feitiço de compulsão de glamour colocado nele por Devraj, não precisávamos de complicações.

— Você consegue — disse ela, pegando o telefone e fingindo estar distraída, embora eu sentisse sua atenção e consciência da sala em sua postura e olhares fugazes para o bar.

Caminhei firmemente em direção ao bar onde Darren e Blake haviam se acomodado. Sem olhar para nenhum deles, manobrei para o lado esquerdo de Blake, levantando a mão para chamar a atenção do barman.

Senti seu olhar varrendo meu rosto. Em vez de olhar em sua direção, joguei meu cabelo sobre o ombro, sabendo que ele teria uma visão completa do meu hematoma desaparecendo da mordida de Devraj. Esta era uma grande aposta, mas Devraj argumentou que seria bom para eles verem. Segundo ele, uma “humana” que já se engajasse como hospedeira de sangue seria o alvo perfeito. Ela não ficaria tão traumatizada por alimentar seus clientes. Não como Emma, cujo corpo e mente frágeis não aguentavam ser a hospedeira dos clientes do sequestrador.

Eu não tinha certeza se concordava com sua lógica, mas ele sabia como os vampiros pensavam melhor do que eu. E criminosos, já que passou a vida caçando-os e levando-os à justiça.

— Então, linda, você gosta de brincar? — veio a voz sensual ao meu lado.

Aparentemente, Devraj estava certo. O termo brincadeira era usado quando um vampiro cortejava um hospedeiro em potencial.

Olhando para ele timidamente, o que não era totalmente fingimento, eu disse:

— Às vezes.

— Outro old fashioned? — perguntou o barman.

— Sim, por favor.

Tirei o dinheiro do bolso, mas Blake colocou a mão sobre a minha no balcão, prendendo-a sob a dele. Eu estava usando dinheiro apenas para não ser pega com meu nome verdadeiro em nada.

— Deixe-me pegar para você, querida.

— Obrigada — murmurei e coloquei o dinheiro de volta no bolso.

— Então, qual é o seu nome?

— Isabelle. — Finalmente encontrei seu olhar fixo, desejando não ter feito isso.

Há algumas pessoas que mantêm seus pecados em seus olhos. Perfurando com toda a maldade que ele cometeu e desejava cometer, seu olhar me segurou duro.

— Por que você não fica e festeja conosco, Isabelle?

Eu balancei minha cabeça e peguei minha bebida do barman.

— Estou com minha amiga. Desculpe.

Darren permaneceu imóvel e focado do outro lado dele, acenando para mim. Ele disse a Devraj que eu deveria atuar de forma submissa esta noite. Blake não queria lutadoras.

Senti seus olhos em mim durante todo o caminho de volta para a mesa. Eu me acomodei e tomei um gole profundo, precisando do uísque para acalmar.

— Isso pareceu funcionar — disse ela. — Os olhos dele estão abrindo um buraco através de você.

— Incrível. Agora eu quero vomitar.

— Segure firme, Iz. Nós o pegamos.

Ela então jogou a cabeça para trás e riu como se eu tivesse dito algo hilário. Juntei-me ao riso, embora não com tanto entusiasmo. Verificando meu relógio, eu tinha oito minutos para sair.

Livvy sorriu de brincadeira e se inclinou para frente.

— Vai ficar tudo bem. Não se preocupe.

Eu bebi a maior parte da bebida nos próximos minutos, ouvindo Livvy falar sobre o concurso de karaokê que ela planejou promover no Caldeirão. Eu já sabia disso, mas era algo para divagar enquanto o tempo passava. Finalmente, ela pousou o copo com um tilintar alto e se levantou, levantando sua bolsa vintage da mesa.

— Foi tão bom ver você de novo! — ela gritou, abrindo os braços para mim.

Dei um grande abraço nela. Ela sussurrou em meu ouvido:

— Agora vá buscar aqueles filhos da puta. — Então ela se afastou, rindo loucamente como se eu tivesse dito algo histericamente engraçado. — Vamos recuperar o atraso no próximo mês.

Ela caminhou em direção aos banheiros. Recusei-me a olhar para o bar, mas senti que eles estavam me observando enquanto eu me dirigia para o estacionamento sozinha.

Preparei-me para este momento, mas isso não tirou o nó sólido de medo torcendo minhas entranhas. Caminhei lentamente pelo estacionamento escuro em direção ao meu carro, sabendo que Devraj e Ruben estavam monitorando não muito longe.

Meus braços foram cruzados por trás e o sussurro rosnado de um vampiro roçou minha orelha.

— Hora de dormir, linda.

Uma sacudida de persuasão saiu dele. Estranhamente, imaginei que seria suscetível a isso, já que Jules havia anulado minha magia. Mas de alguma forma, ainda não funcionou comigo. Talvez porque essa fosse uma forma passiva da minha magia, diferente do meu potente poder de cura que eu usava nos outros.

Deixei meu corpo mole e fingi cair em seu feitiço de glamour. Ele me levantou em seus braços, segurando atrás dos joelhos e nas minhas costas.

— Vamos lá.

Por alguma razão, Darren não estava no comando desse ataque. Disseram-nos que eles normalmente trabalhavam como um grupo, os três batedores reunidos em um único alvo. Mas esta noite, eram apenas Darren e Blake.

Eu permaneci imóvel no aperto duro de Blake. Não que eu pudesse fazer algo contra ele de qualquer maneira. Não apenas fui impedida de usar qualquer magia telecinética, na qual eu não era poderosa para começar, mas ele era notavelmente forte. Senti isso muito bem na ondulação de seus músculos enquanto ele se afastava.

Quando a sensação estonteante de rastreamento parou, eu mantive meu corpo imóvel, minha cabeça contra o ombro de Blake. Ele cheirava a uma colônia forte demais. As vozes de outros homens se sobrepuseram.

— Tem uma boa, Bellingrath?

— Vamos vê-la.

— Sim. Não estava confiando em Webber desta vez — veio sua resposta estrondosa enquanto caminhava em direção às vozes comigo em seus braços. — Não depois que a última garota foi um fracasso.

— Cara — disse Darren. — Não posso evitar se algumas delas não aguentam.

— Esta pode, no entanto — assegurou Blake. — Ela já é uma jogadora. — Ele riu, o som ameaçador causando calafrios em meus braços.

— Legal — disse a voz de um cara que eu não reconheci.

— Ela tem um cheiro doce também — disse Blake. — Não se preocupe. Vocês vão experimentar antes de vendê-la.

Recusei-me a recuar quando o senti se inclinar e cheirar a pele do meu pescoço.

— Vou levá-la — disse alguém que eu não tinha ouvido na mistura.

Essa voz era profunda e autoritária, mais do que a de Blake.

— Que diabos? — jurou Darren.

— Meninos, conheçam nosso parceiro secreto.

Um dos outros riu.

— De jeito nenhum.

Outro cara bateu palmas.

— Finalmente, encontramos o chefe. Como não estou surpreso, porra da Ivy League.

— Acho que deveríamos saber que era você — disse Darren.

— Malditos Bellingraths.

O novo vampiro não respondeu a eles, mas senti o calor de seu corpo bem na frente de Blake quando ele disse:

— Dê-a para mim. Não há tempo para foder com tudo.

Então senti a mão fria e de dedos longos desse novo vampiro, que só podia ser o irmão de Blake, acariciar a mordida em meu pescoço. Dessa vez, não consegui suprimir o arrepio que me percorreu. Sua magia era poderosa. Ele tinha mais do que apenas magia de vampiro. Ele me agarrou sob a mandíbula e forçou meu rosto para ele.

— Porra, Blake. Eu a conheço. Ela é uma bruxa.

— Não, não é. Ela está lenta como uma humana. Ela está inconsciente.

Seus longos dedos deslizaram para minha garganta e apertaram até que eu não conseguisse respirar. Tossi e abri os olhos, encarando os olhos sinistros de Adam Bellingrath.

Eu verifiquei toda a família em suas páginas do Facebook antes desta noite. Eu sabia que seu pai era um vampiro poderoso e sua mãe uma bruxa, uma Vidente Divina como Violet. O que significava que ele poderia muito bem possuir algumas de suas habilidades psíquicas.

— Esta cadela é definitivamente uma bruxa — ele disse, olhos azuis como os de uma cobra. — O que você está fazendo? — Uma onda de glamour de persuasão pulsou contra a minha pele.

Eu olhei, recusando-me a dizer uma palavra, seu glamour ricocheteando em mim.

Ele puxou algo do bolso.

— Abra bem, querida. — Ele agarrou minha mandíbula em um aperto de quebrar ossos.

— Não! — Tentei me afastar, mas ele era forte demais.

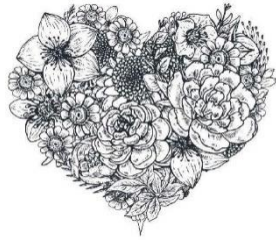
Ele enfiou um comprimido na minha boca e forçou-o a fechar com a mão fria apertada com força. Ele olhou mais de perto, seu rosto bem na frente do meu.

— Engula — ele ordenou. — Ou engasgue com isso.

Eu balancei minha cabeça, mas a pílula já estava se dissolvendo, minha cabeça parecia nebulosa. Quando não pude mais evitar, engoli, mas a pílula já havia começado a fazer efeito, meus olhos se fechando com uma sonolência não natural. A

última coisa de que me lembrava era de Adam me jogando por cima do ombro com força brutal e se afastando logo antes de eu cair na escuridão.

Capítulo 31



devraj

Seguimos os rastreadores especiais amarrados em nossos pulsos como relógios, que nos levaram a um píer vazio perto do rio. Mas quando saímos do rastro, havia quatro vampiros lá e nenhuma Isadora. A raiva bombeou com força em minhas veias. Esta operação estava diferente desde o início, com Blake caçando ao lado de Darren.

— Que diabos é isso, cara? — resmungou um dos batedores, Brent, o medo passando por seus olhos quando Gabriel amarrou seus tornozelos, empurrando-o para a calçada.

Roland e Sal tinham os outros amarrados e no chão no momento em que vasculhei a área em busca de sinais dela. Isso não fazia sentido.

— Eu tenho direitos. Meu pai... — disse Blake, o único ainda de pé.

Ruben agarrou a garganta de Blake, silenciando-o imediatamente.

— Ouça-me, filho. — Sua voz era calma e mortal. Eu tinha ouvido Ruben soar assim antes, e foi quando ele estava no limite do controle. — Onde está a garota? Para onde está sendo levada? — Ruben inclinou a cabeça, encarando o garoto, e o que quer que Blake tenha visto em seus olhos, o fez engolir em seco, seus olhos se arregalando. — Diga-me agora.

Ruben removeu sua mão enquanto eu me aproximava e ficava na frente do líder.

— Você tem dois malditos segundos para falar, ou vou pegar o que preciso à força.

— O-o quê? — perguntou Blake.

Eu não tinha tempo para essa merda. Eu o atordoei com glamour, deixando-o inconsciente, e bati em seu cérebro, voando através do último mês de memórias na velocidade da luz. Se ele estivesse consciente, o efeito faria com que ele vomitasse, então isso era eu sendo legal enquanto o invadia como um trem desgovernado.

Assisti com medo angustiante e fúria bombeando em minhas veias tudo o que havia acontecido no bar esta noite até um minuto atrás, quando chegamos ao local seguindo o rastro.

Quando saí de sua mente e o deixei ir, ele murmurou:

— Vou vomitar.

— Eu não dou a mínima. Para onde seu irmão a está levando?

— Onde estão os outros, cara — lamentou Blake, esfregando a cabeça, as mãos amarradas.

— E onde estão! — Eu gritei.

— Não sei. Ele as moveu novamente. Eu não sei!

Olhei para Darren, que olhou para os outros antes de dizer:

— Nem sabíamos que Adam era o chefe até esta noite.

Chamas abrasadoras queimaram meu corpo. Eu precisava seguir seu cheiro, ainda fresco ao vento. Meus punhos cerrados, ansiosos para envolver a garganta daquele filho da puta. Ele seria um homem morto se a machucasse.

Ruben apareceu ao meu lado.

— Vou cortar sua medula espinhal de seu corpo — eu rosnei, presas longas e afiadas.

— Precisamos encontrá-la primeiro — ele respondeu calmamente, olhando para o telefone. — Vindo do meu ceifador.

Meu corpo vibrava de raiva e necessidade de se mexer, de agir. Encontrá-la. Caramba, eu ia perder a cabeça. Mas eu não sabia para onde ir. Ele poderia estar levando-a para qualquer lugar.

— Fale — Ruben respondeu e então escutou. — Você está brincando comigo. — Uma pausa enquanto ele olhava para o rastreador em seu pulso. — Isso não é bom o suficiente. Dê-me um sinal. — Ele desligou, rangendo os dentes.

— O quê? — Eu exigi.

— Eles perderam o rastro deles. Bellingrath a levou além das lentes das câmeras, passando por Metairie. Porra de tecnologia.

Nesse exato momento, dois SUVs pretos pararam no final do píer na rua. Os outros homens de Ruben que seguiram as coordenadas do veículo estavam chegando.

Ruben latiu ordens enquanto eu me concentrava no cheiro de Isadora, enchendo meus pulmões com os traços de seu aroma floral no ar.

— Sal, certifique-se de que esses homens voltem para o Lanterna Verde enquanto vamos atrás do último.

Sal assentiu, pegando Blake pelo braço e indo para um dos SUVs onde dois vampiros vestidos de preto estavam caminhando em nossa direção.

Minha magia queimou uma linha incandescente em meu sangue, incitando-me a caçar Bellingrath, para encontrar minha mulher. Atravessei o estacionamento na direção que ele a levou.

— Ei! — chamado Ruben. — Onde você está indo?

Eu virei minha cabeça ao redor.

— Encontrá-los, porra. Não preciso de rastreador. — Ele acenou com a cabeça, então eu tracei sem esperar. Adam a levou além dos limites da cidade. Infelizmente para ele, ele não sabia que um Stygorn estava em seu encalço. Não havia nenhum lugar que ele pudesse ir que eu não o encontrasse. Encontrasse ela.

O vento me empurrou, resistindo à minha velocidade insana. Avancei com a força que o antigo vampiro havia concedido a mim, correndo noite adentro e seguindo minha presa.

Enquanto os minutos se estendiam, parecendo horas, minha mente deslizou para Isadora. Minha Isadora. Seu sorriso doce, seus olhares curiosos, suas expressões pensativas que me deram vontade de beijá-la até que ela sorrisse novamente. O próprio pensamento de algo acontecendo com ela incendiou minhas entranhas. Coloque pensamentos venenosos e mortais em minha cabeça.

Eu não poderia viver sem ela. Não havia dúvida disso agora. Não importa que ela estivesse com medo ou não confiasse em nosso relacionamento, eu a faria ver a razão. Quando a encontrasse. Quando a colocasse em segurança. Quando eu esmurrasse Adam quase até a morte dele.

O cheiro dela desviou da interestadual para a cidade de Slidell. Saí do acostamento da interestadual e desfoquei para uma estrada de fachada na próxima saída, seguindo facilmente o seu cheiro. Segui direto para uma estrada escura, que me levou a um grande lote solitário e cercado. Uma unidade de armazenamento. Ele moveu as mulheres para a porra do depósito.

Pulando a cerca, rastejei para a frente furtivamente e segui seu cheiro, serpenteando pelas fileiras de depósitos estilo garagem. Tão perto, eu podia sentir o cheiro dela tão forte, como se ela estivesse bem ao meu lado, me chamando. Mas o cheiro vinha da parte de trás do lote de um contêiner de armazenamento em frente a uma floresta. Eu,

instantaneamente, também cheirei as outras garotas. Este cretino.

Sem hesitar, eu abri a porta de aço corrugado, abrindo uma brecha do chão até o teto. Em dois segundos, dobrei-o para trás para poder passar. E lá estava Adam, olhando para mim com os olhos arregalados e um súbito choque de medo.

— É melhor você ficar com medo, filho da puta.

Isadora estava inconsciente em um colchão no chão, o cabelo escondendo o rosto. Outra garota estava enrolada em uma bola, observando com uma expressão semelhante à de Adam. Mas ela não tinha nada a temer. Não mais.

Então eu estava em cima dele, derrubando-o no chão com um soco no rosto. Mas eu não conseguia parar. Caindo sobre ele, continuei lamentando. Tive o bom senso de conter meus socos para não esmagar seu crânio. Ele seria julgado. Enfrentaria o Tribunal da Guilda porque eu queria que o nome de Bellingrath fosse arrastado para a lama. Matar esse idiota era tão tentador. Tão, tão tentador. Mas a humilhação pública e a remoção de seus poderes por Jules deixariam uma marca mais profunda do que um Stygorn perdendo a cabeça e matando um ladrão de sangue. Eu não queria perder um minuto do meu tempo enfrentando a Guilda Stygorn para defender minhas ações excessivas. Mas eu ainda queria que ele pagasse.

Eu desloquei meus socos para suas costelas, estalando alguns com grande satisfação quando braços agarraram os meus e me puxaram para trás.

— Pare, Devraj — rosnou Ruben.

Eu parei, de pé sobre a bagunça sangrenta de Adam Bellingrath, filho caído de uma família nobre, ladrão de sangue cujo tempo havia acabado.

— Ele está inconsciente — disse Ruben.

— Ele tem sorte de não estar morto — rosnei, respirando fundo e tentando me recuperar da raiva enlouquecedora. — Como você chegou aqui tão rápido?

— Meu ceifador recebeu outro sinal logo depois que você saiu. — Ruben me soltou e acenou com a cabeça para Adam. — Eu o pego. Vá para a Isadora.

Isadora.

Eu me afastei e marchei para ela. Ajoelhei-me na frente do colchão, tremendo de medo incontrollável ao pensar nela em perigo. Ruben havia chegado ao local primeiro, sua velocidade muito mais rápida do que seus outros homens. Ele era mais velho e mais forte do que eles.

Afastei seu cabelo do rosto, que havia saído do rabo de cavalo. Movendo minhas mãos para seu pescoço, verifiquei se havia novos ferimentos com as mãos trêmulas, mas não encontrei nenhum e dei um suspiro trêmulo de alívio.

No momento em que me recompus e puxei-a em meus braços, Ruben tinha amarrado os pulsos de Adam, embora ele ainda estivesse apagado e ficaria por um tempo se a dor nos nós dos meus dedos tivesse algo a dizer sobre isso.

Ruben sussurrou para a garota paralisada de medo:

— Está tudo acabado, Kara. Você está segura agora. — Ela não acreditou nele, mas então uma onda de glamour cobriu o quarto quando ele a puxou para sua teia. Foi necessário. Essas garotas passaram por uma provação e precisariam de glamour para enxugar o medo para que Ruben pudesse tirá-las daqui e levá-las a um curandeiro sobrenatural. Então elas precisariam que suas memórias fossem apagadas antes de serem entregues de volta para suas famílias.

— Vou levá-la para casa — eu disse a Ruben enquanto ele removia as algemas dos pulsos de Kara.

— Vou mandar uma mensagem para Jules e dizer que você está a caminho. — Ele parou e olhou para mim. — Ela está ilesa?

Ou seja, aquele filho da puta teve tempo de mordê-la?

— Está. Embora ela vá ter dor de cabeça por causa da forte dose de Rohypnol que ele obviamente usou nela.

Ele cerrou os dentes e puxou o telefone para enviar uma mensagem de texto, Kara agora dormindo de seu glamour.

— Jules vai me matar.

— O que há de novo? — perguntei, tentando parecer leviano agora que Isadora estava aninhada com segurança em meus braços.

Ruben tinha uma porra de bagunça para limpar e acertar com os vampiros sob seu distrito. E, sem dúvida, Jules daria uma bronca nele por deixar isso sair do controle.

Roland, Gabriel e dois outros apareceram de repente, uma rajada de vento vindo com eles. Eles rapidamente examinaram a garagem aberta.

Ruben acenou com a cabeça para o contêiner ao lado.

— Pegue as outras garotas. Use glamour para colocá-las para dormir. Elas temerão suas intenções. Vamos tirá-las daqui. Gabriel, mande uma mensagem para Barbara e diga que precisamos da equipe de limpeza aqui o mais rápido possível.

— Feito.

Então, um rosto inesperado, mas familiar, apareceu na porta rasgada. Entrou o ceifador de cabelos e olhos pretos que nos ajudou a rastrear e pegar esses idiotas. Ele entrou no recinto, examinando a situação, especialmente Adam, ensanguentado e inconsciente no chão.

— Bom trabalho. — Ele parecia satisfeito e impressionado com a minha carnificina. Não tenho certeza do que pensar além de gostar desse ceifador.

Ele se aproximou de mim, onde eu estava agachado com Isadora meio no meu colo, a cabeça dela na dobra do meu braço. Eu estendi minha outra mão para ele apertar.

— Eu não posso agradecer o suficiente por sua ajuda. — E eu com certeza quis dizer isso.

— Parece que você não precisou disso no final. — Ele se inclinou e apertou minha mão. — Henry Blackwater. — Então ele saiu, puxando um cigarro para acender enquanto observava o resto do resgate se desenrolar.

Olhei para Ruben enquanto levantava Isadora em meus braços, rindo daquela estranha troca.

— Você viu aquilo? — Eu finalmente consegui o nome do ceifador.

— Você tem uma admiração do ceifador. Não é uma tarefa fácil — disse Ruben, sorrindo enquanto enrolava a mulher adormecida Kara em um cobertor.

Com isso, acenei para Ruben e depois parti, traçando o mais rápido possível de volta ao longo do acostamento da interestadual. Assim que saí da interestadual, peguei estradas secundárias pelos bairros para finalmente chegar à Magazine Street e depois à porta da casa das Savoie. Como se me sentisse, a porta fora escancarada, Jules parada ali com um olhar furioso. Felizmente, ela não mordeu minha cabeça. Apenas disse:

— Venha comigo.

Eu a segui escada acima até o quarto de Isadora, todas as cinco irmãs logo atrás de mim.

— O que diabos aconteceu? — exigiu Violet, quente no meu encalço.

— Ela está bem? — perguntou Livvy, ainda com o vestido que tinha usado no bar.

— Ele a deu Rohypnol, mas ela vai ficar bem — eu disse ao entrar no quarto de Isadora e colocá-la gentilmente na cama.

Clara já havia puxado as cobertas. Evie estava do outro lado, a preocupação marcando sua testa.

— Clara, vá chamar Tia e traga-a aqui imediatamente. Eu sei que ela está esperando pelas outras garotas, mas eu a quero aqui.

Clara saiu da sala.

Inclinei-me para a frente e coloquei a palma da mão na testa de Isadora.

— Deve passar logo. — Eu não admitiria que também estava preocupado. Conhecendo Adam, ele sabia que ela era uma bruxa e provavelmente a administrou demais para garantir que ela apagasse rapidamente. O pensamento dele arrebatando-a bem debaixo de mim, o medo que ela deve ter sentido antes de apagar, fez meu sangue ferver novamente. Cerrei uma das mãos, saboreando a ardência em meus dedos por ter batido em seu rosto.

— Você parece se importar bastante com nossa irmã, Devraj — disse Livvy, seus grandes olhos azuis focados no jeito que eu tinha uma mão na bochecha de Isadora, a outra espalhada sobre o cobertor sobre seu torso.

— Porque ele se importa — disse Violet em uma expiração pesada.

Evie, Livvy e Jules viraram a cabeça para ela. Violet apenas deu de ombros.

— O que? Eu sou uma vidente. Eles pertencem um ao outro.

Naquele momento, eu amava aquela irmã desbocada quase tanto quanto amava Isadora. Então olhei para minha garota,

lembrando-me da leitura de Tarô que Violet havia feito para mim. Ela disse que minha determinação tinha que corresponder às minhas intenções. Caso contrário, eu perderia.

Ela estava certa. E havia algumas coisas que eu tinha que fazer para que isso acontecesse. Ela me deu um presente ao derramar seus sentimentos em um pedaço de pergaminho, tecendo meu nome com a magia em seu coração. Agora seria a minha vez.

Eu me inclinei mais perto, dei um longo beijo em sua testa, e então me levantei e marchei para a porta.

Violet agarrou meu braço quando passei por ela.

— Onde você está indo, Stygorn?

Olhei para trás, reconhecendo aquela pontada em meu esterno pelo que era. O aperto do meu coração. A saudade de estar com essa mulher para sempre. Eu bufei e me virei para Violet.

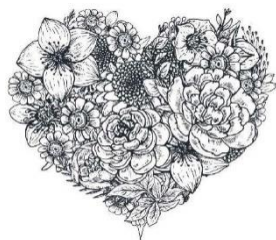
— Preciso cuidar de algumas coisas. — Então dei uma piscadela para Violet. — Assim ela saberá que estou dentro.

Seus olhos brilharam, brilhando com sua magia de vidente, enquanto ela sorria.

— Já estava na hora, porra.

Com aquele voto de confiança retumbante, parti em busca de Ruben.

Capítulo 32



isadora

Eu acordei com o som de vozes baixas e risadas leves. Quando espirei para abrir os olhos, a luz do sol entrando pelas portas abertas da minha varanda me fez fechá-las novamente contra uma dor lancinante.

— Aí está ela — disse Tia, pulando e sentando na beirada da minha cama. — Como você se sente, querida?

— Como uma porcaria — abafei, minha cabeça latejando como uma louca. — Nauseada.

A dor de cabeça era tão ruim que eu queria vomitar. Tia colocou as duas mãos em cada lado da minha cabeça, segurando-me em suas palmas.

— Você precisa de um pouco de amor da Tia, minha amiga — ela disse docemente e então me lavou com seu poder de Condutora.

— Ah, meu Deus — eu gemi, o alívio tão rápido e tão maravilhoso que minha adrenalina disparou. — Isso é tão bom.

— Isso é o que Marcus diz o tempo todo.

Eu ri, o latejar dolorido tendo desaparecido com suas mãos mágicas.

— Você ainda está com aquele garanhão italiano? — Eu perguntei, abrindo meus olhos para encontrar Jules e Clara sentadas ao pé da cama, ambas sorrindo.

— Sim, de fato. Uma vez que você tem um bom homem, garota, você não o deixa ir.

Eu me arrastei para sentar contra a cabeceira da cama, meu coração disparando ao perceber que uma pessoa estava definitivamente ausente do quarto.

— Como eu voltei aqui? O que aconteceu com Adam?

Jules se inclinou na cadeira que trouxera do quarto de Evie ao lado.

— Devraj, Ruben e seus homens conseguiram rastrear o rastro de onde Adam a levou.

— Rastrear o rastro? Eu não sabia que isso era possível.

— Nem eu até muito recentemente — Jules disse calmamente. — Aparentemente, Ruben conhece um ceifador que tem essa tecnologia que eu desconhecia antes de tudo isso.

— Ah — interrompeu Clara. — O bonitinho que está sempre na esquina da livraria do Ruben?

Bonitinho? O ceifador que eu vi pendurado naquele canto era seriamente sombrio e misterioso, marcante em suas feições afiadas. Eu nunca o descreveria como bonitinho.

— Sim, aquele — disse Jules. — De qualquer forma, ele seguiu o rastro de onde Adam a levou para uma unidade de armazenamento onde as outras garotas estavam.

Sentei-me mais reta, com medo por elas.

— Como elas estavam? Elas foram curadas? Quanto dano foi causado a elas? — Meu coração doeu por aquelas jovens, tendo que viver o pesadelo do cativo e do consumo forçado de sangue.

Tia colocou uma mão calmante sobre a minha.

— Tia Beryl e eu cuidamos delas. E os caras usaram glamour para apagar as lembranças dolorosas antes de entregá-las à porta de seus pais.

— Sim, você deveria ver todos os artigos maravilhosos sendo postados na Internet — disse Clara, radiante de alegria. — As lágrimas felizes e os reencontros. Tem sido incrível.

— Há quanto tempo estou apagada? — Eu perguntei.

— Dois dias — disse Tia. — Você tinha muito Rohypnol em seu sistema. Eu tenho purgado lentamente e tive que mantê-lo por mais tempo do que o normal.

— Dois dias?

E Devraj não estava aqui. Não, ele estaria fazendo as malas. Inferno, talvez ele já tivesse ido embora. Não. Ele não iria embora sem me dizer adeus, não é? Lágrimas brotaram em meus olhos. Tia se inclinou para frente e me puxou para um abraço.

— Não se preocupe, minha doce amiga. Tudo está bem.

Mas não estava tudo bem. Era miserável. Meu coração estava partindo em dois, percebendo que Devraj estava indo embora. Ou já foi. Ele nem esperou até que eu acordasse. Mas ele estava ocupado. Talvez estivesse no julgamento. Os sobrenaturais lidaram com essas coisas rapidamente, ao contrário das longas provações no mundo humano.

— Eles já tiveram o julgamento para Adam? — Perguntei a Jules, afastando-me dos braços de Tia, mas ainda segurando sua mão para confortá-la.

— Ainda não. Adam ainda está se recuperando.

— Recuperando?

Jules sorriu perversamente.

— Devraj bateu muito nele. Eles precisaram fechar sua mandíbula com arame, e Ruben não o deixou ter um curandeiro. E como ele não está recebendo sangue para fortalecer sua própria magia de cura, estamos esperando que o inchaço diminua. E suas costelas consertarem, para que possa pelo menos ser julgado perante o Tribunal da Guilda.

Sim, Devraj teria ficado chateado. Eu sabia que ele se importava comigo. Então talvez não tenha ido embora.

— Devraj vai ficar para o julgamento? — Eu perguntei, com o coração na garganta.

— Ele tem que ser o Stygorn no caso — disse Jules.

Então ele iria embora.

— Eu preciso tomar um banho — anunciei, as emoções crescendo muito rápido.

Eu não queria chorar na frente de todos.

Tia apareceu e me ajudou a ficar de pé, mas na verdade eu estava me sentindo muito bem. Normal.

— Eu consigo — eu disse.

Seu olhar caloroso refletia simpatia, captando a tristeza no meu. Tia me conhecia tão bem. Antes que Clara pudesse me encher com um de seus feitiços de felicidade, comecei a caminhar em direção ao meu banheiro.

— Vou fazer algo para você comer — disse Jules. — O que você quer? Eu tenho um pouco daquele caldo de Corte de Cantarilho Vermelho congelado que você adora. Ou que tal um po'boy de camarão com rúcula extra?

Eu ri, a tristeza vazando. Rúcula me fez pensar em Devraj. O caldo de Corte de Cantarilho Vermelho também. Quanto tempo levaria para superá-lo?

— O que for mais fácil — respondi, vendo meu telefone no carregador na minha mesa de cabeceira.

Esperando, eu o levantei e verifiquei se havia mensagens. Sem sorte. Ele não tinha enviado mensagens. Nada mesmo. Meu coração afundou novamente, a dor de perdê-lo já era muito forte. Muito crua.

Quando fechei a porta do banheiro, tirei minhas roupas e fiquei debaixo do chuveiro quente, imaginando como iria fingir que estava bem quando ele se despedisse. Eu não poderia lidar com isso. Simplesmente não conseguia.

Deixei as lágrimas virem, esfregando meu corpo para limpá-lo. Tentei afastar a tristeza de perdê-lo, mas era muito doloroso. Como eu não tinha visto que Devraj significava muito mais para mim do que eu jamais havia percebido? O pensamento dele real e verdadeiramente partindo me fez querer me enrolar em uma bola e esquecer o mundo. De alguma forma, o fato de ele viver essa vida chamativa e glamorosa não importava mais. Talvez ele esteja bem com uma visita? Poderíamos fazer de longa distância, talvez. Nesse ponto, eu estava bem aceitando qualquer coisa que ele me desse.

Tudo isso estava girando na minha cabeça enquanto me aventurava a sair do banheiro com uma toalha enrolada em volta de mim, encontrando meu quarto vazio, exceto por Clara. Vesti uma calcinha e um dos meus vestidos largos e confortáveis que usava no jardim, sem nem mesmo me incomodar com o sutiã. Eu me movi como um zumbi. Um zumbi triste e com o coração partido.

— Aqui, deixe-me fazer o seu cabelo.

Sentei-me em frente ao espelho oval, lembrando-me de como Devraj havia me pegado bem aqui e roubado meu coração ao mesmo tempo. Eu limpei as costas da minha mão em uma bochecha enquanto uma lágrima escorregou.

Clara penteou meu cabelo, empurrando um pouco de sua euforia para dentro de mim. Eu sorri, minha visão embaçada, sabendo que ela estava preocupada. Eu parecia tão pálida, com olheiras, embora tivesse dormido por dois dias.

— Está tudo bem, Clara — eu disse, com a voz embargada.
— Eu vou ficar bem.

Ela sorriu para o meu reflexo.

— Ah, Isadora. Você vai ficar fantástica. Apenas espere e veja. — Ela piscou para mim, o que foi um pouco estranho. Primeiro, porque ela não sabia piscar, então parecia uma piscadela dupla desajeitada. E também porque Clara não era do tipo que dava piscadela.

Exalei um suspiro pesado e encarei meu triste reflexo, me perguntando o que eu faria comigo mesma. Então a música soou no jardim da frente. *Música alta*. Eu pulei e virei o banquinho. Clara soltou meu cabelo úmido.

— Que diabos? — Eu perguntei, olhando para as portas abertas da varanda. — Isso é...? Isso é Peter Gabriel?

— Soa como “In Your Eyes”. Talvez queira verificar isso — ela disse docemente.

Quando a encarei, percebi que ela não estava nem um pouco surpresa com o hit dos anos 80 retumbando no quintal. Atravessei minhas portas francesas e saí para a varanda, meu coração saindo do meu peito, caindo pela varanda e caindo aos pés do homem abaixo.

Lá, parado no meu quintal, vestindo jeans, uma camiseta branca e um sobretudo cinza estava Devraj. Acima de sua cabeça, ele ergueu Archie, que me viu e ganiu alegremente, seu rabo curto balançando bem onde Devraj apoiava sua bunda com uma das mãos.

Minha boca se abriu quando o hino dos anos 80 da mais romântica serenata de boombox explodiu na vizinhança. Os caminhanes até começaram a se reunir, assistindo ao espetáculo.

— O que você está fazendo!? — Eu gritei para o belo homem segurando seu cachorro sobre sua cabeça.

— Desça aqui, amor — ele disse alto o suficiente para eu ouvir, seu sorriso lindo e ofuscante.

Eu só fiquei lá, balançando a cabeça, então Clara me deu um tapa no traseiro.

— Bem, vá, Isadora. Não o deixe esperando!

Desapareci de volta para dentro de casa, meu coração batendo tão rápido quanto meus pés enquanto descia as escadas, passava pelo saguão e abri a porta da frente, apenas para encontrar Livvy operando seu sistema de karaokê e Violet sorrindo ao lado dela. Olhando para a direita, Evie e Mateo estavam sentados no balanço, o braço de Mateo em volta dos ombros dela, ambos sorrindo e curtindo o show.

— Melhor ir lá fora — disse Jules atrás de mim, me empurrando para frente.

Ela, Tia e Clara estavam na porta, sorrindo como demônios. O tempo todo, Devraj não se moveu, me observando com amor em seus olhos. Sim, definitivamente amor. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Então Archie começou a se mexer furiosamente quando me viu chegando mais perto. Quando saí

da varanda, Devraj abaixou o desajeitado Archie, colocando-o a seus pés.

Quando finalmente cheguei bem na frente dele, perguntei, meu sorriso dolorosamente largo:

— O que você está fazendo?

— Ouvi dizer que é disso que as garotas americanas gostam.

— Suas mãos seguraram meu rosto, os dedos enfiados em meu cabelo úmido, os polegares acariciando os vestígios semi-secos de minhas lágrimas.

— Eu não preciso disso.

— Do que você precisa, Isadora? — Sua boca estava a um centímetro da minha, seus olhos cor de chocolate implorando, implorando. — Diga-me o que você precisa, e eu darei a você. Tudo.

Enlaçando minhas mãos ao redor de seu pescoço, sussurrei:

— Você. Isso é tudo que preciso.

Ele me puxou para perto, passando um braço em volta da minha cintura e me beijou profundamente. Como se me desejasse. Como se ele se importasse. Como se não pudesse viver sem mim. Como se me amasse.

Eu mal ouvi as assobios e aplausos de minhas irmãs e da multidão que se reuniu com o bater do meu coração e a onda de emoção. Nova Orleans era o tipo de lugar onde as pessoas queriam compartilhar a alegria umas das outras. E hoje, ao que parecia, eles estavam todos compartilhando da minha. Da

nossa. Neste momento em que deixei de lado todos os meus medos e deixei meu coração ter o que queria.

— Devraj — sussurrei contra seus lábios. — Eu estava errada sobre nós não sermos iguais.

Ele riu, segurando-me mais apertado, sorrindo contra meus lábios.

— Eu sei, amor. — Outro beijo suave. — Eu só estava esperando você descobrir. Mas eu não podia mais esperar.

— Sinto muito por ter demorado tanto.

Então seu rosto ficou sério quando ele puxou o bracelete de seu pulso, aquele que tinha sido o colar de casamento que seu pai havia dado à sua mãe. Minha boca se abriu porque eu sabia o que ele estava fazendo. Mais uma vez, eu mal conseguia respirar.

— Você pode pegar isso e usar como uma promessa? Até que eu consiga um anel adequado para você? Até que eu possa envolvê-lo em seu próprio mangalsutra?

Não houve hesitação desta vez. Eu sabia o que queria e não o deixaria ir.

— Sim. — Eu balancei a cabeça furiosamente. — Sim, sim, sim!

Ele deslizou o bracelete em volta do meu pulso mais fino, apertando-o no meu antebraço. Então eu o ataquei, beijando-o como uma louca. Ele me levantou do chão, e minhas pernas envolveram sua cintura, nunca quebrando o beijo enquanto minhas irmãs gritavam e Peter Gabriel cantava sobre o amor.

— Vai com tudo — gritou Tia.

— Mostre a ele o que você tem. — Essa era Violet.

Ouvi Evie e Clara rindo alto, a risada de minhas irmãs, um dos melhores sons do mundo. Ao lado de qualquer som ou palavra pronunciada pelo homem em meus braços.

— E agora, para outro favorito dos anos 80, pessoal, de um dos melhores filmes já feitos: “a garota de rosa-shocking” — disse Livvy ao microfone, lançando “If You Leave”, uma canção que ela tinha tocado um milhão de vezes pela casa. — E não se esqueça do próximo Concurso de Karaokê no Caldeirão.

Eu estava meio rindo, meio beijando Devraj. Deixei que Livvy usasse este momento para um pouco de relações públicas para o negócio. Olhei para trás, vendo que ela estava filmando em seu telefone, sorrindo como uma louca e me dando o polegar para cima. Enquanto isso, Archie estava pulando em círculos ao nosso redor, latindo e pulando freneticamente.

Inclinei minha testa na de Devraj.

— Sinto muito pela minha família. É um circo.

Ele me puxou contra seu corpo, parecendo não se importar com nossa grande multidão. As pessoas realmente começaram a dançar na rua, outras cantando a música. Evie e Mateo dançaram nos braços um do outro na varanda. Clara agora tinha Archie em seus braços, ereto como um bebê, segurando uma pata e cantando terrivelmente para ele enquanto girava para seu deleite de cachorrinho.

— Eu não sinto. Elas são maravilhosas. — Ele deu um beijo na minha têmpora. — Elas são uma parte de você. E, felizmente, agora uma parte de mim. — Ele suspirou docemente. — Há muitos anos que anseio por um lugar onde pertenço. Por uma casa. Agora, eu tenho isso, e minha companheira de sangue. — Ele pressionou outro beijo suave em meus lábios.

— Companheira de sangue? Como a lenda?

— Exatamente como a lenda. Era tudo verdade — ele sussurrou contra a minha boca, varrendo sua língua para um beijo demorado antes de se afastar e pressionar sua testa na minha. — Além disso, você vai morar comigo em breve, e podemos fugir deste circo.

— Oh, eu vou — eu disse sem fôlego. — Você está me deixando entrar em seu misterioso e sagrado quarto?

Seu sorriso suavizou, sua expressão séria.

— Eu te amo, Isadora. Você já está em meu tudo.

Soltei um suspiro trêmulo, meus olhos cheios de lágrimas de felicidade.

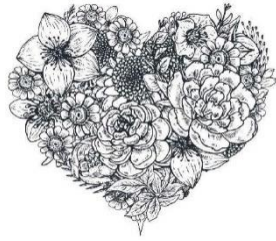
— Eu também te amo.

Eu abaixei meus pés no chão. Então ele pegou uma das minhas mãos nas dele, segurando minha parte inferior das costas e começamos a balançar, dançando e fazendo um espetáculo de nós mesmos. Mas todos os outros também. E por alguma razão, com Devraj me segurando, não havia medo algum. Eu não me importava que os outros estivessem

assistindo ou o que eles pensavam de mim. Eu não me importava com nada além dele. Mas nós.

Eu tinha Devraj. Tinha o amor dele. Ele tinha o meu. E isso é tudo o que importava.

Epílogo



isadora

— Um segundo agora! O que todos vocês estavam esperando. Por favor, rufem os tambores! — Livvy olhou para Clara, que estava ao lado dela no palco na frente de outro microfone. Ela começou a fazer o som do tambor rolar com a boca enquanto o resto de nós batia nas mesas. — O homem do momento não é outro senão o nosso próprio Finnie, esta noite se apresentando como a rainha Beyoncé.

A multidão se iluminou com um rugido enquanto Livvy sorria como um demônio. Um demônio muito bonito. Suas roupas eram definitivamente algo que ela tinha montado. Eles usavam macacões feitos inteiramente de lantejoulas pretas com lantejoulas vermelhas costuradas em seus seios no logotipo do Caldeirão.

Então Finnie subiu ao palco para uma série de assobios altos. O mais alto vindo de JJ e Violet no bar. E eu tinha que admitir, ele fazia uma mulher muito bonita, sua pele negra e macia brilhando sob os holofotes. Eu quero dizer brilhante porque,

aparentemente, Livvy havia espalhado loção brilhante por todos os braços, peito e pernas nuas.

— Você consegue, Finnie, querido! — gritou Evie, sentada em cima da mesa atrás de mim, Mateo de pé atrás dela com os braços em volta de seu peito.

Quando Finnie se aproximou do microfone, os gritos diminuíram, mas as gargalhadas ainda ecoaram em nosso bar lotado. Livvy era um gênio de relações públicas. Sua promoção online tirou todos os cantores e não cantores da toca para se juntar à nossa competição esta noite. O vencedor ganharia \$1.000, uma camiseta do Caldeirão e o direito de se gabar até a competição do próximo ano, já que Livvy decidiu que isso seria anual. E tudo seria promovido de forma proeminente através da mídia social. Hoje à noite, eles estavam transmitindo ao vivo.

Finnie se aproximou do microfone e disse com sua voz profunda:

— Uhhh, perdi uma aposta.

Mais risadas e um grupo de caras gritou na frente. Livvy me disse que aqueles eram seus melhores amigos da UNO, que estavam aqui para apoiá-lo. E envergonhá-lo. E rir dele. Um dos caras estava tão curvado e rindo tanto que pensei que ele fosse se machucar.

— Então — disse Finnie, muito sem jeito. — Aqui vai. — Então sua boca se curvou naquele lindo sorriso característico de Finnie e ele disse. — Isto é para todas as mulheres solteiras.

— Sim, querida! — uma garota do fundo falou com um grito, suas amigas se juntando a eles.

Então a música começou e Livvy, Clara e Finnie começaram a se mover, com as mãos nos quadris no estilo Beyoncé, e a multidão perdeu o controle. Eu também. E Devraj ao meu lado.

— Ah, meu Deus! — Eu gritei no ouvido de Devraj. — Finnie sabe cantar!

O bar enlouqueceu, batendo palmas e gritando enquanto Finnie arrasava. Claro, eram algumas oitavas mais profundas do que deveria, mas foi incrível. E hilário. E sua voz dominante até abafou nossa irmã desafinada, Clara. Ainda assim, ela fez alguns movimentos, sacudindo-o como se simplesmente não se importasse. Ela e Livvy tinham mais atitude e talento do que seria justo para o resto do mundo.

Inclinei-me para perto de Devraj e sussurrei em seu ouvido.

— Eu nunca poderia fazer isso.

Ele agarrou minha nuca e colocou a boca bem perto da minha orelha.

— Você vai fazer isso por mim esta noite. — Então ele beliscou minha orelha, disparando minha libido para a estratosfera.

— As pessoas estão observando — eu assobieei.

— Deixe-os observar — disse ele, completamente divertido enquanto me puxava para seu colo.

Em vez de lutar com ele, porque isso era inútil, me mexi até ficar de lado e passei meus braços em volta do pescoço dele enquanto apreciávamos o show.

Quando a música terminou com os três no palco empurrando seus quadris para fora e piscando para o público, realmente não houve contestação. Ainda assim, tínhamos juízes na mesa da frente, que agora tinham uma decisão a tomar. Os jurados eram Nico, que tinha formação em música, Tia, que não tinha, mas se ofereceu para o trabalho, e Charlie, que conhecia o espetáculo melhor do que ninguém.

Livvy aproximou-se do microfone, ofegante.

— Ok, pessoal. Vá pegar outra rodada no bar enquanto nossos juízes deliberam. Vamos aplaudir todos os nossos competidores!

Houve um grande aplauso, então a house music voltou e eu estava ansiosa para ir embora. Mas eu ainda queria ver quem ganhou.

Então Violet marchou para o palco, gesticulando para diminuir o volume da house music.

— Ei, vocês. Já que temos uma audiência cativa esta noite, eu queria que todos aqui soubessem primeiro, já que meu anúncio significa que vou reduzir minhas horas aqui no Caldeirão.

Um cara resmungou:

— Nãããão!

— Sim, eu sei — disse ela, sorrindo. — Todos vocês me amam. Mas, ahn... — Ela lambeu os lábios, nervosa.

Olhei para Devraj, que refletiu o olhar interrogativo em meu rosto. Eu disse a Evie por cima do ombro:

— Você sabe do que se trata?

— Não. Mas acho que estamos prestes a descobrir o segredo que ela esconde de nós.

Deixe que Violet faça dessa forma. Com uma audiência pública, então não havia como voltar atrás do que quer que fosse.

— De qualquer forma, a notícia muito legal é que estou abrindo meu próprio estúdio de tatuagens!

Seus clientes favoritos batiam palmas e a encorajavam. Mas seu olhar foi de soslaio para Nico na mesa de julgamento. Ele parou de olhar para as cédulas, seus olhos nela.

— E acho que devo mencionar que farei parceria com ninguém menos que seu músico local favorito, Nico Cruz.

Ele lhe lançou um olhar, mas depois balançou a cabeça exasperado. Ele riu e se levantou, dando um aceno casual para a multidão.

— Então, se vocês querem a tatuagem perfeita da melhor leitora de tarô da cidade, sabem onde me encontrar. Confira meu site, Tinta da Imperatriz, em breve. Certo, Livvy?

Virei o pescoço para ver Jules com o queixo caído. Claro, Livvy sabia disso o tempo todo. Então Jules foi direto para

Violet, que pulou do palco exatamente onde Nico havia feito sinal para que ela descesse.

— Sabe de uma coisa? — Eu sussurrei para Devraj. — Acho que seria um bom momento para sairmos.

— Tem certeza de que não quer contá-las sobre seu pequeno empreendimento também?

Eu ri.

— Hum, não. Jules só pode levar um choque de cada vez.

Economizei um bom dinheiro e Devraj disse que queria investir em meu pequeno negócio. Algo que eu sempre sonhei, mas nunca tive coragem de fazer. Devraj não me tornou mais corajosa, mas me mostrou que eu já era. Eu deveria ir atrás dos meus sonhos, deixar minhas preocupações, dúvidas e medos ficarem em segundo plano.

Então eu deixei. Entrei em contato com os proprietários do Anjos de Pata e me ofereci para comprar o lugar. Planejei reformar os canis e criar um site, com a ajuda de Livvy, para iniciar um programa de adoção para que eles não passassem tanto tempo esperando por seu lar definitivo. Eu tinha grandes planos. E Devraj estava comigo cem por cento. Eu não podia imaginar o que diabos estava pensando quando pensei que não combinávamos.

Devraj era minha outra metade perfeita, me encorajando quando precisava. E eu o amei, oferecendo-lhe a casa, o lugar de pertencimento, que ele sempre quis. Ele estava comprando a casa ao lado e ficando aqui em Nova Orleans. Ele trabalharia

para Ruben e também cumpriria outros contratos no exterior quando necessário. Mas ele estava semi-aposentado como um Stygorn, mantendo-se perto de casa. Depois de trezentos anos, eu o disse que ele merecia um pouco de relaxamento e lazer. Ele beijou o inferno para fora de mim e me disse que concordava.

Devraj cantarolou em concordância, sussurrando perto do meu ouvido.

— Elas podem tentar arrastá-la para alguma reunião familiar das irmãs Savoie. E você é minha esta noite. — Ele me levantou em seus braços e se dirigiu para a porta.

— Eu posso andar, sabe.

— Onde está a diversão nisso?

Então ele traçou a porta dos fundos e a abriu com uma mão enquanto me equilibrava com um braço e uma perna. Uma vez lá dentro, Archie ganiu e dançou para chamar nossa atenção.

— Ah, não, você não — disse Devraj, deixando cair o que era obviamente metade de um po'boy do restaurante em sua tigela. — Vou receber toda a atenção dela esta noite, homenzinho.

— Onde você conseguiu isso?

— JJ. Ele me ama.

Eu ri.

— Eu também. — Eu acariciei seu pescoço enquanto ele se dirigia para o corredor. — Quais são os grandes planos para esta noite?

— Eles envolvem minha cama e nenhuma roupa. E o Grande John. — Ele deu um sorriso maroto quando eu ri. — E nenhum trabalho ou jardinagem ou planos de abrigo amanhã. Estamos dormindo e estou a alimentando com todas as refeições na cama.

Eu sorri, varrendo um beijo demorado em seu pescoço, saboreando o arrepio que eu dei a ele.

— Eu me sinto tão privilegiada. Sendo levada para o seu quarto e tudo.

Ele beliscou minha bunda e eu gritei.

— Continue assim, e você não vai sair do meu quarto. Nunca.

— Promete?

Então ele era todo sorrisos de Devraj e olhos de Devraj, aquecidos e intensos.

— Prometo, amor.

Então ele fez exatamente isso, e eu não poderia imaginar alguém sendo mais perfeito para mim do que meu vampiro carismático, apaixonado e devotadamente amoroso.